



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

URANDI ROSA NOVAIS

**A EPIDEMIA DE HIV/AIDS NO BRASIL: UM ESTUDO SEMÂNTICO COGNITIVO
SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL DA CONCEPTUALIZAÇÃO DA MORTE NO SÉ-
CULO XX**

SALVADOR/BA

2023

URANDI ROSA NOVAIS

**A EPIDEMIA DE HIV/AIDS NO BRASIL: UM ESTUDO SEMÂNTICO COGNITIVO
SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL DA CONCEPTUALIZAÇÃO DA MORTE NO SÉ-
CULO XX**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, área de concentração Linguística Histórica, como requisito final para obtenção do título de Doutor em Língua e Cultura.

Orientadora: Dr.^a A. Ariadne Domingues Almeida

Salvador/BA

2023

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Rosa Novais, Urandi

A EPIDEMIA DE HIV/AIDS NO BRASIL: UM ESTUDO
SEMÂNTICO COGNITIVO SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL DA
CONCEPTUALIZAÇÃO DA MORTE NO SÉCULO XX / Urandi Rosa
Novais. -- Salvador, 2023.
192 f. : il

Orientadora: Aurelina Ariadne Domingues Almeida.
Tese (Doutorado - Língua e Cultura) -- Universidade
Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2023.

1. Semântica Cognitiva Sócio-Histórica-Cultural. 2.
Conceptualização. 3. Morte. 4. HIV/AIDS. I. Domingues
Almeida, Aurelina Ariadne. II. Título.

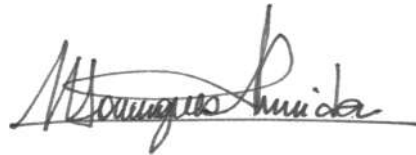
URANDI ROSA NOVAIS

**A EPIDEMIA DE HIV/AIDS NO BRASIL: UM ESTUDO SEMÂNTICO COGNITIVO
SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL DA CONCEPTUALIZAÇÃO DA MORTE NO SÉ-
CULO XX**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, área de concentração de Linguística Histórica, como requisito final para obtenção do grau de Doutor em Língua e Cultura.

Aprovada em 01 de março de 2023.


Banca Examinadora



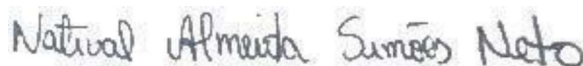
Profª Drª Aurelina Ariadne Domingues Almeida – Orientadora
Universidade Federal da Bahia (UFBA)



Profª. Dr.ª Aline Aver Vanin – Examinadora Externa
Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA)



Profª. Drª Naira de Almeida Velozo – Examinadora Externa
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)



Prof. Dr. Nival Almeida Simões Neto – Examinador Externo
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)



Profª. Drª. Neila Maria Oliveira Santana – Examinadora Externa
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

DEDICATÓRIA

Às pessoas que se envolvem nas teias dos estudos da linguagem.

À memória de Caio Fernando Abreu, Hilda Hilst e Lya Luft que despertaram em mim a paixão pelo tema da morte.

Às muitas mortes de mim mesmo que deram vida a esta Tese.

AGRADECIMENTOS

Às três mulheres que são meu alicerce de vida, meu porto seguro, minha motivação diária: minha mainha Maria, minha vó Isabel (Dona Bela) e minha mãe Elza. Três mulheres que, embora não tenham tido acesso a níveis mais elevados de educação, fizeram o possível para que eu conquistasse o mundo do conhecimento e chegasse onde cheguei. A elas meu eterno agradecimento!

Às minhas irmãs e aos meus irmãos e demais familiares que me apoiaram sempre!

A John Fontes, Fabrício Bandão, Maria Cortês, Malane Apolônio e Raquel Galvão por todo apoio e parceria. Pessoas com quem compartilhei o percurso de escrita desta Tese, entre momentos de alegria e de solidão da escrita, mas, também, regados de cafés e vinhos.

À Lorena Nascimento que despertou em mim o interesse em articular literatura e cognição.

À minha orientadora Ariadne pela parceria, ao longo desse processo. Pela leitura atenta e minuciosa do meu trabalho, pelos conselhos e sugestões para o aperfeiçoamento da minha pesquisa, conduzindo-me pelo fio do conhecimento em Semântica Cognitiva e, juntos, tecemos teias de saberes sobre a Semântica Cognitiva Sócio-Histórica-Cultural. Agradeço, também, pelos momentos de descontração regados a cafés e boas risadas.

Ao Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe – CODAP/UFS por me conceder afastamento para conclusão desta Tese.

Às minhas professoras de Língua Portuguesa, na Educação Básica, Maria da Glória (Glorinha), Maria Diná, Leda e Suely. Elas despertaram em mim a paixão pelo mundo das letras, dos livros, a curiosidade e o fascínio pelo conhecimento.

Às professoras Dr.^a Naira Almeida e Dr.^a Neila Santana pelas colaborações e sugestões dadas no momento da qualificação. E por se fazerem presentes neste momento de conclusão da Tese. Agradeço, também, às professoras Dr.^a Aline Vanin e Dr. Natival Simões por aceitarem fazer parte da banca de defesa.

Aos membros do GESCOG, especialmente, Dalva Barreto, Irani Sacerdote, Michelli Moreira, Evani Rodrigues, Simone Martinez e Lorena Oliveira pelos produtivos momentos de discussões, nas aulas e nos workshops realizados sobre Semântica Cognitiva.

Às demais amigas e aos demais amigos que contribuíram para a realização desta Tese.

“Quando pensamos estar dentro da vida,
a Morte põe-se a chorar dentro de nós”

Rilke

“Amada morte
Beijo-te o flanco
Os dentes
Caminho candente a tua sorte
A minha. Te cavalgo. Tento”

Hilda Hilst

“A luz de uma paixão, o dedo da morte,
o grave pincel da solidão
desenharam meus contornos,
firmaram meu chão”

Lya Luft

“A Morte se veste de roxo.
Com uma rosa de lamê dourado na peruca,
ah... a Morte com sua rosa dourada,
sorrindo de braços cruzados”.

Lygia Fagundes Telles

“Todos acabamos descobrindo o que se cos-
tuma chamar de
'o grande mistério da vida'
Mas é sempre tarde demais”

Sonia Coutinho

RESUMO

Esta tese teve por objetivo estudar as conceptualizações de morte, em um corpus constituído por textos literários e da área de saúde, publicados no contexto da epidemia de HIV/AIDS, no Brasil, investigando como os aspectos cognitivos, sociais, históricos e culturais estão atrelados a esse processo de significação. As ideias e discussões tecidas foram embasadas em pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, mais especificamente, da Semântica Cognitiva Sócio-Histórica-Cultural, sendo as seguintes ilhas teóricas abordadas nesta pesquisa: a Teoria dos Protótipos, a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, a Teoria da Metáfora Conceptual, a Visão multinível da Metáfora, a Teoria da Metonímia Conceptual; as discussões teóricas foram articuladas aos estudos de Lakoff e Johnson (1980), Lakoff (1987), Johnson (1991), Almeida (2021, 2020, 2019, 2018, 2015), Almeida e Santana (2019), Almeida e Santos (2019), Santana (2019), Lakoff e Turner (1989), Radden e Kövecses (1999), Duque (2020, 2018), Kövecses (2020, 2017, 2010, 2009, 2005), Leal (2020), Silva (2021), Cuenca e Hilferty (1999), Barcelona (2007), Paiva (2011, 2010), Sperandio (2014, 2015, 2020), entre outros. Além disso, estabelecemos diálogos interdisciplinares com estudos da Filosofia (SONTAG, 1989; LUPER, 2010), da História (ARIÈS, 2017/1977), da Antropologia (BECKER, 2020/1973) e da Sociologia (KELLEHEAR, 2013). A pesquisa possui uma abordagem qualitativa de caráter descritivo, explicativo e interpretativo, bibliográfico e documental, fundamentada no paradigma da introspecção. O corpus foi composto por contos e artigos científicos da área médica, publicados entre os anos de 1980 a 2000, constituído a partir da Teoria dos Fractais (MANDELBROT, 1982; PAIVA, 2011, 2010) e da Técnica da Saturação Teórica (FLAQUETTO et al., 2018; FONTAELLA, 2011; SANTANA, 2019). Os resultados foram organizados a partir das metáforas Conceptuais identificadas como, por exemplo, MORTE É ORGANISMO VIVO e MORTE É GUERRA etc.; essas metáforas apresentam, em seus níveis estruturais, Esquemas de Imagem (PARTE/TODO, FORÇA, VERTICALIDADE etc.), Domínios Matrizes (ORGANISMO VIVO, GUERRA etc.), *Frames* (ROSTO, CONFRONTO, ESTRATÉGIAS DE ATAQUE/DEFESA, ENCONTRO etc.) e Espaços Mentais distintos (REFLEXÃO, CONTATO, DENÚNCIA etc.) que são acionados na elaboração do conteúdo cognitivo e, além disso, identificamos uma estreita relação entre Metáforas e Metonímias Conceptuais, possibilitando o mapeamento de diferentes formas de conceptualização da morte.

Palavras-chave: Semântica Cognitiva Sócio-Histórica-Cultural. Conceptualização. Morte. HIV/AIDS.

ABSTRACT

This thesis aimed to study death conceptualizations in texts from literary and health Fields published in context of Brazil HIV/AIDS epidemic, exploring how cognitive, social, historical, and cultural aspects are bounded to the signification process. The ideas and discussions were based on the theoretical assumptions of Cognitive Linguistics, more specifically, of Socio-Historical-Cultural Cognitive Semantics, with the following theoretical islands addressed in this study: the Theory of Prototypes, the Theory of Idealized Cognitive Models, the Theory of Conceptual Metaphor, the Multilevel View of Metaphor, the Theory of Conceptual Metonymy; theoretical discussions were linked to studies by Lakoff and Johnson (1980), Lakoff (1987), Johnson (1991), Almeida (2021, 2020, 2019, 2018, 2015), Almeida and Santana (2019), Almeida and Santos (2019), Santana (2019), Lakoff and Turner (1989), Radden and Kövecses (1999), Duque (2020, 2018), Kövecses (2020, 2017, 2010, 2009, 2005), Leal (2020), Silva (2021), Cuenca and Hilferty (1999), Barcelona (2007), Paiva (2011, 2010), Sperandio (2014, 2015, 2020), and others. In addition, we have established interdisciplinary dialogues with studies of Philosophy (SONTAG, 1989; LUPER, 2010), History (ARIÈS, 2017/1977), Anthropology (BECKER, 2020/1973) and Sociology (KELLEHEAR, 2013). This research has a qualitative approach of a descriptive, explanatory and interpretative, bibliographic, and documental nature, based on the paradigm of introspection. The study corpus consisted of tales and medical scientific papers, published between the years 1980 to 2000, based on the Fractal Theory (MANDELBROT, 1982; PAIVA, 2011, 2010) and the Theoretical Saturation Technique (FLAQUETTO et al., 2018; FONTAELLA, 2011; SANTANA, 2019). The results were organized based on the found Matrix Domains and the Conceptual metaphors identified in the material studied, for example: DEATH IS A LIVING ORGANISM and DEATH IS WAR; these metaphors present, in their structural levels, Image Schemes (PART/WHOLE, FORCE, VERTICALITY, etc.), Matrix Domains (LIVING ORGANISM, WAR), Frames (FACE, CONFRONT, ATTACK/DEFENSE STRATEGIES, ENCOUNTER, etc.) and Different Mental Spaces (REFLECTION, CONTACT, REPORT, etc.) that are activated in the elaboration of the cognitive content. Also, we identify a close relationship between Metaphors and Conceptual Metonyms, enabling the mapping of different forms of conceptualization of death.

Keywords: Socio-Historical-Cultural Cognitive Semantics. Conceptualization. Death. HIV/AIDS.

LISTA DE FIGURAS

Figura1: Teoria Clássica do Significado e da Categorização.....	42
Figura 2: Modelo prototípico.....	45
Figura 3: Categorização de HIV/AIDS antes e depois das evidências científicas e movimentos sociais organizados	48
Figura-4: Hierarquia esquemática das estruturas conceptuais.....	60
Figura 5: Esquematicidade como inclusão.....	60
Figura 6: Distinção hierárquica entre Domínio Matriz e <i>Frame</i>	67
Figura 7: Hierarquia esquemática da visão multinível da metáfora conceptual.....	70
Figura 8: Diferença entre os processamentos metafórico e metonímico	73
Figura 9: Esquema Conceitual de Metonímia.....	74
Figura 10: Metonímia enquanto um fractal da linguagem.....	79
Figura 11: Esquema de composição da amostra.....	104
Figura 12: Esquemas de Imagem estruturantes	155
Figura 13: Distribuição das Metáforas Conceptuais por gênero textual.....	157
Figura 14: Aspectos cognitivos envolvidos no processo de conceptualização	158
Figura 15: Espaços Mentais acionados na elaboração do conteúdo conceptual	160
Figura 16: Processamento metonímico ITEM/CATEGORIA.....	164
Figura 17: Processamento metonímico PARTE/TODO	165

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Níveis de uma categoria linguística	46
Quadro 2: Fatores contextuais dos quatro tipos de contexto	71
Quadro 3: Identificação dos domínios no 1º conto/1º artigo científico.....	105
Quadro 4: Identificação de domínios no 2º conto/2º artigo científico.....	105
Quadro 5: Perfil dos conceptualizadores escreventes	110
Quadro 6: Ocorrências da MC MORTE É EVENTO	116
Quadro 7: Representação em níveis esquemáticos da MC MORTE É EVENTO	120
Quadro 8: Ocorrências da MC MORTE É ORGANISMO VIVO.....	123
Quadro 9: Representação em níveis esquemáticos da MC MORTE É ORGANISMO VIVO	127
Quadro 10: Ocorrências da MC MORTE É SENTIMENTO.....	130
Quadro 11: Representação em níveis esquemáticos da MC MORTE É SENTIMENTO	133
Quadro 12: Ocorrências da MC MORTE É PERIGO	135
Quadro 13: Representação em níveis esquemáticos da MC MORTE É PERIGO	137
Quadro 14: Ocorrência da MC MORTE É GUERRA.....	140
Quadro 15: Representação em níveis esquemáticos da MC MORTE É GUERRA	144
Quadro 16: Ocorrências da MC MORTE É VIAGEM.....	147
Quadro 17: Representação em níveis esquemáticos da MC MORTE É VIAGEM	149
Quadro 18: MORTE É PROCESSO.....	150
Quadro 19: Representação em níveis esquemáticos da MC MORTE É PROCESSO	153
Quadro 20: Domínios Matrizes por gênero textual	156
Quadro 21: Frames acionados em cada gênero textual	159

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Domínios identificados nos contos.....	106
Tabela 2: Domínios identificados nos artigos científicos e ponto de saturação	107

LISTA DE ABREVIATURAS

LC – Linguística Cognitiva

SC – Semântica Cognitiva

SCSHC – Semântica Cognitiva Sócio-Histórica-Cultural

MCI – Modelos Cognitivos Idealizados

DM – Domínio Matriz

EI – Esquema de Imagem

FR – *Frame*

EM – Espaços Mentais

TMC – Teoria Metáfora Conceptual

MC – Metáfora Conceptual

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 A CONSTRUÇÃO DO OBJETO E SUA RELAÇÃO COM O TEMPO E A HISTÓRIA: ESTADO DA ARTE	20
2 PERCURSOS TEÓRICOS DA SEMÂNTICA COGNITIVA SÓCIO-HISTÓRICA-CULTURAL	26
2.1 Categorização	40
2.2 Modelos Cognitivos Idealizados	50
2.2.1 A metáfora conceptual.....	52
2.2.2 A visão multinível da metáfora: esquemas de imagem, domínio matriz, <i>frames</i> e espaços mentais.....	58
2.2.3 A metonímia conceptual.....	72
3 METODOLOGIA	81
3.1 Caminhos metodológicos em Linguística Cognitiva.....	82
3.2 A pesquisa qualitativa em Semântica Cognitiva Sócio-Histórica-Cultural	86
3.2.1. Os tipos de pesquisa	91
3.3 Constituição e estudo do <i>corpus</i> em Semântica Cognitiva Sócio-Histórica-Cultural: desafios e perspectivas.....	94
3.3.1 Os gêneros textuais: o conto e o artigo científico	99
3.3.2 Técnica da saturação teórica.....	102
3.3.3 Procedimentos de composição do <i>corpus</i> de pesquisa.....	107
3.3.4 Perfil dos escreventes dos textos literários e da área de medicina.....	109
3.3.5 Procedimentos de estudo do <i>corpus</i> de pesquisa	112
4 ESTUDO DO <i>CORPUS</i>	115
4.1 MORTE É EVENTO	115
4.1.1 MORTE É ORGANISMO VIVO	121
4.1.2 MORTE É SENTIMENTO	128
4.1.3 MORTE É PERIGO.....	134
4.1.4 MORTE É GUERRA	138
4.1.5 MORTE É VIAGEM.....	145
4.1.6 MORTE É PROCESSO	149
4.2 Discussão dos resultados.....	154
CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
REFERÊNCIAS	172
APÊNDICES	186

INTRODUÇÃO

A morte tem sido objeto de estudo de várias áreas do conhecimento. Inclusive, se fizermos uma retrospectiva, no tempo, perceberemos que ela ocupou espaços de discussão em compêndios religiosos. Na visão cristã, por exemplo, ela é vista como um castigo à humanidade pela desobediência do homem, ao desafiar Deus e consumir o fruto da árvore da ciência, do bem e do mal (BÍBLIA, 1991). Mas, com a ressurreição de Cristo, a morte é vencida e é usada como um motivo para que os fiéis sigam a conduta pregada pelos mandamentos sagrados e, assim, alçarem a glória da vida eterna. Nas religiões de matriz africana como o Candomblé, por exemplo, “[...] a morte em si não é o fim, mas um momento de vivo contentamento, pois é o momento de encontro da pessoa com seus ancestrais” (BANDEIRA, 2010, p. 46). Assim, as diferentes religiões possuem visões distintas da morte.

Segundo Bulfinch (2006), a mitologia grega, através de mitos e lendas, tentou entender as nuances da morte, para isso há até um Deus específico: Thânatos, filho de Nix – a noite. Talvez a influência mitológica tenha uma relação com o fato de conceptualizarmos a morte em termos de noite e escuridão. Thânatos é, na mitologia grega, a personificação da morte, o responsável por ceifar a vida dos enfermos ou idosos, pois aqueles que morriam enquanto crianças, jovens ou em batalhas, isto é, tinham suas mortes consideradas prematuras, ficavam sob a responsabilidade das Moiras ou Parcas, filhas de Nix, especialmente, Átropos, responsável por cortar o fio da vida.

Ademais, o nascimento e a morte fazem parte do ciclo da vida de todo organismo vivo. Por isso, do ponto de vista biológico, a morte é algo extremamente natural. No entanto, o ser humano não se caracteriza apenas pela sua dimensão biológica, ele se caracteriza pelas dimensões sociais, históricas, culturais etc., ou seja, pelos valores que ele imprime à vida e pelos significados construídos a partir das mais diversas experiências que tem ao longo da vida (COMBINATO; QUEIROZ, 2006).

São diversas as maneiras de conceptualizar a morte. Por isso, as metáforas da morte são produtivas e ganham lugar de destaque nos estudos de Lakoff e Johnson (1980) e, especialmente, Lakoff e Turner (1989). Eles apresentam algumas metáforas como, por exemplo, MORTE É UMA VIAGEM, MORTE É PARTIDA, entre outras, para nos mostrar o quanto essas metáforas conceptuais estão presentes no nosso cotidiano e delas fazemos uso, para compreender e explicar o fenômeno da morte.

Lakoff e Turner (1989) afirmam que as metáforas fazem parte da linguagem cotidiana, pois é por meio delas que entendemos conceitos abstratos como é o caso da vida, da morte, do amor, do tempo etc. Porém, vale lembrar que nenhum conceito é engessado, fechado em si mesmo, ou seja, não há apenas uma maneira de conceptualizar metaforicamente o tempo, a morte, amor ou a vida, pois há diferentes modos de conceptualização que se formularão de acordo com o contexto social, histórico e cultural do sujeito conceptualizador.

A motivação em pesquisar mais a fundo e cientificamente o tema da morte começou a despertar, no final do curso de Mestrado, quando, em muitos dos textos analisados, especificamente os contos escritos pelo autor Caio Fernando Abreu, apresentavam indagações sobre a morte. Isso foi despertando a curiosidade em buscar mais conhecimentos sobre esse assunto que sempre nos inquieta.

A possibilidade de estudar a conceptualização da morte sob os pressupostos da Semântica Cognitiva surgiu em 2016.¹, quando fiz a disciplina Tópicos em Semântica Cognitiva, na condição de aluno especial. Foi perceptível, logo nas primeiras leituras teóricas, a abertura para articular estudos linguísticos e literários. Como produto dessa disciplina, escrevi um trabalho intitulado *Metáforas da morte: um passeio literário e musical*¹. Esse trabalho, embora iniciante, foi fundamental na tomada de decisão em pesquisar o tema da morte sob a ótica da Semântica Cognitiva. No final do ano seguinte, fiz seleção e logrei aprovação para uma das vagas do Doutorado em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Iniciados os estudos, o projeto se ajustou. Pois, diante da amplitude que envolve o tema da morte, pensamos num recorte temporal e uma causa que fosse possível estudar durante o curso, elegendo o contexto da epidemia de HIV/AIDS, no Brasil, entre os anos de 1980 a 2000, em textos literários e da área de medicina. Buscamos, na investigação realizada, como aqui antes já assinalado, mapear quais aspectos cognitivos, históricos, sociais e culturais estão atrelados ao processo de significação da morte, nesse período.

Sendo assim, a justificativa para a realização da pesquisa empreendida se deu não apenas por uma satisfação pessoal, mas também pela necessidade de ampliar os estudos acerca da significação da morte, abarcando um período específico da his-

¹ O referido trabalho foi apresentado no XXII Congresso Nacional de Linguística e Filologia e publicado nos Cadernos do CNLF, Vol. XXII, Nº 3.

tória do nosso país. Além disso, essas mortes foram conceptualizadas das mais diversas formas, englobando experiências religiosas, científicas, morais etc. Dessa maneira, acreditamos que os textos produzidos nesse contexto, principalmente, os selecionados para compor o nosso corpus de estudo, devem contribuir nesse processo de investigação acerca da conceptualização da morte.

Outra justificativa para a realização desse trabalho é a necessidade de divulgação, no Brasil, de estudos que abarquem a vertente cognitiva sócio-histórica-cultural. E, além do mais, esperamos que as discussões teóricas e metodológicas, bem como os resultados desse trabalho contribuam para o desenvolvimento dos estudos da Semântica Cognitiva Sócio-Histórica-Cultural (doravante SCSHC) em nosso país, ampliando os conhecimentos nessa área de pesquisa.

Partimos dos seguintes questionamentos: a conceptualização da morte se dá de maneira igual ou diferente, quando presentes em textos literários ou da área da medicina? Quais aspectos cognitivos, sociais, históricos e culturais estão envolvidos nesses processos de significação? Há um padrão de organização na estrutura dos processos metafóricos e metonímicos que conceptualizam a morte? Essas conceptualizações variam?

Assim, a pesquisa que realizamos teve por objetivo geral: estudar as conceptualizações de morte, em textos literários e da área de saúde, investigando como os aspectos cognitivos, sociais, históricos e culturais estão atrelados a esse processo de significação. E, para isso, foram elencados os seguintes objetivos específicos: refletir sobre as investigações semânticas em perspectiva cognitiva-sócio-histórica-cultural e suas contribuições para a compreensão da conceptualização da morte; demonstrar como a Teoria da Metáfora Conceptual e sua visão multinível e a Teoria da Metonímia Conceptual contribuem para compreender o processo de significação da morte; interpretar os processos cognitivos presentes na conceptualização da morte nos textos literários e da área de medicina constituintes do corpus; investigar semelhanças e diferenças no âmbito do uso das metáforas nos domínios discursivos da literatura e da medicina; estabelecer como relações sociais, históricas e culturais colaboram no processo de significação da morte, no contexto da epidemia de HIV/AIDS, no Brasil, entre 1980 e 2000.

No que concerne ao aparato teórico, conforme Almeida e Santana (2019), há diversas ilhas teóricas que permeiam os estudos em Linguística/Semântica Cognitiva, no entanto, neste trabalho, foram usadas a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados

(LAKOFF, 1987, ALMEIDA, 2021; SANTANA, 2019; SPERANDIO, 2014), a Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 2004, 1980; LAKOFF; TURNER, 1989; KÖVECSES, 2020, 2017, 2009, 2005), a visão multinível da metáfora conceptual (KÖVECSES, 2017, 2020; SILVA, 2021; LEAL, 2020), da Metonímia Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 2004; RADDEN; LITTLEMORE, 2015; KÖVECSES, 1999; GOOSSENS, 2003).

Em relação à metodologia, a investigação empreendida teve caráter qualitativo, utilizando os seguintes tipos de pesquisa: explicativa, descritiva, documental e bibliográfica. Essas técnicas contribuíram para o estudo interpretativo dos dados encontrados no *corpus* abordado; este foi constituído de textos literários, contos, escritos por Caio Fernando Abreu e textos da área de medicina publicados em quatro periódicos de circulação nacional (*Revista Bioética*, *Informe Epidemiológico do SUS*, *Revista de Saúde Pública* e *os Cadernos de Saúde Pública*) escritos por diferentes pesquisadoras e pesquisadores.

O estudo das ocorrências foi realizado a partir de uma ótica interdisciplinar, articulando os pressupostos teóricos da SCSHC aos estudos da Antropologia (BECKER, 2020[1973]), da Sociologia (MORIN, 1976; KELLEHEAR, 2016[2007]), da Filosofia (SONTAG, 1989; LUPER, 2010) e da História (ARIÈS, 2017[1977]), entre outros, possibilitando-nos compreender diversas metáforas e metonímias conceptuais, Domínios Matrizes, Esquemas de Imagem, *Frames* e Espaços Mentais utilizados pelo ser humano para conceptualizar a morte, no contexto da epidemia de HIV/AIDS, no Brasil, entre os anos de 1980 a 2000.

A Tese está organizada da seguinte forma: essa Introdução com as palavras iniciais acerca da pesquisa; o capítulo 1, A construção do objeto e sua relação com o tempo e com a história: estado da arte, em que apresentamos a constituição do nosso objeto de pesquisa, situando-o no tempo e no espaço, como também abordamos alguns estudos realizados sobre a temática estudada; no capítulo 2, Percursos teóricos da semântica cognitiva sócio-histórica-cultural, discutimos a perspectiva teórica abordada no desenvolvimento do nosso estudo; o capítulo 3, Metodologia, aborda os caminhos metodológicos traçados, as técnicas de pesquisa, constituição do *corpus* e as tomadas de decisões adotadas no processo de estudo das ocorrências encontradas ao longo da pesquisa; o capítulo 4, Estudo do *corpus*, apresenta as interpretações e discussões acerca das ocorrências encontradas, articulando aspectos da teoria abordada e outras áreas do conhecimento, para melhor compreendermos o fenômeno da

conceptualização da morte; seguida das Considerações Finais em que tecemos o fechamento das ideias relacionadas à nossa investigação; as Referências, abrangendo livros, artigos e outras produções bibliográficas que embasam a realização desta Tese e o Apêndice.

1 A CONSTRUÇÃO DO OBJETO E SUA RELAÇÃO COM O TEMPO E A HISTÓRIA: ESTADO DA ARTE

De todas as coisas que movem o ser humano, a mais forte e determinante é o medo da morte.
Ernest Becker.

O tema da morte perpassa a vida e a história da humanidade, ao longo dos tempos. Em *A negação da Morte*, Becker (2020[1973]) afirma que a ideia que temos de morte, como também o medo que ela nos inspira, perseguem-nos como nenhuma outra coisa. E essa perseguição, segundo o referido sociólogo, é a mola propulsora de algumas atividades humanas; estas, na maioria das vezes, buscam evitar a fatalidade da morte, gerando uma falsa ideia de ser possível vencê-la, negando-a.

Esse medo da morte é uma característica peculiar da nossa sociedade contemporânea. Os estudos de Becker (2020[1973]), Ariès (2017[1977]), Kellehear (2016[2007]) e Morin (1976) ratificam a ideia de medo da morte como algo pertencente à sociedade contemporânea². Pois, conforme os autores citados, no tempo passado, a morte já foi considerada amiga como, por exemplo, em parte da Idade Média. Porém, com a passagem do tempo e os avanços, principalmente na área da medicina, com a descoberta de medicamentos e de outros tratamentos que combatem doenças, que outrora dizimavam populações, a ideia da morte tem ficado cada vez mais distanciada do ser humano contemporâneo, pois “a certeza da morte e a fragilidade da nossa vida são estranhas ao nosso pessimismo existencial” (ARIÈS, 2017[1977], p.58).

Tanto os estudos de Ariès (2017[1977]) quanto os de Morin (1976) traçam um importante paralelo ao afirmarem que a morte é o momento em que o ser humano mais conhece a si mesmo e revela sobre si, ou seja, falar de morte estará sempre associado à ideia de vida, pois, a morte, conforme os autores, é um mistério a ser visitado. Um tema que a uns seduz e a outros causa repulsa e medo.

Para Becker (2020[1973]), apoiado nos estudos da psicanálise, essa negação da morte se deve ao fato de o nosso subconsciente não ter ideia nem de tempo nem de morte e, assim, projeta em nosso consciente a falsa ideia da imortalidade. E, dessa

² Os estudiosos citados, em suas obras, traçam um panorama histórico acerca de investigações sobre a morte. No entanto, na pesquisa que realizamos, por se tratar de um recorte temporal entre os anos de 1980 aos 2000, trouxemos à baila as discussões mais atuais desses autores sobre a morte. Porém, não deixaremos de, em alguns momentos, mencionar questões mais antigas sobre a temática, pois, elas, por mais remotas que sejam, mantêm relações com as questões atuais.

forma, as pessoas buscam as diversas maneiras de “imortalidade” nos seus feitos, inclusive expressas na linguagem, como demonstra o famoso ditado popular que as três coisas para ser feliz são: “plantar uma árvore, ter um filho, e escrever um livro”. Essas ações indicadas no ditado popular são uma espécie de modo de driblar a ideia da morte e se “imortalizar”. Dessa forma, o ser humano busca todas as maneiras possíveis de se perpetuar e se manter vivo.

Não só a Filosofia, a História, a Sociologia e a Antropologia se debruçam sobre a morte. Assim sendo, fizemos um mapeamento para situar o estado da arte sobre o tema da morte, em pesquisas da área de Letras, especialmente, em Linguística Cognitiva, e encontramos alguns estudos; estes foram expostos de forma resumida, mas passível de nos possibilitar refletir sobre como esse assunto tem sido abordado nos estudos que articulam linguagem e cognição.

No Brasil, foram encontradas três dissertações sobre o tema aqui em destaque: o trabalho de Santos (2011), *Construções metafóricas de vida e morte: cognição, cultura e linguagem*, em que o autor investiga, a partir do Poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, as metáforas de vida e morte e como elas estão articuladas aos modelos cognitivos idealizados. O estudo de Vilas Boas (2010), *Metáforas conceituais de tempo, vida e morte na construção colaborativa das leituras de um texto literário*; esse trabalho buscou discutir o papel da metáfora conceptual no processo de interpretação de um texto literário, o poema *Impaciência*, de João Guimarães Rosa, salientando como os processos metafóricos estão em nosso pensamento e quais as contribuições desses processos na interpretação de um texto. E a dissertação de Sampaio (2007), *O uso metafórico do léxico da morte: uma abordagem socio-cognitiva*, constituído a partir de uma relação de textos coletados na internet, das revistas da editora Abril, e a confrontação com o material disponível pelo projeto *Frame-Net*, especificamente, o *frame* de Morte e buscou mapear os diversos sentidos que o item léxico morte pode assumir nos mais diversos contextos analisados.

Ainda foi possível encontrar também, na revista *Letras*, nº 31, vol. 12, de 2012, o artigo de Lima (2012), *As metáforas da morte na poesia brasileira: um estudo à luz da Linguística Cognitiva*, em que nos é apresentado um inventário de dez metáforas conceituais usadas para conceptualizar a morte na construção de poesias de autores da literatura brasileira de diferentes escolas literárias. E, também, o texto de Espírito Santo (1998), *Morte, uma jornada por várias obras*, publicado no livro *Metáforas do cotidiano*. Esse trabalho ratifica a afirmação de Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff e

Turner (1989) de que morte é uma viagem. Para isso, o trabalho realiza uma análise dos poemas do livro *O lado Fatal*, de Lya Luft. Há, ainda, o artigo de Almeida (2021) intitulado *Estavam eles em busca da salvação: conceptualizações da morte no Livro das Aves* em que a pesquisadora procura, a partir de expressões linguísticas coletadas no *Livro das Aves*, investigar como a morte era conceptualizada na Idade Média.

As investigações citadas apresentam importantes discussões e resultados acerca da conceptualização da morte, no entanto, ainda há algumas lacunas como, por exemplo, um aprofundamento em relação aos aspectos sociais, culturais e históricos que estão envolvidos no processo de sua significação, pois, como partimos de uma visão experiencialista do significado, esses aspectos precisam ser explorados para uma melhor compreensão do fenômeno que está sendo estudado. Além disso, ainda há trabalhos que partem de modelos já dados como o caso do estudo de Espírito Santo (1998) que direciona todo seu trabalho numa metáfora já preestabelecida e isso acarreta limitações para conhecer outras metáforas que sustentam a conceptualização da morte.

Sendo assim, o estudo que empreendemos procurou trazer novas colaborações, ao relacionar textos da literatura e da medicina, para investigar como a morte foi conceptualizada, articulando aspectos cognitivos, históricos, sociais e culturais. O nosso estudo não parte de metáforas já dadas ou preestabelecidas, pelo contrário, investigamos o que os textos estudados nos possibilitaram mapear sobre as significações da morte. Outra postura diferente que adotamos na pesquisa que realizamos foi estudar as conceptualizações da morte em textos publicados, no século passado, no contexto da epidemia de HIV/AIDS, no Brasil³.

Ao estudar a temática da morte, foi perceptível que se trata de um tema muito amplo, principalmente quando paramos para refletir sobre os mais diversos aspectos que estão envolvidos no processo de sua significação, como também o próprio tempo dedicado à realização de uma Tese. Dessa forma, para construir um trabalho mais detalhado e concreto, fizemos um recorte, escolhendo uma causa de morte, mas não uma causa qualquer. Foi necessário pensar em algo que marcou/marca a história, e, assim, escolhemos HIV/AIDS pelas dimensões histórica, social e cultural que estão articuladas nesse contexto epidêmico, ou seja, buscamos investigar e analisar quais

³ No capítulo 3 que se refere à metodologia do trabalho, esclarecemos os pormenores de como os textos foram selecionados para compor nossa amostra de pesquisa.

mecanismos estão envolvidos no processo de conceptualização da morte causada por HIV/AIDS.

Deixamos claro que nosso objetivo não é a conceptualização de HIV/AIDS, no entanto, não deixaremos de acionar as concepções acerca da doença, pois, certamente, o modo como ela é/foi conceptualizada se articula com a maneira como a morte causada pela referida enfermidade é conceptualizada. Além do mais, como adotamos, em nosso estudo, uma visão corporificada do significado, levamos em consideração os aspectos sociais, históricos e culturais que, direta ou indiretamente, colaboram no processo de conceptualização.

Ao tomarmos por base o conceito de história dado por Palermo (2017, p.17) ao revisitar os estudos de Marc Bloch (2002) –“Ciência dos homens no tempo”–, perceberemos que, ao tratar da conceptualização da morte, no contexto da epidemia de HIV/AIDS, no Brasil, em textos literários e da área de medicina, não podemos desvincular nossa discussão da relação com a história e o tempo. Pois esses conceitos são de fundamental importância no processo de significação da morte nos textos que compuseram o *corpus* estudado na pesquisa que fizemos.

O nosso trabalho se insere numa Linha de Pesquisa em Linguística Histórica, além de se vincular ao Grupo de Pesquisa em Semântica Cognitiva – GESCOG que está também articulado ao Programa para a História da Língua Portuguesa – PROHPOR. Por isso, também, é imprescindível levar em consideração os aspectos históricos, sociais e culturais que o perpassam.

Para estabelecermos uma investigação da construção da semântica da morte, contribuindo com os estudos da nossa língua no caminhar do tempo, conceituamos História, segundo Foucault (2000[1972], p. 293), entendendo que “[...] não é uma duração: é uma multiplicidade de tempos que se emaranham”, ou seja, consideraremos a questão do tempo, nesse processo de significação, não como uma linearidade, mas como muitas temporalidades envolvidas em um mesmo processo.

Dito isso, ressaltamos que, como se trata de um trabalho que traça diálogos entre a Linguística Histórica e a Linguística Cognitiva, através da SCSHC, adotamos uma perspectiva pancrônica. A pancronia é uma vertente que, ao estudar os fenômenos linguísticos, “conjuga a dimensão sincrônica e a diacrônica na detecção de tendências de mudança, de variabilidade e de estabilidade linguística” (OLIVEIRA; ARENA, 2010, p. 36). Por isso, um estudo que adota uma perspectiva pancrônica não

estabelece, em sua realização, a dicotomia sincronia – diacronia, ou seja, não secciona as temporalidades, pois, ao fazer isso, poderíamos deixar de lado elementos importantes na compreensão do processo de significação do fenômeno semântico que esteja sendo estudado (ALMEIDA; SANTANA, 2019; ALMEIDA; SANTOS, 2019; FERNÁNDEZ JAÉN, 2014).

Além do mais, ao adotarmos o conceito de pancronia, em um estudo histórico, estamos considerando que: “[...] se proceda não apenas diacrônica, mas também sincronicamente, que se fundamente não apenas *post eventum* [após o fato acontecido], mas que se mostre também *in evento* [no acontecer] o que aconteceu, e como aconteceu” (PALERMO, 2017, p. 34, grifos do original), ou seja, os aspectos sociais, culturais e históricos serão abarcados no estudo, para compreender como a morte foi conceptualizada no período abarcado pelo nosso estudo.

Diante disso, o estudo aqui empreendido está inserido no que conceituamos como história do tempo presente; esta, segundo Hanna e Bastos (2012, p. 25), pode ser conceituada da seguinte maneira:

[...] o presente se altera, fazendo com que o passado e o futuro sejam invariavelmente rearticulados. A reavaliação do passado e de suas interpretações estabelecidas acontece pelo fato de que o conhecimento histórico muda em decorrência de novas fontes, conceitos, teorias, técnicas e pontos de vista, não existe, portanto, um passado fixo, idêntico. (HANNA; BASTOS, 2012. p. 25).

Assim, as autoras nos mostram a questão de um passado não fixo, ou seja, a cada nova descoberta, ou o surgimento de novas teorias, o passado é revisto e, certamente, reinterpretado. Por isso, é perceptível que, com o passar do tempo, com suas “possibilidades representadas pelas temporalidades humanas, tanto do ponto de vista do indivíduo, como da perspectiva da coletividade” (PALERMO, 2017, p. 18). Assim, articular as discussões das autoras ao nosso objeto de pesquisa trouxe importantes colaborações no processo de estudo das conceptualizações de morte no *corpus* estudado.

E o que vem a ser essas temporalidades quando observamos o recorte temporal que abarca a pesquisa que fizemos? Essas temporalidades têm a ver com as questões sociais, culturais, históricas, políticas e ideológicas. Pois, a conceptualização da

morte é um tema que requer essa articulação de temporalidades, para que seja possível investigar, a partir do *corpus* estudado, todos os aspectos que permeiam esse processo de conceptualização.

Dessa maneira, ao refletirmos sobre o conceito de morte e, considerando o contexto em que nossa pesquisa se inseriu, podemos mapear elementos de diversas áreas do conhecimento como, por exemplo, da Biologia que conceitua a morte enquanto o fim da vida de um organismo vivo, da cultura que personifica a morte na imagem cadavérica, resultado do processo de decomposição humana, entre outras que se fizerem necessárias à compreensão do fenômeno estudado.

Sendo assim, fica evidente que o estudo acerca da conceptualização da morte, no contexto epidêmico de HIV/AIDS, no Brasil, no período de 1980 a 2000, requer essa articulação entre diferentes áreas do saber, como também da reflexão sobre o contexto social, histórico e cultural que perpassa o nosso tema, para melhor compreendermos como o ser humano compreende a sua finitude.

Dito isso, passamos a discutir sobre os percursos da Semântica Cognitiva Sócio-Histórica-Cultural.

2 PERCURSOS TEÓRICOS DA SEMÂNTICA COGNITIVA SÓCIO-HISTÓRICA-CULTURAL

Ao optarmos pela perspectiva teórica da Semântica Cognitiva Sócio-Histórica-Cultural, doravante SCSHC, buscamos, como já anteriormente assinalado, estabelecer relações existentes entre a construção do significado com as dimensões social, histórica e cultural, como também os elementos cognitivos que se fazem presentes no momento da conceptualização. Pois, ao atribuir sentido, o ser humano aciona essas dimensões, ou seja, faz uso de sua mente corporificada, a partir de sua experiência de mundo (LAKOFF; JOHNSON, 1980; JOHNSON, 1981; IBARRETXE-ANTUÑANO, 2018; ALMEIDA, 2018; SANTANA, 2019).

Embora o pensamento e a linguagem existam em mentes individuais, eles se constroem na e a partir da interação social. Desse modo, a conceptualização é interativa, pois os conceitos que elaboramos, os significados que construímos e as nossas realidades são produtos de mentes individuais em interação entre si, mas essas mentes estão interligadas a pessoas; estas estão situadas e criam contextos social, histórico, político e cultural (SILVA, 2010).

Posto isso, na sequência, tecemos algumas considerações sobre como essa vertente da LC se constituiu, no decorrer do tempo. Os estudos sobre a significação remontam à Antiguidade Clássica. Conforme Fernández Jaén (2014), os filósofos da antiga Grécia já se interessavam pela origem do significado e suas mudanças, ao longo do tempo. Isso, segundo o referido pesquisador, possibilita-nos concluir que, naquela época, embora ainda não fossem nomeados de Semântica, esses estudos já possuíam valor epistemológico.

A Semântica só se constitui enquanto uma área científica interessada na construção do sentido, nos últimos anos do Século XIX, quando Michel Bréal publicou seu *Essai de semântique: science des significations*, em 1897, na França. A publicação de Bréal se deu em um contexto em que o estudo acerca do significado não recebia a devida e merecida atenção, nos estudos linguísticos, por ser algo abstrato, não palpável e por sua dificuldade de descrição e delimitação (SANTANA, 2019).

Convém discutir um pouco sobre as contribuições da publicação de Bréal (1897) para o surgimento da Semântica enquanto ciência. A referida obra, publicada em 1897, contém 26 capítulos divididos em três partes a saber: primeira: A leis inte-

lectuais da linguagem; segunda: Como são fixados os sentidos das palavras, e terceira: Como é formada a sintaxe. Nessa obra, Bréal (1897) apresenta um apanhado teórico acerca dos estudos do significado como, por exemplo, ao tratar sobre o nome das coisas, ele afirma que “Os nomes dados às coisas são necessariamente incompletos e inexatos”⁴ (BRÉAL, 1897, p. 191, tradução nossa). Essa incompletude e inexatidão da relação entre a coisa e o nome dado possibilitam uma conclusão:

Não há dúvida de que a linguagem designa as coisas de maneira incompleta e imprecisa. Incompleto porque não esgotamos tudo o que se pode dizer sobre o sol quando dissermos que ele é brilhante, ou sobre o cavalo quando dizemos que ele está correndo. Impreciso porque o sol não pode brilhar quando se põe, ou o cavalo não corre quando está em repouso, ferido ou morto⁵. (BRÉAL, 1897, p. 191, tradução nossa).

Se tomarmos o exemplo da definição do sol enquanto brilhante, certamente, essa característica é dada num momento diurno, provavelmente na estação do verão, em que os raios solares estão mais próximos da Terra, possibilitando-nos perceber com maior precisão os efeitos da luz solar. No entanto, à noite, será impossível atribuir essa mesma característica a essa estrela central do sistema solar.

Segundo Almeida (2020) e Santana (2019), as pesquisas realizadas nesse período foram rotuladas de pré-estruturalistas. Elas eram assim caracterizadas por levarem em consideração, não apenas o caráter histórico, mas também os aspectos psicológicos dos fenômenos da significação. Além disso, também, abordavam os fatores culturais e enciclopédicos no entendimento dos fenômenos semânticos.

Já no início do século seguinte, as ideias estruturalistas, principalmente, as embasadas em Saussure (1916), fizeram com que o modelo de estudo semântico de investigação histórica e pré-estruturalista fosse colocado de lado, pois, naquele momento, o interesse se dava pela estrutura semântica da língua e não mais em mudanças ocorridas no decorrer do tempo. Em decorrência disso, “[...] teve como prioridade o estudo de qualquer nível linguístico sem levar em consideração a dimensão temporal, e, assim, os estudos sincrônicos se fortalecem em detrimento dos diacrônicos” (SANTANA, 2019, p. 59).

⁴ Les noms donnés aux choses sont nécessairement incomplets et inexacts. (BRÉAL, 1897, p. 191).

⁵ il n'est pas douteux que le langage désigne les choses d'une façon incomplète et inexacte. *Incomplète* : car on n'a pas épuisé tout ce qui peut se dire du soleil quand on a dit qu'il est brillant, ou du cheval quand on a dit qu'il court. *Inexacte*, car on ne peut dire du soleil qu'il brille quand il est couché, ou du cheval qu'il court quand il est au repos, ou quand il est blessé ou mort. (BRÉAL, 1897, p. 191).

Ao preterir os estudos semânticos diacrônicos, os semanticistas deixaram de contemplar, por exemplo, questões históricas e ainda culturais, políticas e ideológicas que certamente tinham relação com o processo de significação envolvido nessas pesquisas. Esses enfoques contextuais só são retomados nos anos 1960. Assim sendo, no período Estruturalista, conforme Fernández Jaén (2007), ao revisitar os pressupostos de Geeraerts (1993), foram colocadas questões como as seguintes:

- a) Diferentemente da semântica anterior (que trabalha principalmente no domínio da palavra individual), a semântica estrutural estabelece o significado das palavras estudando sua oposição com o resto das palavras do sistema.
- b) Este modelo considera que a semântica é uma variável linguística autônoma e que, portanto, o significado linguístico não pode ser explicado a partir de postulados psicológicos.
- c) A semântica estrutural considera que, na medida em que estudar a mudança semântica pressupõe explicar a evolução do sistema através do qual as palavras têm sentido, não se pode fazer semântica histórica se não tiver estabelecido previamente a semântica sincrônica, assim sendo esta especialidade linguística perde o caráter com o qual havia nascido”⁶ (FERNÁNDEZ JAÉN, 2007, p. 349, tradução nossa)

Fica evidente, a partir do pensamento de Geeraerts (1993) revisitado por Jaén (2007), que os estudos da Semântica Estruturalista privilegiavam o sistema de forma isolada e não contextual, pois negavam o viés psicológico do significado e, também, não levavam em consideração aspectos contextuais, sociais, culturais, entre outros. Fernández Jaén (2014) define que esse foi um período de estudos semânticos estruturalistas, considerando que “O modelo estruturalista defende uma visão teórica em que a linguagem é concebida como um sistema lógico, essencialmente sincrônico, que muda unicamente quando certos aspectos de sua configuração interna se alteram”⁷ (FERNÁNDEZ JAÉN, 2014, p. 49, tradução nossa). Conforme Almeida (2020),

⁶ a) A diferencia de la semántica anterior (que trabaja principalmente en el dominio de la palabra individual) la semántica estructural establece el significado de las palabras estudiando su oposición con el resto de palabras del sistema.

b) Este modelo considera que la semántica es una variable lingüística autónoma y que, por tanto, el significado lingüístico no se puede explicar a partir de postulados psicológicos.

c) La semántica estructural considera que, en la medida em que estudiar el cambio semántico implica explicar la evolución del sistema em el que tienen sentido las palabras, no se puede hacer semántica histórica se no se ha establecido previamente la semántica sincrónica por lo que esta especialidade lingüística perde el carácter diacrónico com el que había nacido. (GEERAERTS, 1993 *apud* FERNÁNDEZ JAÉN, 2007, p. 349).

⁷ El modelo estructuralista defiende una visión teórica em la que el lenguaje se concibe como um sistema lógico esencialmente sincrónico que cambia unicamente cuando ciertos aspectos de su configuración interna se alteran. (FERNÁNDEZ JAÉN, 2014, p. 49).

esse tipo de abordagem ainda perdura até hoje, porque ainda há quem faça semântica estrutural.

Santana (2019) e Almeida (2020), ao revisitarem as ideias de Fernández Jaén (2007), afirmam que uma abordagem da Semântica Estrutural Histórica foi tardia, pois surgiu apenas em 1964, quando Eugenio Coseriu publicou seu artigo *Pour une sémantique diachronique strutral*. Essa investigação de Coseriu (1964) buscou desenvolver, a partir de exemplos latinos e romanos, um estudo diacrônico e estrutural da significação das palavras.

Os estudos da Semântica Diacrônica Estrutural estavam embasados nos pressupostos saussurianos, abordando a língua enquanto um sistema fechado e priorizavam a questão lexical, ou seja, enfocando a forma. Pois, “[...] Nós pensamos, por conseguinte, um estudo diacrônico estrutural no plano do conteúdo, e por “conteúdo” nós entendemos “forma” [...]”⁸ (COSERIU, 1964, p. 139, tradução nossa e grifos do original). Com isso, os referidos estudos deram ênfase às questões onomasiológicas, ou seja, a partir de um determinado conceito, buscavam os itens léxicos que mantinham traços opostos, mas que estavam inseridos no mesmo campo lexical.

Segundo Santana (2019), ainda no referido ensaio inaugural da Semântica Diacrônica Estrutural, de Eugenio Coseriu (1964), é possível perceber:

Que o estudo da mudança semântica explica o aparecimento, a manutenção, a modificação e o desaparecimento das oposições léxicas distintivas ao longo da história de uma língua; porém, não é necessário levar em consideração, segundo ele, os aspectos culturais e psicológicos, pois a língua é concebida, nessa perspectiva, como algo imane e que possui uma lógica interna suficiente para poder buscar a evolução do significado. (SANTANA, 2019, p. 60)

Além disso, no seu livro *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*, Coseriu (1979) ratifica seu pensamento no referido artigo já citado, ao afirmar que o estruturalismo estrito não pode responder em que medida a relação cultural influi na construção do significado e nem ao quando da mudança, pois estas respostas estão atreladas à iniciativa dos falantes e das condições culturais, fatores esses que são extrassistemáticos e que não eram levados em consideração nos estudos estruturalistas, pois “[...] O estruturalismo só assinala a integração da liberdade linguística

⁸ Nous penson, par conséquent, à une étude diachronique structurale du plan du contenu, et par “contenu” nous entendons “forme” [...]. (COSERIU, 1964, p.139).

no sistema, mas negligencia o processo da integração, que se desenvolve na norma da língua, através de múltiplas seleções.” (COSERIU, 1979, p. 187).

Para Fernández Jaén (2014), Santana (2019), Almeida e Santana (2019) e Almeida (2020), os estudos semânticos de abordagem estruturalista, nos anos finais da década de 1950, passaram a coexistir com uma abordagem mais logicista, a gerativa, cujo fundador é o linguista Noam Chomsky. E, para o modelo gerativista, segundo Jaén (2014), a linguagem é, antes de tudo, uma sintaxe formal, processada no cérebro de forma autônoma e independente, ou seja, há, na cognição humana, um módulo específico da linguagem e este funciona independente dos demais módulos.

Os pressupostos teóricos de Chomsky fizeram com que os estudos semânticos ficassem de lado, pois a abordagem do referido linguista conceituava a linguagem como uma sintaxe formal e independente, com regras combinatórias imutáveis e independentes da semântica e do contexto de uso e, além disso, a semântica não seria parte essencial na linguagem por ser considerada algo superficial (FERNÁNDEZ JAÉN, 2014). Ao postular e difundir esse pensamento:

[...] Chomsky, definitivamente, desconsidera todas as considerações empíricas, tanto sociais como psicológicas ou pragmáticas, desenvolvendo estudos gramaticais muito abstratos que se inspiram, em última instância, na filosofia racionalista iniciada por René Descartes⁹. (FERNÁNDEZ JAÉN, 2014, p. 49, tradução nossa).

Os postulados de Chomsky colaboraram para uma estagnação dos estudos semânticos em perspectiva histórica. Conforme Fernández Jaén (2014), Almeida (2020), Santana (2019), Almeida e Santos (2019), na década de 1970, os estudos em Semântica Histórica se encontravam parados, pois, as investigações estruturalistas desenvolviam análises diacrônicas que não abarcavam questões basilares para a compreensão do fenômeno do significado. Segundo Almeida e Santos (2019), os aspectos de historicidade não eram privilegiados na agenda gerativista, pois, nessa abordagem de estudo, os pesquisadores não necessitavam e nem adotavam as evidências históricas, para desenvolver suas pesquisas acerca da linguagem.

⁹ Chomsky, em definitiva desatenderá todas las consideraciones empíricas, tanto sociales como psicológicas o pragmáticas, y llevará a cabo estudios gramaticales muy abstractos que se inspiran, em última instancia, en la filosofía racionalista que comienza con René Descartes. (JAÉN, 2014, p. 49).

Este cenário começa a mudar nos finais dos anos 1970 e início dos anos 1980, pois surgiram trabalhos da segunda onda cognitivista que representam uma ruptura com a primeira onda, cuja constituição dos estudos era de cunho gerativista, ratificando a importância da Semântica nos estudos linguísticos, considerando a historicidade da linguagem (SILVA, 2004, 2005; IBARRETXE-ANTUÑANO, 2013, 2018; JAÉN, 2014; ALMEIDA; SANTANA, 2019; ALMEIDA; SANTOS, 2019; ALMEIDA, 2020).

Nesse contexto, surge a Linguística Cognitiva e pesquisadores como, por exemplo, George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy e Gilles Fauconnier começam a publicar trabalhos que se opõem à interpretação formalista dos estudos desenvolvidos pelos estruturalistas e gerativistas nos anos anteriores. O embasamento teórico desses estudos estava atrelado aos avanços das ciências como a Psicologia e a Neurologia, pois elas trouxeram contribuições no que se refere ao funcionamento da mente humana, possibilitando aos pesquisadores já citados pôr em xeque pressupostos teóricos das correntes estruturalista e gerativa. Pois: “[...] basicamente as evidências experimentais demonstraram que o cérebro nunca trabalha com categorias vazias de significado ou exclusivamente lógicas, o que entra em conflito com a tese de que há estruturas conceituais independentes da cognição [...]”¹⁰ (FERNÁNDEZ JAÉN, 2014, p. 50, tradução nossa).

Para Almeida e Santos (2019):

A Linguística Cognitiva desenvolveu-se então, como uma vertente da Linguística que se contrapunha ao gerativismo; assim sendo, deslocou o interesse das pesquisas da sintaxe para a semântica, lançando um olhar semantocêntrico sobre a linguagem, entre outras rupturas. Se, por uma parte, rechaçou premissas do gerativismo, por outra, mantendo-se mentalista como a Linguística Gerativa, retomou pressupostos do Pré-estruturalismo, como a perspectiva histórica para o tratamento dos fenômenos do sistema linguageiro, além de ter oferecido seus próprios contributos, como a noção de realismo corpóreo, a fim de propor conhecimentos mais aproximados acerca do funcionamento desse sistema. (ALMEIDA; SANTOS, 2019, p. 139-140).

Com essa nova vertente, investigações empíricas têm sido desenvolvidas em LC, especialmente a Semântica Cognitiva. Vale lembrar que, nos estudos dessa nova

¹⁰ “[..]. Básicamente, las evidencias experimentales demuestran que el cerebro nunca trabaja com categorias vacías de significado o exclusivamente lógicas, lo que entre em conflito con la tesis que existen estructuras conceptuales independientes de la cognición [...]”. (JAÉN, 2014, p. 50).

vertente, o livro, *Metaphors we live by*, de George Lakoff e Mark Johnson, publicado em 1980, é considerado a obra embrionária e basilar da LC. Na referida obra, os autores abordam uma visão da linguagem de forma experientialista, ou seja, uma mente corporificada, defendendo que a conceptualização se dá através das nossas experiências psicológicas, físicas e sensório-motoras.

Ao traçar um panorama teórico e histórico da LC, Almeida (2020) a define como:

Um arquipélago de teorias. Contudo, embora apresente uma considerável diversidade de perspectivas teóricas, a exemplo da Teoria da Metáfora e da Metonímia Conceptuais, da Teoria da Metáfora Multimodal, da Teoria dos Protótipos, da Gramática das Construções, da Semântica de Marcos, da Teoria dos Espaços Mentais, da Teoria da Integração Conceptual, algumas premissas corroboram uma unidade que possibilita a utilização da etiqueta Linguística Cognitiva para essas diferentes vertentes teóricas, uma vez que seus pesquisadores congregam algumas concepções, a exemplo da tentativa de vencer dicotomias clássicas da Linguística Moderna, a exemplo dos binômios conhecimento linguístico x conhecimento enciclopédico, semântica x pragmática e mente x corpo. (ALMEIDA, 2020, p. 9).

Das diversas ilhas teóricas pontuadas por Almeida (2020), a SCSHC se constitui enquanto uma dessas ilhas teóricas, considerando, em seus estudos, a “simbiose entre as dimensões social, histórica, cultural, além da dimensão cognitiva, na geração do significado” (ALMEIDA; SANTANA, 2020, p. 113). Dessa maneira, as investigações em SCSHC possui um caráter interdisciplinar, pois, ao assumir uma visão experientialista, procura, ao estabelecer diálogos com outras áreas do conhecimento, as fundamentações para as construções de sentidos que o ser humano faz sobre o mundo que constrói e no qual está inserido.

As investigações em SCSHC abordam a linguagem como um fenômeno integrado dentro das capacidades cognitivas humanas. E essas capacidades estão relacionadas ao nosso experientialismo corporal, social, cultural e histórico, pois:

A linguagem reflete estruturas conceptuais que nós construímos, baseando-nos na experiência e no conhecimento mais ou menos comum do mundo que nos rodeia e da nossa própria cultura. A esta experiência e conhecimento do universo dos falantes é o que se tem denominado de corporização que é um conceito chave na Linguística Cognitiva¹¹. (IBARRETXE-ANTUÑANO, 2018, p. 40, tradução nossa).

¹¹ [...] el lenguaje refleja estructuras conceptuales que la gente construye basándose en la experiencia y el conocimiento, más o menos común, del mundo exterior que les rodea y su propia cultura. A esta

Embora elenque as contribuições e legados dos estudos da LC para os estudos semânticos, Ibarretxe-Antuñano (2013) também apresenta, em seu estudo, *La lingüística cognitiva y su lugar na historia da Linguística*, algumas críticas a essa vertente, principalmente as feitas pelos linguistas europeus que “estão relacionadas com a falta de perspectiva histórica da mesma (Linguística Cognitiva)” (IBARRETXE-ANTUÑANO, 2013, p. 246). E Ibarretxe-Antuñano (2018) complementa sua ideia ao afirmar que alguns pesquisadores da LC se concentraram mais em aspectos físicos e sensório-motores da motivação do significado, deixando de lado o âmbito da cultura.

Silva (2005), em seu artigo *Semântica histórica e Cognição*, elabora um panorama acerca da relação entre a Semântica Histórica e Cognição um dos temas chaves da Semântica Cognitiva e, além disso, traça um mapa conceptual da semântica histórica fundamentado em cinco distinções, são elas:

- A distinção entre mecanismos e motivações da mudança;
- A distinção entre semasiologia e onomasiologia;
- A distinção entre os aspectos qualitativos e os aspectos quantitativos da mudança;
- A distinção entre significado referencial e significado não-referencial;
- A distinção entre mecanismos lexicogenéticos e mecanismos sociolexicológicos. (SILVA, 2005, p. 308)

Nesse trabalho, Silva (2005) buscou elencar como os elementos antes citados estão envolvidos no processo da mudança semântica, ratificando a necessidade de abordar a perspectiva diacrônica na SC, pois, segundo ele: “Esperamos que os poucos estudos cognitivos de casos diacrônicos da nossa língua possam ser um estímulo para o desenvolvimento da Semântica Histórica do Português” (SILVA, 2005, p. 322).

Em estudo intitulado *Palavras, significados e conceitos: o significado lexical na mente, na cultura e na sociedade*, Silva (2010) traz importantes colaborações às investigações em uma perspectiva semântica sócio histórica cognitiva. O referido trabalho aborda a questão de significação de alguns itens lexicais e expressões, interligando o significado à mente, abordando os casos de polissemia, o significado na cultura, as especificidades culturais dos conceitos lexicais de verbos de percepção, as metáforas usadas em periódicos portugueses sobre a crise econômica e o significado

experiencia y conocimiento del universo de los hablantes es lo que se há denominado la corporeización que es um concepto clave em la lingüística cognitiva [...].(IBARRETXE-ANTUÑANO, 2018, p. 40).

na sociedade, trazendo a campo discussões sobre como os significados são veiculados em uma determinada sociedade e seus impactos na variação lexical.

As investigações apresentadas por Silva (2010) põem em xeque a questão da universalidade dos conceitos, pois, segundo ele, a experiência corpórea tem o componente cultural, e os modelos cognitivos são construídos a partir de modelos culturais. Dessa forma, o pesquisador afirma que, “teórica e metodologicamente, o conceito tipicamente cognitivista de *corporização* (“embodiment”) deve ser complementado com o não menos importante conceito de *situacionalidade sócio-cultural*” (SILVA, 2010, p. 46, grifos e parênteses do original).

Fernández Jaén (2014) apresenta discussões teóricas acerca dos desdobramentos das pesquisas em Semântica, desde as ideias pré-estruturalistas até os desdobramentos das pesquisas em Linguística Cognitiva, especialmente, em Semântica Cognitiva. Ele enfatiza a necessidade de articular os aspectos semântico-cognitivos aos contextos históricos e sociais em que estejam inseridos.

Ibarretxe-Antuñano, em *La lingüística cognitiva y su lugar na historia da Lingüística* (2010) e *Significado y motivación: la importancia de la corporeización en la semántica* (2018), traz contribuições às investigações da Semântica Cognitiva, como também às pesquisas em SCSHC, adotando uma perspectiva histórica e social, pois, segundo a autora, para além de tomar o processo de significação a partir da base experiencial humana, é necessário também levar em consideração o filtro cultural, ou seja, articular os contextos social, histórico e cultural.

No cenário brasileiro, as pesquisas em semântica em perspectiva cognitiva sócio-histórica-cultural começam a se solidificar¹². Os estudos e pesquisas de Almeida (2020), Almeida e Santana (2019), Almeida e Santos (2019), e Santana (2019) cunham o termo Semântica Cognitiva-Sócio-Histórica-Cultural, abordando nos respectivos estudos a visão corporificada da mente, pois essa é a tese central da LC; esta, segundo Almeida e Santos (2019) e Almeida (2020), abarca diversas correntes teóricas, como já citado anteriormente e a SCSHC é uma delas.

¹² Novas pesquisas de doutorado estão sendo realizadas, no Brasil, enfocando o aspecto sócio-histórico-cognitivo-cultural da semântica, direcionados para o estudo da conceptualização, a exemplo dos trabalhos desenvolvidos na Universidade Federal da Bahia, sob orientação da prof^a Dr^a. A. Ariadne Domingues Almeida. Esses estudos podem contribuir para o estabelecimento de redes, nessa área da semântica, para que, futuramente, possam-se sistematizar as possíveis aproximações do comportamento do significado. (SANTANA, 2019, p. 62).

O pensamento adotado nos estudos em SCSHC está embasado em uma visão experiencialista da cognição e relaciona a capacidade cognitiva dos indivíduos ao contexto sócio-histórico-cultural-político-ideológico (ALMEIDA; SANTOS, 2019). Sendo assim, ao realizar estudos e pesquisas na perspectiva da SCSHC:

Compreendemos que falamos e/ou escrevemos sobre a visão que construímos do mundo e não propriamente sobre o mundo, tal como dado independente de nós. Então, os conceitos gerados pela espécie humana acham-se inter-relacionados ao tempo, à cultura, à ideologia que os produzem e os recriam ou, até mesmo, às posições individuais que afloram no uso languageiro. Assim sendo, qualquer significado é posicionado, já que, ao ser construído nas diferentes interações humanas, as perspectivas daqueles que o elaboram, no discurso, impõem-se. (ALMEIDA; SANTOS, 2019, p. 141).

Dessa forma, para conceber essa ideia de significado perspectivista, experiencialista e corpóreo, a SCSHC considera a linguagem enquanto um fenômeno atrelado à biologia humana. Para isso se ancora nos estudos de Maturana e Varela (2001[1984]), pois neles encontramos bases fundamentais para esse entendimento. Os autores afirmam, em *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão*, que todas as dimensões da nossa experiência visual como, por exemplo, o movimento, a textura, a forma etc., como as demais modalidades perceptivas ratificam a ideia de que nossa experiência está indissoluvelmente atrelada à nossa estrutura. Pois: “[...] quando examinarmos mais de perto como chegamos a conhecer esse mundo, descobriremos sempre que não podemos separar nossa história das ações – biológicas e sociais – a partir das quais ele aparece para nós” (MATURANA; VARELA, 2001[1984], p. 28).

É notável que a SCSHC, ao articular diversas áreas do conhecimento, elabora conhecimentos interdisciplinares, para compreender os diversos aspectos sociais, culturais e históricos que fazem parte do desenvolvimento histórico do significado e sua mudança, além de propiciar constructos teóricos para o desenvolvimento semântico da linguagem, no devir do tempo (SANTANA, 2019). Concatenando os postulados de Santana (2019) ao nosso estudo, ficou evidente que, para entendermos os muitos sentidos atribuídos à morte, foi preciso relacionar questões culturais, sociais, políticas, ideológicas e históricas articuladas à linguagem, no decorrer do tempo.

Ainda sobre a necessidade de estabelecer uma relação entre os diversos aspectos (sociais, culturais, ideológicos, históricos, cognitivos etc.), Silva (2017) afirma

que uma das peculiaridades dos estudos em Semântica Cognitiva e que também se aplica às investigações em SCSHC é priorizar as análises da linguagem em uso, partindo dos mais diversos contextos culturais, pois, dessa forma, será possível identificar os mais diversos sentidos que podem ser atribuídos a uma determinada expressão. O sentido, para a SCSHC, não é inerente à expressão linguística, ele é construído em um viés perspectivista, a partir da simbiose entre a expressão linguística e o contexto sócio-histórico-cultural em que ela seja utilizada.

E, ao ratificar a ideia de se fazer uma Semântica Cognitiva Sócio-Histórica, Santana (2019) traz à baila discussões de como se constroem os estudos nessa área do conhecimento que:

[...] busca compreender a inter-relação entre as palavras e como essas conexões se desenvolvem no tempo, assumindo uma perspectiva imaginativa do significado, ao relacionar aspectos que antes eram vistos separadamente e passando a agir de forma conciliadora e integradora. Ademais, ela possui natureza psicológica e é experiencialista; a primeira, porque é preciso compreender a mente humana para se entender o desenvolvimento histórico do significado e suas variações, manutenções e mudanças; e a segunda, porque cognição e linguagem são corporificadas e determinadas pelas experiências dos indivíduos e de suas culturas, conforme já sinalizado. (SANTANA, 2019, p. 63).

Com base no pensamento de Santana (2019), podemos perceber o quão abrangente se torna um estudo acerca da construção do significado, que leva, como aqui antes indicado, em consideração os aspectos sociais, culturais, históricos e cognitivos. Como também já assinalado, ao adotarmos essa abordagem, buscamos compreender as construções de significados, permanências, variações e/ou mudanças, no decorrer do tempo, de uma forma mais ampla, considerando os aspectos que estão envolvidos nesse processo de significação.

Dessa maneira, as investigações em SCSHC têm buscado responder a alguns questionamentos como, por exemplo:

1) Como surge e ocorre a polissemia léxica? 2) Como as categorias se comportam no tempo atual, se variam, tendendo à mudança? 3) Como atuam os fatores sociais, culturais e pragmáticos na manutenção, variação e mudança do significado? 4) Qual é a relação entre as figuras do pensamento e da ação na manutenção, variação e mudança semântica? 5) Como a cognição humana atua no fenômeno da manutenção, da variação e da mudança semântica? 6) Qual o padrão de organização semântica e como podem mudar? 7) Quais são os desa-

fos postos para a constituição de um corpus representativo para o estudo do significado em perspectiva sócio-histórico-cognitivista? (ALMEIDA, 2020, p. 35).

Reflexões visando a responder a essas questões já têm sido dadas nos estudos anteriormente já citados, como também algumas teses e dissertações em andamento. Esses trabalhos, abordando os mais diversos temas, buscam contribuir no desenvolvimento, fortalecimento e expansão dos estudos em SCSHC. Exemplo disso foram os trabalhos do Grupo de Pesquisa em Semântica Cognitiva – GESCOG apresentados no Evento Abralín 50, em 2019. Esses estudos abordam diversos temas como, por exemplo, conceptualização da morte, do estupro, de Lula e da mulher. Todos eles buscam estabelecer, na construção do significado, os elementos cognitivos, sociais, históricos, políticos, ideológicos e culturais. Além desses trabalhos citados, outros que se desenvolveram na mesma vertente foram publicados no livro *Semântica sócio-histórico-cognitiva: estudos sobre o significado* pela Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNED, em 2020. Esses estudos abarcam, em sua composição, a interdisciplinaridade e a construção de redes das pesquisas em SCSHC.

No entanto, ainda há alguns desafios a serem enfrentados nas pesquisas em SCSHC. Almeida (2020), Santana (2019) e Almeida e Santos (2019) pontuam a questão das dicotomias que ainda precisam ser vencidas dentro dos estudos linguísticos, principalmente àqueles pertencentes à Semântica Cognitiva e, em especial, os estudos em SCSHC, pois ainda há, por exemplo, a dualidade entre a história interna e a história externa.

Ao abordar as dicotomias que ainda precisam ser vencidas, no que concerne aos fatores internos/externos, Almeida (2020) coloca-os enquanto faces de um mesmo processo, pois:

A Linguística Cognitiva e sua Semântica Sócio-histórico-cognitiva postulam o realismo corpóreo, entendendo que as conceptualizações-categorizações humanas são frutos da experiência da mente corporificada da espécie, de forma que as experiências psíquicas, físicas, sociais, culturais estão no âmago das conceptualizações que emergiram, emergem e emergirão nas diferentes realizações da linguagem, por conseguinte, não há justificativa para que se separe, de uma parte, a história do povo, e de outra, as realizações languageiras desse mesmo povo, de sorte que não é produtora manter a distinção contundente e dicotômica entre histórias interna e externa da linguagem. (ALMEIDA, 2020, p. 15-16).

Além disso, Mattos e Silva (2004) já havia, em *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*, oferecido uma importante contribuição na busca de vencer essa dicotomia história interna/história externa. Para a pesquisadora, muito já tem se falado sobre a língua, mas pouco sobre quem a fala, de onde fala, como e por que fala e em quais condições fala. Dessa forma, ao desenvolvermos um estudo semântico, na perspectiva da SCSHC, não nos interessa apenas como surge o significado e se ele muda ou não com o passar do tempo. Interessa-nos estabelecer quais redes estão articuladas nessa construção de sentidos, ou seja, quais os motivos e os mecanismos que proporcionam essa geração de sentidos e em que contextos social, histórico, político, cultural ela se dá.

Outra dicotomia a ser vencida nos estudos em SCSHC é sincronia/diacronia, pois, desde que Saussure passou a ser ampla referência a partir do seu *Cours de linguistique générale* (1916), essa dicotomia sincronia/diacronia, segundo Mattos e Silva (2008), tornou-se um dos pressupostos básicos dos estudos estruturalistas da linguística moderna.

Se retomarmos estudos já desenvolvidos sobre essa dicotomia, encontraremos em Coseriu (1979), no seu livro *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*, importantes discussões acerca dessa temática, pois, para Coseriu (1979), é necessário superar essa antinomia saussuriana, porque:

A língua funciona sincronicamente e é constituída diacronicamente. Mas estes termos não são antinômicos nem contraditórios, porque o fazimento se realiza com vistas ao funcionamento. Por isso também os estudos que lhes correspondem, mesmo permanecendo distintos, devem implicar a superação da antinomia como tal. (COSERIU, 1979, p. 229).

Com base em Coseriu (1979), não podemos reduzir a história das línguas como diacronia, até porque existem estudos diacrônicos que não são históricos e vice-versa. É preciso levar em consideração que sincronia/diacronia são as faces de um mesmo fenômeno, pois:

A língua se faz, mas no seu fazimento é um *fazimento histórico*, e não cotidiano: é um fazimento num quadro de permanência e de continuidade. Dessa maneira, considerada em dois momentos sucessivos da sua história. [...] O fato de se manter parcialmente idêntica a si mesma e o fato de incorporar novas tradições é, precisamente, o que assegura a sua funcionalidade como língua e o seu caráter de “objeto histórico”.

Um objeto histórico só o é se é, ao mesmo tempo, permanência e sucessão. Em troca, aquilo que é apenas permanência (por exemplo, as espécies ideias) ou apenas nas sucessões (por exemplo, as fases da lua, as marés) não pode ter qualquer tipo de história. (COSERIU, 1979, p. 237-238, grifos do autor).

Com o intuito de vencer a dicotomia sincronia/diacronia, e embasados em Coseriu (1979[1958]), em Mattos e Silva (2008) que já discutiram essa temática em seus trabalhos, as pesquisas em SCSHC não estabelecem essa diferença entre sincronia e diacronia, adotam a vertente da pancronia, como já fazem em seus estudos Fernández Jaén (2012), Almeida e Santana (2019), Almeida e Santos (2019) e Santana (2019). Pois, é necessário pensar em pancronia, uma vez que os mecanismos que explicam as mudanças cristalizadas na linguagem são os mesmos que geram mutações efêmeras e cotidianas e, também, conforme pensamos, a própria variação.

Ademais, ao adotarmos um enfoque cognitivo, para investigar as mais diversas construções de sentido, ou seja, o fenômeno da conceptualização, é preferível, por uma questão de perspectiva e tomada de postura teórico-metodológica, realizar os estudos linguísticos com uma visão menos dicotômica e mais gradualizante. Em SCSHC, concebemos a questão do fenômeno linguístico que estamos a investigar e os seus usos de uma forma que se baseia em modelos mais complexos, explorando os diversos aspectos que envolvem o fenômeno estudado (TEIXEIRA, 2020).

Exemplo disso são as diversas investigações empíricas sobre a conceptualização de diversos conceitos em memes¹³ e charges, por exemplo, pois as significações veiculadas nesses gêneros textuais podem se cristalizar na sociedade, mas tendem a ser momentâneas. Além do mais, como adotamos a construção do sentido em um viés experiencialista, embasado nas experiências sensório-motoras, culturais e históricas, não há fundamento em manter esse tipo de dicotomia que pouco contribui para a investigação de como os sentidos são dados e quais redes complexas os envolvem.

Embora ainda se questione o porquê de se discutir acerca de SCSHC, os estudos aqui citados, e este que desenvolvemos nesta Tese, trazem a campo essa discussão e reflexão por acreditarmos que essa abordagem semântica cognitiva sócio-histórica-cultural tem uma importante contribuição nos estudos da LC, especialmente na SC. Primeiro, não estamos fazendo um estudo focado apenas na palavra ou ex-

¹³ Ver Almeida (2018) *Multimodalidade, cognição e complexidade: memes em foco*.

pressão de forma isolada; segundo, não preterimos a sincronia em detrimento da diacronia ou vice-versa; terceiro, os elementos históricos, sociais, culturais, políticos e ideológicos, entre outros, são investigados e levados em consideração na construção dos sentidos. Esses aspectos são indispensáveis para se compreender como os sentidos foram e são construídos, ao longo dos tempos; quarto e último, ao articular os elementos sociais, culturais, políticos, históricos e ideológicos à cognição, acreditamos alcançar resultados mais amplos, fundamentados e melhor estruturados acerca da significação.

Traçado esse panorama histórico e teórico dos antecedentes dos estudos da SCSHC e seus desdobramentos, no decorrer do tempo, a seguir, discutimos sobre as ilhas teóricas, com suas delimitações conceituais e nomenclaturas abordadas, evidenciando os caminhos teóricos trilhados no desenvolvimento da pesquisa empreendida.

2.1 Categorização

A categorização é uma habilidade humana que está relacionada à nossa capacidade de determinar se um item pertence ou não a uma certa categoria. Isso se deve ao potencial de armazenamento da nossa memória (SANTANA, 2019; ALMEIDA, 2018; DUQUE, 2018; VELOZO, 2013; LAKOFF, 1987). A categorização é um dos importantes objetos de pesquisa da LC, portanto, da SCSHC, pois também é um mecanismo de conceptualização, sendo que, ao categorizar, estamos conceptualizando, ou seja, atribuindo sentido a algo.

Conforme Lakoff (1987), a categorização é um dos elementos mais básicos da condição humana. Conforme o referido autor, a nossa potencialidade de categorizar está atrelada ao nosso pensamento, à nossa percepção, à nossa ação e ao nosso discurso. É o ato de categorizar que nos torna humanos, na visão do autor, pois essa habilidade nos possibilita armazenar os mais diversos conhecimentos que são acionados no momento da conceptualização.

Categorizar é uma atividade inerente ao ser humano. Estamos, a todo momento, definindo e atribuindo sentido às coisas e aos objetos que nos cercam diariamente, principalmente àqueles com os quais mantemos certo tipo de experiência. Essa ideia corrobora com os pressupostos de Almeida (2018, p. 272) que, ao discutir sobre as possíveis organizações do mundo, a partir da categorização, afirma que, para categorizar, “[...] consideramos as informações do mundo e a nossa situação

nesse mundo, isto porque a categorização não é artificial, mas construída na negociação efetivada por diferentes interlocutores, em um dado contexto do cotidiano [...].”

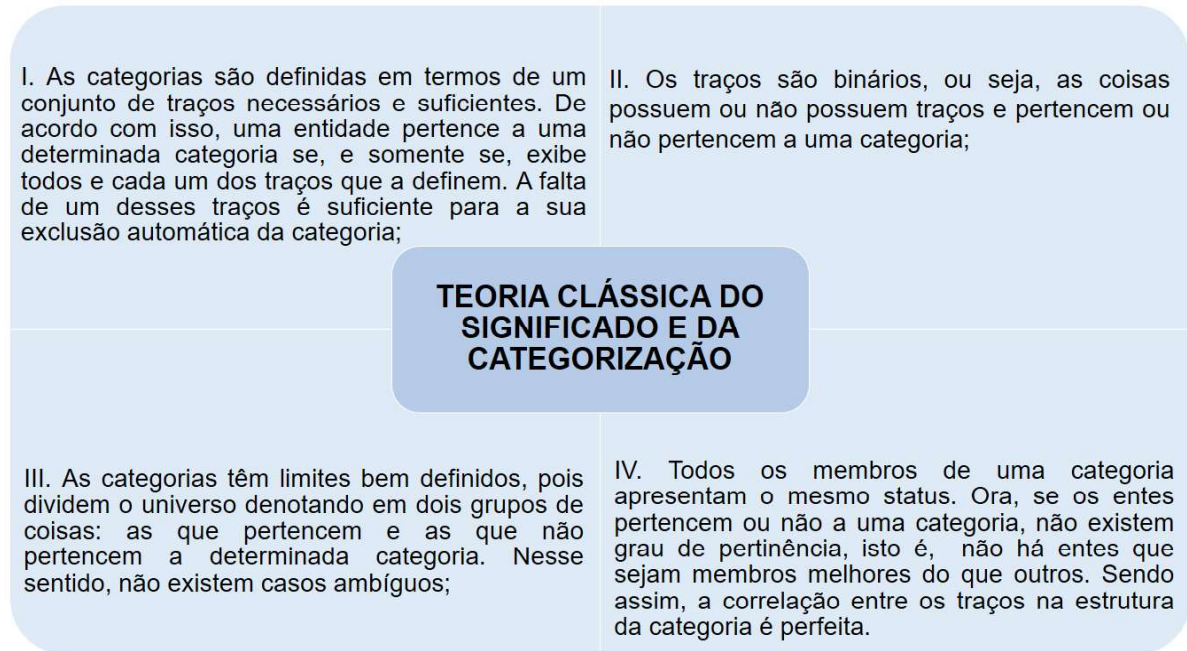
Assim, conforme Almeida (2018), fica evidente a interação existente entre o ser humano e o mundo que constrói e no qual está inserido, para o ato de categorizar. Quando dizemos, por exemplo, que o tomate está na categoria das frutas, consideramos os nossos conhecimentos acerca da botânica e suas classificações. No entanto, para uma pessoa que não possui acesso a esses conhecimentos e tem sua experiência com o uso do tomate na preparação de saladas, sopas, entre outras refeições, ele será considerado um legume. Dessa maneira, percebemos que as categorias, nos atuais estudos da LC/SCSHC, não são consideradas engessadas como já foram compreendidas em períodos anteriores, conforme discutimos a seguir.

As investigações acerca da categorização não são atuais, pois remontam aos estudos clássicos, principalmente a filosofia aristotélica; esta se dedicou, também, a investigar a origem do significado, o nome das coisas. Esses pressupostos aristotélicos, conforme Duque (2018), deram origem ao modelo clássico de categorização, estabelecendo que “[...] o significado é baseado numa estrutura de atributos necessários e suficientes que compõem a essência de uma determinada entidade. [...]” (DUQUE, 2018, p. 42), ou seja, um membro só será parte de uma determinada categoria se apresentar os traços essenciais da referida categoria. Assim, o modelo clássico de categorização apresenta as categorias com limites rígidos, a partir de uma ótica objetivista (FERRARI, 2011).

Sob esse viés clássico e objetivista de categorização, citamos, por exemplo, a categoria ave (tem bico, duas asas, dois pés, tem pernas, pode voar, põe ovos). Assim, “enquanto gaivotas e pardais seriam membros da categoria AVE, indiscutivelmente, os pinguins precisariam ser excluídos da categoria” (FERRARI, 2011, p. 33). Outro exemplo para enriquecer a nossa discussão é a categoria mamífero (possui pelos no corpo, capacidade de produzir leite para amamentar os filhotes, apresentam garras, unhas, cascos), tendo como membros a onça, o gato, o cachorro, nós seres humanos etc., no entanto, a baleia e o morcego não seriam listados como membros, porque, como já destacado anteriormente, as categorias, na definição clássica, são fechadas e rígidas não permitindo a participação de membros que não apresentam os traços essenciais.

Dessa maneira, conforme Duque (2018), a Teoria Clássica do Significado e da Categorização está estruturada a partir de uma série de suposições básicas; estas são apresentadas na figura abaixo:

Figura1: Teoria Clássica do Significado e da Categorização



Fonte: DUQUE, 2018, p. 44.

Ao listar as suposições básicas da referida teoria, Duque (2018) salienta que a teoria da Semântica Clássica, ao se sustentar em uma metodologia componencial, não considera como a mente constrói sentido no e para o mundo. Sendo assim, ao adotar esse posicionamento investigativo, a teoria clássica considera o significado existente independente da coisa, do objeto, da pessoa, do animal etc.. Por isso, a perspectiva assumida como categorização clássica sofreu diversas críticas e questionamentos.

O fato de haver uma rigidez na elaboração de categorias, ou seja, só pertence a ela o membro que possuir todas as características condizentes à categoria, traz um problema, quando se pensa na categorização como uma capacidade da mente humana, pois, conforme Velozo (2013), não se pode criar uma infinidade de categorias para organizar o nosso conhecimento sobre o mundo. Isso, conforme a autora implicaria em problemas no que diz respeito ao armazenamento e processamento de informações, ou seja, para cada membro que não se enquadrasse em uma determinada categoria seria criada uma nova e assim sucessivamente. Dessa maneira seria difícil

organizar o nosso conhecimento e, conseqüentemente, o nosso processo de conceitualização.

Nesse viés de contestação e críticas ao modelo clássico de categorização, Wittgenstein (1999[1954]) foi um dos primeiros a propor novos rumos às investigações acerca de como categorizamos e significamos. Para isso, ele utilizou o exemplo da categoria JOGO e quais membros estariam incluídos nela como, por exemplo, os jogos de tabuleiro, de carta, com bola, de combate, entre outros, para refletir sobre a seguinte questão: o que há de comum entre esses membros listados para que sejam enquadrados na categoria JOGO? O referido filósofo, ao responder esse questionamento, afirmou que, ao examinarmos esses membros, não veremos “[...] na realidade, algo que todos têm em comum, mas semelhanças, parentescos [...]” (WITTGENSTEIN, 1999[1954], p. 55).

A partir de discussões e investigações filosóficas, com o estudo sobre os jogos, estabelecendo em que características eles se aproximam ou se distanciam, Wittgenstein (1999[1954]) estabeleceu o que conhecemos por semelhanças de família. Essa definição, segundo o autor, partiu das semelhanças que se sobrepuseram e se cruzaram entre membros de uma família, por exemplo, altura, traços faciais, cor dos olhos, o andar, o temperamento, entre tantas outras características que são compartilhadas entre os membros de uma família.

Assim, os pressupostos do filósofo evidenciaram que as categorias não possuem limites rígidos como preconizava o modelo clássico, sendo tudo ou nada, ou conforme estabelecido na Figura 1, o membro seria excluído da categoria caso deixasse de apresentar uma característica referente a ela. Com isso, a baleia, por exemplo, que tem características suficientes para ser vista como um peixe é categorizada como um mamífero e o pinguim apresenta traços (tem bico, põe ovos) que possibilita ser categorizado como uma ave.

Dessa maneira, as contribuições de Wittgenstein (1999[1954]) impulsionaram revisões acerca dos estudos sobre a categorização. Novos estudos com outras compreensões surgiram como é o caso das investigações de Eleanor Rosch (1973, 1975), no âmbito da Psicologia Cognitiva. Nesses estudos, a referida autora defendeu que todos os tipos de entidades são organizados em termos de categorias prototípicas, cujos limites não são nítidos (VELOZO, 2013).

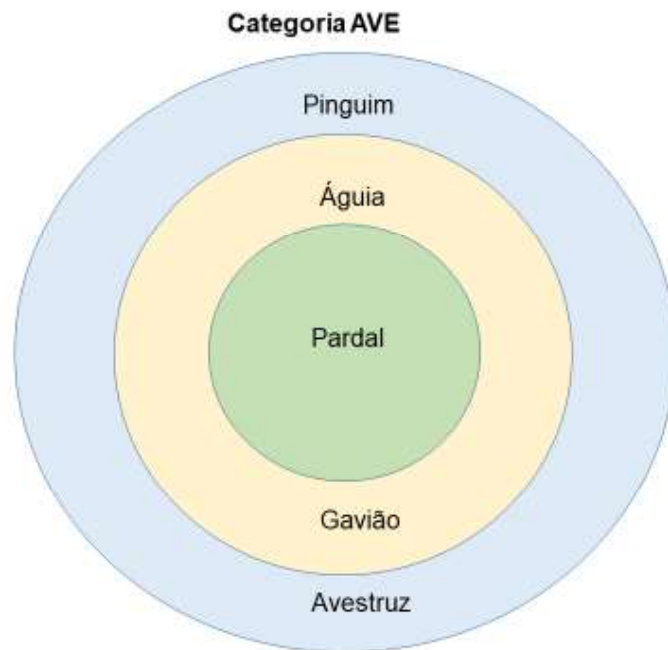
Em estudos intitulados *Natural categories* e *Cognitive representations of semantic categories*, Rosch (1973, 1975) investigou a importância das categorias e

qual(is) relação(ões) podem ser estabelecidas entre a mente e a interação com o ambiente, no processo de categorização e estabelecimento de categorias. O segundo estudo citado, por exemplo, partiu de um experimento envolvendo estudantes. Eles deveriam julgar determinados itens como bons exemplos das seguintes categorias: FRUTA, MOBÍLIA, VEÍCULO, ARMA, LEGUME, FERRAMENTA, AVE, ESPORTE e BRINQUEDO. Quando os estudantes julgaram os itens cadeira, sofás, mesas e camas, por exemplo, colocaram-nos na categoria MOBÍLIA. No entanto, quando julgaram os itens cinzeiro, relógio e vaso, consideraram-nos como elementos periféricos da referida categoria (VELOZO, 2013).

Assim, os estudos de Rosch (1973, 1975), conforme Lima (2010, p. 116), estabeleceram a teoria dos protótipos, pondo em destaque que:

Um item é considerado como membro de uma categoria não por se saber que ele possui um determinado atributo ou não, mas por se considerar o quanto as dimensões desse membro se aproximam das dimensões ideais para ele. Em outras palavras, um exemplo representativo de uma classe seria aquele que compartilhasse com os outros membros da categoria do maior número de características e que, por outro lado, compartilhasse de poucas características (ou nenhuma) com elementos provenientes de fora da classe. De acordo com o modelo de protótipo, conceitos são representados por um grupo de características, e não por suas definições. Um novo membro é categorizado como um tipo de conceito se é suficientemente similar ao seu protótipo. [...]. (LIMA, 2010, p. 116).

De acordo com Lima (2010), ficam em evidência as contribuições da teoria dos protótipos no processo de compreensão acerca da categorização; esta é vista enquanto uma questão de experiencição, ou seja, a partir da experiência do conceptualizador com a coisa, o objeto etc.; ele a coloca numa determinada categoria como foi o caso dos estudos de Rosch (1975) sobre a categoria MOBÍLIA, por exemplo. A teoria do protótipo preconiza que os conceitos são representados por um grupo de características; estas elaboram uma determinada categoria, sendo que cada categoria tem um membro mais prototípico, ou seja, aquele que possui o maior número de características definidoras da categoria, como podemos exemplificar na figura abaixo:

Figura 2: Modelo prototípico

Fonte: elaboração nossa

Como ilustrado na Figura 2, baseada na teoria dos protótipos, cada categoria possui um membro mais prototípico, ou seja, aquele que compartilha o maior número de características definidoras da referida categoria que, no caso exemplificado, é o pardal, enquanto o pinguim e o avestruz, por exemplo, são membros mais periféricos. Dessa maneira, Lima (2010, p. 116), ao discutir sobre os estudos empreendidos por Rosch (1973), afirma que “[...] o agrupamento de conceitos em uma dada categoria se daria, segundo a pesquisadora, não pela alternância dos traços binários, mas pela semelhança com o protótipo, em que o membro condensasse os traços mais característicos da categoria”.

Outra importante contribuição dos estudos de Rosch (1978) é a discussão sobre o fato de as categorias apresentarem, em sua constituição, níveis organizacionais. Esses níveis, conforme Santana (2019), são utilizados por nós nos momentos em que buscamos estruturar mentalmente as relações de inclusão. Ainda conforme Santana (2019, p. 29), “um desses níveis funciona como nível básico de especificidade. O nível básico é o mais econômico cognitivamente, em consequência, o mais saliente e o mais acessado pelo ser humano”. Isso pode ser exemplificado no Quadro 1.

Quadro 1: Níveis de uma categoria linguística

Superordenado	Fruta	Legume	Móvel
Básico	Laranja	Batata	Mesa
Subordinado	Laranja lima	Batata-doce	Mesa de sinuca

Fonte: elaboração nossa

Com base na figura apresentada, é possível perceber que o nível superordenado apresenta pouca informatividade, sendo mais genérica, não sendo capaz de trazer informações mais específicas sobre a categoria (SANTANA, 2019). Pois, ao falarmos fruta, legume, móvel, podemos imaginar qualquer item que faça parte das referidas categorias; já o nível básico traz mais informações, sendo que os conceitos presentes nesse nível apresentam atributos comuns e admitem maiores elaborações, pois, quando falamos laranja, já não podemos pensar em limão mesmo que este esteja na categoria das frutas; já o nível subordinado, embora apresente uma menor abrangência, possui maiores informações que são complementares ao básico como, por exemplo, ao falarmos mesa de sinuca, estamos pontuado que se trata de um móvel (mesa) que tem uma função específica que, nesse caso, serve para jogar sinuca.

Embora a teoria do protótipo tenha impulsionado novos estudos acerca da categorização, críticas foram tecidas em relação à perspectiva do protótipo (SANTANA, 2019; LIMA, 2010). Dessa maneira, a própria Rosch (1975), em estudo em parceria com Mervis (1975), revisou a questão do protótipo, buscando estabelecer uma visão estendida da teoria, salientando que “[...] as estimativas de semelhança de família se correlacionam com a tipicidade. Os membros típicos têm resultados de semelhanças familiares mais elevados e partilham poucos ou nenhum dos atributos com categorias próximas” (LIMA, 2010, p. 119).

Ainda sobre essa revisão acerca da teoria dos protótipos, Santana (2019) afirma que mesmo a visão estendida não foi bem vista por alguns pesquisadores, pois eles acreditavam que essa nova abordagem era apenas uma continuação da teoria padrão. Lima (2010), ao revisitar os estudos de Eysenck e Keane (1990), aponta como problemas da teoria do protótipo o fato de nem todas as categorias possuírem características prototípicas; o ponto de vista do modelo prototípico é limitado em relação ao conhecimento que as pessoas possuem sobre as relações entre as categorias, pois a

referida teoria não leva em conta a questão contextual; e, por fim, o modelo prototípico não explica porque as categorias são coerentes.

Fica evidente que, embora os trabalhos de Rosch (1978, 1975, 1973) tenham tido importante contribuição aos estudos acerca da categorização, eles são passíveis de complementariedade e revisão, fato comum a todo conhecimento científico, pois ele não é estanque e, muito menos, um dogma que não possa ser contestado. Dessa maneira, ao retomar a questão do contexto e sua relação com o processo de categorização, Velozo (2013, p. 77) põe em evidência que “o exemplar mais prototípico de uma categoria também pode depender do contexto, e os membros centrais dependentes do contexto podem ser diferentes dos protótipos não contextualizados”. Assim, o que se tem de mais recente em relação aos estudos acerca da categorização, com base nas discussões e reflexões das teorias anteriores, é a noção de efeito prototípico e a ideia de semelhança de família (SANTANA, 2020; ALMEIDA, 2018; KLEIBER, 1995).

Em relação à questão do efeito prototípico e membro periférico, Almeida (2021), em palestra intitulada *Ainda sobre as pandemias dos séculos XX e XXI - outros achados sobre as metáforas da Gripe Espanhola e da COVID-19*, apresenta, sob um viés sócio-histórico-cultural da Semântica Cognitiva, que o item periférico de uma determinada categoria não pode ser desprezado, pois, com o passar do tempo, esses fatores citados podem colocá-lo como prototípico. A pesquisadora confirma seus postulados usando o exemplo da gripe espanhola e da COVID-19; esta última, logo de início, no Brasil, foi categorizada como gripe chinesa, no entanto, com as descobertas científicas e as recomendações da Organização Mundial da Saúde, passou a ser categorizada como COVID-19.

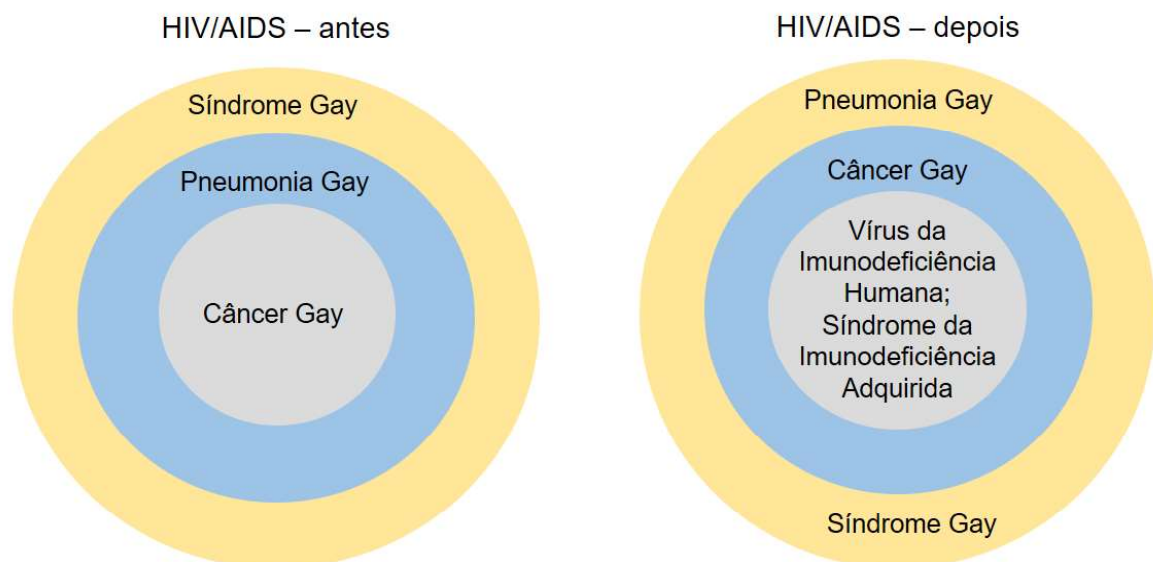
Outro exemplo que ilustra bem essa noção de efeito prototípico e que tem relação com o estudo aqui empreendido é como foram categorizados o HIV e a AIDS, na década de 1980, quando descobertos. Isso se deu a partir do contexto histórico, social, político e ideológico daquela época. Pois, esses termos, logo de início foram categorizados, conforme estudos de Nascimento (2005, p. 82), da seguinte forma:

[...] ainda sem conceito clínico e com várias denominações resultantes de equívocos médicos, carregados de concepções morais, tais como ‘pneumonia gay’, ‘câncer gay’, ‘síndrome gay’ ou mesmo *Gay related Immune Deficiency* (Grid) – imunodeficiência ligada ao homossexualismo. (NASCIMENTO, 2005, p. 82, grifos do original).

Ainda no referido estudo, Nascimento (2005, p. 86-87, grifos do original) traz à baila alguns títulos de notícias que ratificavam essa categorização, são elas: “Tragédia venérea: o mal dos homossexuais americanos (Revista Isto É, 06/04/1983), Dois casos suspeitos de ‘câncer gay’ são examinados na Unicamp (Jornal do Brasil, 15/06/1983”. No entanto, com o passar do tempo, as descobertas feitas nas investigações científicas e médicas acerca do vírus, a infecção de pessoas heterossexuais pelo vírus e o acometimento da doença, como também os diversos movimentos das mais diversas Ongs, por exemplo, fizeram com que essa categorização fosse modificada e, hoje, tenhamos as nomenclaturas científicas, Vírus da Imunodeficiência Humana – HIV e Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS, categorizando o vírus e a doença de maneira mais humanizada e menos preconceituosa.

Para melhor ilustrar essa discussão sintetizamos as informações na figura abaixo, com o intuito de deixar em evidência como a noção de elemento prototípico é maleável e mutável, quando se considera o contexto sócio-histórico-político-ideológico-cultural.

Figura 3: Categorização de HIV/AIDS antes e depois das evidências científicas e movimentos sociais organizados¹⁴



Fonte: Nascimento (2005) adaptado.

¹⁴ A figura foi elaborada a partir dos estudos de Nascimento (2005), em que a pesquisadora apresenta alguns conceitos atribuídos ao HIV/AIDS no início da epidemia e como esses conceitos mudaram no decorrer do tempo.

Dessa maneira, fica evidente como a noção de efeito prototípico (ALMEIDA, 2021, 2018; SANTANA, 2019; KLEIBER, 1995) contribui para os estudos acerca da categorização, especialmente, nas investigações da SCSHC; esta busca, em seus estudos, considerar como o contexto social, histórico e cultural está articulado ao processo de categorização e, conseqüentemente, de conceptualização.

Ademais, a noção de membro prototípico de uma determinada categoria não pode ser considerada fixa, pois, se um determinado contexto particular for introduzido, esse protótipo pode mudar (UNGERER; SCHMID, 2006), como vimos nos exemplos dados. Além da noção de protótipo, os limites da categoria também são elásticos, maleáveis, ou seja, um determinado item, a depender do contexto, pode fazer parte de categorias distintas. No entanto, “[...] toda a estrutura interna de uma categoria parece depender do contexto e, em um sentido mais amplo, em nosso conhecimento social e cultural, que se pensa ser organizado em modelos cognitivos e culturais”¹⁵ (UNGERER; SCHMID, 2006, p. 45, tradução nossa).

Por isso, a categorização é mais um importante elemento nas investigações em LC/SCSHC, exemplificando a relação existente entre a nossa faculdade linguística e os mecanismos (cognitivos, sociais, históricos e culturais) que são articulados no momento de categorizar. Estes mecanismos são mencionados também nos estudos de Kövecses (2005), quando ele aborda a categorização do tempo, estabelecendo uma relação entre categorizar e conceptualizar:

Pessoas em muitas culturas conceptualizam o tempo como algo estático e como algo dinâmico. A conceptualização do tempo muitas vezes envolve a categorização do tempo em passado, presente e futuro. E quando pensamos o tempo em termos dinâmicos, concebemo-lo como “passando”, isto é, falamos como passagem do tempo. Ambas as conceptualizações são inevitáveis e inerentemente metafóricas¹⁶. (KÖVECSES, 2005, p.47, tradução nossa).

Assim, a categorização desempenha um importante papel no processo da conceptualização, pois, ao conceptualizar, estamos sempre categorizando. Considerando o nosso estudo, cujo objetivo é investigar o fenômeno da conceptualização da morte,

¹⁵[...] the whole internal structure of a category seems to depend on the context and, in a wider sense, on our social and cultural knowledge, which is thought to be organized in cognitive and cultural models” (UNGERER; SCHMID, 2006, p. 45).

¹⁶“People in many cultures conceptualize time both as something static and as something dynamic. The static conceptualization of time often involves the categorization of time into the past, present, and future. And when we think of time in dynamic terms, we conceive of it as “passing”; that is, we talk about the passage of time. Both of these conceptualizations are inevitably and inherently metaphorical.

no contexto da epidemia de HIV/AIDS no Brasil, categorizamos a todo momento; por exemplo, acionamos a categoria morte, especificamos o tipo de morte (ocasionada em decorrência de HIV/AIDS) e, com base nas metáforas encontradas no *corpus* de estudo, outras categorias foram acionadas como, por exemplo, na Metáfora Conceitual MORTE É ORGANISMO VIVO, buscaremos na categoria ORGANISMO VIVO elementos que nos subsidiem na compreensão acerca da categoria MORTE, considerando o contexto social, histórico e cultural em que a referida metáfora foi utilizada.

Tecidas as discussões sobre a categorização e suas relações com o processo de conceptualização, passamos, agora, a discutir sobre os Modelos Cognitivos Idealizados e suas contribuições no processo de conceptualização.

2.2 Modelos Cognitivos Idealizados

A categorização, como discutida na subseção anterior, está articulada à capacidade humana de armazenamento dos conhecimentos adquiridos e construídos, ao longo do tempo. Conforme Lakoff (1987), esse nosso armazenamento se dá através de estruturas chamadas Modelos Cognitivos Idealizados, ou MCIs. Para o referido autor, os MCIs são um todo estruturado, uma *gestalt* que articula quatro princípios estruturantes, dentre eles os *frames*, os esquemas de imagem, as metáforas e as metonímias. Nesta Tese abordaremos os modelos metafóricos, englobando a visão multinível da metáfora, e o metonímico.

Segundo Sperandio (2014), a Teoria dos MCIs proposta por Lakoff (1987) se ancora na teoria dos protótipos de Rosch (1970), pois “[...] os efeitos prototípicos são considerados subprodutos de estruturas cognitivas complexas, consequência da forma pela qual nossos conhecimentos e experiências são organizados em nossa mente” (SPERANDIO, 2014, p. 27). Sendo assim, um MCI busca identificar quais são as várias fontes dessa prototipicidade, pois o efeito prototípico pode variar com o tempo e a cultura, como já discutido na subseção sobre categorização.

Para exemplificar a noção de MCIs, Lakoff (1987) traz à baila a discussão sobre o nosso MCI de semana. Para ele, semana de 7 dias não existe objetivamente na natureza. Essa composição surge a partir da criação humana, considerando sua história e cultura. Nossa sociedade, por exemplo, adota uma noção de semana estrutu-

rada em 7 dias, começando pelo domingo e terminado no sábado. No entanto, segundo Lakoff (1987), nem todas as sociedades estruturam seu calendário semanal dessa maneira. Ele cita, por exemplo, os calendários da cultura balinesa que requerem um MCI complexo, apresentando três estruturas de semana: uma com cinco dias, outra de seis dias e uma de sete dias. Os exemplos de Lakoff (1987) ratificam a ideia de como um MCI atua no efeito prototípico, pois a noção de semana, como apresentada anteriormente, varia de acordo com a cultura dos povos.

Conforme Almeida (2021) e Santana (2019), ao postular o conceito de MCIs, Lakoff (1987) estabelece que eles são instituídos a partir das necessidades, propósitos, valores e crenças, não sendo necessário manter uma estrita relação como o mundo dito real. Ademais, os MCIs são “resultados da interação do aparato cognitivo humano, corporificado e a realidade, via de experiência. Além disso, diferentes modelos podem ser construídos para o entendimento de uma mesma situação” (SANTANA, 2019, p. 33-34).

Os MCIs desempenham uma importante função na maneira como o ser humano compreende o mundo que o cerca. Pois, são a partir desses MCIs que teorias são criadas, conceitos e pré-conceitos são definidos e disseminados, protótipos e estereótipos são difundidos em uma determinada cultura. Isso se deve ao fato de os MCIs serem “experienciais, gestálticos, com estrutura ecológica, são imaginativos e delimitam como uma noção linguístico-cognitiva” (ALMEIDA, 2021, p. 60).

É importante ressaltar que os MCIs, conforme Lakoff (1987), não são estruturas rígidas, porque podem ser modificados, a partir de inserções, retirada ou reorganização de informações. Isso se deve ao fato de eles não serem uma representação interna da realidade, mas estruturas construídas a partir de mecanismos imaginativos da nossa cognição e compreendidos por via da nossa experiência corporal; essa experiência está articulada às nossas capacidades bio-físico-psicológicas e ao contexto sócio-histórico-cultural (ALMEIDA, 2021; SANTANA, 2020; SPERANDIO, 2014).

A seguir, discutimos, de forma mais ampla, os modelos metafórico e metonímico. O metafórico conciliado com a visão multinível da metáfora proposta de Kövecses (2020,2017), ou seja, a metáfora conceptual e seus níveis estruturais e o modelo metonímico, considerando o nosso objetivo de estudar as conceptualizações da morte.

2.2.1 A metáfora conceptual

Ao buscar compreender e produzir sentidos acerca do mundo que constrói e no qual está inserido, o ser humano utiliza-se dos mais diversos processos cognitivos e, dentre eles, a metáfora merece destaque. Ela desempenha esse papel por fazer parte da nossa vida cotidiana, estando presente na nossa linguagem, no nosso pensamento e também nas nossas ações, ou seja, “[...] Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do que pensamos e atuamos, é fundamentalmente de natureza metafórica” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.39, tradução nossa)¹⁷.

Quando se fala da metáfora conceptual, nos estudos da SCSHC, as mais diversas investigações que a abordam destacam que essa concepção de metáfora enquanto um elemento do pensamento humano surge a partir dos anos 1970, e mais especificamente, em 1980, quando Lakoff e Johnson lançam uma das obras seminais da LC, *Metaphor we live by*, (VEREZA, 2010; MACEDO et al., 2009; FERRARI, 2001).

No entanto, desde Aristóteles (2008[1965]), a metáfora já era vista, também, como figura de pensamento e não apenas um elemento de retórica. Umberto Eco (2013) apresenta um importante estudo¹⁸ no qual reúne uma gama de informações investigativas sobre as traduções dos escritos de Aristóteles, afirmando terem sido essas traduções que negligenciaram o valor cognitivo dado pelo filósofo à metáfora. Segundo Eco (2013), se não tivesse havido essa negligência em relação ao contato tardio e às más traduções dos escritos de Aristóteles, nós teríamos uma boa ideia do texto aristotélico; este reconhece o valor cognitivo da metáfora, para além de um ornamento e embelezamento da linguagem como, muitas vezes, ainda é propagado.

¹⁷ [...] Nuestro sistema conceptual ordinario, em términos del cual pensamos y actuamos, es fundamentalmente de naturaleza metafórica. (LAKOFF; JOHNSON, 2004/[1980], p. 39).

¹⁸ Em *A árvore e o labirinto: estudos históricos sobre o signo e a interpretação*, Eco (2013), no capítulo *Metáfora como conhecimento: infortúnio de Aristóteles na Idade Média*, afirma que “[...] a maior contribuição dada por Aristóteles à teoria da metáfora constitui em sublinhar o seu valor cognitivo. Como se costuma considerar a Idade Média como a época da redescoberta e quase canonização de Aristóteles, será interessante perguntar-se se a Idade Média recebeu e de algum modo fez frutificar essa sugestão Aristotélica. Antecipamos de imediato que o impulso para a pesquisa partiu da convicção e que a resposta é negativa. Portanto se trata de entender por que não existe na Idade Média uma teoria da metáfora como instrumento de conhecimento, pelo menos não no sentido Aristotélico em questão. E a resposta, que tentaremos documentar, é que os autores medievais não só tiveram acesso à Poética e à Retórica muito tardiamente, mas também conheceram esses textos por meio de traduções bastante equívocas” (ECO, 2013, p. 103).

Schröder (2017)¹⁹ também traz importantes contribuições em relação às fundamentações filosóficas para a teoria cognitiva da metáfora. Pois, para a referida pesquisadora, “[...] uma discussão profunda com relação à função cognitiva da metáfora, bem como sua ancoragem na vida cotidiana, começa muito antes da TMC. Já a partir do século XII se observa essa mudança paradigmática com relação ao ‘locus da metáfora’ [...]” (SCHRÖDER, 2017, p. 35, grifos do original).

Trazemos essas abordagens de Eco (2013) e Schröder (2017) para mostrar a importância de se conhecer o panorama histórico acerca dos estudos sobre a metáfora antes da difusão da Teoria da Metáfora Conceptual proposta por Lakoff e Johnson (1980). Reconhecidos os estudos antecedentes à TMC, não se pode negar a importância dos pressupostos de Lakoff e Johnson (1980), ao trazerem a campo, de forma conjunta e amplificada, uma das obras difusoras da Linguística/Semântica Cognitiva, *Metaphors we live by*, que, desde sua publicação, tem subsidiado e influenciado as mais diversas investigações científicas acerca da metaforização.

Os estudos de Lakoff e Johnson (1980) ampliam os conhecimentos acerca da metáfora, ratificando-a como uma figura do pensamento humano, ou seja, ela é integrada ao sistema conceptual humano. Além disso, os autores buscam contrapor, na TMC, os mitos do objetivismo e do subjetivismo, ao apresentarem a vertente do experiencialismo corpóreo, ou seja, o entendimento de que a compreensão se dá a partir da interação e da constante negociação que existe entre o indivíduo, o ambiente e os outros indivíduos.

Johnson (1987) aprofunda ainda mais essa noção de experiencialismo corpóreo, em sua obra *The body in the mind*; nela ele apresenta importantes discussões sobre a centralidade da corporeidade humana no processo de significação, ou seja, compreendemos e atribuímos significados a partir das mais diversas experiências que temos como, por exemplo, as de caráter sensório-motor, os contornos de nossa orientação espacial e temporal entre outras.

¹⁹ Em estudo intitulado *Uma volta para as fundamentações filosóficas de uma teoria cognitiva da metáfora*, Schröder (2017) reúne diversos estudos que mapeiam diversos filósofos, a exemplo de Kant, Aristóteles, Locke, Blaise Pascal entre outros que já faziam análise das metáforas em seu sentido cognitivo. A autora ainda tece uma crítica a Lakoff e Johnson (1999) sobre a obra *Philosophy in the flesh* porque os autores fazem uma extensa análise das metáforas utilizadas na história da filosofia, mas não notam que alguns filósofos, como Kant e Aristóteles, foram avaliados de forma superficial, haja vista que eles já reconheciam a força cognitiva da metáfora e escreveram sobre isso.

Para Lakoff e Johnson (2004, p. 5), “a essência da metáfora é compreender e experienciar um tipo de coisa no lugar de outra; compreendê-la equivaleria a compreender o próprio modo de pensar e agir inerente ao homem”. Ao definir o conceito de metáfora, podemos entender que, nos processos de conceptualização, por metáfora, parte da estrutura de um conceito pode ser compreendido metaforicamente, pois usamos a estrutura de um determinado domínio, o domínio-fonte, para compreender outro, o domínio-alvo (LAKOFF; TURNER, 1989), por exemplo, quando conceptualizamos o amor em termos de uma viagem, partimos do nosso domínio da experiência com viagem para compreender o amor. Convém lembrar que nem todos os aspectos pertencentes ao nosso campo experiencial da viagem serão acionados no processo de conceptualização do amor.

A TMC apregoa que o processo de significação, ou seja, a conceptualização é gerada a partir das experiências do ser humano com seu próprio corpo e com a relação desse corpo no ambiente físico, cultural, histórico e social em que vive (LAKOFF e JOHNSON, 1980; MACEDO et al., 2009; ALMEIDA, 2019; ALMEIDA; SANTANA, 2019). Pois, “a experiência humana engloba essas atividades sociocognitivas indispensáveis à produção do sentido. A atividade de significação está atrelada à integração das diferentes experiências coletiva e individualmente vividas” (MACEDO et al., 2009, p. 51).

Ainda sobre a questão da base da metáfora conceptual, Leal (2020) considera, ao revisitar os estudos de Kövecses (2006), que a motivação metafórica se dá através de processos de experiência corporificada. Pois a hipótese da corporificação do significado é uma das principais ideias da Linguística/Semântica Cognitiva e, também, da SCSHC. Usamos, por exemplo, o nosso corpo enquanto um domínio-fonte para compreendermos determinados conceitos: “Fulano é o braço direito da empresa tal”, “beltrano é a cabeça do grupo”, entre tantos outros exemplos que premeiam a nossa vida cotidiana.

Usamos, também, da nossa experiência corpórea para embasar as nossas metáforas. Nossa experiência com o frio, por exemplo, é algo visto como não muito positivo, buscamos nos abrigar e nos proteger dele, criando um certo distanciamento; dessa forma, a expressão “fulano está frio comigo” possibilita esse sentido de distanciamento. E, além disso, a nossa experiência com o calor nos possibilita significar aspectos mais afetuosos como, por exemplo, “o abraço de fulano é caloroso”, “estou ardendo de desejo por beltrano”.

Dados os exemplos antes citados, fica evidente a questão da base da metáfora conceptual. No entanto, não podemos deslocar a questão contextual do processo de significação, pois todos esses elementos estão articulados no processo de conceptualização, pois o sentido não está na expressão linguística, mas se dá a partir dali.

Kövecses (2005, 2010) discute sobre essa questão de determinadas metáforas serem consideradas “universais” por serem embasadas nas nossas experiências sensorio-motoras e outras metáforas serem peculiares a determinadas culturas. No entanto, Ibarretxe-Antuñano (2018, p. 43) afirma que mesmo determinadas metáforas tidas como universais apresentam componentes culturais. Isso se deve ao fato de:

[...] toda base experiencial não só está baseada em aspectos físico e sensorio-motores como também é necessário passar por um filtro cultural. Esse filtro deve ser entendido como um mecanismo ativo que manipula os diferentes elementos culturais de duas formas. Por um lado, filtra os elementos culturais apropriados no que diz respeito às premissas culturais da língua que se está estudando e, por outro lado, impregna de informação cultural as correspondências culturais em certos domínios particulares para diferenciá-las de outros sistemas sociais e culturais²⁰. (IBARRETXE-ANTUÑANO, 2018, p. 43, tradução nossa).

Sendo assim, fica em evidência como o fator cultura contribui no processo de construção de metáforas conceptuais. Pois, essa inclusão de aspectos culturais torna o estudo de metáforas mais abrangente e amplia a noção de contexto na formação do significado. Além do mais, se estamos a realizar um estudo em SCSHC, não podemos desprezar o olhar contextual da metáfora, situando-a num determinado contexto social, cultural e histórico.

Moura e Zanotto (2009) afirmam que a metáfora conceptual é um processo de organização e construção de conceitos articulados à mente humana e não apenas aos signos linguísticos, muito pelo contrário, o signo linguístico seria apenas um instrumento que aciona a nossa capacidade cognitiva de construir significados, ou seja, “A metáfora equivale a um modelo de funcionamento da cognição humana. Os signos

²⁰ [...] es que toda base experiencial no solo está basada en aspectos físicos y sensorio-motores sino que necesariamente ha de pasar por uno filtro cultural. Este filtro ha de entenderse como un mecanismo activo que manipula los diferentes elementos culturales de dos formas. Por un lado, filtra los elementos culturales apropiados com respecto a las permisias culturales de la lengua que se está estudiando y, por outro lado, impregna de información cultural las correspondencias culturales em ciertos dominios particulares para diferenciarlas de otros sistemas sociales e culturales. (IBARRETXE-ANTUÑANO, 2018, p. 43).

são apenas a roupagem visível desse modelo mental” (MOURA; ZANOTTO, 2009, p. 21). E essa construção de significados se dá quando associamos as nossas experiências sensoriais, motoras, culturais, entre outras, nesse processo de significação.

Ainda sobre a necessidade de articular o estudo da metáfora conceptual ao contexto em que ela está localizada, Almeida e Santana (2019), Santana (2019) e Moura e Zanotto (2009) levantam uma interessante crítica à Teoria da Metáfora Conceptual quando pontuam que, ao atribuir o caráter cognitivo da metáfora, deixa-se de lado outras dimensões do processo metafórico, ou seja, os elementos sociais, culturais e históricos acabam ficando de lado. Por isso, a proposta dos estudos em SCSHC busca articular esses elementos no processo de interpretação das metáforas.

Nosso estudo, por exemplo, investigou como a morte é conceptualizada, em textos literários e artigos científicos publicados no contexto da epidemia de HIV/AIDS no Brasil. Dessa maneira, buscamos, mais uma vez, evidenciar que as metáforas presentes em textos literários não são apenas ornamento de linguagem, pois possuem valor cognitivo; e que textos científicos como, por exemplo, artigos científicos da área médica não apresentam uma linguagem apenas objetiva e técnica sem presença de metáforas.

Sobre os estudos acerca de metáforas conceptuais em textos literários, Lakoff e Turner (1989), ao analisarem diversos poemas, comprovam que a metáfora, no texto literário, também é uma operação cognitiva, mostram-nos que, nos poemas, há o que eles nomearam de imagem metafórica, ou seja, metáforas que envolvem o mapeamento de imagens visuais em vez de conceitos, como é costume nos demais mapeamentos metafóricos. Mas, convém lembrar que isso ocorre mais nos textos em verso, pois, nos textos literários em prosa, é comum encontrarmos as duas maneiras de mapeamento metafórico. E, no caso de nosso estudo por si tratar de textos escritos em prosa, será acionado o mapeamento metafórico mais tradicional, pois o texto em prosa, ao contrário do texto em verso²¹, não evoca, na maioria das vezes, imagens para a construção do seu sentido.

No referido estudo, Lakoff e Turner (1989), ao analisarem os poemas de Emily Dickson, ratificam que as metáforas e expressões metafóricas presentes em textos

²¹ Segundo a teoria literária, o poema por ser escrito em verso, prezando pela economia de palavras, sempre evoca imagens para a compreensão de seu sentido. Diferente do texto em prosa que tem em sua construção a liberdade de uso de mais palavras para detalhar e descrever cenários, personagens, ações entre tantos outros elementos que compõem um texto narrativo em prosa (PAZ, 1996).

literários não são oriundas de uma mente excepcional e particular, pelo contrário, elas também estão presentes no pensamento cotidiano e as atualizações dessas metáforas se dão através das inovações nas construções das expressões metafóricas e a forte relação com a questão cultural.

Os estudos de Lakoff e Turner (1989) demonstram, também, que muitos exemplos de metáforas convencionais básicas estão presentes não apenas nos textos poéticos, mas também nas expressões da vida cotidiana. A relação entre tempo e morte, por exemplo, dá-se através das metáforas EVENTOS SÃO AÇÕES e VIDA É JORNADA. Essas metáforas têm importante papel no processo de compreensão acerca da morte, quando a relacionamos com o tempo. Pois, a morte é um evento inevitável na vida de qualquer organismo vivo, como preconizam os estudos biológicos e, além disso, o tempo é o grande responsável pelas mudanças que ocorrem num determinado organismo, ou seja, é com o passar do tempo que, pensando no ser humano, por exemplo, os nossos órgãos envelhecem, perdem sua capacidade de trabalhar para manter o nosso sistema vital em pleno exercício, ocasionando doenças e estas, conseqüentemente, levam o indivíduo à morte.

No que concerne ao campo científico, Oliveira (2011), em *Aspectos linguísticos, comunicativos e cognitivos das metáforas terminológicas: uma análise baseada em um corpus da genética molecular*, traça um interessante estudo acerca da presença de metáforas científicas e de divulgação científica num *corpus* constituído por textos pertencentes à área de genética molecular, analisando gêneros textuais científicos especializado, didático e de divulgação científica (teses, revistas, artigo científico e artigo de divulgação científica). Nesse estudo, a autora traz diversas metáforas funcionais presentes nesses textos; estes são considerados de escrita objetiva e técnica. As metáforas listadas, no referido estudo, estão baseadas nas nossas experiências corpóreas e cotidianas como, por exemplo, as nossas relações familiares e graus de parentesco para denominar célula-mãe, célula-filha; a nossa experiência com localização, mais especificamente, com a área da geografia, para entender o mapeamento genético, os marcadores genéticos etc.

Ainda nesse campo de investigações sobre metáforas, temos o estudo de Ferreira (2012) intitulado *Metáforas do corpo humano nas ciências da saúde: os mapeamentos conceptuais das estruturas, órgãos e vísceras*, em que autor analisa o livro *Anatomia humana básica* e seu objetivo é investigar, nessa obra, o fenômeno da con-

ceptualização do corpo humano, apresentando diversas metáforas como, por exemplo, CORPO HUMANO É OBJETO/CONTÊINER TRIDIMENSIONAL, CORPO HUMANO É MÁQUINA. Assim, percebemos que a MC conceptual está presente tanto no texto literário quanto no texto científico.

Dito isso, evidenciamos o importante papel da metáfora nos processos de compreensão do significado e, a seguir, apresentamos a visão multinível da metáfora proposta por Kövecses (2017, 2020); esta foi adotada na realização desta Tese com intuito de melhor organizar e explicar os elementos (níveis) presentes nas metáforas conceptuais encontradas em nosso *corpus* de pesquisa.

2.2.2 A visão multinível da metáfora: esquemas de imagem, domínio matriz, *frames* e espaços mentais

Com o intuito de buscar uma abordagem que contemple as discussões teóricas debatidas anteriormente e, considerando a natureza do nosso *corpus* de pesquisa, optamos por estudar as ocorrências encontradas sob a vertente multinível da metáfora; esta foi estabelecida a partir dos estudos de Kövecses, *Levels of metaphor*²², publicados na revista *Cognitive Linguistics*, em 2017, e aprofundados com a publicação do livro, *Extendend Conceptual Metaphor Theory*, em 2020. Trazemos também as investigações de Silva (2021), Leal (2020) e Almeida (2020) que se ancoram na abordagem multinível da metáfora.

A visão multinível da metáfora preconizada por Kövecses (2017; 2020) busca responder a alguns questionamentos em relação à TMC como, por exemplo, qual(is) é(são) a(s) estrutura(s) conceptual(is) apropriada(s) envolvida(s) na(s) metáfora(s) conceptual(is)? O pesquisador parte dessa questão, principalmente pela quantidade de termos que são utilizados nas mais diversas abordagens investigativas acerca da metáfora conceptual como, por exemplo, domínios, esquemas, cenários, modelos cognitivos idealizados, *frames*, entre outros. Desses termos, o mais comum e utilizado, conforme Kövecses (2020, 2017), é o conceito de domínio, principalmente pela

²² Neste estudo, Kövecses (2017) faz um apanhado geral dos termos utilizados pelos mais diversos pesquisadores sobre metáfora e, a partir dessa coleta de informações, ele propõe a visão multinível da metáfora, elencando a sistematicidade dos níveis que são englobados por ela. Dessa maneira, em nossa pesquisa, nos detivemos em tecer nossas discussões sobre esses níveis.

definição de metáfora enquanto compreensão de um domínio em termos de outro e, mais especificamente, na relação entre domínio-fonte e domínio-alvo.

Para Kövecses (2017; 2020), há, em uma metáfora conceptual, uma articulação simultânea de estruturas conceptuais ou unidades que podem ser identificadas a partir de níveis de esquematicidade. Em seus estudos, ele aborda 4 deles: o nível dos esquemas de imagem, o dos domínios, o dos *frames* e o dos espaços mentais, considerando ainda mais um nível, o nível cinco, em que a metáfora conceptual seja instanciada, ou seja, esse nível está relacionado às expressões linguísticas que instanciam as metáforas e ao contexto em que os textos estudados estão articulados.

A esquematicidade proposta por Kövecses (2020; 2017) está embasada em estudos anteriores como, por exemplo, os de Lakoff (1987), Langacker (1987) e Rosch (1978) sobre o fato de o nosso conhecimento de mundo está estruturado a partir de um complexo sistema de conceitos organizado de forma hierárquica em vários níveis; estes, conforme Kövecses (2020; 2017), são de nível superordenado, nível básico e nível subordinado. Esses níveis se inter-relacionam por meio da esquematicidade.

Langacker (1987), por exemplo, ao falar da esquematicidade através dos níveis de organização, utiliza um exemplo de metalinguagem, pois considera o corpo do texto que compõe o livro, explicando o seguinte:

A frase não é, entretanto, o nível mais alto de organização do discurso. Neste livro, por exemplo, as sentenças são agrupadas em parágrafos, parágrafos em subseções, subseções em seções, seções em capítulos, capítulos em partes. Esses constituem o corpo do texto que se combina com materiais complementares (prefácio, índice, etc.) para formar o todo²³. (LANGACKER, 1987, p. 480, tradução nossa).

Dessa maneira, percebemos o quanto a organização do conhecimento sobre determinado assunto ou conceito se estrutura de maneira esquemática, estabelecendo relações e conexões entre os níveis que estruturam esse conhecimento. Dessa maneira, a esquematicidade é considerada uma “precisão relativa de especificação ao longo de um ou mais parâmetros” (LANGACKER, 1987, p. 472).

²³ The sentence is not, however, the highest level of discourse organization. In this book, for example, sentences are grouped into paragraphs, paragraphs into subsections, subsections into sections, sections into chapters, and chapters into parts. These constitute the body of the text, which combines with supplementary materials (preface, index, etc.) to form the whole. (LANGACKER, 1987, p. 480).

Sendo assim, Kövecses (2017; 2020) propõe que as estruturas conceptuais que envolvem a Metáfora Conceptual (Esquemas de Imagem, Domínio, *Frame* e Espaços Mentais) ocupem níveis diferentes na hierarquia de esquematicidade, partindo de um nível mais esquemático para o menos esquemático conforme a figura abaixo:

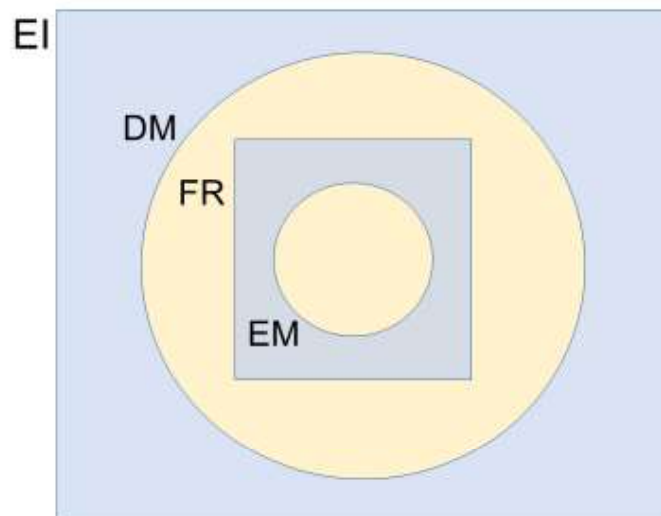
Figura-4: Hierarquia esquemática das estruturas conceptuais



Fonte: Kövecses (2020, p. 52)

Além de abordar a questão da esquematicidade entre os níveis hierárquicos presentes na estrutura conceptual da metáfora, Kövecses (2017; 2020) afirma que a visão multinível da metáfora traz a esquematicidade como um processo de inclusão; este se articula à maneira como o nosso conhecimento está organizado, considerando os níveis superordenado e mais esquemático até o nível subordinado e menos esquemático, conforme a figura abaixo.

Figura 5: Esquematicidade como inclusão



Fonte: Kövecses (2020, p. 52)

Apresentados os esquemas de hierarquia dos níveis de esquematicidade, passamos a discutir as definições e funcionalidades de cada um desses níveis e como eles funcionam no processamento metafórico.

O primeiro nível engloba os Esquemas de Imagem (EI) que são estruturas essencialmente pré-conceptuais e estão diretamente relacionados às nossas experiências sensório-motoras, contribuindo efetivamente para a nossa experiência com o significado (KÖVECSES, 2020; 2017; JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987). Eles desempenham um importante papel nos estudos da LC e, também, na SCSHC, pois, conforme Silva (2015), é um elemento chave no processo da compreensão acerca da corporificação, do pensamento e da linguagem. Sendo assim, “Os esquemas imagéticos são padrões pré-conceptuais dos nossos movimentos no espaço, das nossas interações perceptivas e da nossa manipulação dos objetos” (SILVA, 2015, p. 18).

Os esquemas de imagem mapeados nas metáforas e, também, nas metonímias conceptuais estão relacionados à experiência do ser humano com seu próprio corpo e com o ambiente. Vejamos, por exemplo, a criança quando começa a engatinhar, geralmente, os pais, para incentivá-la a dar os primeiros passos, colocam brinquedos em determinado local para que ela pegue ou simplesmente se afastam dela para que o bebê vá até eles. Essa experiência nos permite identificar o EI de TRAJECTÓRIA, pois nele identificamos a origem (local onde a criança está), o percurso (caminho que o bebê traça engatinhando) e a meta (local onde está o brinquedo ou os pais).

Dentre os muitos esquemas de imagem existentes, o EI LIGAÇÃO é considerado por Santos e Costa (2012) e Santos (2011) como um esquema seminal, ou seja, o mais básico dentre todos os demais. Isso se deve ao fato de, no início do mapeamento e analogia entre os domínios fonte e alvo, fazermos uma ligação entre os aspectos do domínio-fonte que serão relacionados com o domínio-alvo. Ainda sobre esse esquema, Duque e Costa (2011, p. 86) afirmam que:

Nossa primeira ligação é estabelecida pelo cordão umbilical. O corte do cordão umbilical separa para sempre, o corpo da criança do corpo materno e deixa uma cicatriz, o umbigo, que marca o significado profundo dessa separação. A partir daí, passamos a buscar ligações para proteção ou segurança. Os elementos estruturais da LIGAÇÃO são duas entidades que se conectam [...]. O esquema LIGAÇÃO indica uma relação de dependência entre duas entidades. (DUQUE; COSTA, 2011, p. 86)

Dessa maneira, a partir da nossa primeira experiência física e sensorial com o ato de nos ligar a algo, ou seja, a ligação do feto com a gestante é vital para nossa sobrevivência e desenvolvimento durante o processo que estamos dentro do útero de nossa mãe. Essa experiência também nos possibilita compreender o EI CONTAINER, que remete ao estar dentro. Esse EI estará presente nas nossas mais diversas construções linguísticas como, por exemplo, fulano está cheio de ódio, ele está transbordando de amor por você, hoje acordei cheio de alegria, entre tantos outros exemplos da vida cotidiana em que colocamos o nosso corpo enquanto um container a ser preenchido de emoções boas ou ruins, colocar e tirar ideias da nossa cabeça etc.

Ainda conforme Santos e Costa (2012), o EI LIGAÇÃO desempenha papel de elemento básico da nossa capacidade cognitiva, pois, é através desse esquema que conseguimos estabelecer as relações entre domínios experienciais e os outros esquemas de imagem, permitindo-nos compreender e significar os mais diversos fenômenos. E, “as ferramentas mentais que utilizamos, metáforas, metonímias, etc. estão intimamente imbricadas ao esquema de Ligação” (SANTOS; COSTA, 2012, p. 12).

Para Kövecses (2020; 2017), os Esquemas de Imagem são estruturas essencialmente pré-conceituais e estão articuladas com a nossa experiência na construção do conhecimento. Ao revisitar os pressupostos de Hampe (2005), Kövecses (2020; 2017) pontua quatro características essenciais dos Esquemas de Imagem, são elas:

- Estruturas pré-conceituais diretamente significativas;
- Gestalts altamente esquemáticas;
- Padrões analógicos contínuos;
- Internamente estruturados, consistindo em apenas algumas partes²⁴. (KÖVECSES, 2020, p. 53, tradução nossa).

Para exemplificar com mais detalhes essas características dos Esquemas de Imagem e sua natureza esquemática, Kövecses (2020) usa o exemplo do conceito de JORNADA; este pressupõe uma estrutura mais esquemática de MOVIMENTO e, mais especificamente de Origem-Percurso-Meta. Isso para comprovar e distinguir outros tipos de movimentos acionados nos mais diversos Esquemas de Imagem. Outro exemplo citado pelo estudioso é o conceito de CORPO que, na maioria das vezes, é

²⁴ *directly meaningful preconceptual structures;

*highly schematic gestalts;

*continuous analogue patterns;

*internally structured, consisting of only a few parts. (KÖVECSES, 2020, p. 53).

acionado pelos Esquemas de Imagem CONTAINER, VERTICALIDADE, ESTRUTURA, OBJETO, entre outros.

Analisemos, por exemplo, o trecho da música *Baader-meinhof blues*, de Legião Urbana:

Já estou cheio de me sentir vazio
 Meu corpo é quente e estou sentindo frio
 Todo mundo sabe e não quer mais saber
 Afinal, amar ao próximo é tão démodé. (BONFA; JUNIOR; VILLAS LOBOS, 1985, grifos nossos).

Com base na expressão linguística “*Já estou cheio de me sentir vazio*”, temos a metáfora conceptual CORPO É CONTAINER. Para essa compreensão nos ancoramos ao EI CONTAINER; este nos faz compreender o corpo enquanto um container que pode se encher e esvaziar, como no caso do exemplo da canção. Isso é possível devido “[...] ao nosso conhecimento prévio, altamente esquematizado, estruturado e abstrato dos esquemas imagéticos que ancoram as nossas conceptualizações” (LEAL, 2020, p. 40).

Discutida a noção dos Esquemas de Imagem, passamos ao próximo nível, em escala de esquematicidade, proposto por Kövecses (2020; 2017): o domínio conceptual que, na teoria proposta pelo referido autor, é nomeado de Domínio Matriz.

Partindo da visão experiencialista adotada pelos estudos em Linguística/Semântica Cognitiva em que a cognição é situada, ou seja, a mente é corporificada, a construção do conhecimento e o processo de significação se dão a partir das experiências que o ser humano tem com o mundo que constrói e o cerca. Dessa maneira, para atribuir sentido a determinado conceito, ele parte de experiências vivenciadas outrora para conceptualizar e, para isso, aciona o que chamamos de domínios experienciais. Esses domínios oferecem ao ser humano mecanismos para que o processo de significação seja efetivado.

Tomemos por exemplo a metáfora conceptual AMOR É VIAGEM, usada por Lakoff e Johnson (1980), em que buscamos compreender o amor em termos de viagem. Nesse exemplo, amor é o domínio-alvo e viagem é o domínio-fonte, ou seja, partimos da nossa experiência com viagem (passageiros, meio de transporte, percurso da viagem, paradas/escalas, destino final) para conceptualizar o amor. Dessa maneira, podemos afirmar que é essa projeção entre domínios conceptuais que tem dado base ao argumento da metáfora conceptual. Dessa maneira, conforme Leal e

Abreu (2011, p. 2), os domínios conceptuais envolvidos no processamento metafórico são “[...] conjuntos de conhecimentos prévios estruturados, social e culturalmente produzidos, relativamente estáveis e que podem ser identificados e evocados em eventos discursivos, e são flexíveis conforme as necessidades da instanciação”.

É consensual nos estudos acerca da Metáfora Conceptual o uso de mapeamentos entre domínios, para a compreensão do processamento metafórico em que determinados elementos do domínio-fonte são projetados no domínio-alvo. Pois, “o domínio-fonte é a origem da estrutura conceptual importada para o alvo e as projeções, como antes destacado, não são totais, mas parciais, logo, os mapeamentos projetam parte da estrutura do domínio-fonte para o alvo” (ALMEIDA, 2020, p. 371).

A noção de domínio estabelecida por Langacker (1987) compreende uma área coerente de conceituação em que unidades podem ser relacionadas, ou seja, a possibilidade de mapeamentos entre domínios ou, mais especificamente, a projeção de determinados elementos do domínio-fonte para o domínio-alvo. E, mais especificadamente, o domínio conceptual para Langacker (1987, p. 147, tradução nossa)²⁵ “é um conjunto de conhecimentos, dentro do nosso sistema conceptual, que acomoda e ordena experiências e ideias relacionadas entre si”.

Ademais, o conceito de domínio desempenha um importante papel no processo de compreensão de metáforas e metonímias. Pois, é a partir do domínio que organizamos o nosso conhecimento de mundo (CROFT, 1993). E esse conhecimento será sempre acionado, nos mais diversos contextos, para nos auxiliar no processamento de compreensão de determinados conceitos, sejam eles concretos ou abstratos.

Dessa maneira, Kövecses (2017; 2020), ao evocar o domínio enquanto um dos níveis de esquematicidade do processamento metafórico, afirma ser o domínio um conjunto de conhecimentos que são acionados no momento da conceptualização. Por isso, ele utiliza a noção de Domínio Matriz (DM), pois “um domínio como domínio matriz (como CONSTRUÇÃO) pressupõe uma variedade de conceitos que caracterizam diferentes aspectos do domínio”²⁶ (KÖVECSES, 2020, p. 53, tradução nossa).

²⁵ A conceptual domain is a body of knowledge within our conceptual system that contains and organizes related ideas and experiences. (LANGACKER, 1987, p. 147).

²⁶ “A domain as a domain matrix (such as building) presupposes a variety of concepts that characterize different aspects of the domain”. (KÖVECSES, 2020, p. 53).

Ao seguirmos o detalhamento dos níveis que englobam o processamento metafórico, após o Domínio Matriz vem o *Frame* (FR); este é estipulado a partir dos estudos de Charles Fillmore, em seu trabalho seminal, *Frame semantics and the nature of language*, publicado em 1976, e, também, *Frame semantics*, publicado em 1982. Para Fillmore (1982, p. 111), *Frame* é:

[...] qualquer sistema de conceitos relacionados de tal maneira que, para compreender qualquer um desses conceitos, você precisa compreender a estrutura inteira em que tal conceito se encaixa; quando uma das coisas de tal estrutura é introduzida em um texto, ou em uma conversação, todas as outras se tornam disponíveis²⁷. (FILLMORE, 1982, p. 111, tradução nossa).

Essa Semântica de *Frame* proposta por Fillmore (1976; 1982) surgiu com o objetivo de encontrar uma maneira particular de estudar o significado como também refletir sobre os processos de princípios de criação de novas palavras e frases (DUQUE, 2020). No entanto, ela foi pouco utilizada nos estudos das décadas de 1970 e 1980 (LEAL, 2020). Mas, com o avanço dos estudos em Linguística/Semântica Cognitiva, ao longo dos tempos, principalmente dos anos 1990 para cá, variados são os estudos que se ancoram nos pressupostos de Fillmore (1976; 1982), dando destaque a como os *frames* desempenham importante papel no processo de conceptualização.

A contribuição do *frame* no processo de conceptualização se deve ao fato de ele apresentar “[...]dimensões esquemáticas, conceptuais básicas, socioculturais, interacionais, de evento, de roteiro e de domínios específicos. Cada componente de *frame* é um conceito que se encontra em estado de base, isto é, um estado teórico que precisa ser colapsado num contexto mais amplo” (DUQUE, 2020, p. 109). Essas dimensões são acionadas, no processo de compreensão, fazendo com que o ser humano acione determinadas características do Domínio Matriz, ou seja, os *Frames*, para conceptualizar. Isso justifica o fato de, no momento da conceptualização, apenas alguns elementos (*frames*) do domínio-fonte serem projetados no domínio-alvo.

Lakoff (2004), ao discutir sobre os *frames*, considera-os como estruturas mentais que nos ajudam a moldar como enxergamos o mundo. Em seu livro, *Don't think*

²⁷ “[...] any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits; when one of the things in such a structure is introduced into a text, or into a conversation, all of the others are automatically made available”(FILLMORE, 1982, p. 111).

on *elephant*, ele aborda algumas premissas em relação ao uso de *frames* como, por exemplo, ao proferir a sentença “não pense em um elefante”, automaticamente, o ouvinte pensará num elefante. Isso acontece, segundo o autor, por conta de quatro premissas que ele explora em seu trabalho: 1ª toda palavra evoca um *frame*, ou seja, ao proferir ‘elefante’ não só a imagem do elefante, mas todo o nosso conhecimento sobre elefante será evocado; 2ª palavras definidas dentro de um *frame* evocam um *frame*, para isso o autor utiliza o exemplo “Sam pegou o amendoim com sua tromba”; dessa maneira, o item léxico tromba evoca o *frame* elefante e permite afirmar que o nome do elefante é Sam; 3ª negar um *frame* é reforçá-lo; a permissão do “não pense em elefante” já possibilita a confirmação dessa hipótese; 4ª evocar um *frame* o reforça, pois toda vez que se evoca um *frame* ele será reforçado no nosso circuito neural, ficando mais forte.

Para melhor exemplificar o nível hierárquico entre o Domínio Matriz e *Frame*, apresentamos o exemplo dado por Kövecses (2017): O DM CORPO HUMANO, por exemplo, pode ser elaborado a partir de diversos FR como PERCEPÇÃO, INGESTÃO, RESPIRAÇÃO entre tantos outros que compõem o referido DM. Diante disso, podemos afirmar que um FR, por ser uma estrutura conceptual, estará sempre relacionado aos domínios da experiência humana, seja em forma de eventos físicos ou interacionais (DUQUE, 2020).

Dessa maneira, a distinção que estabelecemos, em nível hierárquico, entre DM e FR é a seguinte: enquanto o Domínio Matriz é mais amplo e geral, abrangendo diversos *Frames*; o *Frame* é mais específico e foca em determinadas características e especificidades de um determinado DM, conforme a figura abaixo:

Figura 6: Distinção hierárquica entre Domínio Matriz e *Frame*



Fonte: Adaptado de l1nq.com/4Fkl5

Embora diferentes no que diz respeito aos níveis que ocupam no processamento metafórico, DM e FR possuem uma relação de inclusão e intercambialidade, no processamento metafórico. O FR, por ser mais específico, foca em determinados aspectos de um item pertencente a um DM, possuindo a capacidade de nos oferecer estruturas mentais; estas, na maioria das vezes, são acionadas de forma inconsciente e automática, facilitando as interações humanas entre si. Dessa maneira, o acionamento dos *frames* está relacionado à capacidade humana de raciocinar e desenvolver suas capacidades de percepção e exercem uma relação direta no seu comportamento e no seu modo de agir (ALMEIDA, 2020).

A partir do momento em que esses *frames* são evocados em situações reais de uso, ou seja, nas práticas de linguagem sejam elas mono ou multimodais, dando um caráter particular a essas situações comunicativas, é estabelecido outro nível do processamento metafórico: o nível dos Espaços Mentais (EM). Kövecses (2017) conceitua-os como o momento em que os *frames* são ativados numa determinada situação real de comunicação, ou seja, os papéis dos FR ganham valores específicos; essa especificidade tem uma forte relação entre o indivíduo e o contexto de comunicação. Pois, a depender do contexto, o indivíduo acionará determinados FR para falar de certo assunto e, noutro contexto, acionará outros.

Croft (1993) e Croft e Cruse (2004) consideram os EMs como um importante mecanismo de organização das estruturas conceituais, pois são eles os responsáveis por organizar, no momento das práticas comunicativas, as operações conceituais necessárias à produção e compreensão de sentidos. Isso se deve ao fato de que, cotidianamente, enquanto falamos, pensamos e construímos sentidos, diversos EMs são ativados, estruturando o pensamento e o discurso numa sucessão de configurações cognitivas (LEAL, 2020).

Dessa maneira, Fauconnier (1994), o proponente da teoria dos Espaços Mentais, define-os enquanto propriedades naturalmente emergentes, independentemente de sua organização neural, que, apesar de abstratos, possuem uma capacidade de representação mental da realidade. Pois, os Espaços Mentais são “[...] construtos distintos das estruturas linguísticas, mas construídos em qualquer discurso de acordo com as orientações fornecidas pelas expressões linguísticas”²⁸ (FAUCCONNIER, 1994, p. 16, tradução nossa).

Ademais, Kövecses (2017), ao revisar os postulados de Fauconnier (2007) sobre os Espaços Mentais, define-os enquanto “[...] conjuntos muito parciais construídos enquanto pensamos e falamos, para fins de compreensão e ação local. Eles contêm elementos e são estruturados por *frames* e modelos cognitivos. Os espaços mentais estão ligados ao conhecimento esquemático de longo prazo [...]”²⁹ (KÖVECSES, 2017, p. 326, tradução nossa). Sendo assim, conforme proposto por Kövecses (2017; 2020), na visão multinível da metáfora, os Espaços Mentais, por serem menos esquemáticos e mais específicos, acionam os níveis anteriores no momento on-line do discurso, ou seja, nas práticas de uso real da linguagem.

A abordagem dos estudos acerca dos Espaços Mentais, ao considerarem a questão contextual, reconhece a questão cultural nesse processamento do conhecimento. Pois, como os princípios que regem as operações mentais são, em si, simples e gerais, parecem ser universais em todas as línguas e culturas, no entanto, quando esses mecanismos estão articulados em situações pragmáticas, num determinado contexto, eles são capazes de produzir diferentes construções de significado (FAUCCONNIER, 1994). Isso nos permite estabelecer a relação dos Espaços Mentais à

²⁸ “[...] constructs distinct from linguistic structures but built up in any discourse according to guidelines provided by the linguistic expressions. (FAUCCONNIER, 1994, p. 16).

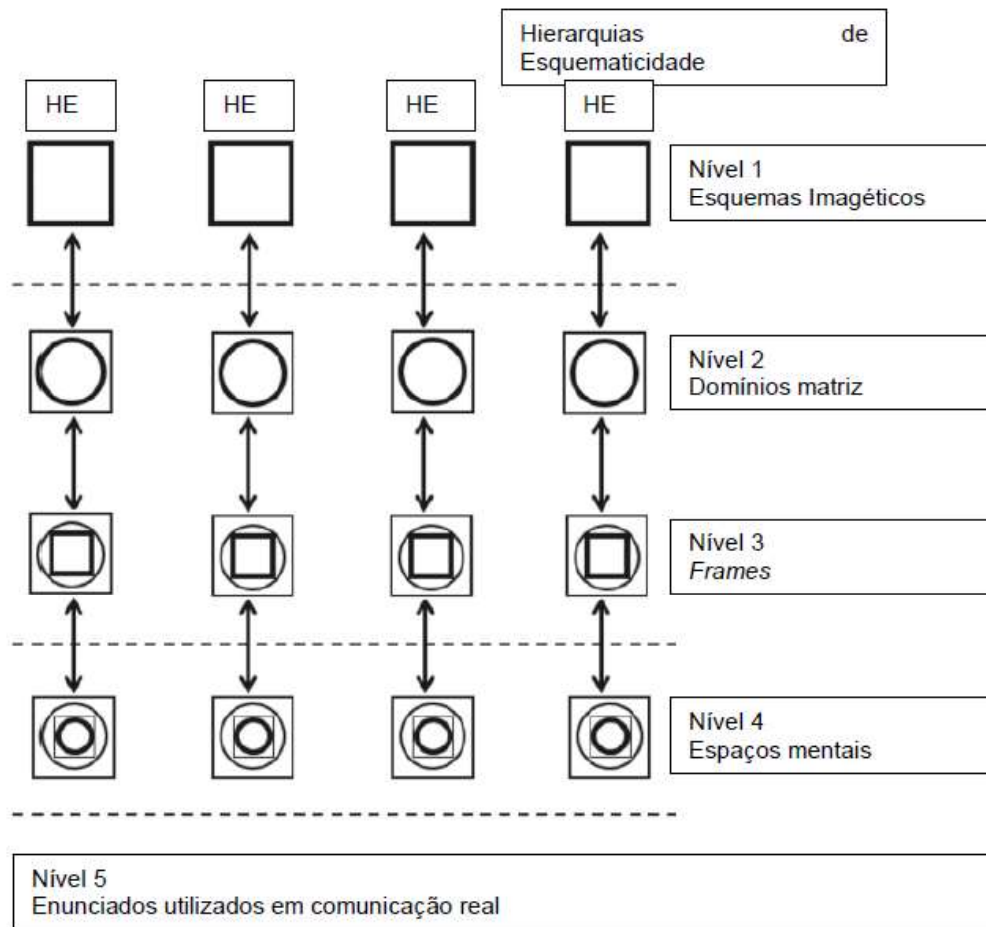
²⁹ “[...] are very partial assemblies constructed as we think and talk, for purposes of local understanding and action. They contain elements and are structured by frames and cognitive models. Mental spaces are connected to long-term schematic knowledge [...]” (KÖVECSES, 2017, p. 326).

questão cultural e à diversidade de expressões linguísticas que instanciam uma determinada metáfora conceptual.

Os EMs são construídos a partir de diversas fontes como, por exemplo, os EI, os DM e os FR, sendo que esses já estão armazenados na nossa memória de longo prazo, mas eles também podem ser resultantes de experiências imediatas, como de coisas que nos são ditas no discurso online (FAUCONNIER, 2007). Mais especificamente falando, os Espaços Mentais se constroem a partir das estruturas que estão armazenadas em nossa memória de longo prazo; estas, articuladas às pistas contextuais, possibilitam a abertura de novos espaços mentais, desencadeando, na memória, um trabalho para a elaboração de um sentido.

Vamos exemplificar, trazendo a letra da música *Canto para minha morte*: “A morte, *surda, caminha* ao meu lado/ Eu não sei em que esquina *ela vai me beijar / Com que *rosto* ela virá?”(SEIXAS; COELHO, 1976, s/p, grifos nosso). Nessa expressão linguística, é possível identificar que os Espaços Mentais acionam os Esquemas de Imagem de LIGAÇÃO, TRAJETÓRIA; o domínio matriz SER HUMANO; e os *frames*: SISTEMA AUDITIVO e LOCOMOTOR, e o ROSTO. Nesse caso, há a conceptualização da morte enquanto um ser humano. E, como já discutido, a depender do contexto, os Espaços Mentais podem acionar distintos elementos que o compõem para significar e compreender. Mais especificamente podemos sintetizar os níveis hierárquicos do processamento metafórico conforme a figura abaixo:*

Figura 7: Hierarquia esquemática da visão multinível da metáfora conceptual



Fonte: Kövecses (2020, p. 55)

Ao sintetizar os níveis envolvidos no processamento metafórico, Kövecses (2017, 2020) estabelece a visão multinível da Metáfora Conceptual, pois essa vertente compila determinadas nomenclaturas utilizadas nas mais diversas pesquisas, em MC, trazendo a campo uma nova vertente de estudos acerca da metáfora que é estudá-la sob a ótica multinível. Importante contribuição dessa vertente de pesquisa é a valorização do contexto. Pois, estudar o contexto em que as práticas reais de comunicação acontecem, trazem importantes contribuições ao linguista no que tange ao estudo acerca do sentido metafórico.

Ao evocar as contribuições do contexto no estudo das metáforas, sob a ótica multiníveis, Kövecses (2020) estabelece quatro contextos essenciais para essa compreensão: situacional, discursivo, cognitivo-conceptual e corporificado. Além do mais, esses contextos abarcam uma variedade de fatores contextuais; estes estão direta-

mente articulados e influenciam o funcionamento metafórico no que se refere às hierarquias de esquematicidade. Dessa maneira, podemos afirmar que “as expressões linguísticas, presentes nas metáforas conceituais, emergem não somente da experiência corporificada, mas também dos tipos de contextos e seus fatores contextuais” (ABREU, 2020, p. 52).

Para deixar evidente os quatro contextos que envolvem o processamento metafórico, Kövecses (2020) o exemplifica conforme o esquema que apresentamos no quadro abaixo:

Quadro 2: Fatores contextuais dos quatro tipos de contexto

Contexto situacional	Contexto discursivo	Contexto corporificado	Contexto cognitivo-conceitual
Ambiente físico	Discurso adjacente (co-texto)	Correlações em experiência	Sistema conceitual
Situação cultural	Discurso anterior	Condições corporais	Ideologia
Situação social	Conhecimentos sobre participantes, tópico	Especificidades corporais	Preocupações e interesses
	Formas dominantes de discurso		História

Fonte: KÖVECSES (2020, p. 165, tradução nossa).

Abordar os contextos e seus fatores contextuais no estudo da metáfora abarca aspectos importantes para entendermos como nós seres humanos compreendemos o mundo que criamos e em que estamos inseridos. A partir dessa vertente, somos capazes de mapear mais detalhes que estão envolvidos no processo de conceptualização, pois, investigar o contexto, é trazer a campo as tramas que estão envolvidas nesse processo de significação, abrangendo não só a realização linguística (linguagem mono ou multimodal) nos mais diversos gêneros textuais existentes, mas, principalmente, o sujeito que escreve, como ele escreve, para quem escreve e em que contexto ele está inserido.

Dito isso, adotamos, nessa pesquisa feita, a abordagem multinível da metáfora preconizada por Kövecses (2020; 2017). Essa tomada de postura buscou, ao realizarmos os estudos das ocorrências encontradas em nosso *corpus*, explorar os diversos aspectos que estão articulados no processo de significação do fenômeno que investigamos.

2.2.3 A metonímia conceptual

Embora *Metaphors we live by* elenque a metonímia enquanto um elemento conceptual, nesse primeiro estudo, ela não ganha o merecido destaque, ficando como uma coadjuvante no processo de conceptualização. Em seus estudos, Lakoff e Johnson (2002[1980]) apresentam a metonímia como um elemento referencial e também cognitivo, ou seja, ela tem a capacidade de colocar em evidência certas características da entidade a que se refere. Os pesquisadores afirmam que a metonímia:

[...] tem, pelo menos em parte, o mesmo uso que a metáfora, mas ela permite-nos focalizar mais especificamente certos aspectos da entidade a que estamos nos referindo. Assemelha-se também à metáfora no sentido de que não é somente um recurso poético ou retórico, nem é somente uma questão de linguagem. Conceitos metonímicos (como PARTE PELO TODO) fazem parte da maneira como agimos, pensamos, e falamos no dia-a-dia (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.93).

Dessa maneira, a metonímia é também elemento da cognição humana e está presente em nossa vida cotidiana, possibilitando-nos compreender os mais diversos conceitos. Conforme Littlemore (2015), desde a década de 1990, há diversos estudos e livros publicados sobre a metáfora, mas poucos estudos se debruçaram sobre a metonímia e seu valor cognitivo. Para a autora, a metonímia é “um processo cognitivo e linguístico através do qual usamos uma coisa para nos referirmos a outra”³⁰ (LITTLEMORE, 2015, p. 1, tradução nossa).

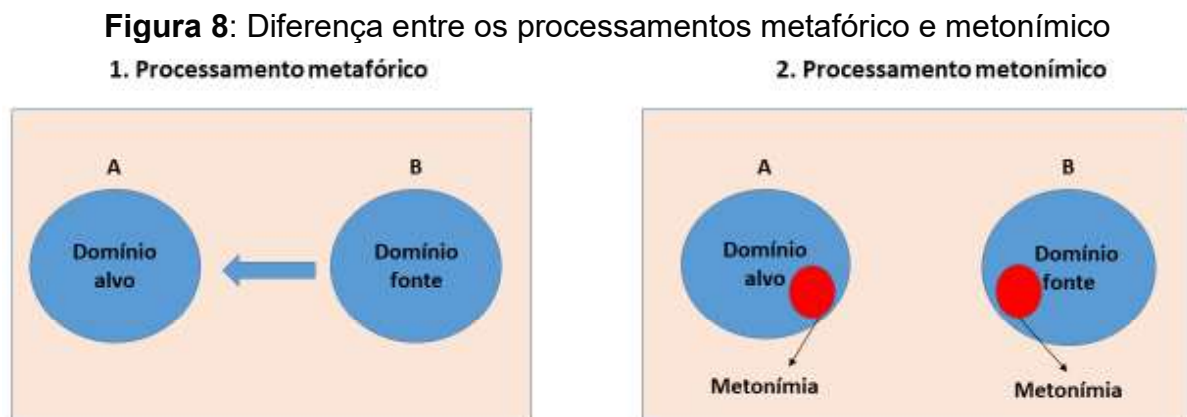
A importância da metonímia enquanto processo cognitivo e linguístico se dá pela necessidade que temos de englobar o máximo possível de informações sobre o mundo de uma maneira mais administrável (SILVA, 2021; LITTLEMORE, 2015). Assim, as características metonímicas (parte/todo, característica por pessoa, continente

³⁰“Metonymy is a cognitive and linguistic process through which we use one thing to refer to another.” ((LITTLEMORE, 2015, p. 1).

pele conteúdo, causa por efeito, marca pelo produto etc.) nos possibilita reunir o máximo de informação possível de uma maneira mais prática e objetiva. Pois:

[...] pensamos metonimicamente porque é fisicamente impossível ativar conscientemente todo o conhecimento que temos de um determinado conceito de uma só vez, então tendemos a nos concentrar em um aspecto saliente desse conceito e usar isso como ponto de acesso a todo o conceito³¹. (LITTLEMORE, 2015, p. 5-6, tradução nossa).

Ao considerarmos essa função da metonímia de focar em um aspecto saliente de um conceito, é importante evidenciarmos as peculiaridades dela, pois, enquanto a metáfora se dá na compreensão de um conceito em termos de outro, estabelecendo uma relação entre domínio-alvo e domínio-fonte, ou seja, compreendendo A, parcialmente, em termos de B; a metonímia se dá dentro do mesmo domínio, isto é, um elemento referencial, um veículo de acesso dentro de A ou B coloca em evidência determinadas características da entidade a que se refere, como podemos observar na figura abaixo:



Legenda: Em 1, o processamento ocorre numa relação entre o domínio-fonte e o domínio-alvo; em 2, o processamento metonímico pode ocorrer tanto no domínio-fonte como no domínio-alvo.

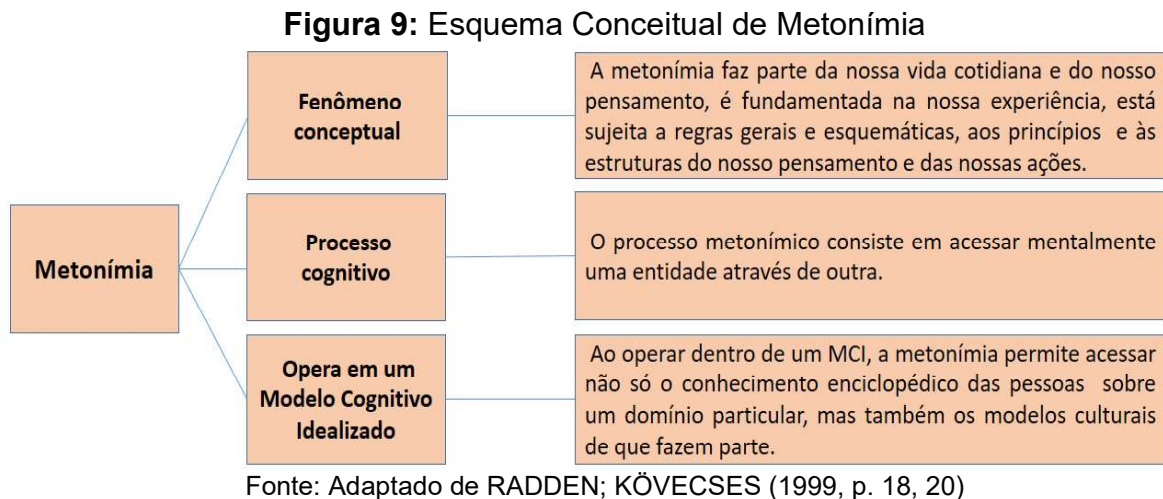
Fonte: elaboração nossa

Conforme a figura acima, ficam evidentes as particularidades do processamento metonímico, pois ele se dá a partir de um destaque referencial seja no domínio-alvo ou no domínio-fonte. Lakoff e Johnson (2004/[1980], p. 74), por exemplo, para

³¹"We think 'metonymically' because it is physically impossible to consciously activate all the knowledge that we have of a particular concept at once, so we tend to focus on a salient aspect of that concept, and use this as point of access to the whole concept". (LITTLEMORE, 2015, p. 5-6).

exemplificar esse destaque referencial, usam a seguinte expressão linguística: “Há muitas boas cabeças na universidade”³², em que ‘boas cabeças’ acionam pessoas inteligentes (característica por pessoa). Mas a escolha dessa parte não se dá de forma aleatória ou arbitrária, pois, ao selecionar essa parte, cabeça, está focando em uma característica peculiar, pois é na cabeça que está o cérebro; este, culturalmente, é tido como o responsável pelo desenvolvimento da inteligência, construção do conhecimento etc. Dessa maneira, a expressão ‘boas cabeças’ reúne uma gama de informações sobre o conceito de inteligência.

Ainda nesse viés, Radden e Kövecses (1999) definem a metonímia como um fenômeno conceptual, um processo cognitivo e que opera dentro de um Modelo Cognitivo Idealizado, como exemplificado na figura abaixo.



Com base nos pressupostos de Radden e Kövecses (1999), fica evidente que a compreensão da metonímia vai além de pensá-la como uma entidade no lugar de outra, pois, sua função não é de substituição, pelo contrário, ela faz com que as entidades sejam inter-relacionadas, constituindo sentido através de processos complexos; estes colocam em evidência não apenas um mero resultado de relação entre partes, mas a possibilidade de fazer emergir uma nova forma resultante de um processo de pensamento.

Para melhor compreender esse processo de pensamento citado, podemos pegar um simples exemplo do cotidiano: quando queremos conhecer alguém, em uma

³²“Hay muchas *buenas cabezas* en la universidad” (LAKOFF; JOHNSON, 2004/[1980], p. 74).

conversa aleatória e pedimos para ver uma fotografia da pessoa de quem estamos falando, obviamente o nosso interlocutor nos mostrará uma foto do rosto dessa pessoa e não uma foto da mão ou do pé, por exemplo. Pois, a imagem do rosto, em nossa sociedade, traz uma característica de legalidade da identidade da pessoa, sendo que a maioria dos nossos documentos pessoais constam a nossa foto de rosto, ou seja, o rosto (parte) não é apenas uma substituição da pessoa (todo), pois, a depender do contexto, ela traz uma gama de informações necessárias à compreensão sobre quem está sendo retratado na foto.

Ainda sobre as especificidades da metonímia enquanto elemento da cognição humana e sua importância no processo de conceptualização, Gondin e Pelosi (2013), ao revisar os estudos de Lakoff (1987), elencam a metonímia como uma das mais ricas fontes de efeito prototípico, pois o membro mais saliente de uma categoria, ou seja, o mais prototípico representa não apenas um termo pelo outro, mas também reflete uma escolha operacionalizada em nível conceitual, ou seja, ao usar o termo “Andorinha”, automaticamente, as características da categoria pássaro serão acionadas (tem penas, voa, põe ovos, tem bico etc.).

É perceptível que a metonímia enquanto efeito prototípico tem uma estreita relação com a nossa capacidade de categorizar; esta, como já discutido anteriormente, possibilita-nos organizar o nosso conhecimento em categorias e, também, estabelecer MCIs; assim, ao destacarmos um membro ou uma subcategoria, estaremos acionando metonimicamente toda a categoria com o propósito de fazer inferências ou julgamentos (LAKOFF, 1987). Pois, a metonímia, nessa perspectiva, ao destacar um item ou uma característica, por exemplo, revela seu importante papel na nossa estrutura conceitual e, conseqüentemente, no nosso processo de compreensão (AL-SHARAFI, 2004).

Há diferentes estudos³³ que colocam em evidência o papel da metonímia não apenas como um fenômeno linguístico, mas também conceitual, considerando-a enquanto um importante mecanismo cognitivo humano presente não apenas na linguagem, mas também no pensamento e na ação dos seres humanos (LITTLEMORE,

³³ Fangfang Ding (2015), Godim e Pelosi (2013) e Al-Sharafi (2004) traçam, em seus estudos, um importante panorama acerca dos estudos e desdobramentos teóricos acerca da metonímia conceitual, ao longo dos tempos, apresentado diversos aspectos e conceitos da metonímia conceitual e sua relação com a metáfora. Optamos por não discorrer sobre todas elas, mas focar nas que mais se relacionam com o objetivo do nosso estudo.

2015; DING, 2015; RADDEN; BARCELONA, 2007; AL-SHARAFI, 2004; RADDEN; KÖVECSES, 1999; LANGACKER, 1999).

Como nosso estudo em SCSHC mantém relação como a Linguística Histórica é importante estabelecer a relação entre a metáfora e metonímia conceituais, para estudar as mudanças e variações no campo do significado, considerando o contexto histórico, social e cultural em que os *corpora* estudados estão datados e localizados como, por exemplo, os estudos de Santana (2019) e Leite (2017) que investigaram, respectivamente, a conceptualização do Amor e do Trabalho, evidenciando mudanças e variações no âmbito dessas conceptualizações.

Dessa maneira, nosso estudo adotou uma postura teórica que investigou as relações existentes entre metáfora e metonímia (KÖVECSES, 2020; 2017; TEIXEIRA, 2020; SANTANA, 2019; ALMEIDA; SANTANA, 2019; LITTLEMORE, 2015; ZANOTTO, 2014, 2010; SPERANDIO, 2014; BARCELONA, 2007; RADDEN; KÖVECSES, 1999), sendo essa intercambialidade necessária à investigação que realizamos sobre a conceptualização da morte. Pois, ao realizar nosso estudo, estabelecendo a interação entre metáfora e metonímia, foi possível compreender melhor o fenômeno estudado.

Sobre a necessidade dessa tomada de decisão em relação à intercambialidade de metáfora e metonímia, Zanotto e Moura (2009) apresentam resultados de estudos de caso realizados sobre o processo de construção de sentidos, através de metonímias e metáforas, possibilitando a seguinte descoberta: “A análise da interação entre a metáfora e a metonímia mostrou que os processos metonímicos e metafóricos não constituíram diferentes leituras, mas atuaram de forma integrada nas construções das mesmas leituras” (ZANOTTO; MOURA, 2009, p. 35).

É válido ressaltar que, nesse viés investigativo acerca da relação entre metáfora e metonímia, Goossens (2003) foi precursor ao estabelecer o conceito de metaftonímia, ou seja, a interação entre metáforas e metonímias em expressões linguísticas ou, nas palavras do próprio pesquisador, “[...] eu gostaria de atribuir à metaftonímia o status de um mero termo de cobertura que deve ajudar a aumentar nossa consciência do fato de que a metáfora e a metonímia podem ser entrelaçadas”³⁴ (GOOSSENS, 2003, p. 351, tradução nossa).

³⁴“I would like to assign *metaphtonymy* the status of a mere cover term which should help to increase our awareness of the fact that metaphor and metonymy can be intertwined”. (GOOSSENS, 2003, p. 351).

O referido pesquisador desenvolveu um estudo a partir de uma base de dados britânica contemporânea, investigando três domínios: ação violenta, som e partes do corpo. Nesse estudo, ele encontrou uma interação predominante e a nomeou da seguinte forma: metáfora da metonímia, ou seja, quando a metáfora conceptual ocorre a partir de um processamento metonímico. Ao postular esses achados, Goossens (2003) estabelece que as fronteiras dos domínios são fluídas, ou seja, pode haver uma interpenetração entre metáfora e metonímia.

Kövecses (2020), ao discutir a relação entre metáfora e metonímia, defende a ideia de que o processamento metonímico desempenha importante papel no surgimento das metáforas. Assim, fica evidente a necessidade dessa relação metáfora/metonímia para uma compreensão mais ampla do fenômeno que se estuda, pois, em determinadas expressões linguísticas, a metáfora conceptual só será identificada através do processo metonímico. Para exemplificar, vejamos os versos da música *Canto para minha morte* interpretada por Raul Seixas:

Vou te encontrar *vestida de cetim*
 Pois em qualquer lugar *esperas só por mim*
 E no *teu beijo* provar o gosto estranho
 Que eu quero e não desejo, mas tenho que encontrar
 Vem, mas demore a chegar
 Eu te detesto e amo morte, morte, morte
 Que talvez seja o segredo desta vida
 Morte, morte, morte que talvez seja o segredo desta vida.
 (SEIXAS; COELHO, 1976, *grifos nossos*).

No trecho da música, *Canto para minha morte*, temos vários exemplos que acionam metonímias; estas dão suporte às metáforas conceptuais MORTE É ORGANISMO VIVO e MORTE É EVENTO, por exemplo. Pois, a partir do verso “*E no teu beijo provar o gosto estranho*”, é possível estabelecer a seguinte relação: beijo aciona a ação de beijar; esta necessita da boca que está situada no rosto humano, acionando a contiguidade parte/todo. Dessa maneira, a morte é conceptualizada como um organismo vivo/ser humano. Além do mais, são os seres humanos que têm a experiência de se beijar. Há também no verso “*provar o gosto estranho*” que se refere ao sabor do beijo da morte, estabelecendo mais uma relação metonímica: característica pelo ato de beijar.

Ao que se refere à metáfora MORTE É EVENTO, podemos retomar o efeito prototípico da metonímia (LAKOFF, 1987; RADDEN; KÖVECSES, 1999) discutido

também por Godim e Pelosi (2013), pois os itens léxicos “encontrar” e “lugar” bem como as expressões linguísticas “esperas só por mim e demore a chegar” acionam um elemento prototípico, encontro, de uma categoria, ou seja, Evento. Sendo que nesse caso se trata do encontro entre o ser humano e a morte.

Para Paiva (2010), as expressões metonímicas se constituem enquanto elementos essenciais na produção de sentidos, pois elas evocam cenas através de elementos ou atributos que interagem dentro de uma mesma cena, ou seja, a depender do zoom, como numa câmera, focamos, através das metonímias, em determinados aspectos. No trecho da canção, por exemplo, focamos na boca, no sabor do beijo, na caracterização (vestida de cetim). Pois:

[...] na significação metonímica há quatro processos: (1) a denominação através da escolha de um referente; (2) um processo de abstração da relação de contiguidade entre os referentes; (3) a compreensão dessas relações; e (4) a conclusão do processo metonímico chamando algo de um nome que não é seu nome comum, mas com o qual está associado. (PAIVA, 2010, p.09).

Sendo assim, conforme os pressupostos de Paiva (2011, 2010), Almeida e Santana (2019) e Sperandio (2014), em nosso estudo de SCSHC, tomamos a metonímia conceptual, também, enquanto um elemento fractal³⁵ da linguagem, pois, se em toda metáfora conceptual serão projetadas parte do domínio fonte no domínio alvo, é perceptível a relação de contiguidade parte/todo. E, para além dessa projeção:

Em todo processamento metafórico, temos encaixado um processamento metonímico, pois quando domínios conceituais são integrados, não há, necessariamente, uma integração entre todos os elementos dos domínios fonte e alvo, mas sim de elementos mapeados dentro de cada domínio. (PAIVA, 2010, p. 13).

Dessa maneira, ao articular a integração de elementos que são mapeados dentro de cada domínio e a função prototípica da metonímia, em relação às categorias, é

³⁵O conceito de fractal, segundo seu criador – o matemático da IBM Mandelbrot – foi apresentado, inicialmente, em dois artigos na década de 70 e a ideia foi consolidada em seu livro *A geometria fractal*, em 1977. Ele inicia o livro usando duas metáforas – “fria” e “seca” – para descrever a geometria tradicional. Ele justifica essas metáforas pela incapacidade de a geometria euclidiana “descrever as formas das nuvens, da montanha, da costa terrestre e mesmo de uma árvore. As nuvens não são esferas, as montanhas não são cones, as linhas costeiras não são círculos, a casca não é lisa, e nem a luz viaja em linha reta”, dizia Mandelbrot (1977, p. 1)”. (PAIVA, 2010, p. 54, grifos e aspas do original).

possível evidenciar essa função fractal da metonímia, como ilustrado na figura a seguir:

Figura 10: Metonímia enquanto um fractal da linguagem



Fonte: elaboração nossa

Com base na figura acima, em que retomamos novamente o trecho da canção *Canto pra minha morte*, a expressão linguística “*Com que rosto ela virá*” nos possibilita identificar o elemento (rosto) que configura o complexo fractal da metonímia ou, como pontuam Paiva (2011, 2010) e Sperandio (2014), a metonímia como compressão fractal “onde o todo situa-se na parte, que descompactada, a partir de um processamento hipertextual³⁶ integra-se ao todo novamente” (SPERANDIO, 2014, p. 57). Dessa maneira, ao fazermos a relação hipertextual da expressão linguística com as questões culturais em torno da morte, em nossa sociedade, e com gênero textual canção que preza por uma escrita em verso, mais econômica, é possível inferir, a partir do item léxico “rosto” e a ação de beijar, a morte enquanto um organismo vivo e, mais especificamente, com características do ser humano, não só físicas (ter um rosto), mas também culturais (praticar a ação de beijar). Assim, a metonímia, ao destacar um elemento saliente do conceito ao qual se refere, estabelece uma forma de compressão do sentido, trazendo o todo para a parte; esta também está contida no todo.

³⁶ “[...] hipertexto deve ser entendido como um mecanismo cognitivo e enunciativo e não apenas como um mecanismo de textualização dos textos eletrônicos, mas uma evidência de um processo cognitivo” (PAIVA, 2011, p.08).

Dessa maneira, nosso estudo, a partir dos dados encontrados nos textos que compuseram o nosso *corpus* de pesquisa, prezou por estudar as metonímias conceituais mapeadas sob a ótica da metonímia enquanto efeito prototípico e, também, como elemento fractal da linguagem.

Tecidas nossas discussões sobre a metonímia conceptual, passamos a discutir os caminhos metodológicos traçados para a realização da nossa pesquisa.

3 METODOLOGIA

Realizar uma pesquisa pertinente e que tenha seu valor científico reconhecido, no âmbito acadêmico, requer do pesquisador uma série de tomadas de atitudes. Uma delas é a metodologia adotada para o desenvolvimento do seu trabalho. No entanto, escolher a metodologia adequada não é uma tarefa fácil, pois sempre paira a dúvida se a abordagem escolhida dará conta de alcançar o objetivo proposto pelo pesquisador. Diante disso, traçamos aqui algumas discussões em torno da metodologia adotada na realização desta Tese.

Para Serrano (2011), o método adotado em uma pesquisa tem a missão de nos guiar pelos caminhos que traçaremos, no desenvolvimento do estudo empreendido, estabelecendo os procedimentos para superar o embaraço em relação ao problema de pesquisa, como também validar os procedimentos que contêm com o reconhecimento da ciência. Pois, o método “não é apenas um recurso, um aliado provisório, uma solução parcial, uma forma de sair do impasse. Ele exerce uma primazia transversal sobre toda a pesquisa [...] e é indispensável para que se possa colher resultados aceitáveis pela comunidade científica. (SERRANO, 2011, p. 102).

A metodologia de um trabalho científico, neste caso da Tese, abarca um conjunto de ações e procedimentos adotados pelo pesquisador, para alcançar os objetivos do seu trabalho. Para Gil (2002, p. 17), a metodologia “desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados”. Diante disso, fica evidente a necessidade de um trabalho de pesquisa bem planejado para que se alcance resultados plausíveis e satisfatórios.

Conforme Demo (1985), é necessária a reflexão acerca da metodologia adotada em um trabalho científico, pois, se queremos fazer ciência, é essencial deixarmos em evidência quais caminhos foram planejados e percorridos na construção do saber científico que queremos alcançar com o nosso estudo.

Diante disso, apresentamos, nessa seção, um panorama da metodologia adotada para o desenvolvimento desta Tese. Primeiro, discutimos sobre os caminhos metodológicos em Linguística Cognitiva; segundo, discutimos sobre a abordagem da pesquisa qualitativa, seguida de discussões acerca dos tipos de pesquisa, como também dos procedimentos metodológicos de composição, descrição, estudo e interpretação do *corpus* da pesquisa que realizamos.

3.1 Caminhos metodológicos em Linguística Cognitiva

Definir uma metodologia, como dito anteriormente, não é uma tarefa fácil, particularmente, no campo da LC, pois se trata de uma área nova e multifacetada, abrangendo diversas perspectivas teóricas e metodológicas. Por isso, abordamos, nesta subseção, um breve panorama dos caminhos metodológicos em LC.

Embora uma das obras seminais da LC, *Metaphors we live by*, de Lakoff e Johnson (1980) aborde a metáfora enquanto um elemento da cognição humana e fator primário da operação mental (VLADIMIROVICH et al., 2015), não formula uma metodologia específica para coleta e análises de dados nos estudos acerca da metáfora conceptual e tampouco da metonímia conceptual. Os referidos autores apenas apresentam as expressões metafóricas e metáforas presentes nos discursos, mas não demonstram o procedimento metodológico usado para encontrá-las, deixando a critério de cada pesquisador escolher a metodologia a ser seguida (SANTANA, 2009).

Não só Lakoff e Johnson (1980) como também outros autores da LC não deixam em evidência os processos metodológicos, para composição e estudo de *corpus*. Segundo Santana (2019, p. 67):

Outros importantes teóricos, fundadores da LC, como Fauconnier (1999) e Talmy (2007), não apresentam uma metodologia específica; em seus estudos, parecem aderir, em sua maioria, ao método da introspecção e, também, à intuição, na seleção e interpretação dos fenômenos linguísticos. Ao falar das questões metodológicas na pesquisa, tanto um quanto o outro afirmam que a metodologia em LC é uma questão de escolha do pesquisador, como também discutem a necessidade de definição de um procedimento para identificar metáforas. Outros, ainda, aliam a introspecção à Linguística de Corpus, a exemplo de Geeraerts (2006) que afirma que a Linguística, de modo geral, e, em particular, a LC, necessita de uma revolução empírica. (SANTANA, 2019, p. 67).

A partir do pensamento de Santana (2019), é perceptível o quanto as pesquisas em LC variam em seus aspectos metodológicos, deixando ao pesquisador o encargo de escolher o melhor caminho que o ajude a alcançar o objetivo pretendido com seu estudo. No entanto, isso não significa que a pesquisa deve ser realizada de qualquer forma, ou seja, sem o devido rigor metodológico.

No tocante aos procedimentos metodológicos empregados em uma pesquisa em LC, Fauconnier (1999) afirma ser necessário que esses métodos de análise se

estendam aos aspectos contextuais do uso da linguagem, ou seja, é necessário, dentre outros aspectos, que a linguagem em uso seja um dos caminhos para coleta dos dados a serem estudados. Pois, ao utilizar dados de linguagem em uso e contextualizados, o pesquisador terá mais informações e dados sobre o fenômeno que está investigando.

É evidente que estudiosos da LC prezam que o *corpus* de análise abarque a linguagem em uso³⁷, pois, dessa forma, o trabalho abrange uma parcela de textos resultantes das mais diversas experiências dos sujeitos como, por exemplo, artigos científicos, textos jornalísticos, charges, memes, crônicas, contos, poesias, entre tantos outros gêneros textuais que fazem parte do cotidiano das pessoas e muito têm a dizer sobre a relação entre sujeito, linguagem, história, cultura, política, ideologias etc. (SANTANA, 2019; LEITE, 2017; ZANOTTO, 2014; HERRMANN, 2013; SARDINHA, 2007; FOUCONNIER, 1999; BARCELONA, 1997).

Para Leite e Espíndola (2014), a diversidade metodológica em LC se deve ao fato dos mais diversos interesses de pesquisas em linguagem e cognição. Essas pesquisas adotam desde o método indutivo até os métodos empíricos e técnicas da neurociência, como também o fato de esses estudos estarem pautados na interdisciplinaridade, para ratificar a corporeidade e experiencialismo abordado pela teoria da LC.

Santana (2019), ao revisitar os estudos de Talmy (2007) e Gibbs (2005), traz à baila que uma das principais técnicas utilizadas na LC é a introspecção, no entanto, essa técnica têm suas limitações. Ainda em Santana (2019), assim como em Leite (2017), outra preocupação metodológica é a questão de que ainda há pouca bibliografia publicada a respeito de questões metodológicas em LC, principalmente, no que concerne à identificação de metáforas e metonímias nos *corpora* utilizados nas pesquisas.

Dada a questão da diversidade metodológica em LC, como também a pouca produção bibliográfica sobre métodos de coletas e análises de metáforas e metonímias conceptuais, há alguns estudos que têm buscado responder a essas demandas como, por exemplo, a edição da *Revista Signo* (2014), vol. 39, Nº.67. Nessa edição,

³⁷ O estudo da linguagem em uso é absolutamente necessário, pois há palavras e frases cuja interpretação só pode ocorrer na situação concreta de fala. (FIORIN, 2003). Desta forma os estudos em LC prezam pelo uso de corpus que abrangem a linguagem em uso, principalmente quando se trata de um estudo sobre o processo de significação, pois apenas o conhecimento do sistema linguístico não nos permitirá mapear todos os elementos envolvidos na construção de um determinado significado.

há um compilado de artigos que versam sobre metodologias e técnicas de pesquisa em Linguística Cognitiva, pois, segundo os organizadores da revista:

Essa diversidade carece da devida catalogação que resulte não apenas no reconhecimento da afiliação teórica e metodológica dos trabalhos em Linguística Cognitiva, mas também na constatação de que a interdisciplinaridade das pesquisas em cognição não prescinde da adoção de métodos científicos confiáveis e verificáveis. (LEITE; ESPÍNDOLA, 2014, p. 01).

E, ao catalogar esses procedimentos de identificação e análise, é possível mapear alguns dos procedimentos mais adotados nesses estudos, como é o caso do Pensar alto em grupo baseado no Protocolo verbal³⁸, adotado por Zanotto (2015, 2014, 1995), para investigar o processo de leituras de metáforas em textos literários. Esse Pensar alto em grupo foi associado a entrevistas com um viés interpretativista. Pois:

Assim, admitindo-se que o processo de compreensão da metáfora é complexo e multifacetado, é necessário que o pesquisador recorra a diferentes metodologias para obter dados das suas diferentes dimensões, por exemplo, os experimentos podem ser mais adequados para capturar os processos inconscientes, enquanto os métodos introspectivos, para acessar os processos conscientes. Desse modo, cada método pode contar melhor uma história. (ZANOTTO, 2014, p. 8).

Conforme Zanotto (2014), devemos considerar que o processo de identificação de metáforas não é homogêneo e, por isso, diversas abordagens metodológicas são utilizadas. Cada pesquisador, a depender do seu interesse e objetivo de pesquisa, traçará o seu caminho de identificação e análise de metáforas e metonímias conceituais.

Em relação aos estudos empíricos da literatura sob a ótica cognitivista, Steen (1992) utilizou o Protocolo verbal com o Pensar alto, para compreender a metáfora no texto literário. Zanotto (1995, 2014), em seu estudo *Metáfora, cognição e ensino de*

³⁸ “Protocolo verbal é a gravação dos processos de pensamento verbalizados (ou elicitados) por uma pessoa pensando alto durante a realização de uma tarefa ou resolução de um problema. Os dados produzidos por essa técnica podem contribuir para investigar os processos cognitivos subjacentes. Sua origem remonta ao séc. XIX, quando foi introduzido por William James (1890), na pesquisa qualitativa em psicologia, com a publicação do livro *The principles of psychology*, no qual o autor relatava o que as pessoas diziam sobre o próprio pensamento”. (ZANOTTO, 2014, p.0 6).

leitura, também, se pauta nessa mesma abordagem para o desenvolvimento de seus estudos.

Herrmann (2013), em *Metaphor in academic discourse: Linguistic forms, conceptual structures, communicative functions and cognitive representations*, segue o método adotado por Steen (1992) e Cameron (1999), ou seja, o protocolo verbal. Mas aponta a necessidade de atenção ao utilizar os métodos dedutivo e indutivo na identificação das metáforas. Pois, ao optarmos por um determinado método, devemos considerar que, se por um lado, o método indutivo nos possibilita identificar a metáfora linguística, ele pode nos conduzir a um somatório de evidência linguística com a realização de uma metáfora específica, o que pode colaborar na invenção de exemplos. E isso gera críticas à teoria. Por outro lado, o método indutivo, na visão da autora, tem suas limitações, sendo necessário delimitar os critérios de definição e identificação da metáfora, para não correr o risco de produzir evidências inválidas.

É perceptível, a partir da abordagem dos trabalhos que seguem a linha do Protocolo Verbal e do Pensar alto, a preocupação no processo de identificação e análise das metáforas seja no discurso acadêmico ou no texto literário. Há também o reconhecimento das limitações que cada abordagem metodológica apresenta. E isso é peculiar ao fazer científico, pois nenhuma teoria ou metodologia dará conta de tudo.

Outro caminho adotado por alguns pesquisadores da LC, a exemplo de Sardinha (2007) e Silva (2008), é a associação com os estudos da Linguística de Corpus³⁹; esta parte da observação da frequência e da associação de palavras. Isso é feito a partir de programas de computador. A investigação de Sardinha (2007), por exemplo, em que mapeou as metáforas de Lula e Alckmin nos debates de 2006, seguiu esses protocolos, com a coleta e processamento dos debates dos candidatos e, logo em seguida, “o corpus foi processado por uma série de scripts em Unix Shell, desenvolvidos pelo autor, a fim de transformar os arquivos em formato de texto simples (.txt), extrair as falas dos dois candidatos e salvá-las em arquivos separados” (SARDINHA, 2007, p. 147).

³⁹ “A Linguística de Corpus é uma área que investiga a língua em uso, tanto escrita quanto falada, registrada em formato de arquivo de computador. Um corpus é uma coletânea de textos ou transcrições de fala coletados criteriosamente para a pesquisa linguística e salvos em formato eletrônico. O fato de os dados estarem inscritos em formato eletrônico suscita outra característica chave da Linguística de Corpus: o emprego de computadores para a análise dos dados”. (SARDINHA, 2007, p. 145).

Ainda nesse viés, no estudo intitulado *Integrando a variação social e métodos quantitativos na investigação sobre linguagem e cognição: para uma sociolinguística cognitiva do português europeu e brasileiro*, Silva (2008) também parte da permissa da Linguística de Corpus para coletar e analisar seus dados, levando em consideração uma abordagem quantitativa, na pesquisa realizada, dando ênfase à quantificação dos dados encontrados que, no caso do referido trabalho, buscou estabelecer uma sociolinguística cognitiva entre o português europeu e o português brasileiro.

Diante das vertentes e pesquisas apresentadas sobre os diversos caminhos metodológicos qualitativos e quantitativos das pesquisas em LC, adotamos, para o desenvolvimento do nosso trabalho, a metodologia qualitativa, pautada na introspecção⁴⁰. Dessa maneira, além de qualitativa, a pesquisa aqui realizada possui cunho descritivo, explicativo e interpretativo, bibliográfico e documental, conforme explicaremos na próxima subseção. A abordagem de caráter qualitativo foi empregada desde a seleção das ocorrências das expressões metafóricas, metáforas e metonímias conceptuais encontradas no *corpus*, como também na descrição e interpretação dessas ocorrências que instanciaram a conceptualização da morte em decorrência de HIV/AIDS, no contexto da epidemia de HIV/AIDS, no Brasil.

3.2 A pesquisa qualitativa em Semântica Cognitiva Sócio-Histórica-Cultural

A pesquisa qualitativa, segundo Chizzotti (2003), representa, hoje, um campo transdisciplinar que envolve as Ciências Humanas e Sociais, derivando-se das ideias do Positivismo, da Fenomenologia, da Hermenêutica, do Marxismo, da Teoria Crítica e do Construtivismo. Ela adota, em seu desenvolvimento, os mais diversos métodos de investigação para estudar um determinado fenômeno situado em um local, para entender seu sentido, como também interpretar os sentidos que as pessoas dão a esse fenômeno.

⁴⁰ “Optamos por utilizar o método da introspecção, por ser uma decisão metodológica assumida pelo grupo do qual fazemos parte, o GESCOG (Grupo de Pesquisa em Semântica Cognitiva), vinculado ao PROHPOR (Programa para a História da Língua Portuguesa). Além disso, entendemos que o uso de ferramentas computacionais tem melhor aplicação quando a pesquisa possui abordagem quantitativa, o que não foi o nosso caso”. (SANTANA, 2019, p. 70).

Denzin e Lincoln (2006, p. 16), ao desenvolver seus estudos em torno da pesquisa qualitativa, afirmam haver uma gama de informações e conceitos como “as tradições associadas ao fundacionalismo, ao positivismo, ao pós-fundacionalismo, ao pós-positivismo, ao pós-estruturalismo e às diversas perspectivas e/ou métodos de pesquisa qualitativa relacionados aos estudos culturais e interpretativos”.

Partindo dessas definições, fica evidente a possibilidade de se traçarem metas e caminhos para o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa, principalmente, no que tange à posição do pesquisador e do fato pesquisado, em um determinado espaço e em um tempo. E, no que se refere à interpretação, é necessário levar em consideração o fenômeno estudado enquanto um fato localizado em um contexto social, histórico e cultural, como também considerar as pessoas que estão envolvidas com o fenômeno estudado.

Outra importante característica da pesquisa qualitativa é o fato de ela, conforme Denzin e Lincoln (2006, p. 17), promover “um obscurecimento da linha que divide o texto do contexto”. E isso tem a ver com a nossa investigação em SCSHC? Sim, pois o nosso propósito de estudo é justamente vencer essas barreiras, articulando os textos que compõem o nosso *corpus* ao contexto em que eles estão datados e localizados, como também considerar as histórias dos conceptualizadores escreventes desses textos. Além do mais, como nossa pesquisa é qualitativa e de cunho interpretativista, é necessário que, antes de compreender o texto em análise, investiguemos o encadeamento histórico que une o texto à história, ou seja, o texto e seu contexto (RICOUER, 2013).

Ao adotarmos essa postura, ratificamos o propósito das pesquisas em SCSHC em vencer dicotomias ainda existentes no hall das pesquisas da linguística moderna. Corroboramos com pensamento de Mattos e Silva (2004) sobre a necessidade de levar em consideração as histórias dos escreventes da língua que estamos estudando, pois, segundo ela, muito tem se falado sobre a língua, mas pouco sobre quem a fala e quais as contribuições desses sujeitos falantes/escreventes no processo de variação e mudança de uma língua e, no caso da nossa pesquisa, no processo de conceptualização.

Como nosso objetivo foi investigar as conceptualizações da morte, em textos literários e da área de medicina, foi preciso considerar mais que as expressões metafóricas que encontramos no *corpus*, sendo que essas expressões estão articuladas a pessoas que lidam/lidaram com sujeitos com a doença, ou até mesmo sujeito que

estava com HIV/AIDS e, além do mais, essas pessoas estão ligadas a determinados contextos sociais, políticos e ideológicos, fatores essenciais à compreensão do processo de conceptualização da morte.

A pesquisa qualitativa ressalta a natureza socialmente construída da realidade. Pois, ao conceptualizar um determinado fenômeno, o ser humano aciona as suas experiências; estas estão ligadas às suas percepções sensório-motoras, culturais, políticas e ideológicas. A realidade desse ser que conceptualiza não é dada estaticamente, ela é construída a partir das múltiplas relações que esse sujeito tem com o mundo que constrói e no qual está inserido.

Dessa forma, ao adotarmos uma pesquisa de caráter qualitativo, assumimos uma postura interpretativista que, segundo Zanotto (2014, p. 12): É um “paradigma que focaliza um pensamento construído na interação com o outro, num contexto social”. Esse interpretativismo tem origem na Hermenêutica⁴¹, principalmente, a partir das reflexões do filósofo alemão, Dilthey⁴², que, no Século XIX, buscou diferenciar os métodos de pesquisa em ciências naturais e ciências humanas, argumentando que os métodos de pesquisa em ciências humanas deveriam ser hermenêuticos ou interpretativistas, pois seu objetivo é descobrir e comunicar as perspectivas de interpretação do povo estudado (ZANOTTO, 2014).

Ainda segundo Zanotto (2014), ao revisitar os estudos de Malinovski, é possível afirmar que os estudos dele deram grande contribuição às pesquisas interpretativistas, pois:

- a) preocupa-se em conhecer a interpretação do mundo social pelos participantes; b) baseia-se em métodos de geração de dados que são flexíveis e sensíveis ao contexto social em que os dados são produzidos, ou seja, é *naturalística* (porque estuda o fenômeno no seu contexto natural); c) adota uma visão holística dos fenômenos, pois considera todos os componentes do contexto, em suas interações e influências recíprocas; d) leva em conta os processos de intersubjetividade entre os participantes e o pesquisador. (ZANOTTO, 2014, p. 14, grifos do original).

⁴¹ A Hermenêutica, segundo Schmidt (2014), está relacionada às teorias de interpretação de textos. Ricouer (2013) define a hermenêutica como a teoria das operações da compreensão em sua relação com a interpretação dos textos.

⁴² “Wilhelm Dilthey (1833-1911) conhece a hermenêutica a partir do seu estudo cuidadoso de Schleiermacher. Entretanto, seu projeto central é formular uma metodologia única para as ciências humanas, pois ele acredita que o método das ciências naturais não é apropriado para as ciências humanas. Ele afirma que a compreensão é o método para as ciências humanas, enquanto a explicação causal pertence às ciências naturais”. (SCHMIDT, 2014, p. 19-20).

Com base no pensamento de Zanotto (2014), ratificamos a inserção do nosso estudo numa perspectiva interpretativista, pois, no desenvolvimento desse estudo em SCSHC, mapeamos o contexto social, histórico e cultural em que os textos literários e os artigos científicos da área de medicina foram produzidos, como também foram considerados os conceptualizadores escreventes, quem são eles, de onde falam e como falam.

Para uma maior compreensão acerca de como têm sido construídas as abordagens metodológicas qualitativas em pesquisas na área da LC, buscamos alguns trabalhos, no banco de teses e dissertações, utilizando o buscador do Google⁴³, para observarmos como a metodologia foi tratada neles e, a partir deles, definir melhor os caminhos a serem seguidos no nosso estudo. Foram escolhidos quatro trabalhos, duas teses e duas dissertações desenvolvidas entre os anos de 2010 a 2019.

Os trabalhos escolhidos estão intitulados da seguinte forma: *Estudo sócio-histórico-cognitivo das conceptualizações e categorizações do amor em cartas dos séculos XIX e XX* (SANTANA, 2019); *Metáforas digitais do cotidiano* (NOVAIS, 2018); *Metáforas conceptuais em reportagens com tema sobre AIDS* (MENDES, 2012); *Metáforas conceptuais de tempo, vida e morte na construção colaborativa das leituras de um texto literário* (VILAS BOAS, 2010).

A tese de Santana (2019) apresenta uma abordagem metodológica definida e estruturada. No referido estudo, há uma preocupação da pesquisadora em deixar claro aos seus leitores todos os aspectos que envolveram o desenvolvimento do trabalho como, por exemplo, a definição dos conceitos de pesquisa adotados no estudo, as dificuldades de se compor o *corpus* de pesquisa, como também todos os procedimentos de análises dos *corpora* estudados.

O trabalho empreendido por Novais (2018) demonstra uma preocupação em deixar claro para o seu leitor como se deu o processo de realização da pesquisa, abordando o conceito de pesquisa qualitativa. Evidencia os procedimentos e critérios usados na composição do *corpus* e, também, as dificuldades encontradas na composição. No entanto, há uma ausência dos procedimentos adotados para o estudo e interpretação do *corpus* levantado.

⁴³ Ao acessar o buscador do Google, digitamos os termos conceptualização, metáfora, Semântica Cognitiva

A pesquisa de Mendes (2012) expõe de forma conjunta a análise dos resultados juntamente com o percurso metodológico; este foi descrito de forma bem sucinta e não caracteriza o tipo de pesquisa que foi desenvolvido. No entanto, deixa evidente o método utilizado para a composição do *corpus* e a perspectiva adotada no processo de análise das ocorrências. Nesse trabalho, ainda, é perceptível algumas lacunas em relação ao desenho metodológico adotado para a realização da pesquisa.

A dissertação de Vilas Boas (2010) descreve, de forma detalhada, a sua metodologia, com conceitos abrangentes. Fica claro e evidente o processo metodológico adotado pela autora no desenvolvimento de seu estudo: o conceito de paradigma qualitativo, o uso da técnica do Pensar alto para a coleta de dados, como também demonstra passo a passo de como o trabalho foi desenvolvido.

Com a análise dos trabalhos antes citados, fica em evidência que, embora alguns trabalhos como o de Santana (2019), Novais (2018) e Vilas Boas (2011) apresentem uma metodologia bem estruturada, ainda é necessário nos debruçarmos sobre as questões metodológicas em nossas pesquisas. Esses trabalhos contribuíram de maneira significativa para o desenvolvimento da pesquisa que realizamos, principalmente no que concerne ao modo de tratamento do *corpus* e, especialmente, o trabalho de Santana (2019) ao nos nortear quanto ao uso da Teoria da Saturação Teórica, para melhor delimitar o tamanho das amostras a serem estudadas.

A metodologia se configura como um importante instrumento da realização de uma investigação científica. E, além do mais, ela serve não apenas para deixar claro para o nosso leitor como o trabalho foi desenvolvido, como também servir de base caso alguém queira replicar nosso estudo.

Diante do exposto, em nossa Tese, foi adotada a abordagem qualitativa, pois suas características são, essencialmente, interpretativas, buscamos compreender as expressões metafóricas mapeadas, sendo nosso foco primordial a interpretação das ocorrências encontradas, articulando-as ao contexto que estão interligadas, pois o nosso interesse não se voltou para a quantidade de expressões, mas para os fatores que estão interligados a essas expressões e como eles nos ajudam a compreender a conceptualização da morte, no cenário epidêmico de HIV/AIDS, no Brasil.

Depois de explanarmos sobre os aspectos e particularidades da abordagem qualitativa nas investigações científicas em SCSHC, passamos a discutir sobre os tipos de pesquisa adotados no desenvolvimento do nosso trabalho.

3.2.1. Os tipos de pesquisa

Ao retomar o nosso objetivo de pesquisa que é investigar como a morte é conceptualizada, em textos literários e da área de medicina, em parte do período da epidemia de HIV/AIDS, no Brasil, podemos conceituar nossa pesquisa como descritiva e explicativa. Para Santana (2019, p. 75), “a descrição é uma das características da abordagem qualitativa, que inclui a exposição, em detalhes, das ocorrências e do contexto em que estão inseridas para, em seguida, serem interpretadas”.

A pesquisa descritiva requer do pesquisador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Pois, esse tipo de estudo descreve os fatos e os fenômenos de uma determinada realidade (MARCONI; LAKATOS, 2003). No caso da pesquisa aqui empreendida, buscamos descrever quais fatos estão interligados ao fenômeno da conceptualização da morte.

Dessa forma, para atingirmos o nosso objetivo, descrevemos como se estruturaram as metáforas com seus níveis hierárquicos (Esquemas de imagem, Domínio Matriz, *Frames* e Espaços mentais) e as relações entre metonímia e metáfora concernentes ao conceito de morte, buscando estabelecer relação com o contexto histórico, social e cultural que envolve o período da epidemia de HIV/AIDS, no Brasil, entre os anos de 1980 a 2000. Pois, tomando por exemplo a metáfora MORTE É ESCURIDÃO, quais elementos da cultura e da história são acionados para compreendermos a morte em termos de escuridão? O cunho descritivista colabora no entendimento dessa e outras questões que nortearam o desenvolvimento da nossa pesquisa.

Além de descritiva, nosso estudo é, também, explicativo, pois buscamos identificar quais fatores determinam ou contribuem para a ocorrência do fenômeno que estamos investigando. Conforme Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa explicativa pode ser a continuação de uma pesquisa descritiva, pois “a identificação de fatores que determinam um fenômeno exige que este seja suficientemente descrito e detalhado” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 35).

Para Gil (2002, p. 41), a pesquisa explicativa “é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas”. Dessa forma, ao adotar também a perspectiva explicativa, interessa-nos não apenas descrever o fenômeno, mas principalmente a razão de ele acontecer, quais são suas características e peculiaridades.

Com base nesse breve apanhado, as abordagens descritivista e explicativa foram aplicadas ao nosso trabalho, pois o intuito foi trazer à baila não só a descrição dos fatores e fenômenos relacionados à conceptualização da morte, mas explicar o como e o porquê desse fenômeno. São iguais ou diferentes quando presentes em textos literários ou da área da medicina? Quais aspectos cognitivos, sociais, históricos e culturais estão envolvidos nesses processos de significação? Tudo isso, levando em consideração o período que esta pesquisa abarca.

No que concerne aos procedimentos adotados para a coleta do material para a composição do *corpus* analisado, a nossa pesquisa é documental e bibliográfica. Embora elas trilhem caminhos parecidos (FONSECA, 2002), ambas têm suas peculiaridades e características bem definidas as quais sintetizamos a seguir.

Embora ainda seja pouco explorada tanto no campo da educação, quanto em outros estudos das ciências sociais, a pesquisa documental se constitui em uma valiosa técnica para abordar e compreender os dados, em uma pesquisa qualitativa, buscando informações factuais nos documentos “seja complementando as informações de outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 38).

Gil (2008) também define que a pesquisa documental se assemelha à pesquisa bibliográfica, todavia, estabelece a diferença entre elas. E essa diferença está pautada na natureza das fontes usadas por cada uma delas. Enquanto uma pesquisa de cunho bibliográfico se utiliza das mais diversas contribuições de diferentes autores sobre um determinado tema, a pesquisa documental se baseia em materiais que ainda não receberam um tratamento analítico e que ainda podem ser reelaborados conforme o objetivo da investigação empírica.

A pesquisa documental tem sua fonte de dados restrita a documentos escritos ou não; estes podem ser primários ou secundários (de forma contemporânea ou retrospectiva). Conforme Marconi e Lakatos (2003), os primários contemporâneos, por exemplo, são aqueles compilados, na ocasião, pelo próprio autor como, por exemplo cartas, documentos de arquivos privados, crônicas, contos etc.; os primários retrospectivos são compilados, após o acontecimento, pelo autor, a exemplo de diários, autobiografias etc. Já os documentos secundários tanto os de caráter contemporâneo quanto os de caráter retrospectivo são transcritos das fontes primárias, por exemplo; nossa pesquisa utiliza, no que concerne ao campo literário, livros de contos, ou seja, nosso estudo é, também, documental.

Além do mais, a pesquisa documental nos permitiu acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do fato social. Pois, a partir da análise do documento, “pode-se operar um corte longitudinal que favorece a observação do processo de maturação ou de evolução dos indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, etc., bem como o de sua gênese até os nossos dias” (CELLARD, 2008, p. 295).

Já a pesquisa bibliográfica “tem como principal finalidade proporcionar aos pesquisadores o contato direto com obras, artigos ou documentos que tratem do tema em estudo. Nesse tipo de pesquisa, é fundamental a contribuição de diferentes autores sobre o assunto” (SANTANA, 2019, 76). Ou seja, é um tipo de pesquisa que recorre a fontes científicas sobre um determinado tema e essas fontes têm respaldo no campo científico. Geralmente, são encontradas em livros de pesquisa científica, periódicos, banco de teses e dissertações, repositórios de sites de universidades.

Ademais, a pesquisa bibliográfica, por toda produção bibliográfica já tornada pública, tem por finalidade “colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre um determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos de alguma forma, quer publicadas, quer gravadas” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 182).

Dessa maneira, nossa pesquisa abrangeu as técnicas documental e bibliográfica na composição do *corpus*, a partir da utilização de textos literários publicados em livros de contos e artigos científicos recolhidos de periódicos nacionais, conforme explicaremos na seção seguinte.

A pesquisa bibliográfica, nesta Tese, também foi utilizada para a construção do aparato teórico que embasou o nosso trabalho. Buscamos traçar um apanhado de estudos e pesquisas sobre a Linguística/Semântica Cognitiva, os desdobramentos da Semântica Cognitiva Sócio-Histórica-Cultural, a Teoria da Metáfora e da Metonímia Conceptuais, a visão multinível da metáfora conceptual, metodologia científica. Buscamos também trabalhos de outras áreas, História, Sociologia, Antropologia, Matemática Fractal e Ciências da Saúde para a realização de uma pesquisa interdisciplinar, pois as investigações em SCSHC, como já pontuado anteriormente, desenvolvem-se sob a ótica da interdisciplinaridade.

Dito isso, a seguir, tecemos considerações sobre o nosso *corpus* de pesquisa.

3.3 Constituição e estudo do *corpus* em Semântica Cognitiva Sócio-Histórica-Cultural: desafios e perspectivas

Construir um *corpus* de pesquisa, numa perspectiva histórica, na maioria das vezes, torna-se uma tarefa desafiadora devido à escassez de material que nos sirvam de base para a investigação pretendida. Conforme Almeida (2020), ao realizarmos um trabalho, na perspectiva da Linguística Histórica, colocamo-nos diante de incertezas, e, também, de ausências e silenciamentos. Isso impacta diretamente na composição da amostra que será utilizada para o desenvolvimento do estudo empreendido. Isso ocorre também ao desenvolvermos estudos em SCSHC.

Realizar um trabalho em SCSHC, na vertente histórica, é fazer uso da máxima de Labov (1972, p. 20) “a arte de fazer o melhor uso dos maus dados”. Isso poderia ser questionado em nosso trabalho, já que ele faz um recorte temporal dos anos 1980 aos anos 2000, e esse período, de certa forma, pode ser considerado como uma temporalidade atual. Mas, mesmo assim encontramos dificuldade na composição da amostra que nos possibilitasse atingir o objetivo pretendido.

Isso se deve ao fato de, conforme Mattos e Silva (2008), ao olharmos para o passado, na intenção de desenvolver uma pesquisa, buscar “ouvir o inaudível”. Esse ouvir o inaudível, na nossa visão, significa as limitações e silenciamentos que encontramos na composição da nossa amostra. No caso do nosso estudo, deparamo-nos com as seguintes dificuldades: no que concerne ao campo literário⁴⁴, considerando o gênero textual escolhido, conto, encontramos apenas um autor com uma produção mais ampla sobre a morte no contexto da epidemia de HIV/AIDS, no Brasil; em relação ao âmbito da medicina⁴⁵, identificamos várias(os) autoras(es) que produziram artigos

⁴⁴ A literatura, enquanto um artefato cultural, reflete o contexto social em que está inserida e se nutre dos temas do momento. Dessa forma, a abordagem do tema da morte no período da epidemia de HIV/AIDS, no Brasil, em contos, é predominante na obra de Caio Fernando Abreu. Conforme estudo empreendido por Bessa (1997) intitulado *Histórias positivas: a literatura (des)construindo a AIDS*, há um mapeamento sobre como a literatura abordou o tema da AIDS. Considerando o mercado editorial brasileiro, elenca os seguintes nomes: “[...]o que afinal, podem responder os textos de Susan Sontag, Caio Fernando Abreu, Reinaldo Arenas, Silviano Santiago, Hervé Guibert, Herbert Daniel, Cyril Collard, Bernardo Carvalho, Alberto Guzik e muitos outros? Os textos desses e de outros escritores podem dizer muitas coisas, pois também constroem a epidemia de HIV/AIDS” (BESSA, 1997, p. 14, grifo nosso). Desses autores citados, apenas Caio Fernando Abreu tem contos publicados sobre o assunto, os demais se debruçaram na escrita de ensaios e/ou romances, sendo que estes dois últimos gêneros textuais não são abarcados em nossa pesquisa.

⁴⁵ Em relação à área de medicina, é comum que as publicações, em periódicos, sobre determinado tema, sejam mais efervescentes quando o assunto está em pauta, por exemplo, quando se descobriu

científicos sobre HIV/AIDS, mas não é possível eleger apenas uma ou um delas(es) porque se assim o fizéssemos, teríamos um número reduzido de artigos científicos.

Dessa maneira, ao realizar uma investigação de cunho histórico, principalmente, sobre a história do significado, investigando, no nosso caso, como a morte é conceptualizada, trazemos os pressupostos de Santana (2019) ao afirmar que:

O pesquisador do passado precisa formular o melhor caminho para analisar seu objeto de estudo e tentar amenizar as diferenças e incompletudes com as quais, fatalmente, seu corpus histórico esbarrará. Sendo assim, a tarefa do pesquisador do passado da linguagem será, sempre, limitada aos materiais linguísticos disponíveis, em vista disso, esse material de estudo será, muitas vezes, desigual, como consequência da preservação aleatória de alguns textos e descarte, também aleatório, de outros. (SANTANA, 2019, p. 78).

De acordo com as abordagens de Santana (2019), Mattos e Silva (2008) e Almeida (2020), refletimos como constituir uma amostra plausível que desse conta de nos proporcionar a realização da pesquisa. Levamos em consideração a dificuldade de encontrar material suficiente, as fontes onde encontraríamos os textos para compor nossa amostra, a qualidade e representatividade do material selecionado para o nosso trabalho.

Ao escolher os textos que compõem o *corpus* para nosso trabalho, buscamos refletir sobre a questão da representatividade⁴⁶ desses textos, dentro da história da língua, haja vista que nossa pesquisa se insere na linha de Linguística Histórica. Para isso, embasamo-nos em Kabatek (2013). Conforme o referido autor, construir um *corpus* que seja representativo da história da língua é algo teoricamente impossível. Pois, levando em consideração que o nosso estudo está pautado em textos escritos, a língua, segundo Kabatek (2013), não se manifesta apenas em textos e, além disso, ela não é a soma de todos os textos. Ademais:

o HIV, na década de 1980, muito se publicou sobre esse assunto. No entanto, na década seguinte, quando foi introduzido o coquetel e que também surgiram outras doenças, aquele tema outrora tão debatido começa a ficar em segundo plano nas publicações. Outro fator a ser levado em consideração é o fato de muito da produção científica, da área de medicina, ser publicada em língua estrangeira, principalmente, em inglês, como é o caso das produções de pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ. E nossa pesquisa utilizou, na composição da amostra, textos em Língua Portuguesa.

⁴⁶ Conforme Kabatek (2013), os linguistas adotaram o termo representatividade da Sociologia, partindo do pressuposto de que a linguagem é um fenômeno social como outro, e que os elementos que variam são investigáveis como outras variáveis sociais. Dessa forma, aplicam esse termo nos estudos científicos acerca da constituição de um corpus representativo na pesquisa linguística.

Um corpus representativo é, além do mais, uma construção empiricamente impossível já que a produção de textos que se tem arquivado a mais que uma mínima parte da produção linguística total, e não é só ao que se refere aos textos concretos, os tokens de texto, como também todos os tipos de textos produzidos⁴⁷. (KABATEK, 2013, p. 09, tradução nossa).

Diante dos pressupostos de Kabatek (2013), fica evidente a problemática da representatividade de um *corpus*, principalmente quando se pensa na qualidade da amostra e não apenas na sua quantidade. Pois, um *corpus* pode nos oferecer uma certa qualidade devido à possibilidade de explorar um determinado fenômeno da linguagem, em um determinado período.

Quando se monta uma amostra para pesquisa, elegendo determinados textos escritos de diferentes gêneros textuais, é preciso levar em consideração que eles têm suas limitações, pois não dão conta de abarcar a linguagem por completo. No entanto, esses textos apresentam uma certa tradicionalidade⁴⁸; esta nos possibilita mapear diversos aspectos linguísticos, sociais, históricos e culturais que influenciam o fenômeno estudado.

Ainda nesse viés sobre a representatividade do *corpus*, Leite (2017, p. 98) salienta que:

[...] o estabelecimento de um corpus que seja representativo envolve, também, uma construção subjetiva, que, na realidade, não encontra parâmetros uniformes nem na literatura específica da área de Metodologia da Pesquisa, nem nas demais áreas de investigação, conforme pudemos perceber, através da busca em teses e dissertações, aqui socializada [sic], já que cada área estabelece seus próprios critérios, nesse sentido. (LEITE, 2017, p. 99).

Dessa maneira, a constituição de uma amostra representativa, com base no que foi exposto, como também a postura por nós adotada nessa pesquisa, considerou a ideia de qualidade que os dados nos apresentam e não a quantidade. Pois, ao elegermos contos e artigos científicos da área de medicina, acreditamos ser possível

⁴⁷ Un corpus representativo es, además, una construcción empíricamente imposible ya que la producción de textos que se ha archivado no corresponde a más que una mínima parte de la producción lingüística total, y esto no solo en lo que se refiere a los textos concretos, los tokens de los textos, sino incluso con referencia a los tipos de textos producidos. (KABATEK, 2013, p. 09).

⁴⁸“A tradicionalidade dos textos é uma característica da linguagem que a aproxima de outros eventos culturais. Na tradição dos textos, a linguagem é um produto cultural como qualquer outro, como na tradição de vestir, na tradição de construir, etc”. (KABATEK, 2013, p. 17, tradução nossa).

identificarmos elementos que nos dessem base para investigar e mapear os processos de conceptualização da morte.

No que concerne aos problemas enfrentados ao se realizar uma pesquisa histórica em SCSHC como, por exemplo, a escassez de contos como também as lacunas de publicação, na área da medicina e, considerando a visão holística e ecológica⁴⁹ do nosso estudo, adotamos a Teoria dos Fractais⁵⁰ (SANTANA, 2019; ALMEIDA; SANTANA, 2019; ALMEIDA, 2018; MANDELBROT, 2003/[1977]), e os princípios gerais da Teoria da Complexidade (CAPRA, 2006; CAPRA; LUISI, 2014). Para essa tomada de decisão, concebemos a linguagem como um sistema complexo⁵¹ que, conforme Almeida (2018) e Paiva (2016), envolve diversos aspectos bio-físico-cognitivo-geo-sócio-histórico-culturais em sua composição. E esses aspectos se replicam com o passar do tempo, ou seja, determinadas noções ou concepções de outrora ainda se fazem presentes em textos atuais, ditas de formas diferentes, mantendo o padrão de organização.

Além do mais, como preconiza a Teoria da Complexidade e a Teoria dos Fractais, a parte está no todo e o todo está na parte, ou seja, a ideia de morte está na sociedade e a sociedade está na morte, pois a maneira como as civilizações tratam a morte, através de escritos, ritos fúnebres etc. é uma tentativa de pertencimento ou uma falsa ideia de domar a morte (KELLEHEAR, 2016; BECKER, 2020[1973]). Trazendo essas premissas ao nosso estudo, podemos indagar se os textos em análise partem de um determinado padrão de organização. Se eles, embora pertencentes a

⁴⁹ Partimos do pressuposto da teoria da complexidade (CAPRA, 2006, p.25) que concebe a visão holística ao tomar “o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas. E a visão ecológica reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desse processo)”.

⁵⁰ “A geometria fractal pode ser convenientemente vista como uma linguagem, e tem provado o seu valor através da sua utilidade. A sua utilização na arte e na matemática pura, sem qualquer aplicação prática, pode considerar-se *poética*. O seu uso em várias áreas onde se estudam os materiais e noutros domínios da engenharia oferece exemplos de *prosa prática*. A utilização em física teórica, especialmente em conjunto com as equações fundamentais da física matemática, combina *poesia* com *prosa erudita*. Alguns dos problemas que podem ser analisados através da geometria fractal envolvem mistérios antigos, alguns deles já conhecidos do homem primitivo, outros mencionados na Bíblia, e outros ainda familiares a todos os artistas que se dedicam a estudar as formas naturais, em especial os paisagistas”. (MANDELBROT, 2003/[1977], p. 64, *grifos do original*). Convém lembrar que os estudos de Santana (2019), Almeida (2018) e Paiva (2016, 2011, 2010) utilizam da teoria dos fractais aplicada aos estudos em Linguística/Semântica Cognitiva.

⁵¹ “Os sistemas complexos são compostos de outros subsistemas igualmente complexos que interagem uns com os outros e se influenciam. Venho defendendo que a língua(gem) como um sistema dinâmico e complexo é um amalgamento de processos biocognitivos, sócio-históricos e político-culturais, constituindo-se em uma ferramenta que nos permite refletir e agir na sociedade” (PAIVA, 2016, p. 333).

diferentes áreas, são, portanto, capazes de apresentar as mesmas conceptualizações, mas de modos diferentes? Esse é um dos questionamentos que buscamos responder com a pesquisa que realizamos.

Conforme Capra e Luisi (2014) e Almeida (2018), os sistemas se formam pela interconexão do padrão de organização (forma), da estrutura (matéria) e do processo. Esse pressuposto, em nossa pesquisa, correspondeu aos processos metafóricos, metonímicos, os gêneros textuais, Esquemas de imagem, Domínios Matrizes, *Frames* e Espaços mentais envolvidos na significação da morte enquanto a forma de organização; as diversas expressões que foram encontradas nos textos estudados constituem a matéria, e, o processo, conforme Almeida (2018, p. 113) está no ato da leitura, pois é nesse ato que acontecem “[...] interconexões entre os variados agentes: o autor, o leitor, o texto e o contexto, entre outros [...]”, reunindo, nesse processo, as partes envolvidas na construção dos sentidos em torno da morte, no contexto de epidêmico de HIV/AIDS, no Brasil.

Dessa maneira, articulando a Teoria dos Fractais à Teoria da Complexidade, buscamos, em nosso *corpus*, valorizar a qualidade e não a quantidade. E, ao aplicarmos a geometria fractal ao nosso estudo, entendemos, conforme Almeida (2015), Almeida e Santana (2019) e Santana (2019), que os gêneros textuais conto e artigo científico, embora escritos em épocas diferentes possuem, cada um, sua estrutura, peculiaridades e padrões de organização.

Outra característica dos fractais aplicada à composição do *corpus* é que seus padrões característicos são repetidamente encontrados em escala descendente, fazendo com que as partes, em qualquer escala, sejam semelhantes ao todo, ou seja, é o princípio da autossimilaridade (CAPRA, 2006). Ao aplicarmos esse princípio ao nosso estudo, como propõe Almeida (2020), ao tratar das cartas de amor, percebemos, a exemplo do gênero textual conto, que cada conto é um conto, independente dos outros, mas também semelhante a todos os outros contos com (personagens, tema, local, tempo, clímax, final etc.). E esse mesmo princípio também se aplica ao gênero textual artigo científico (resumo, abstract, introdução, desenvolvimento, conclusão, referências).

Partindo desses pressupostos para a composição da nossa amostra, o *corpus* só deixou de ser colhido quando as informações começaram a se repetir, ou seja, quando houve a saturação das informações, pois “texto contém redundância, que pode ser eliminada, resultando em uma compressão do *corpus*, com a finalidade de

compreender a qualidade do padrão de organização semântica”. (ALMEIDA, 2020, p. 28).

Dito isso, passamos a uma breve explanação acerca dos gêneros textuais escolhidos para compor a nossa amostra e como a técnica da saturação teórica foi aplicada ao nosso estudo.

3.3.1 Os gêneros textuais: o conto e o artigo científico

Os mais diversos textos (verbais, não verbais, imagéticos) com os quais nos deparamos, diariamente, dão materialidade ao que denominamos de gênero textual (MARCUSCHI, 2005; BRONCKART, 1999, BAKHTIN, 1997). A noção de gênero textual compreende “os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo de composição e característica” (MARCUSCHI, 2005, p. 4).

Os estudos acerca dos gêneros textuais se fazem presentes desde Bakhtin (1997), em *Estética da Criação Verbal*, quando o referido pesquisador buscou conceituar os gêneros do discurso para explicar a utilização da língua através de enunciados sejam eles orais ou escritos, concretos e únicos, resultantes das mais diversas esferas da atividade humana. Para Bakhtin (1997, p. 279):

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Com base nos pressupostos de Bakhtin (1997), fica evidente a relação entre a esfera social e a caracterização do gênero textual, ou seja, o contexto está interligado à estrutura e à funcionalidade do gênero. Para Marcuschi (2008), os gêneros textuais possuem finalidades e características próprias, ou seja, possuem uma forma e uma função, no entanto, ele ressalta que a característica mais importante é a função exercida por um determinado gênero textual, isto é, o objetivo comunicacional do texto e quais estratégias são usadas na composição para atingir seu objetivo.

Diante disso, ficam evidentes as possibilidades de investigação oferecidas pelos gêneros textuais. Isso se deve ao fato de, ao adotarmos a noção de gênero textual na perspectiva sócio-histórica e dialógica (BAKHTIN, 1997), entendermos a linguagem

enquanto uma atividade social, histórica e cognitiva. Além disso, ao realizarmos uma pesquisa em SCSHC, prezamos pela utilização de textos em uso e que sejam de grande circulação.

Com base nisso, selecionamos, como já assinalado, dois gêneros textuais para compor a nossa amostra de pesquisa, o conto e o artigo científico. Eles são gêneros textuais de grande circulação na sociedade; os contos escritos por um autor muito estudado na academia⁵² e os artigos científicos publicados em periódicos⁵³ de ampla circulação nacional. Embora os gêneros textuais escolhidos façam parte de áreas distintas, é possível encontrar neles diversas expressões linguísticas que conceptualizam a morte, no contexto da epidemia de HIV/AIDS, no Brasil. Dessa maneira, discorreremos aqui, de forma sucinta, sobre o conceito e um breve histórico de cada um desses gêneros textuais.

O texto literário, nesse caso, o conto, tem uma forte relação com a sociedade, estando presente nela desde os tempos mais remotos, sendo oriundo das tradições orais, dos causos, das anedotas e parábolas, sendo impossível datar, historicamente, quando se começou a contar os contos (CÂNDIDO, 2006; PIGLIA, 2004; GOTLIB, 1985). No entanto, o registro desse gênero textual em formato escrito começa a acontecer no final do século XVII, tendo Charles Perrault como precursor, com sua obra, *Histoires ou contes du temps passé*, mais conhecido pelo subtítulo, *Contes de ma mere Loyer* (GOTLIB, 1985).

A partir do surgimento dos registros escritos do conto, começa-se a discutir sobre a sua teoria, ou seja, o conceito e suas características de produção. E Edgar Allan Poe é considerado o primeiro a discutir sobre isso, ao conceituar o conto enquanto uma prosa de narrativa curta, intensa e resultante do bom domínio e, logo, da brevidade e da unidade (POE, 1842). Todavia, quando se busca, na teoria literária⁵⁴,

⁵² Segundo o Catálogo de Teses da Capes, quando colocado no seu buscador o nome de Caio Fernando Abreu, estão registrados 86.728 resultados de trabalhos, sendo 59.023 dissertações de Mestrado e 27.705 teses de doutorado. Esses dados nos permitem afirmar que a obra do referido autor tem uma ampla divulgação no cenário acadêmico. Além do mais, depois de sua morte, seus livros já foram reeditados várias vezes, aumentando assim a circulação da sua produção literária pelos mais variados espaços. Ademais, com o boom das redes sociais, muitos textos dele têm sido compartilhados e comentados, contribuindo para um amplo contato de leitores com a obra do referido autor.

⁵³ Os artigos científicos usados nesse trabalho foram recolhidos de periódicos indexados e registrados no portal de Periódicos CAPES/MEC, ou seja, são textos de ampla divulgação e consulta pública.

⁵⁴ Embora o nosso propósito, nesse trabalho, não seja fazer Teoria Literária, não podemos deixar de recorrer aos estudos desse campo, pois, sabe-se que essa área é a que mais tem discutido e pesquisado sobre o gênero textual conto. Dessa forma, articulamos, nessa seção, estudos da Teoria Literária

a definição do referido gênero não se encontra um conceito fechado, mas definições diversas e algumas delas sempre o comparam com o romance ou a novela (GOTLIB, 1985; PIGLIA, 2004; CORTÁZAR, 2006). Pois, há contos que não são narrativas curtas, embora muitos apregoem, no conto, a ideia da limitação, principalmente no aspecto físico, ou seja, na quantidade de páginas. No entanto, é justamente essa limitação que faz dele um artífice do campo literário. Para Cortázar (2006), em um conto, o tempo e o espaço precisam estar bem condensados, pois, por ter uma certa limitação física, ele precisa dar conta de distintas nuances em um curto espaço.

Outro elemento constituinte de um conto é o tema abordado nele. Essa abordagem, ou seja, o tema, na visão de Cortázar (2006), é o elemento significativo, podendo ser esse elemento real ou fictício. No caso dos contos selecionados para compor a nossa amostra de pesquisa, esse elemento significativo é real, o HIV/AIDS.

Ademais, o texto literário é considerado também uma importante fonte de pesquisa sobre a cognição humana. Os estudos da Linguística/Semântica Cognitiva têm mostrado que o texto literário possibilita compreender como o ser humano conceptualiza os mais diversos eventos como, por exemplo, a vida, a morte, o amor, entre outros temas (LAKOFF; TURNER, 1989; GIBBS, 1994; TURNER, 1996; ZANOTTO, 1998, 2007, 2016; GARCIA, 2015).

Turner (1996), em *The literary mind*, aborda, na construção da sua teoria sobre a integração conceptual, que a mente literária é fundamental para o entendimento da cognição humana. Ele cita, por exemplo, como o recurso narrativo empregado por Shahrazad é fundamental para que ela se livre da morte e se case com o rei. Isso atesta, na visão do autor, que a “imaginação narrativa – histórias – é instrumento fundamental do pensamento; a capacidade literária é indispensável à cognição humana geral. Esse é o primeiro caminho pelo qual a mente é essencialmente literária”⁵⁵ (TURNER, 1996, p. 4-5, tradução nossa). Com base nisso, fica evidente o quanto o texto literário tem a nos oferecer nas investigações acerca de como o ser humano conceptualiza os mais diversos fenômenos e, no caso do nosso estudo, a conceptualização da morte.

com os estudos da Linguística/Semântica Cognitiva para melhor definirmos esse gênero textual, no contexto da nossa proposta de pesquisa.

⁵⁵ Narrative imagining—story—is the fundamental instrument of thought. [...]. It is a literary capacity indispensable to human cognition generally. This is the first way in which the mind is essentially literary. (TURNER, 1996, p. 4-5).

No que concerne ao artigo científico, Marconi e Lakatos (2003) define o referido gênero textual da seguinte forma: “Os artigos científicos são pequenos estudos, porém completos, que tratam de uma questão verdadeiramente científica, mas que não constituem em matéria de um livro”. Nas palavras das autoras, no que se refere ao conteúdo do artigo científico, ele, certamente, apresentará dados e discussões comprovadas por meio de um determinado método empírico e suas discussões amparadas em teorias. Além disso, é perceptível a questão estrutural de tamanho, pois os artigos científicos não são tão extensos, geralmente, giram em torno de 8 a 25 páginas a depender das regras do periódico ou revista em que será publicado.

Ainda sobre a estrutura de um artigo científico, Costa (2003) afirma que esse gênero textual se distingue dos diferentes trabalhos científicos como, por exemplo, a Monografia, a Dissertação ou a Tese “pela sua reduzida dimensão e conteúdo. Seu propósito é comunicar o resultado de pesquisas, ideias e debates de uma maneira clara, concisa e fidedigna; servir de meio de comunicação e de intercâmbio de ideias entre cientistas da sua área de atuação [...]” (COSTA, 2003, p. 35).

Em seu trabalho intitulado *O gênero textual artigo científico: estratégias de organização*, Costa (2003), ao revisar os estudos de Swales (1990), traça um panorama histórico do artigo científico, datando seu primeiro registro, ou seja, a obra embrionária, em 1665, no periódico *The Philosophical Transactions of the Royal Society*. E, nesse período transcorrido do século XVII para o século XX, o artigo científico mudou muito, principalmente, no que se refere à estrutura, o estilo de linguagem, entre outras características peculiares do gênero de texto em questão.

Traçado esse panorama teórico acerca dos gêneros textuais, conto e artigo científico, passamos a discutir como a Técnica da Saturação Teórica foi utilizada para coleta e controle dos dados encontrados nos textos abordados.

3.3.2 Técnica da saturação teórica

A técnica da saturação teórica é uma ferramenta utilizada em pesquisas qualitativas, para estabelecer e delimitar o tamanho de uma amostra de estudo, evitando, dessa forma, a captação de dados não relevantes para o estudo do fenômeno observado. Isso se deve ao fato de esses estudos prezarem pela qualidade dos dados e não apenas pela probabilística da quantidade. Para isso é necessário estabelecer um

critério de saturação da amostra que, segundo Thiry-Cherques (2009), é um mecanismo que valida a pesquisa, abordando e colhendo informações nos diversos setores e áreas em que seja impossível ou desnecessário o tratamento por probabilidade da amostra de pesquisa.

Foram os estudos seminais de Glaser e Strauss (1967) que deram espaço e aplicação da amostragem por saturação nas pesquisas qualitativas. Para os referidos autores, quando se aplica a referida teoria, é possível constatar em que momento a captação de informações sobre o tema em estudo pode ser interrompida. No entanto, essa interrupção, ou seja, o momento da saturação não pode ocorrer de qualquer maneira, pois é necessário haver a confiança empírica de que a categoria está saturada, levando em consideração os seguintes critérios: os limites empíricos dos dados, a integração dos dados coletados com a teoria e a sensibilidade teórica de quem analisa os dados. (GLASER; STRAUSS, 1967; FLAQUETTO; FARIAS; HOFFMANN, 2018).

Essa técnica de composição de amostra tem sido adotada nos estudos de diferentes áreas do conhecimento, a exemplo dos estudos no campo da saúde (FONTAELLA et al., 2008, 2011; MINAYO, 2017; NASCIMENTO et al., 2018); administração (FLAQUETTO; FARIAS; HOFFMANN, 2018); marketing (THIRY-CHERQUES, 2009) e, recentemente, na área de Letras, especificamente em Linguística/Semântica Cognitiva (ARAÚJO, 2021; ALMEIDA, 2020; DUQUE, 2020; SANTANA, 2019). E, em todos esses estudos, os(as) respectivos(as) pesquisadores(as) mantêm uma preocupação no que concerne ao fechamento da amostra por saturação teórica, pois, “embora possa parecer um procedimento decorrente de uma constatação facilmente atingível, muitas vezes, a averiguação de saturação pode ser feita de maneira acrítica ou excessivamente subjetivista” (FLAQUETTO et al., 2008, p.17-18).

Dessa maneira, ao realizar uma pesquisa científica comprometida com a ética e a validade científica do seu trabalho, o pesquisador precisa ter responsabilidade em relação à qualidade da amostra que utiliza para desenvolver seu estudo. Pensando nisso e, considerando as dificuldades em constituir uma amostra para o estudo de tempos passados, em particular, do significado, utilizamos da técnica da saturação teórica para delimitar a amostra que foi estudada em nosso trabalho.

Sendo uma pesquisa qualitativa e focando na intensidade⁵⁶ do fenômeno da conceptualização da morte, não podemos desprezar a necessidade de parâmetros e normas que ratifiquem o nosso trabalho no rol da cientificidade e tenha seu espaço reconhecido no meio acadêmico (MINAYO, 2017, FONTAELLA et al., 2011, THIRY-CHERQUES, 2009).

Dessa forma, a constituição da amostra não pode ser feita de maneira aleatória. Pensando nisso, buscamos organizar nossa amostra da seguinte forma: fenômeno estudado/Conceptualização da morte, as expressões linguísticas dos textos que permitiram identificar o processo da conceptualização, os domínios matrizes mapeados no processo de conceptualização, conforme a figura abaixo:

Figura 11: Esquema de composição da amostra



Fonte: elaboração nossa

Depois de estipular como seria construída e delimitada a amostra, passamos a analisar cada texto (conto, artigo científico), seguindo a ordem cronológica de publicação, primeiramente dos contos e, em seguida, dos artigos científicos, para, a partir das expressões linguísticas concernentes à conceptualização da morte por HIV/AIDS, identificarmos os domínios matrizes presentes. A saturação teórica foi aplicada no momento em que as expressões começassem a repetir domínios já listados e não apresentassem novos domínios (SANTANA, 2019; ALMEIDA, 2021; DUQUE, 2021).

⁵⁶ A intensidade, nos estudos de amostragem por saturação teórica, corresponde ao impacto que os dados coletados podem ter como “representatividade” num dado grupo social. (MINAYO, 2017; THIRY-CHERQUES, 2009). Pensando no nosso estudo, essa intensidade pode ser relacionada aos diversos aspectos que estão interligados às expressões concernentes à conceptualização da morte, nos textos literários e da área de medicina, ou seja, o quê de social, histórico e cultural, histórico, político e ideológico essas expressões têm a nos mostrar.

Assim, a aplicação da referida técnica se deu da seguinte forma: primeiro, à medida que fomos lendo os contos e os artigos científicos e identificando as expressões linguísticas que instanciassem as metáforas conceptuais, listamos os domínios acessados no processo de conceptualização conforme o quadro abaixo:

Quadro 3: Identificação dos domínios no 1º conto/1º artigo científico

Domínios identificados	
Conto 1 – 1988	Artigo Científico 1 - 1989
EVENTO ORGANISMO VIVO VAZIO	EVENTO GUERRA

Fonte: Elaboração nossa

No quadro 3, foram apresentados os domínios identificados nas expressões linguísticas que instanciam o conceito de morte no 1º conto e, também, no 1º artigo científico. Já o quadro 4, a seguir, apresenta os domínios recorrentes e os novos domínios instanciados no 2º conto e no 2º artigo científico.

Quadro 4: Identificação de domínios no 2º conto/2º artigo científico

Domínios recorrentes	
Conto 2 – 1988	Artigo Científico 2 - 1993
EVENTO	-
Novos Domínios	
Conto 2 – 1988	Artigo Científico 2 - 1993
SOLIDÃO	ORGANISMO VIVO

Fonte: Elaboração nossa

Esse procedimento foi repetido em todos os contos e artigos científicos, para a identificação de quais domínios foram acessados no processo de conceptualização da morte. A partir dos dados coletados, elaboramos as tabelas 1 e 2 em que demonstramos todos os Domínios Matrizes encontrados.

Tabela 1: Domínios identificados nos contos

Contos	1	2	3	4	5
Domínios Matrizes					
EVENTO	X	x			
ORGANISMO VIVO	X		x		
SENTIMENTO		X			
PERIGO			X		
GUERRA			X		
VIAGEM			X	x	
PROCESSO					X

Legenda: **X** Novo Domínio Matriz; x Recorrência do Domínio Matriz
 Fonte: Elaboração nossa

Tabela 2: Domínios identificados nos artigos científicos e ponto de saturação

Artigos Científicos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Domínios Matrizes											
PERIGO						X					
GUERRA	X										
EVENTO	X				x						
ORGANISMO VIVO		X									
SENTIMENTO			X								
PROCESSO							X				

Legenda: X Novo Domínio Matriz; x Recorrência do Domínio Matriz

Fonte: Elaboração nossa

Ao elaborarmos as tabelas 1 e 2, deixamos em evidência os DM que foram acessados no processo de conceptualização da morte. Na tabela 1, onde listamos os DM encontrados no gênero textual conto, não houve ponto de saturação, pois o número de contos não nos permitiu estabelecer um ponto de saturação; já na tabela 2 onde foram listados os DM encontrados nos artigos científicos, o ponto de saturação se deu no 7º artigo (coluna em destaque na cor cinza escuro), pois, a partir dele, os demais artigos não apresentaram novos DM.

Após a constatação do ponto de saturação nos artigos científicos, ainda realizamos a leitura de mais 4 artigos, conforme apresentado na tabela, para ratificarmos a confirmação da saturação. Fontaella et al. (2011) recomendam que sejam feitas mais uma ou duas entrevistas, Flaquetto e Farias (2016) recomendam mais quatro, Santana (2019) realiza a leitura de mais 3 cartas de amor para confirmar o ponto de saturação. Em nosso estudo, optamos por realizar a leitura de mais 4 artigos científicos, para termos uma maior margem de confirmação do ponto de saturação.

Dito isso, passamos a discutir sobre os procedimentos adotados para a composição da nossa amostra de pesquisa.

3.3.3 Procedimentos de composição do *corpus* de pesquisa

Como nosso propósito foi investigar a conceptualização da morte no contexto epidêmico de HIV/AIDS, no Brasil, em textos das áreas de literatura e medicina, buscamos nos deter em contos e artigos científicos, para manter a variedade de estilos de escrita e diferentes abordagens do mesmo tema, ou seja, olhares distintos e formas de pensar, agir, escrever entre outras ações concernentes à morte.

Como já informado, os contos utilizados na pesquisa realizada são de autoria de Caio Fernando Abreu (1948-1996), publicados em diversos livros, mais especificamente, entre os anos de 1983 a 1994. Foram utilizados os contos do referido autor, por ter sido recorrente, em sua obra, a temática da morte como, por exemplo, os contos pertencentes ao livro *Os dragões não conhecem o paraíso*. Em entrevista, Abreu (1995) afirma que é “[...] um livro sobre a morte. Logo no início você vai encontrar uma longa dedicatória a amigos que morreram nos últimos quatro, cinco anos, desde Ana Cristina César, que se suicidou em 83. Treze é o número da morte. No tarô é a carta da morte” (ABREU, 1995, p. 04). A coleta dos dados nos contos obedeceu aos seguintes critérios:

- Selecionados os livros do referido autor, foram lidos todos os contos, para mapear os que abordam a temática da morte, no contexto da epidemia de HIV/AIDS, no Brasil. Ao todo, foram encontrados 5 contos que apresentam expressões linguísticas que instanciam a conceptualização da morte; os demais contos foram descartados, porque não apresentaram instanciações sobre o fenômeno investigado.

Já os artigos científicos utilizados apresentam diversos autores, pois, nas publicações da área de saúde, é comum os artigos científicos apresentarem essa diversidade. Isso se deve ao fato de a maioria dos trabalhos publicados serem resultantes de pesquisas colaborativas, no entanto, optamos por referenciar apenas o nome do 1º autor seguido da notação et al.; esses artigos científicos foram publicados entre os anos de 1989 a 2000⁵⁷. Eles foram coletados dos seguintes periódicos: *Revista Bioética*, *Informe Epidemiológico do SUS*, *Revista de Saúde Pública*, *Revista Brasileira de Epidemiologia e os Cadernos de Saúde Pública*. Esses artigos foram recolhidos da seguinte forma:

⁵⁷ Optamos por não parar a coleta dos textos de medicina, em 1994, para igualar com a quantidade de contos pelo fato de haver a variedade autoral e o recorte temporal nos permitir encontrar mais dados. Ademais, se no campo literário houvesse mais textos elas seriam coletados, ampliando o número de contos a compor a amostra de pesquisa.

1. Foi digitado no buscador do Google os seguintes termos: Morte; HIV/AIDS; Artigos Científicos;
2. Análise dos primeiros artigos aleatórios que surgiram na página;
3. Identificação das revistas científicas às quais os referidos artigos estão veiculados;
4. A partir da leitura e seleção dos primeiros artigos científicos, escolhemos 4 periódicos de ampla circulação na área da saúde, consideramos também a avaliação do periódico e seu registro junto à Capes;
5. Pesquisa direta nos sites das revistas selecionadas;
6. Na coleta dos textos, foi feita a seleção de todos os artigos que, em seus títulos, apresentassem os termos morte e/ou HIV/AIDS. Foram encontrados 54 artigos, datados dos anos de 1989 até 2000. Após a leitura dos 54 artigos, apenas 20 deles apresentaram expressões linguísticas que instanciam a conceptualização da morte, no entanto, ao aplicarmos a técnica da saturação teórica, apenas 8 artigos científicos foram suficientes para encontrarmos o ponto de saturação, pois, a partir do 9º artigo, datado de 1999, os DM começaram a se repetir, sem apresentar novos DM. Dessa forma, ao que se refere ao campo da saúde, nossa amostra de pesquisa contou com o estudo de 8 artigos científicos.

Realizados esses procedimentos, nossa amostra final se constituiu com 12 textos (5 contos e 7 artigos científicos). Esses textos nos forneceram 17 ocorrências; estas instanciaram 07 metáforas conceptuais.

Apresentado o processo de composição da nossa amostra de pesquisa, passamos à descrição dos perfis dos conceptualizadores escreventes.

3.3.4 Perfil dos escreventes dos textos literários e da área de medicina

Apresentamos, nessa subseção, o perfil dos conceptualizadores escreventes, autoras e autores, dos textos que compõem nosso *corpus* de estudo, conforme o quadro abaixo:

Quadro 5: Perfil dos conceptualizadores escreventes⁵⁸

Autor/Autora	Perfil	Gênero Textual escrito
Caio Fernando Abreu	Trabalhou como jornalista de revistas de entretenimento como, por exemplo, Veja, Manchete, Pop, etc., apontado como um dos expoentes da sua geração, a obra de Caio Fernando Abreu fala de sexo, morte e solidão. Em 1994, descobriu-se portador do HIV, faleceu em fevereiro de 1996 (NOVAIS, 2017).	Conto
Cláudio Cohen	“Médico Psiquiatra e Psicanalista, Mestre e Doutor em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (1989 e 1992), Livre Docente em Ética Médica pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (1996). Professor Doutor, Departamento de Medicina Legal, Ética Médica e Medicina Social e do Trabalho. Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo. São Paulo – SP”.	Artigo Científico
Caio Rosenthal	“Médico infectologista do Instituto de Infectologia Emílio Ribas, Serviço de Moléstias Infecciosas do Hospital do Servidor Público Estadual Francisco Morato de Oliveira e Hospital Israelita Albert Einstein, São Paulo, SP”.	Artigo Científico
Marco Serge	“Formado em Medicina pela Faculdade de Medicina da USP (FMUSP) e médico-sanitarista pela Faculdade de Saúde Pública (FSP) da USP, Professor Emérito do Departamento de Medicina Legal, Ética Médica e Medicina Social e do Trabalho da FMUSP, local em que coordenou o Programa de Pós-Graduação em Ciências (Medicina Legal)”.	Artigo Científico
Jacyr Pasternak	“Possui graduação em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (1963) e Doutorado em Doenças Infecciosas e Parasitárias pela Universidade Estadual de	Artigo Científico

⁵⁸As informações sobre os autores da área de medicina foram coletadas a partir dos dados informados pelos próprios autores na plataforma Lattes. Disponível em: <https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>.

	Campinas (1975). Tem experiência na área de Medicina, com ênfase em Doenças Infecciosas e Parasitárias, atuando principalmente nos seguintes temas: AIDS, HIV, infecção, doenças infecciosas e infectologia”.	
Maria Inês Costa Dourado	“É professora titular do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC) do Instituto de Saúde Coletiva (ISC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). É médica, com Mestrado em saúde pública pela Universidade de Massachusetts (UMass- Estados Unidos), e Doutorado em epidemiologia pela Escola de Saúde Pública da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA-Estados Unidos). Sua área de pesquisa se concentra na epidemiologia e prevenção do HIV/aids”.	Artigo Científico
Luiz Cláudio Santos Thüler	“Possui graduação em medicina (Faculdade de Medicina de Teresópolis, 1984), especializações em clínica médica (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 1986) e saúde pública (Universidade de Ribeirão Preto / Faculdade de Administração Hospitalar, 1991), Mestrado em epidemiologia clínica (Université de Montreal, Canadá, 1993) e Doutorado em doenças infecciosas e parasitárias (Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998). Atualmente é Pesquisador Associado da Divisão de Pesquisa Clínica do Instituto Nacional de Câncer (INCA) e Professor Associado da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)”.	Artigo Científico
Letícia Fortes Legay	“Professora Associada IV da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), para graduação e pós-graduação em Saúde Coletiva, sub-área: Epidemiologia/Violências e Saúde Mental. Graduada em Medicina pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1977), com cursos de Mestrado em Saúde Pública pela Fundação Os-	Artigo Científico

	waldo Cruz (1985), Doutorado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (1995) e pós-doutorado no IN-SERM, França (2014). Lotada na Faculdade de Medicina da UFRJ e localizada no Instituto de Estudos em Saúde Coletiva (IESC/UFRJ)".	
--	---	--

Fonte: elaboração nossa

A título de respeito e valorização autoral, deixamos claro que as(os) demais pesquisadoras(es) colaboradoras(es)⁵⁹ dos artigos científicos possuem formação nas áreas de Medicina, Direito, Psicologia e Ciências Sociais. Boa parte delas(es), hoje, atua como professoras(es) universitárias(os), lecionando em cursos das áreas de saúde, outros atuam em hospitais e, também, em órgãos como a Agência Nacional de Saúde Suplementar.

Apresentados as(os) escreventes e seus respectivos perfis, passamos aos procedimentos adotados para o estudo e interpretação das ocorrências encontradas em nosso *corpus*.

3.3.5 Procedimentos de estudo do *corpus* de pesquisa

Depois de descrevermos o processo de composição do nosso *corpus* de pesquisa e os perfis dos conceptualizadores escreventes, passamos à descrição, por etapa, do processo de estudo.

1 – Leitura, na íntegra, de todos os contos e artigos científicos. Os textos foram lidos em arquivo on-line e em livros impressos, seguindo o método de leitura e introspecção, como sugere Talmy (2007) e Santana (2019), e, como já discutido anteriormente, buscando elementos linguísticos que nos permitissem mapear a conceptualização da morte.

2 – Seleção e coleta dos excertos textuais que instanciam a conceptualização da morte. Identificamos as expressões linguísticas que nos permitissem estudar a conceptualização da morte, através de processos metafóricos e/ou metonímicos; convém

⁵⁹O apêndice C, ao final do trabalho, apresenta o link de acesso aos Currículos Lattes dos demais colaboradores que escreveram os artigos da área de medicina.

informar que alguns excertos textuais são utilizados mais de uma vez no processo de estudo por acionarem diversos domínios matrizes e, conseqüentemente, instanciarem metáforas e/ou metonímias distintas.

3 – Os excertos textuais foram digitados em documento do Word e as expressões linguísticas que instanciam as metáforas e metonímias estão grafadas em negrito nos quadros que apresentam as ocorrências e entre aspas e itálico no corpo do texto (apêndice A), seguindo este protocolo:

- Texto literário: consta título do conto, autor, ano de publicação, excerto textual, mapeamento de metáforas conceptuais;
- Artigo científico: consta título do artigo científico, autor(a), ano de publicação, excerto textual, mapeamento de metáforas conceptuais.

4 – Elaboramos duas tabelas (Apêndice B), para registrarmos os Domínios Matrizes mapeados no processo de conceptualização da morte e verificamos o ponto de saturação desses domínios.

5 – Compilação das ocorrências de conceptualização da morte. Após detectarmos o ponto de saturação dos domínios, agrupamos as ocorrências por DM e, assim, realizamos a discussão dos resultados. Pois, conforme Almeida (2015) e Santana (2019), foi através dessa organização por domínio que podemos ter uma perspectivação mais clara e objetiva dos resultados obtidos.

6 – Discussão e interpretação dos resultados. Como já assinalado, nosso estudo e interpretação adotou a visão multinível da metáfora (KÖVECSES, 2017, 2020; LEAL, 2020; SILVA, 2021) acrescida de discussões sobre o papel da metonímia conceptual atrelado ao processo de conceptualização do fenômeno que nossa pesquisa se comprometeu a investigar. Sendo assim, apresentamos a metáfora conceptual, seguida das discussões interpretativas sobre os Esquemas de Imagem, Domínio Matriz, os *Frames* e os Espaços Mentais presentes. Ao final, para sintetizar as discussões, foram elaborados quadros para ilustrar os níveis esquemáticos envolvidos nas metáforas conceptuais estudadas. Esses quadros, segundo Leal (2020), constam de uma ou duas das ocorrências que instanciaram a MC estudada em cada subseção do capítulo

Estudo do Corpus. Ademais discutimos sobre as metonímias presentes nas expressões linguísticas encontradas em nosso *corpus*, estabelecendo as relações entre elas e as metáforas conceptuais.

4 ESTUDO DO CORPUS

Nesta seção, apresentamos de forma detalhada o estudo das ocorrências encontradas em nosso *corpus* de pesquisa, a partir das metáforas conceituais que foram instanciadas.

4.1 MORTE É EVENTO

A primeira MC mapeada em nosso *corpus* conceptualiza o domínio da MORTE em termos do domínio EVENTO; este, conforme o *Dicionário Aurélio online* (2009, s/p), pode ter, entre outras, as seguintes acepções: “Aquilo que acontece, acontecimento; eventualidade; qualquer acontecimento com propósitos específicos (festa, seminário, show etc.); fenômeno natural passível de observação científica”. Com base nas acepções listadas, podemos perceber o quanto o referido domínio pode ser acionado como DM para a compreensão de outros domínios.

O fato de nós, seres humanos, conseguirmos categorizar os eventos, as ações, as emoções, entidades, doenças, entre tantos outros conceitos, possibilita-nos usar dessas categorias, ou seja, desse conhecimento arquivado em nossa memória, para conceptualizar outros conceitos (LAKOFF, 1987). Por exemplo, categorizamos casamento, batizado, formatura, seminário, encontros amorosos etc. como itens da categoria EVENTO.

Kövecses (1990), ao desenvolver estudos sobre conceitos e emoções, parte da experiência com eventos, especialmente de eventos sociais para a compreensão de determinadas emoções, pois: “Os eventos sociais que produzem emoções particulares e são vistos como definíveis das seguintes propriedades: avaliação moral, estrutura de papéis, relações sociais, responsabilidade pela ação e intencionalidade”⁶⁰ (KÖVECSES, 1990, p. 20, tradução nossa, adaptado). Se acionarmos o evento social CASAMENTO, por exemplo, podemos mapear algumas das propriedades emocionais descritas por Kövecses (1990), como avaliação moral (os noivos se merecem, serão

⁶⁰ “The social events that produce the particular emotions are seen as definable in terms of the following properties: moral evaluation, ole structure, social, responsibility for the action, intentionality” (KÖVECSES, 1990, p. 20).

fiéis um ao outro etc.) e estrutura dos papéis (se ajudarão de maneira mútua ou um será mais machista que outro, reproduzindo padrões patriarcais no casamento etc.).

Além da nossa experiência com o domínio EVENTO nos possibilitar a compreensão de algumas emoções, o referido autor ainda pontua que esse domínio nos favorece a compreensão, também, do esquema de imagem CONTAINER, pois há elementos dentro de um evento. Pensemos, por exemplo, em um velório de um cristão; nele há o defunto, os familiares, amigos, vizinhos, flores, um sacerdote para realizar a missa de corpo presente etc.; ainda conforme Kövecses (1990), para além do esquema de imagem discutido, há a MC EVENTO É CONTAINER em que o domínio EVENTO é compreendido enquanto um recipiente e, a depender do tipo de evento, o conteúdo do recipiente muda.

Conforme discutido, percebemos o quanto o domínio EVENTO é produtivo no processo de investigação de determinados fenômenos e, no caso do nosso estudo, as ocorrências mapeadas acionam esse domínio para melhor compreender o fenômeno da conceptualização da morte, como mostra o quadro abaixo.

Quadro 6: Ocorrências da MC MORTE É EVENTO

Ocorrência	Autor(a)/Ano	Excerto textual/Página
01	ABREU (1988)	Já viu gente morta, boy? É feio, boy. A morte é muito feia, muito suja, muito triste. Queria eu tanto ser assim delicada e poderosa, pra te conceder a vida eterna. Queria ser uma dama nobre e rica para te encerrar na torre do meu castelo e poupar você do encontro inevitável com a morte . Cara a cara com ela, você já esteve? Eu, sim, tantas vezes. Eu sou curtida, meu bem. (p. 114-115).
02	ABREU (1988)	Só sabe dormir, comer e cagar, esperando a morte . (p. 10).
11	COHEN et al. (1993)	Ao tomar conhecimento de ser portador de uma moléstia fatal, o ser humano passa por cinco diferentes estágios com relação à sua atitude diante da morte ⁶¹ . (p. 2).
14	DOURADO et al. (1997)	Esse aspecto distingue os pacientes de AIDS dos demais, uma vez que o diagnóstico representa uma modificação significativa ou limitações para toda a

⁶¹ A expressão em destaque aciona um encontro entre o ser humano (que está com de HIV/AIDS) e a morte.

		vida, passando, inclusive, a conviver com os preconceitos sociais e uma expectativa de morte próxima ⁶² . (p. 83).
--	--	--

Fonte: elaboração nossa

Ao estudar a referida MC, percebemos, em seu primeiro nível hierárquico, os seguintes EI: CONTATO, pois, para que haja o encontro com a morte, como instanciado nas ocorrências 01, 02, 11 e 14, é preciso que haja uma manutenção de contato com ela; O EI TRAJETÓRIA instanciado pelas expressões linguísticas “*poupar você do encontro inevitável com a morte*” e “*esperando a morte*”, sendo que primeira expressão dá a entender que o sujeito vai traçar um trajeto até encontrar a morte, enquanto na segunda expressão a morte é que realiza um trajeto para chegar até alguém.

O segundo nível hierárquico apresenta o Domínio Matriz EVENTO, podendo ser considerado como um acontecimento ou, mais especificamente, um fenômeno natural, pois a morte do ser humano é um fenômeno natural, ou seja, todo organismo vivo tem seu ciclo vital, sendo a morte, biologicamente falando, seu último estágio. Neste DM há a presença de dois *Frames* específicos, estruturando o terceiro nível da MC em estudo, são eles: ENCONTRO e ESPERA.

O FR ENCONTRO é instanciado pelas expressões linguísticas “*poupar você do encontro inevitável com a morte*”, na ocorrência 01, pois, mesmo a expressão apresentando o item léxico “poupar”, temos a expressão “encontro inevitável”, isto é, todo ser humano um dia irá morrer, ou seja, encontrará com a morte; a ocorrência 11 “*à sua atitude diante da morte*” também aciona o respectivo *frame*, pois, para tomar uma atitude diante da morte, é preciso encontrá-la. A ocorrência 14, ao apresentar a expressão linguística “*uma expectativa de morte próxima*”, também aciona esse *frame*, pois, se a morte está próxima, é possível que, a qualquer momento, aconteça o encontro entre “*os soropositivos*” e “*os pacientes*” com ela. Já a expressão “*esperando a morte*” evoca os *frames* ENCONTRO e ESPERA, sendo possível depreender pela expressão que alguém está à espera, aguardando algo/alguém chegar, neste caso, a morte e, quando a morte chegar, haverá o encontro entre ela e esse alguém.

⁶² Descobrir-se com HIV/AIDS, no início da epidemia, era ficar cada vez mais próximo da morte, ou seja, encontrar-se com ela.

No que concerne aos EMs de CONTATO e REFLEXÃO acionados nas ocorrências, podemos inferir um sentido que perpassa por todas elas: o ser humano com HIV/AIDS, considerando o contexto em que esses textos se inserem, mais cedo ou mais tarde, morreria. Pois, naquela época, ainda não havia o tratamento para amenizar os efeitos provocados pelo vírus no organismo humano. O tratamento antirretroviral⁶³, uma terapia tríplice conhecida como coquetel, surgiu apenas em 1996 depois da XI Conferência Internacional da AIDS (NASCIMENTO, 2005). As ocorrências que evocam os referidos EMs são de textos datados entre os anos de 1988 a 1997, ou seja, num contexto em que os portadores de HIV/AIDS estavam condenados ao encontro com a morte.

As ocorrências 01 e 02 são oriundas de um conto literário, cujas personagens são homossexuais; estes, segundo o discurso médico daquela época, eram integrantes do grupo de risco⁶⁴, pois eram pessoas mais predispostas a contrair o vírus. Sendo essas pessoas pertencentes ao referido grupo, elas eram vistas, por algumas pessoas, de maneira preconceituosa como portadoras da doença. Pois, como discutido anteriormente, a AIDS já foi categorizada como Peste gay e Câncer gay. Sendo assim, a sociedade da época e, infelizmente, ainda hoje, faz essa associação entre gays e AIDS. Então, para o discurso dominante daquele contexto histórico e social, ser gay era estar, inevitavelmente, predisposto a ser infectado pelo HIV e, conseqüentemente, morrer de AIDS, como instanciado nas seguintes expressões linguísticas: “*poupar você do encontro inevitável com a morte*” e “*esperando a morte*”.

Assim, o texto literário, ao construir o EM de CONTATO e fazer a seleção léxica que ativa o referido EM, traz uma forte crítica à sociedade da época, pois “toda sociedade, ao que parece, precisa identificar uma determinada doença como próprio mal, uma doença que torne culpadas as suas vítimas” (SONTAG, 1989, p. 20).

Já as ocorrências 11 e 14 oriundas do discurso médico, ao evocar o *frame* do ENCONTRO, na elaboração dos sentidos, busca dialogar com a comunidade médica

⁶³ “A terapia tríplice inclui os medicamentos chamados genericamente de inibidores de protease e causou um clima de muito otimismo no mundo todo. Particularmente no Brasil, a conquista foi ainda maior. Em setembro de 1996, noticiou-se que o Senado aprovara o projeto que obrigava o Ministério da Saúde a distribuir gratuitamente os medicamentos necessários ao tratamento dos portadores de HIV” (NASCIMENTO, 2005, p. 105-106).

⁶⁴ A expressão “grupo de risco”, no contexto dos primeiros anos da epidemia de HIV/AIDS, no Brasil, está relacionada a como a AIDS ficou conhecida logo nos primeiros anos de sua descoberta, sendo classificada como: “Doença dos 5 H - Homossexuais, Hemofílicos, Haitianos, Heroinômanos (usuários de heroína injetável), Hookers (profissionais do sexo em inglês)” (FIOCRUZ). Disponível em: <https://www.ioc.fiocruz.br/aids20anos/linhadotempo.html> acesso em 10 de março de 2022, às 13h00min.

em geral de uma maneira mais humanística em relação aos cuidados e atenção para com os portadores de HIV/AIDS. Pois, vale ressaltar que as referidas ocorrências são oriundas de artigos científicos publicados em periódicos destinados a médicos e outros profissionais da saúde.

Assim, contextualizando as expressões linguísticas “*relação à sua atitude diante da morte*” e “*uma expectativa de morte próxima*”, podemos perceber a intenção dos conceptualizadores escreventes, ao construir o EM de REFLEXÃO, em refletir sobre a necessidade de um tratamento diferenciado para com “*o portador de uma moléstia fatal*”, “*os soropositivos*”, “*os pacientes*”. Vejamos que a seleção léxica não coloca os portadores de HIV/AIDS de forma pejorativa e estigmatizada, pois, no contexto em que os referidos artigos científicos estão inseridos, era comum o uso, por algumas pessoas, do termo preconceituoso “aidético” para se referir aos portadores de HIV/AIDS. Dessa maneira, o autor e a autora buscam alternativas para que esse encontro com a morte seja visto como algo natural e não como uma condenação.

Discutidos os níveis esquemáticos que envolvem a MC MORTE É EVENTO, elaboramos, a partir das ocorrências 01 e 14, um quadro para mostrar como os elementos do DM EVENTO fazem parte do processamento metafórico do domínio-alvo MORTE, como veremos a seguir.

Quadro 7: Representação em níveis esquemáticos da MC MORTE É EVENTO

	EVENTO	MORTE
EI	CONTATO CONTAINER TRAJETÓRIA	–
DM	EVENTO	Encontrar a morte A morte está próxima
FR	ENCONTRO ESPERA	Estar com HIV/AIDS é estar próximo da morte Estar com HIV/AIDS é esperar pela morte
EM	EM de CONTATO EM de REFLEXÃO	Ser humano homossexual é passível de contrair HIV/AIDS e, conseqüentemente, morrer ⁶⁵ Soropositivos/pacientes com AIDS podem se encontrar com a morte
N5	Ocorrência 01: “poupar você do encontro inevitável com a morte” Ocorrência 14: “uma expectativa de morte próxima”	

Legenda: EI – Esquemas de Imagem; DM – Domínio Matriz; FR – Frames; EM – Espaços Mentais; N5 – Nível 5, nível no qual estão os enunciados usados na comunicação real.

Fonte: Elaboração nossa, adaptado de Kövecses (2017, 2020).

Em relação ao processo metonímico; este se dá no DM, ou seja, a partir da nossa experiência com evento. Assim, podemos mapear a metonímia de duas maneiras: prototípica e fractal.

A metonímia se dá de maneira prototípica (LAKOFF, 1987; RADDEN; KÖVECSES, 1999), quando perspectivamos o DM EVENTO enquanto uma categoria e, entre os diversos elementos que fazem parte dela, o ENCONTRO é o mais prototípico, para conceptualizar a morte enquanto um evento, como ocorre nas seguintes expressões linguísticas: “*poupar você do encontro inevitável com a morte*”; “*relação à sua atitude diante da morte*”, “*uma expectativa de morte próxima*”, ou seja, as ocorrências 01, 12 e 18 ratificam a função prototípica da metonímia para compreendermos a morte em termos de um evento.

É possível também mapear a metonímia enquanto um fractal (PAIVA, 2010, 2011, SPERANDIO, 2014, 2015; ALMEIDA, 2018; SANTANA, 2019), mais especificamente, sua capacidade de compressão. Isso fica evidente a partir da ocorrência 02

⁶⁵ Este mapeamento é possível devido aos estereótipos e estigmas da sociedade da época em relação aos homossexuais.

“*esperando a morte chegar*”, pois, ao evocar o item espera, da categoria EVENTO, é possível comprimir todo o processo que se dá, desde o momento em que a pessoa, naquele cenário epidêmico, descobria-se portadora de HIV/AIDS até o momento de sua morte. Processo esse que envolve: aparecimento de sintomas; estes fazem com que a pessoa procure um médico, realize exames, há confirmação de diagnóstico positivo para HIV, ação do vírus no sistema imunológico, debilitando-o, acarretando o desenvolvimento da doença AIDS, enfrentamento de preconceitos e estigmas sociais, surgimento de doenças oportunistas etc. e, por fim, morte do “*portador de uma moléstia fatal*”. Dessa maneira, fica evidente o quanto metáfora e metonímia se inter-relacionam nas mais diversas formas de conceptualização da morte.

4.1.1 MORTE É ORGANISMO VIVO

A segunda metáfora conceptual estudada foi MORTE É ORGANISMO VIVO. Nela foi acionado o domínio matriz ORGANISMO VIVO, mais especificamente, a ideia de personificação que, segundo Lakoff e Johnson (2004), corresponde a um processo em que atribuímos características humanas a um determinado objeto, ser etc. Pois, ao utilizarmos o referido domínio, somos capazes de compreender a morte através de uma diversidade de experiências no que se refere a motivações, características e atividades humanas, das mais simples às mais complexas.

Em seus estudos sobre metáforas da morte, nos poemas de Emily Dickinson, Lakoff e Turner (1989) apresentam a personificação como um importante domínio experiencial, em nosso processo de compreensão, sobre os mais diversos conceitos. Ao utilizarmos a personificação, passamos a compreender as coisas e objetos como pessoas. Ademais, a “[...]. Personificação permite-nos usar o nosso conhecimento sobre nós mesmos em efeito máximo e usar ideias sobre nós mesmos, para compreender tais coisas como forças da natureza, eventos, conceitos abstratos, e objetos inanimados. [...]”⁶⁶ (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 72, tradução nossa).

O ato de atribuir características humanas a determinados objetos e entidades, ou seja, personificar, possibilita-nos compreender melhor o seu sentido. Pois, como já

⁶⁶ “[...]. Personification permits us to use our knowledge about ourselves to maximal effects, to use insights about ourselves to help us comprehend such things as forces of nature, comon events, abstract concepts, and inanimate objects. [...]” (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 72).

afirmado, nosso embasamento teórico está pautado numa visão experiencialista do significado, então, é mais fácil compreender quando se diz que a memória do computador está falhando, pois, automaticamente, acionamos a nossa experiência com a questão do esquecimento. Os problemas de Alzheimer, por exemplo, que, grosso modo, é um distúrbio cerebral que causa a perda de habilidades intelectuais e sociais. Dessa forma, entendemos o falhar da memória do computador, quando ele já não responde bem aos comandos, como perda de arquivos e sua capacidade de armazenamento de dados está comprometida.

Morato e Siman (2015), ao realizarem um estudo sobre as metáforas da Doença de Alzheimer, em um comparativo entre o discurso do campo científico e a vida cotidiana, apontam a personificação como uma tendência no processo de conceptualização dessa doença; esta é conceptualizada enquanto “um intruso, um ladrão, um inimigo, ou, simplesmente uma entidade maligna. [...]” (MORATO; SIMAN, 2015, p. 5).

Para além dos trabalhos antes citados e, ainda, para além dos estudos em LC, temos também as investigações de Susan Sontag, *Doença como metáfora* (1977) e *Aids e suas metáforas* (1989), em que a pesquisadora, ao falar sobre as doenças, câncer e Aids, apresenta-as enquanto entidades ou, mais especificamente, agentes intrusos no nosso organismo, como bem exemplificado na seguinte passagem do referido estudo:

[...]. No caso da Aids, o inimigo é o elemento que causa a doença, um agente infeccioso que vem de fora: o invasor é minúsculo, cerca de 16 mil vezes menor que a cabeça de um alfinete. [...] os macrófagos, células grandes que são agentes do sistema imunológico do organismo, detectam a presença do pequeno alienígena e imediatamente alertam o sistema imunológico. Esse começa a mobilizar um grande número de células que, entre outras coisas, produzem anticorpos para enfrentar a ameaça. [...] (SONTAG, 1989, p. 22).

No trecho em questão, é perceptível que o vírus HIV é personificado ao ser caracterizado enquanto um agente externo que, ao adentrar o organismo humano e se apoderar dos mecanismos da célula, começa o seu processo de invasão do sistema imunológico, causando a doença AIDS.

Não só as investigações sobre doença utilizam do domínio ORGANISMO VIVO para compreender outros domínios. Silva (2013), ao empreender um estudo acerca das metáforas no processo de compreensão da crise econômica, em textos jornalísti-

cos da imprensa portuguesa, apresenta algumas metáforas como, por exemplo, ECONOMIA É ORGANISMO, ECONOMIA É PESSOA, INSTITUIÇÕES SÃO PESSOAS, entre outras metáforas conceptuais em que o DM ORGANISMO VIVO é constantemente acionado, para melhor compreender a situação da crise econômica em Portugal.

Ao retomar o domínio matriz alvo MORTE, ou seja, o fenômeno que estamos a investigar, apresentamos, no quadro abaixo, as ocorrências em que as expressões metafóricas instanciam a MC MORTE É ORGANISMO VIVO.

Quadro 8: Ocorrências da MC MORTE É ORGANISMO VIVO

Ocorrência	Autor(a)/Ano	Excerto/Página
01	ABREU (1988)	Já viu gente morta, boy? É feio, boy. A morte é muito feia, muito suja, muito triste. Queria eu tanto ser assim delicada e poderosa, pra te conceder a vida eterna. Queria ser uma dama nobre e rica para te encerrar na torre do meu castelo e poupar você do encontro inevitável com a morte. Cara a cara com ela, você já esteve? Eu, sim, tantas vezes. Eu sou curtida, meu bem. (p. 114-115).
06	ABREU (1994)	[...] e agora vejo apenas um rapaz dentro do qual a morte caminha inexorável , só não sabemos quando o golpe final , mas virá [...] (p. 191).
12	ROSENTHAL (1993)	Nossa sociedade e a legislação vigente têm que abordar definitivamente a negação da morte e encará-la realisticamente. (p. 4).

Fonte: Elaboração nossa

Nas ocorrências encontradas, podemos mapear os seguintes Esquemas de Imagem: PARTE/TODO, CONTATO, VERTICALIDADE, CONTAINER, DENTRO-FORA, TRAJETÓRIA. O EI PARTE/TODO se dá a partir das ocorrências mapeadas em que apenas uma parte, o rosto/a cara pelo todo; e uma parte das habilidades (caminhar) de um organismo vivo, ou seja, a metáfora MORTE É ORGANISMO VIVO é acionada pelas expressões linguísticas “*encará-la*”, “*dentro do qual a morte caminha*” e “*cara a cara com ela*”.

Esse “ficar cara a cara com ela” da ocorrência 01 e “encará-la” da ocorrência 12 acionam, também, o EI CONTATO, pois, para que possamos ficar cara a cara com uma determinada entidade, é preciso manter um contato com ela, do contrário, seria impossível esse encarar. Ademais, quando acionamos o domínio do ORGANISMO

VIVO, mais especificamente, personificando o ser, o objeto ou o conceito abstrato que queremos conceptualizar, acionamos também o EI VERTICALIDADE. Ambas as ocorrências conceptualizam a morte enquanto um ORGANISMO VIVO e, dessa maneira, conforme Kövecses (2017), ao evocar esse domínio experiencial, direta ou indiretamente, acionamos o EI VERTICALIDADE. Pois, para encarar ou ficar cara a cara, além de estarmos próximos, mantendo certo contato, geralmente, em nossa cultura, estaremos sentados ou de pé frente a frente e ambas as posições acionam a verticalidade. A ocorrência 06 evoca os EIs: CONTAINER, DENTRO-FORA, TRAJETÓRIA. Pois o item léxico “rapaz” dá a ideia de um recipiente (CONTAINER) dentro do qual (DENTRO-FORA) a morte caminha (TRAJETÓRIA).

Em relação ao segundo nível hierárquico da metáfora conceptual, ou seja, o DM, conforme Kövecses (2020; 2017) e Leal (2020), este se constitui a partir de conceitos esquemáticos, ou seja, ao evocarmos o domínio ORGANISMO VIVO, personificando a morte como um ser humano, acionamos as seguintes características: possui um corpo; esse corpo é composto de partes (membros, cabeça, rosto, tronco etc.) e sistemas (respiratório, circulatório, locomotor etc.) e, no caso da ocorrência 01, há ainda expressões “*a morte é muito feia, muito suja, muito triste*” que adjetivam a morte e são, também, características atribuídas ao ser humano.

Dessa maneira, ao focarmos em determinados conceitos esquemáticos do DM, passamos ao terceiro nível esquemático, o *Frame*. As ocorrências 01 e 12, ao partirem de um campo mais amplo, o DM ORGNISMO VIVO, focam em determinados *frames* desse DM, o ROSTO/CARA e os OLHOS. Já a ocorrência 06 foca no *frame* do SISTEMA LOCOMOTOR, mais especificamente, na habilidade de caminhar.

A ocorrência 01 “*cara a cara com ela já esteve? Eu sim...*” aciona os *frames* do ROSTO e também do OLHO, pois, ficar cara a cara, em nossa cultura, é olhar olho no olho. E, ao considerarmos o contexto do texto, principalmente a personagem⁶⁷ do conto, temos a possibilidade de relação com os grupos de risco, pois eram as pessoas pertencentes a esses grupos que estariam mais propensas a ficar cara a cara com a morte.

⁶⁷A personagem do conto se intitula como Dama da noite e, em algumas passagens da narrativa, há trechos que nos possibilitam inseri-la no chamado grupo de risco, como no seguinte: “[...] pega até de ficar do lado, beber do mesmo copo. Já pensou se eu tivesse? Eu, que já dei pra meia cidade e ainda por cima adoro veado. Eu sou a dama que vai te contaminar com seu perfume venenoso e mortal. [...] eu sou a dama maldita que, sem nenhuma piedade, vai te poluir com todos os líquidos, contaminar teu sangue com todos os vírus. Cuidado comigo: eu sou a dama que mata” (ABREU, 1988, p. 114).

Na ocorrência 06, a expressão linguística “*a morte caminha*” evoca, como já mencionado, o *frame* do SISTEMA LOCOMOTOR, focando na habilidade de caminhar. Isso é possível ao considerarmos o fato de ser a morte causada pela AIDS; esta provocada pelo vírus HIV; este percorre (caminhando) o organismo infectado, invadindo as células, enfraquecendo o sistema imunológico, deixando-o suscetível à morte. Assim, a morte pode ser perspectivada como um organismo vivo que caminha dentro do sujeito que tem HIV/AIDS.

Na ocorrência 12, por exemplo, a expressão linguística “*encará-la*” composta pelo verbo encarar que, conforme o Dicionário Aurélio on-line (2009, s/p), é definido como “olhar fixamente para o rosto de alguém, olhar nos olhos, confrontar algo ou alguém, entrar em contato com alguém de modo inesperado” e pelo pronome pessoal oblíquo “*la*” que retoma o item léxico “*morte*”, ou seja, encarar a morte, ficar cara a cara com ela. Esse encarar a morte, considerando o contexto do texto, o gênero textual e o conceptualizador escrevente, um médico, possibilita-nos perspectivar que, no período da epidemia de HIV/AIDS no Brasil, seria necessário deixar de negar a morte, principalmente, para os pacientes portadores da doença, pois não havia tratamento naquele momento e o diagnóstico positivo da doença, naquele contexto epidêmico, era, também, uma confirmação de que o fim da vida do sujeito com HIV/AIDS estava próximo e seria inevitável.

Já no nível menos esquemático e mais específico, temos os Espaços Mentais em que ocorrem as elaborações on-line do conteúdo conceptual. Sendo assim, cada excerto foi estudado individualmente, pois, para a compreensão dos EMs CONTATO e REFLEXÃO, é necessário articular a ocorrência ao contexto em que ela está inserida.

As ocorrências do texto literário evocam o EM de CONTATO. Isso fica em evidência da seguinte maneira: a ocorrência 01, especialmente o trecho que aciona a personificação da morte, “*Cara a cara com ela, você já esteve? Eu, sim, tantas vezes. Eu sou curtida, meu bem*”, presente em um texto literário, cujo escrevente viveu a época dos movimentos da contracultura e do experiencialismo sexual⁶⁸, tem muito a

⁶⁸ “A contracultura se caracterizava por ser uma revolta juvenil que questionava os valores da sociedade capitalista. Embora tendo repercussão mundial, ela não foi um movimento uniforme. Em cada país em que esteve presente, apresentou características próprias, tendo em comum o objetivo de apontar uma alternativa à tecnocracia dominante nas sociedades capitalistas. Desta forma, os movimentos da contracultura tomaram vários caminhos: desde a arte de vanguarda, misticismos, esoterismos, liberalização sexual até experimentos com drogas psicodélicas, tidos como experiências que faziam expandir a

ver com o comportamento sexual da época, principalmente no que se refere às pessoas que se enquadravam nos grupos considerados de risco, ou seja, mais propensos a contraírem o vírus. Pois, naquele momento, o sexo sem proteção poderia ser uma porta de entrada para o HIV. E, como o vírus poderia/pode ficar latente sem se manifestar, não havia como saber quem tinha ou não o HIV a não ser com a manifestação dos sintomas ou a realização do teste sorológico.

Já a ocorrência 06 também oriunda de um texto literário traz, na elaboração do conteúdo conceptual, a ação do vírus no corpo do ser humano, acionado pelo item léxico “*rapaz*”. Esse rapaz se encontra infectado pelo HIV e, considerando o contexto da época, sem tratamento, era uma pessoa que tinha dentro de si a morte; essa poderia, a qualquer momento, abatê-lo, ceifando-lhe a vida.

A ocorrência oriunda do artigo científico evoca o EM de Reflexão. Pois, na expressão linguística, “*Nossa sociedade e a legislação vigente têm que abordar definitivamente a negação da morte e encará-la realisticamente*”, para além de personificar a morte, usando o DM ORGANISMO VIVO e os *frames* já discutidos, o EM envolvido nesse processo de conceptualização articulam-se ao contexto sócio-histórico-cultural em que estão inseridos. Esse encará-la tem o sentido de confrontar e refletir, realisticamente, a ideia de morte ocasionada pela epidemia de HIV/AIDS.

Considerando que esse excerto foi extraído de um artigo da área médica que discute sobre a eutanásia em tempos de epidemia de HIV/AIDS, possibilita-nos perceber a necessidade da reflexão acerca da eutanásia, a fim de amenizar o sofrimento do paciente diante da degradação do seu sistema imunológico, possibilitando que as doenças oportunistas acometessem o indivíduo infectado. Sendo assim, o encarar a morte se fazia necessário nesse confronto de buscar uma alternativa que mantivesse a dignidade do paciente, pois uma das funções da medicina, especialmente, do médico, diante do sujeito moribundo, é buscar alternativas de confortá-lo e amenizar seu sofrimento diante da certeza de morte (COMBINATO; QUEIROZ, 2006; NASCIMENTO, 2005).

Com o intuito de resumir de maneira esquemática, apresentamos abaixo o esquema que sintetiza as nossas discussões tecidas sobre a MC MORTE É ORGNISMO VIVO, nas ocorrências 01 e 12.

mente e a percepção da realidade, quando sabemos que os efeitos das drogas não são tão benéficos assim”. (SANTOS, 2017, p. 82, 87)

Quadro 9: Representação em níveis esquemáticos da MC MORTE É ORGANISMO VIVO

	ORGANISMO VIVO	MORTE
EI	CONTATO VERTICALIDADE CONTAINER DENTRO-FORA TRAJETÓRIA	–
DM	ORGANISMO VIVO	A morte é ser humano A morte tem rosto e campo de visão A morte pode nos encarar
FR	ROSTO SISTEMA VISUAL OLHOS	Ficar cara a cara com a morte Olhar nos olhos da morte Manter contato visual com a morte
EM	EM de REFLEXÃO EM de CONTATO	É preciso encarar a morte de maneira realística no contexto epidêmico de HIV/AIDS, refletindo sobre a possibilidade de eutanasiar o sujeito com HIV/AIDS em seu estado mais crítico Práticas sexuais sem prevenção, no contexto epidêmico de HIV/AIDS, e sem tratamento pode ocasionar contato com a morte
N5	Ocorrência 01: “Cara a cara com ela, você já esteve? Eu, sim, tantas vezes. Eu sou curtida, meu bem” Ocorrência 12: “Nossa sociedade e a legislação vigente têm que abordar definitivamente a negação da morte e encará-la realisticamente”	

Legenda: EI – Esquemas de Imagem; DM – Domínio Matriz; FR – Frames; EM – Espaços Mentais; N5 – Nível 5, nível no qual estão os enunciados usados na comunicação real.

Fonte: Elaboração nossa, adaptado de Kövecses (2017, 2020).

Além de mapear os níveis hierárquicos que envolvem a referida metáfora conceptual, é perceptível também que, em ambas as ocorrências, a metáfora conceptual MORTE É ORGANISMO VIVO é acionada pela Metonímia Conceptual parte/todo. E, mais especificamente pelo acionamento dos *frames* SISTEMA VISUAL, OLHOS, CARA/ROSTO e SISTEMA LOCOMOTOR. Nas ocorrências estudadas, a metonímia conceptual é identificada a partir de elementos presentes no DM ORGANISMO VIVO, sendo que as expressões linguísticas “*cara a cara*” e “*encará-la*” acionam a ideia do

rosto e, culturalmente, como já discutido na subseção sobre metonímia, o rosto é considerado uma forma de identidade em nossa cultura. Já a expressão linguística “*a morte caminha*” ressalta uma habilidade do organismo vivo: caminhar.

Ao tomarmos a metonímia conceptual parte/todo enquanto um fractal da linguagem (PAIVA, 2010; SPERANDIO, 2014, ALMEIDA, 2015; ALMEIDA; SANTANA, 2019), percebemos que, nesse fractal, há a compressão do todo, pois o *frame* do rosto não está posto apenas como um elemento de substituição, pelo contrário, ele oferece informações suficientes à compreensão da morte enquanto um organismo vivo, mais especificamente, como um ser humano. Se aplicarmos a descompressão fractal, como preconiza Paiva (2010; 2011) a partir do(a) rosto/cara que são evocados nas expressões linguísticas “*encará-la*” e “*cara a cara com ela*”, podemos perceber que este rosto está ligado a um corpo; este possui sistemas que o compõem e, mais específica e culturalmente, ratifica a ideia que temos de conceptualizar a morte enquanto um ser humano.

Ademais, considerando o contexto histórico e social em que o conto está datado, a metonímia presente na expressão linguística “*a morte caminha*” também funciona como um fractal de compressão, pois, esse “*caminha*” comprime todo o processo envolvido na ação do vírus HIV no corpo humano: o vírus HIV adentra o organismo humano, “*caminha*” para o sistema imunológico, mais especificamente, infectando as células chamadas T-CD4+; elas são usadas pelo vírus para que ele seja multiplicado. Após se multiplicar, o vírus destrói os linfócitos, segue sua “*caminhada*” para infectar células do cérebro, da pele, do coração, dos rins, traçando um “*caminho*” de destruição dos linfócitos (BRASIL, 2021, adaptado). O indivíduo fica com seu sistema imunológico debilitado e, conseqüentemente, cada vez mais vulnerável às doenças oportunistas; estas, considerando a ausência do tratamento, como no início da epidemia de HIV/AIDS, em nosso país, causava a morte do sujeito com HIV/AIDS. Dessa forma, naquele contexto, ter HIV/AIDS era sinônimo de ter a morte caminhado dentro de si.

4.1.2 MORTE É SENTIMENTO

A terceira MC instanciada no *corpus* foi MORTE É SENTIMENTO. Com ela, é possível perceber o acesso às nossas experiências com os sentimentos. Kövecses (2004), em *Metaphor and emotion: language, culture and body in human feeling*, traça

um estudo acerca de como as emoções estão articuladas aos nossos sentimentos. Nesse trabalho, o referido autor buscou demonstrar que as nossas emoções e sentimentos não são apenas resultantes da nossa biologia, pelo contrário, eles são resultantes da nossa experiência corporal articulada a diferentes configurações culturais. Assim sendo, por exemplo, para comprovar suas hipóteses da relação corporal com o contexto cultural, ele argumenta que, quando queremos nos referir a coisas boas, como vida, acionamos sentimentos relacionados a estar para cima, leve etc.; mas, para falarmos de coisas que consideramos ruim, como a morte, relacionamos aos sentimentos de estar para baixo, sentirmo-nos na escuridão etc.

Em *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*, Damásio (2012) discute a relação existente entre os fatores externos e a nossa composição biológica no processamento das emoções e sentimentos que temos diante de determinadas situações. Ele apresenta, por exemplo, uma descrição do nosso comportamento diante do reencontro com alguém ou o recebimento da notícia da morte de uma pessoa, demonstrando as diferentes reações. No primeiro caso, “o coração pode bater mais depressa, a pele pode corar, os músculos do rosto podem mudar em redor da boca e dos olhos para formar uma expressão feliz, enquanto todos os outros músculos ficam relaxados” (DAMÁSIO, 2012, p. 152); já, no segundo caso, ou seja, quando recebemos a notícia da morte de alguém, “coração pode sobressaltar-se, a boca ficar seca, a pele empalidecer, uma contração na barriga e um aumento de tensão dos músculos do pescoço e das costas completarão o quadro, enquanto seu rosto desenha uma máscara de tristeza” (DAMÁSIO, 2012, p. 152).

Em estudo intitulado *À flor da pele: a emergência de significados de conceitos de emoção*, Vanin (2012) investigou conceitos relacionados a emoções, descrevendo e explicando como os processos cognitivos estão relacionados à conceptualização das emoções. Conforme a referida autora “a nomeação de uma emoção pode significar estabelecer, em uma linha tênue, que aquilo que se sente pode se encontrar entre os conceitos lexicais MELANCOLIA, TRISTEZA, DESALENTO, e até AFLIÇÃO ou RANCOR, por exemplo, mas não ser reconhecido como nenhum deles, ou, contrariamente, como uma mistura deles” (VANIN, 2012, p. 13).

Os estudos de Kövecses (2004), Damásio (2012) e Vanin (2012) deixam claro o quanto a nossa experiência com os sentimentos nos possibilita compreender outros conceitos. Dessa maneira, ao acessarmos o domínio dos sentimentos, considerando

o contexto em que o *corpus* está inserido, podemos compreender diversos aspectos relacionados à morte, como demonstramos no quadro a seguir.

Quadro 10: Ocorrências da MC MORTE É SENTIMENTO

Ocorrência	Autor(a)	Excerto textual/Página
03	ABREU (1988)	Eu podia morrer aqui dentro. Sozinha. Deus me livre. Ela nem ia ficar sabendo, só se fosse pelo jornal. Se desse no jornal. Quem se importa com um caco velho. (p.13)
04	ABREU (1988)	É sina – disse. – Tua avó morreu só. Teu avô morreu só. Teu pai morreu só, lembra? Naquele fim de semana que eu fui pra praia (p. 13).
13	SERGE (1993)	Em síntese, a AIDS despertou dramaticamente as aflições humanas mais íntimas com relação à morte, trazendo à tona tabus e moralismos que se consideravam em parte superados, potencializando-os de forma dramática (p. 02).

Fonte: Elaboração nossa

Ao estudar a MC em pauta sob a visão multinível, percebemos no primeiro nível esquemático os seguintes Esquemas de Imagem: CONTAINER, DENTRO-FORA, CONTATO, FORÇA, PROCESSO. Os EIs CONTAINER e DENTRO-FORA são acionados a partir da expressão linguística da ocorrência 03 “*Eu podia morrer aqui dentro*”, sendo que a expressão aciona o ambiente como um container, a pessoa que morre é o conteúdo a preencher o container.

Os EIs CONTATO, FORÇA se fazem presentes a partir da expressão linguística presente na ocorrência 13: “*AIDS despertou dramaticamente as aflições humanas mais íntimas com relação à morte*”, sendo a manutenção de contato com a morte que despertava a aflição humana. E, considerando o contexto em que a ocorrência está inserida, o fato de estar com AIDS era passível de manutenção de contato com a morte, despertando a aflição do sujeito acometido pela doença. Já na ocorrência 04, a expressão linguística “*Tua avó morreu só. Teu avô morreu só. Teu pai morreu só*” aciona o EI PROCESSO, mais especificamente o final do processo, ou seja, o momento em que a pessoa morre. O referido EI é acessado pelo fato de que morrer é um processo, seja ele desencadeado por agentes patológicos, como no caso das mortes causadas por HIV/AIDS ou outras causas de morte.

No segundo nível esquemático, temos o DM SENTIMENTO. Esse DM engloba, conforme o Dicionário Aurélio on-line (2022, s/p), as seguintes características: “emoções, capacidade de sentir, de se emocionar, de se comover diante de algo ou alguém”. Dessa forma, ao relacionarmos os textos ao contexto social e histórico, perceberemos que, no DM acessado para conceptualizar a morte, há determinados elementos em destaque, ou seja, os *Frames* SOLIDÃO e AFLIÇÃO. Esses *frames* correspondem ao terceiro nível esquemático da MC em estudo.

O FR SOLIDÃO aciona a ideia de isolamento moral ou social, sentir-se sozinho mesmo estando rodeado de pessoas. As ocorrências 03 e 04 nos permitem conceber a ideia de estar sozinho/isolado no momento da morte: “*Eu podia morrer aqui dentro. Sozinha*”; “*Tua avó morreu só. Teu avô morreu só. Teu pai morreu só, lembra?*”. O FR AFLIÇÃO, por sua parte, instancia a angústia, o medo, a preocupação, o sofrimento e a tristeza. Essas aflições estavam associadas às pessoas que se descobriam portadoras de HIV/AIDS naquele contexto de epidemia, em nosso país, principalmente, pelo fato de não haver um tratamento eficaz para a doença.

O quarto nível esquemático, isto é, os Espaços Mentais, apresenta a construção do significado conceptual. As ocorrências em estudo evocam o EM de REFLEXÃO. A construção do referido EM articula o texto ao contexto em que está inserido e, considera, também, os conceptualizadores escreventes e os objetivos do gênero textual de onde as ocorrências foram coletadas.

Ao evocar, nos EMs, o FR da SOLIDÃO, por exemplo, nas ocorrências 03 e 04, o conceptualizador escrevente do texto literário busca estimular uma reflexão sobre o sentimento de abandono e isolamento vivido pelos portadores de HIV/AIDS naquele contexto. É sabido que, naquela época, por não se ter muito conhecimento científico sobre os meios de prevenção e não haver tratamento efetivo, as pessoas portadoras de HIV/AIDS eram isoladas moral e socialmente. O isolamento moral se dava pelo fato de, como pontua Sontag (1989), a sociedade da época considerar culpadas as pessoas que contraíam a doença; esta, em seus primeiros momentos, estava relacionada a comportamentos considerados desviantes da moral conservadora (pessoas homossexuais e usuários de drogas, por exemplo). Já o isolamento social estava articulado ao tratamento dado às pessoas quando se descobriam soropositivas e precisavam de internamento. Elas eram isoladas em alas separadas porque, naquele contexto, pensava-se que HIV/AIDS era transmitido pelo toque, beijo etc., fazendo com que as pessoas se distanciassem dos portadores de HIV/AIDS.

A ocorrência 13 é oriunda de um artigo científico da área médica, cujo conceitualizador escrevente era envolvido com questões bioéticas, buscando a promoção do direito fundamental à saúde. Dessa maneira, podemos inferir seu objetivo de chamar a comunidade médica e demais profissionais da saúde à reflexão sobre os impactos do diagnóstico de HIV/AIDS, na vida das pessoas, pois, naquele período, o diagnóstico positivo e a possibilidade de morte trouxeram “*à tona tabus e moralismos que se consideravam em parte superados, potencializando-os de forma dramática*”(SERGE, 1993, p. 2).

Considerando o ano de publicação do referido artigo científico, 1993, ainda não havia o tratamento antirretroviral para a doença e boa parte dos infectados eram pertencentes aos grupos de risco. Assim, os portadores de HIV/AIDS eram estigmatizados e sofriam os mais diversos tipos de preconceitos, sendo considerados culpados por contraírem o vírus e desenvolverem a doença. Sendo que muitas pessoas, baseando-se em uma moral religiosa, pregavam a morte como um castigo justo para essas pessoas que mantinham um comportamento desviante dos padrões morais da época (NASCIMENTO, 2005). Dessa maneira, ao evocar o sentimento de aflição, o conceitualizador escrevente busca provocar a reflexão sobre o direito à saúde, sem distinção ou preconceito, ou seja, a necessidade da humanização na relação médico-paciente e, conseqüentemente, colaborar no combate de preconceitos e estereótipos, na sociedade em geral, pois o discurso médico tem muito a contribuir na forma como a sociedade lida com os sujeitos doentes.

Assim, a MC MORTE É SENTIMENTO nos permitiu refletir que, naquela época, a morte não só era vista como um processo que se vive sozinho, mas, principalmente, a questão do abandono e o quanto às pessoas soropositivas eram relegadas a dignidade e humanidade, o cuidado e o apoio necessário para enfrentar a doença e a ideia de morte.

Tecidas nossas discussões sobre a MC em estudo, apresentamos abaixo o quadro que sintetiza os níveis esquemáticos da MC MORTE É SENTIMENTO presentes nas ocorrências 03 e 13.

Quadro 11: Representação em níveis esquemáticos da MC MORTE É SENTIMENTO

	SENTIMENTO	MORTE
EI	CONTAINER DENTRO-FORA CONTATO PROCESSO	–
DM	SENTIMENTO	Morte é sentimento Morrer desperta emoções
FR	SOLIDÃO AFLIÇÃO	Ser humano HIV/AIDS morria de forma solitária Ter HIV/AIDS desperta aflição de morrer
EM	EM de REFLEXÃO	É preciso reflexão sobre os julgamentos morais que acarretam o isolamento e abandono dos portadores de HIV/AIDS Estar com HIV/AIDS, naquele contexto, era estar predestinado a morrer solitário É preciso refletir sobre as aflições humanas relacionadas à morte no contexto da epidemia de HIV/AIDS Paciente com HIV/AIDS precisa de tratamento humanizado
N5	Ocorrência 03: “Eu podia morrer aqui dentro. Sozinha. Deus me livre. Ela nem ia ficar sabendo, só se fosse pelo jornal. Se desse no jornal. Quem se importa com um caco velho” Ocorrência 13: “Em síntese, a AIDS despertou dramaticamente as aflições humanas mais íntimas com relação à morte, trazendo à tona tabus e moralismos que se consideravam em parte superados, potencializando-os de forma dramática”	

Legenda: EI – Esquemas de Imagem; DM – Domínio Matriz; FR – Frames; EM – Espaços Mentais; N5 – Nível 5, nível no qual estão os enunciados usados na comunicação real.

Fonte: Elaboração nossa, adaptado de Kövecses (2017, 2020).

Além dos níveis esquemáticos que envolvem a MC em estudo, foi possível identificar que a referida MC se deu a partir de um processo metonímico. Pois, em ambas as ocorrências, foi possível perceber os seguintes acionamentos: PARTE/TODO, ou seja, uma parte do domínio SENTIMENTO foi perspectivado para

compreensão do domínio MORTE; há, também, o acionamento ITEM pela CATEGORIA, isto é, SOLIDÃO/AFLIÇÃO por SENTIMENTO.

Com base no mapeamento metonímico feito, é perceptível que a metonímia conceptual pode ser classificada como prototípica. Prototípica, como pontua Lakoff (1987) e Godim e Pelosi (2013), ao evocar um item SOLIDÃO/AFLIÇÃO como membro mais prototípico de uma categoria SENTIMENTO, considerando o contexto da epidemia de HIV/AIDS, no Brasil. Isso ficou evidente a partir dos itens léxicos “sozinha” e “só” presentes nas ocorrências 03 e 04 que instanciaram a ideia de SOLIDÃO; esta, considerando o contexto em que as ocorrências estão datadas e localizadas, não têm apenas uma função de substituição de um termo por outro (solidão por sentimento), muito pelo contrário, essa escolha aciona muitas das características pertencentes à categoria SENTIMENTOS, para descrever como se sentiam as pessoas portadoras de HIV/AIDS naquele contexto histórico e social, principalmente quando relacionavam a doença com a ideia de morte.

Na ocorrência 13, podemos considerar a metonímia conceptual enquanto um fractal da linguagem, pois, quando observamos seu acionamento na expressão linguística “*as aflições humanas mais íntimas com relação à morte*”, essa aflição possui uma capacidade de comprimir um gama de informações que estão articuladas à condição de sentir aflito: a angústia, a preocupação, a tristeza, sendo essas condições causadas por uma dificuldade, no caso a doença, e o sofrimento causado pelo desgosto. Essas informações mantêm uma forte relação com as pessoas portadoras de HIV/AIDS no início da epidemia, pois eram julgadas moralmente e culpabilizadas por contraírem o vírus e desenvolverem a doença e, a depender do grupo a que pertencessem, a sociedade ainda considerava o sofrimento e a morte como castigo justo. Assim, ao instanciar a MC MORTE É SENTIMENTO, a metonímia conceptual presente comprime informações que são resgatadas ao contextualizarmos o texto ao seu contexto histórico, social e cultural.

4.1.3 MORTE É PERIGO

A quarta MC mapeada foi MORTE É PERIGO. Nessa MC temos como DM PERIGO; este, considerando o contexto em que o *corpus* está situado, permite-nos acionar experiências relacionadas a situações em que alguém está sob risco ou ameaça. E, nos anos iniciais e antes da inserção do coquetel para tratamento de HIV/AIDS, os

indivíduos infectados corriam esse perigo de morte, como podemos observar nas expressões listadas no quadro abaixo:

Quadro 12: Ocorrências da MC MORTE É PERIGO

Ocorrência	Autor(a)	Excerto textual/Página
05	ABREU (1994)	Mas a cidade está louca, você sabe. Sim, a cidade está doente, você sabe. E o vírus caminha em nossas veias, companheiro[...]. Eu quero o risco, não digo. Nem que seja a morte (p. 189)
15	THULER et al. (1998)	Outros estudos norte-americanos têm mostrado que mulheres com AIDS são menos frequentemente hospitalizadas e apresentam maior risco de morrer que pacientes do sexo masculino (p. 574)
16	THULER et al. (1998)	No presente estudo, pacientes que não fizeram acompanhamento ambulatorial na unidade tiveram três vezes mais risco de evoluir para o óbito (OR= 3,29), sugerindo que os esforços devam ser concentrados na acessibilidade universal a serviços de qualidade, o que poderá contribuir de maneira significativa para um melhor prognóstico dos pacientes. (p. 577)

Fonte: Elaboração nossa

Em relação ao primeiro nível esquemático da MC em estudo, temos os seguintes EI: TRAJETÓRIA, CONTAINER e CONTATO. No que diz respeito ao EI TRAJETÓRIA, temos, na ocorrência 05, a expressão “*e o vírus caminha em nossas veias*”, acionando o referido EI, pois é o fato de o vírus se espalhar pelo organismo, contaminando-o e possibilitando o surgimento de doenças que estabelece o perigo de morte para o sujeito com HIV/AIDS. O EI CONTAINER também é acionado na referida expressão, pois a veia pode ser acionada enquanto um recipiente dentro do qual o vírus caminha dentro. O EI CONTATO tem relação direta ao fato de, para ocorrer o perigo de morte, as pessoas precisavam ter tido contato com o vírus e/ou a doença, como expresso nas seguintes expressões linguísticas: “*E o vírus caminha em nossas veias, companheiro*” e na ocorrência 15, “*mulheres com AIDS*”.

No segundo nível da MC temos o DM PERIGO. Nesse DM conseguimos mapear diversas experiências que temos, desde as mais básicas como o risco de levar um tombo, quando estamos a começar a andar, por exemplo, ou o risco de morrer quando contraímos uma doença como o câncer ou a AIDS. E, dentro desse Domínio Matriz, temos, mais especificamente, o foco no FR RISCO; este constitui o terceiro nível esquemático da MC em estudo, possibilitando-nos compreendê-lo enquanto uma

probabilidade ou possibilidade de perigo, como acionado nas seguintes expressões linguísticas: *“Eu quero o risco, não digo. Nem que seja a morte”*, na ocorrência 05; *“mulheres com AIDS são menos frequentemente hospitalizadas e apresentam maior risco de morrer”*, na ocorrência 15 e *“pacientes que não fizeram acompanhamento ambulatorial na unidade tiveram três vezes mais risco de evoluir para o óbito”*, na ocorrência 16.

Já o quarto nível, sendo mais específico e menos esquemático, aciona os EMs evocados para a construção do conteúdo conceptual. No que diz respeito à ocorrência 05 extraída de um texto literário, temos um EM de DESAFIO. Pois a personagem principal do conto está inserida no contexto da epidemia de HIV/AIDS e sem tratamento, mesmo assim desafia os perigos de contrair o vírus, para exercer sua sexualidade e viver o amor que nutre pelo outro. Essa construção de sentidos evocados pelo texto literário retrata os desafios enfrentados pela sociedade daquele contexto epidêmico, principalmente, para as pessoas que queriam viver suas relações, mas estavam sob constante risco e ameaça de contrair o vírus e, conseqüentemente, morrer em decorrência do agravamento do quadro da AIDS em seus organismos.

As ocorrências 15 e 16, oriundas de um artigo científico, trazem a campo o EM da CONSCIENTIZAÇÃO. O referido texto está situado em um período em que o coquetel antirretroviral já estava em uso, no Brasil. No entanto, o fato de algumas pessoas não fazerem o acompanhamento, para diagnóstico e tratamento de HIV/AIDS, contribuía para o risco de elas morrerem em decorrência do agravamento do quadro clínico. Isso fica evidente nas expressões linguísticas: *“mulheres com AIDS são menos frequentemente hospitalizadas e apresentam maior risco de morrer”* e *“pacientes que não fizeram acompanhamento ambulatorial na unidade tiveram três vezes mais risco de evoluir para o óbito”*.

As ocorrências 15 e 16 ao instanciarem a MC MORTE É PERIGO e, considerando o gênero textual em questão, tem por objetivo conscientizar sobre a necessidade de a população em geral ficar atenta ao diagnóstico e tratamento de HIV/AIDS, pois, embora já estivesse em uso a medicação que aumenta o tempo de vida dos portadores de HIV/AIDS, o não acompanhamento do quadro clínico e a adoção dos cuidados e tratamento necessários tornavam e ainda tornam o HIV e a AIDS risco e ameaça de morte para o sujeito infectado.

Para sintetizar o que foi discutido, apresentamos abaixo o esquema que sintetiza as discussões tecidas sobre a MC MORTE É PERIGO, nas ocorrências 05 e 16.

Quadro 13: Representação em níveis esquemáticos da MC MORTE É PERIGO

	PERIGO	MORTE
EI	CONTATO TRAJETÓRIA CONTAINER	–
DM	PERIGO	Morte representa um perigo aos portadores de HIV/AIDS
FR	RISCO	Ter HIV/AIDS é correr risco de morte Paciente com HIV/AIDS que não faz acompanhamento ambulatorial corre risco de morte
EM	EM de DESAFIO EM de CONSCIENTIZAÇÃO	Viver a sexualidade, no contexto de epidemia de HIV/AIDS e sem tratamento, é risco de morte Portadores de HIV/AIDS precisam se conscientizar da necessidade do acompanhamento ambulatorial para que o quadro clínico não ofereça risco de morte
N5	Ocorrência 05: “Eu quero o risco, não digo. Nem que seja a morte” Ocorrência 16: “pacientes que não fizeram acompanhamento ambulatorial na unidade tiveram três vezes mais risco de evoluir para o óbito”	

Legenda: EI – Esquemas de Imagem; DM – Domínio Matriz; FR – Frames; EM – Espaços Mentais; N5 – Nível 5, nível no qual estão os enunciados usados na comunicação real.

Fonte: Elaboração nossa, adaptado de Kövecses (2017, 2020).

A MC em estudo é instanciada a partir de um processamento metonímico PARTE/TODO, pois, é partir do item léxico “risco” presente nas ocorrências 05, 15 e 16 que conseguimos acessar a MC MORTE É PERIGO, ou seja, uma parte do domínio é acessada. Assim, podemos verificar que a referida metonímia conceptual pode ser vista sob a ótica prototípica. Isso se deu devido ao fato de que, conforme discutido na subseção 2.1 do capítulo 2, a depender do contexto, o item prototípico de uma categoria pode variar. Dessa maneira, considerando o contexto da epidemia de HIV/AIDS, no Brasil, ao perspectivamos PERIGO enquanto uma categoria, o item RISCO foi considerado o mais prototípico para fazer referência ao tema da morte, nos textos que compuseram o *corpus* de pesquisa.

O discurso médico, por exemplo, utiliza a expressão linguística “risco de morte” para discutir sobre determinadas doenças que podem levar o indivíduo à morte. Esse

uso está evidente nas ocorrências 15 e 16, conforme as seguintes expressões linguísticas: *“apresentam maior risco de morrer”* e *“tiveram três vezes mais risco de evoluir para o óbito”*.

Embora a ocorrência 05 não seja oriunda do discurso médico, o item RISCO é, também, acessado como prototípico da categoria PERIGO, para o processo de conceptualização da morte, colocando em evidência o valor prototípico de RISCO no processamento metonímico que instanciou a MC MORTE É PERIGO, na expressão linguística da ocorrência 05: *“Eu quero o risco, não digo. Nem que seja a morte”*.

4.1.4 MORTE É GUERRA

O DM GUERRA tem sido evocado para a compreensão de outros domínios, como já demonstraram os estudos seminais da LC, quando Lakoff e Johnson (1980), ao postularem a TMC, utilizaram o exemplo *“DISCUSSÃO É GUERRA”*, para explicar como o ser humano conceptualiza o domínio discussão. Dessa maneira, partimos da nossa experiência com o DM GUERRA, usando expressões como: *“seus argumentos são indefensáveis”, “ele atacou todos os pontos fracos da minha argumentação”, “destruí seu argumento”, “se usar essa estratégia, será aniquilado”*⁶⁹ (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 40, tradução nossa). Essas expressões linguísticas instanciam a MC DISCUSSÃO É GUERRA, ratificando os pressupostos dos autores de que o domínio Guerra contribui no processo da conceptualização humana.

Diversos estudos surgidos a partir da teoria proposta por Lakoff e Johnson (1980) evidenciam como recorreremos ao referido domínio, para a compreensão de outros domínios. Podemos citar, por exemplo, os estudos empreendidos por Sperandio (2020) e Almeida (2020), publicados na edição especial da Revista Estudos Linguísticos e Literários, enfocando a linguagem da pandemia do novo coronavírus sob a ótica da LC.

Sperandio (2020) estrutura e desenvolve seu estudo a partir da metáfora conceptual *CORONAVÍRUS É GUERRA*. Para isso, utilizou o buscador do Google, digitando a seguinte expressão linguística *“coronavírus é guerra”*. A partir dessa busca,

⁶⁹ *“Tus afirmaciones son indefendibles, atacó todos los puntos débiles de mi argumento, destruí su argumento, si usas esa estrategia, te aniquilará”* (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 40).

dirigiu-se aos mais diversos sites que apresentaram expressões linguísticas que instanciavam a referida MC. Em seu estudo, a pesquisadora afirma que, ao usarmos o domínio da Guerra, considerando o contexto pandêmico em que estamos inseridos, desde março de 2020, possibilita-nos uma melhor compreensão sobre esse novo domínio e, assim, podemos agir como se já o conhecêssemos, sendo possível combatê-lo.

O estudo empreendido por Almeida (2020), em um viés comparativo, a partir de expressões linguísticas coletadas em textos jornalísticos publicados no Jornal Correo da manhã, nos anos de 1918 e em 2020, reflete sobre a metáfora DOENÇA É GUERRA, para a compreensão das pandemias de Gripe Espanhola e COVID-19. A referida autora traz à baila discussões de como o domínio da GUERRA é acionado nas mais diversas expressões encontradas, constatando que “essa metáfora é estruturada por *frames*, a exemplo de AÇÃO BÉLICA e ESTRATÉGIA DE GUERRA. Além disso, averiguaram-se diferenças de esquematicidade/especificidade na conceptualização dessas doenças” (ALMEIDA, 2020, p. 366).

Ainda é possível citar o trabalho de Leal (2020) que investigou a conceptualização do medo em obras de Stephen King. Nesse estudo um dos domínios acionados para compreensão do fenômeno investigado foi o da GUERRA; este foi acionado a partir da MC MEDO É UM Oponente em uma batalha.

Os estudos citados ratificam o quanto o domínio da GUERRA é acionado para diferentes conceptualizações e seu estudo pode contribuir nas investigações empíricas acerca de outros domínios e, no caso da pesquisa realizada, não seria diferente, pois, o *corpus* apresentou ocorrências em que, para compreendermos a morte, precisamos recorrer a esse domínio, como ilustrado no quadro abaixo:

Quadro 14: Ocorrência da MC MORTE É GUERRA

Ocorrência	Autor(a)/Ano	Excerto textual/Página
06	ABREU (1994)	[...] e agora vejo apenas um rapaz dentro do qual a morte caminha inexorável, só não sabemos quando o golpe final , mas virá [...] (p. 191).
10	COHEN et al. (1993)	Pode não ser diferente com a pessoa contaminada pelo HIV, ou mesmo com quem já sofre as manifestações da AIDS. Ocorre que o diagnóstico, com efeito de uma bomba, põe em xeque as defesas psíquicas anteriores, uma vez que denuncia toda a vulnerabilidade humana, antes impossível de ser percebida. Desse confronto com a morte a melhor saída é a de quem estima a própria vida e nela acredita, mesmo levando em conta a sua contingência, inclusive porque o abatimento emocional debilita o corpo, tornando-o ainda mais vulnerável. (p. 02).

Fonte: Elaboração nossa

Ao aplicarmos a visão multinível da metáfora (KÖVECSES, 2020; 2017; LEAL, 2020; SILVA, 2021), é possível identificar os seguintes Esquemas de Imagem envolvidos na MC MORTE É GUERRA: FORÇA, FORÇA CONTRÁRIA e TRAJETÓRIA. O EI de FORÇA, mais especificamente, o de FORÇA CONTRÁRIA se dá a partir das seguintes expressões linguísticas: “*Desse confronto com a morte*” e “*golpe final*”, pois, essas expressões, ao evocarem o referido EI, possibilita-nos estabelecer uma relação com nossa experiência corpórea de confronto, combate, luta, ou seja, nos opor a uma força contrária, sendo que esses sentidos estão articulados ao DM da GUERRA.

Ainda é possível, na ocorrência 06, identificar o EI TRAJETÓRIA, com foco na META, ou seja, o objetivo final que, neste caso, é a morte do sujeito com HIV/AIDS, como é possível perceber na seguinte expressão linguística: “[...] e agora vejo apenas um rapaz dentro do qual a morte caminha inexorável, só não sabemos quando o golpe final, mas virá”. Pela expressão, é possível perceber que a morte traça um determinado trajeto para cumprir seu objetivo final: ceifar a vida do indivíduo.

O Domínio Matriz acionado para conceptualização da morte, nessa metáfora, é, como visto, o da GUERRA. Isso se dá, principalmente, pelo fato de a morte ser causada por uma doença, AIDS. E, como já discutido, quando se fala de doença, as metáforas da guerra são evocadas. A expressão linguística “*O diagnóstico, com efeito de uma bomba*” nos permitiu inferir como, no início da epidemia de HIV/AIDS, em nosso país, receber um diagnóstico positivo para o vírus e/ou a doença era algo desolador e assombroso, principalmente pelo fato de não haver cura para a doença nem

os coquetéis de remédios que hoje existem. Dessa forma, o paciente travava uma batalha, uma luta previamente perdida contra a doença; esta, como vitoriosa, dava o “*golpe final*”, ocasionando a morte do ser humano. Ademais, a guerra não precisa ser apenas em seu sentido bélico, ela pode ser, também, psicológica, pois o diagnóstico positivo abala o emocional do paciente, deixando-o vulnerável, pois, naquele contexto epidêmico, inexoravelmente, a ação do vírus debilitava o corpo do indivíduo, levando-o à morte.

Ainda conforme Kövecses (1990), o ser humano está sempre buscando se distanciar da morte, evitando, o máximo possível, esse confronto com ela. Pois, nessa guerra, a morte é sempre vitoriosa. E em face dessa e de outras vivências relativas à experiência da morte, DM GUERRA acaba se constituindo por diversos *frames*; estes compõem o terceiro nível esquemático da referida MC, sendo eles: LUTA e GOLPE FINAL presentes na expressão linguística “*só não sabemos quando o golpe final, mas virá*”; ESTRATÉGIA DE ATAQUE/DEFESA presente na expressão linguística “*põe em cheque as defesas psíquicas*”; BOMBARDEIO evocado na expressão linguística “*Ocorre que o diagnóstico, com efeito de bomba*”; CONFRONTO presente em “*Desse confronto com a morte*”.

Nessa evocação de *frames* para elaboração do conteúdo conceptual, chegamos ao nível menos esquemático e mais específico da MC, ou seja, os Espaços Mentais, pois é a partir deles que conseguimos mapear os sentidos presentes nas ocorrências. A ocorrência 06 foi extraída de um texto literário e aciona o EM de CONFIRMAÇÃO, pois a referida ocorrência é oriunda de um conto datado e localizado no contexto da epidemia de HIV/AIDS, em um momento em que não existia tratamento para a doença. Assim, a pessoa que se descobria portadora de HIV/AIDS, de certa forma, travava uma luta pela vida. Mas, infelizmente, com ausência de tratamento efetivo e a ação do vírus, enfraquecendo o sistema imunológico do paciente, era uma luta perdida, pois acabava morrendo em decorrência dos agravamentos da doença.

Na ocorrência 06, temos a expressão linguística que confirma essa derrota sofrida pelo sujeito com HIV/AIDS, naquele contexto epidêmico: “*a morte caminha inexorável, só não sabemos quando o golpe final, mas virá [...]*”. Nessa expressão, levando em consideração o item léxico “*inexorável*” usado para caracterizar a morte e, considerando o contexto em que o referido texto foi publicado, podemos perceber o quanto a morte era implacável e severa, ou seja, naquele contexto, descobrir-se com HIV/AIDS era confirmar a perda da luta pela vida, sofrendo a severidade das ações

da doença por todo o corpo até o momento do “*golpe final*”, isto é, da morte do sujeito infectado por HIV/AIDS.

Já na ocorrência 10, oriunda da área médica e escrita por um médico, evoca o EM de ENFRENTAMENTO. Nela, temos a seguinte construção de sentido: o sujeito se vê diagnosticado de forma positiva para HIV/AIDS, “*Ocorre que o diagnóstico, com efeito de bomba*”, relacionando ao bombardeio de informações e sensações sentidas pela pessoa ao receber o diagnóstico positivo, para uma doença que lhe levaria à morte. Por outra parte, o *frame* ESTRATÉGIAS DE DEFESA acionado pela expressão linguística “*põe em cheque as defesas psíquicas*” pode ser relacionado à situação psicológica do sujeito que se vê condenado à morte por uma doença que, neste caso, é a AIDS e, por fim, ao evocar o *frame* CONFRONTO, “*Desse confronto com a morte*”, é acionada a ideia de confrontar a morte, possibilitando ao paciente, naquele contexto epidêmico, lidar, da melhor maneira, com a ideia de morte, para evitar o abatimento emocional e não ficar ainda mais vulnerável à doença que o mataria.

Além disso, quando trazemos o contexto da ocorrência, relacionando-o ao gênero textual artigo científico e ao conceptualizador escrevente, um médico. É possível compreender o uso dos *frames* evocados pelos EMs para a construção da prática real de comunicação. Pois, como já discutido, é comum, no discurso da área médica, o acionamento da nossa experiência com guerra, para falar sobre as doenças e também sobre a morte. Em *Por um fio*, por exemplo, Varella (2004), ao narrar sobre suas diversas experiências como médico, apresenta a morte como uma adversária a ser enfrentada, diariamente, nos hospitais. Ainda sobre essa guerra contra a morte, Bauman (2008, p. 59) pontua que:

Da ameaça de morte não há agora um só momento de descanso. A luta contra a morte começa no nascimento e continua presente pela vida afora. Enquanto prossegue, é pontilhada por vitórias – ainda que a última batalha esteja fadada à derrota. Antes dela, contudo e quem sabe antecipadamente que batalha se revelará como a última?) a morte permanece velada. (BAUMAN, 2008, p. 59, parênteses do original).

Assim, ao evocar o DM da GUERRA e seus *frames* estruturais, o discurso médico buscava, naquele contexto epidêmico, não só esclarecer as estratégias de combate e prevenção a uma doença mortífera como a AIDS, mas, também, “administrar a

opinião pública, divulgando informações pavorosas em doses homeopáticas” (SONTAG, 1989, p. 38). Isso fica evidente, por exemplo, na expressão linguística “*Ocorre que o diagnóstico, com efeito de uma bomba*”, pois essa expressão aciona um cenário de pavor e medo que ameaçava a população, nos primeiros anos da epidemia de HIV/AIDS, em nosso país, pois, naquela época, sem conhecimento científico e tratamento adequado, ter HIV/AIDS era sentença de morte, ou melhor, perder a guerra para a morte.

Dito isso, passamos ao quadro que resume de maneira esquemática os níveis envolvidos na MC MORTE É GUERRA presente nas ocorrências 06 e 10:

Quadro 15: Representação em níveis esquemáticos da MC MORTE É GUERRA

	GUERRA	MORTE
EI	TRAJETÓRIA FORÇA FORÇA CONTRÁRIA	–
DM	GUERRA	Na morte há confrontos, batalhas, lutas, golpes, derrotados
FR	LUTA GOLPE FINAL BOMBARDEIO ESTRATÉGIA DE DEFESA CONFRONTO	O ato de morrer corresponde ao golpe final dado pela morte no sujeito com HIV/AIDS Diagnóstico positivo como uma espécie de bomba Defesas psicológicas abaladas Travar confronto com a morte
EM	EM de CONFIRMAÇÃO EM de ENFRENTAMENTO	Descobrir-se com HIV/AIDS no contexto epidêmico e sem tratamento é confirmar perda da luta contra a morte É preciso confrontar a morte para não ficar emocionalmente abalado e ainda mais vulnerável
N5	Ocorrência 06: “[...] e agora vejo apenas um rapaz dentro do qual a morte caminha inexorável, só não sabemos quando o golpe final, mas virá [...]” Ocorrência 10: “Desse confronto com a morte a melhor saída é a de quem estima a própria vida e nela acredita, mesmo levando em conta a sua contingência, inclusive porque o abatimento emocional debilita o corpo, tornando-o ainda mais vulnerável”	

Legenda: EI – Esquemas de Imagem; DM – Domínio Matriz; FR – Frames; EM – Espaços Mentais; N5 – Nível 5, nível no qual estão os enunciados usados na comunicação real.

Fonte: Elaboração nossa, adaptado de Kövecses (2017, 2020).

Para além da MC MORTE É GUERRA, é possível identificarmos a metonímia conceptual que se apresenta de duas formas, a depender da perspetivação que adotamos. Seguindo os pressupostos de Lakoff (1987) e Radden e Kövecses (1999), temos a metonímia conceptual como um efeito prototípico, pois, ao retomarmos a expressão linguística “*Desse confronto com a morte*”, na ocorrência 10, temos o item léxico “confronto”; este, considerando o contexto em que os textos estão datados e localizados, pode ser considerado o elemento mais prototípico da categoria GUERRA que é acionada como DM estruturante da referida MC. Esse efeito prototípico do item CONFRONTO, como já discutido, levou em consideração aspectos do contexto sócio-

histórico-cultural, ou seja, entre os muitos itens que compõem a categoria GUERRA, o que mais forneceu informações sobre a guerra travada contra a morte em decorrência de HIV/AIDS foi o item CONFRONTO.

Por outro lado, adotando a perspectiva da metonímia conceptual enquanto um fractal da linguagem (PAIVA, 2010, 2011; SPERANDIO, 2014, 2015; ALMEIDA, 2015), a referida expressão linguística, ao trazer o item léxico “confronto”, realiza um processo de compressão de todo o DM GUERRA, pois, o *frame* CONFRONTO tem a capacidade de comprimir todo o cenário de guerra, sendo que, partindo da nossa experiência, em um confronto, podemos mapear: os adversários envolvidos na guerra, as estratégias de ataque e defesa, o lado mais vulnerável, as vítimas mortas e feridas, entre outras características que perpassam um ambiente de guerra.

Assim, ao evocar “*Desse confronto com a morte*”, no cenário de epidemia de HIV/AIDS, há, no item léxico “*confronto*”, uma compressão de todo o processo envolvido desde o diagnóstico da doença, a aceitação, o enfrentamento dos preconceitos e estigmas sociais, os abalos psicológicos, os tratamentos paliativos e até mesmo a aceitação da ideia de morrer.

Na ocorrência 06, é possível, também, perceber a metonímia enquanto um elemento fractal da linguagem não só pela relação PARTE/TODO, mas, principalmente, pela capacidade de compressão que ela exerce nesse contexto de uso, pois “*golpe final*” comprime uma gama de informações que, a partir do contexto em que o texto está inserido, pode ser acionado: o sujeito se descobre com HIV/AIDS, em um contexto sem tratamento efetivo – “*um rapaz dentro do qual a morte caminha inexorável*”, trava uma luta pela vida com tratamentos paliativos que não surtem efeito; a doença se instala no organismo, debilitando o sistema imunológico, deixando o paciente suscetível às doenças oportunistas – “*só não sabemos quando o golpe final, mas virá*”, essas doenças levam o indivíduo à morte, ou seja, na luta pela vida entre o indivíduo com HIV/AIDS e a morte, esta sai vencedora ao dar o golpe final no paciente. E, em uma luta, o golpe final aciona o vencedor (morte) e o perdedor (paciente com HIV/AIDS).

4.1.5 MORTE É VIAGEM

Lakoff e Johnson (1980), ao publicarem uma das obras seminais da LC, apresentaram a famosa e recorrida MC AMOR É VIAGEM. Para os referidos autores é

possível compreendermos o amor em termos de uma viagem, estabelecendo relações entre aspectos dos DM VIAGEM e AMOR: os amantes são os viajantes, os objetivos do casal são o destino da viagem, entre outros aspectos. Esse exemplo dado por Lakoff e Johnson (1980) é retomado em outros estudos como, por exemplo, em Santana (2019), ao investigar as conceptualizações de amor em cartas e, também, em Santos (2011), ao estudar as construções metafóricas de vida e morte no poema *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Mello Neto.

Espírito Santo (1998), em estudo intitulado *Morte: uma jornada por várias obras*, analisa poemas, documentário, livros de religião etc., para comprovar a veracidade da MC MORTE É VIAGEM. Nessa investigação, a referida autora apresenta diversos exemplos extraídos da Bíblia Sagrada e de livros budistas, para demonstrar que elementos do DM VIAGEM podem ser acessados para a compreensão da morte como, por exemplo, o morto é o passageiro, o caminho feito do local do velório ao cemitério seria o trajeto da viagem e, a depender da religião, há destinos distintos para esse passageiro. Por exemplo, “nas religiões judaico-cristãs ocidentais, os bons indivíduos após sua morte vão para o céu onde vivem eternamente e os infiéis são condenados para sempre ao purgatório ou inferno” (ESPÍRITO SANTO, 1998, p. 90).

Dito isso, passamos ao quadro que apresenta as ocorrências que instanciaram a MC MORTE É VIAGEM:

Quadro 16: Ocorrências da MC MORTE É VIAGEM

Ocorrência	Autor(a)/Ano	Excerto textual/Página
07	ABREU (1994)	Tantas mortes, não existem mais dedos nas mãos e nos pés para contar os que já foram. Viver agora, tarefa dura. De cada dia arrancar das coisas, com as unhas uma modéstia alegria; em cada noite descobrir um motivo razoável para acordar amanhã (p. 191).
08	ABREU (1994)	[...] Depois, sem pedir nada e sem nenhuma revolta, sem nada parecido a um espinho dentro de mim, no meio do sangue, aquilo que ainda era eu mesmo sem saber de onde vinha nem para onde ia, disse que estava morrendo [...] não, não: em nenhum momento, nenhuma dor, eu ia embora de mim como quem dorme, quando os músculos todos se soltam e os pensamentos se esgarçam esfiapados para mergulharem em outro espaço, outro tempo desconhecido” (p. 196).

Fonte: Elaboração nossa

No primeiro nível esquemático da MC em estudo, identificamos o seguinte EI: TRAJETÓRIA. O EI TRAJETÓRIA é acionado a partir das pistas léxicas que estão presentes nas expressões linguísticas “*os que já foram*” e “*eu ia embora*”, essas expressões instanciam a ideia de uma trajetória (origem-percurso-meta), cujo foco está na origem, ou seja, a partida.

No segundo nível esquemático, temos o DM VIAGEM; este, como já discutido anteriormente, oferece-nos distintas informações para conceptualizarmos diversos fenômenos. Pois, quando acionamos a nossa experiência com viagem, somos capazes de mapear diferentes elementos que fazem parte desse DM: a partida, o percurso ou trajeto que traçamos até chegarmos ao local pretendido, passageiros, o meio de transporte utilizado para a realização da viagem, entre outros aspectos pertinentes ao referido DM. No entanto, as expressões linguísticas que instanciaram a MC MORTE É VIAGEM “*Tantas mortes, não existem mais dedos nas mãos e nos pés para contar os que já foram*” e “*eu ia embora de mim*” acionam um enquadramento específico do DM VIAGEM, ou seja, o *FRAME PARTIDA*.

O FR PARTIDA, presente no terceiro nível esquemático, trouxe informações importantes à compreensão da MC em estudo, sendo que as expressões linguísticas, ao expressarem esse enquadramento, trouxeram algo cultural acerca da conceptualização da morte enquanto uma viagem sem volta, isto é, em nossa cultura, perspectivando pela lógica científica, na morte, há apenas o momento da partida.

O quarto nível esquemático apresenta o EM de PARTIDA. Percebemos que a escolha lexical da ocorrência 07 nos mostrou como a morte causada por HIV/AIDS marcou a sociedade daquela época, pois, quando o autor utiliza a expressão “*não existem mais dedos nas mãos e nos pés para contar os que já foram*” nos deu uma noção de que muitas pessoas morreram naquele período de epidemia. Ademais, a referida ocorrência foi extraída de um texto literário, cujo autor perdeu muitos amigos e conhecidos em decorrência da epidemia de HIV/AIDS e ele mesmo, também, encontrava-se soropositivo.

A ocorrência 08, de autoria do mesmo autor, apresentou-nos um personagem que se descobre com HIV/AIDS, em um contexto em que ainda não havia o tratamento, ou seja, uma pessoa consciente de que, mais cedo ou mais tarde, morreria. Dessa maneira, as expressões linguísticas “*disse que estava morrendo*” e “*eu ia embora de mim*” nos permitiu inferir essa tomada de consciência do sujeito com HIV/AIDS em relação à sua morte, ou seja, a sua partida. Embora narrado em primeira pessoa, a referida personagem consegue retratar a situação de muitas pessoas que, no contexto da epidemia de HIV/AIDS, adoeceram e morreram, ou seja, fizeram a partida.

Dito isso, passamos ao quadro que resume de maneira esquemática os níveis envolvidos na MC MORTE É VIAGEM presentes nas ocorrências 07 e 08:

Quadro 17: Representação em níveis esquemáticos da MC MORTE É VIAGEM

	VIAGEM	MORTE
EI	PARTE/TODO TRAJETÓRIA	–
DM	VIAGEM	A morte é uma viagem Morrer tem um ponto de partida Ser humano que morre é viajante
FR	PARTIDA	Morrer é partir Morrer é ir embora
EM	EM da PARTIDA	O ato de morrer é considerando o momento de partida de uma viagem sem volta Morrer é ir embora de si mesmo
N5	Ocorrência 07: “Tantas mortes, não existem mais dedos nas mãos e nos pés para contar os que já foram” Ocorrência 08: “estava morrendo [...] não, não: em nenhum momento, nenhuma dor, eu ia embora de mim”.	

Legenda: EI – Esquemas de Imagem; DM – Domínio Matriz; FR – Frames; EM – Espaços Mentais; N5 – Nível 5, nível no qual estão os enunciados usados na comunicação real.

Fonte: Elaboração nossa, adaptado de Kövecses (2017, 2020).

A MC MORTE É VIAGEM é instanciada a partir de um processamento metonímico; este é estabelecido a partir da relação parte/todo e, mais especificamente, a metonímia enquanto efeito prototípico. Pois, se tomarmos a VIAGEM enquanto uma categoria e partida, trajeto, destino final, viajante etc. enquanto membros dessa categoria, o membro partida, considerando os dados fornecidos pelo *corpus* de pesquisa e o contexto sócio-histórico-cultural em que os textos estão inseridos, é o mais prototípico quando perspectivamos a morte em termos de uma viagem. Ademais, Lakoff e Turner (1989) afirmam que a morte é uma partida sem volta.

Assim, as expressões linguísticas das ocorrências 07 e 08 nos forneceram as pistas léxicas que nos permitiram afirmar ser o item PARTIDA o elemento mais prototípico da categoria VIAGEM nesse processo de conceptualização da morte. Em 08 temos “os que já foram” e em 09 “eu ia embora de mim”, sendo que, em ambas as ocorrências, o verbo ir nos possibilita inferir o ato da partida e, dessa maneira, conceptualizar a morte enquanto uma viagem.

4.1.6 MORTE É PROCESSO

A sétima MC encontrada em nosso *corpus* de pesquisa é MORTE É PROCESSO, sendo possível perspectivá-la de duas formas: um processo de julgamento e condenação por falta de tratamento existente e também um processo de julgamento e condenação moral pela sociedade da época que acreditava ser passível de contrair HIV/AIDS apenas as pessoas que mantinham comportamentos socialmente considerados desviantes, afastados da moral tradicional e dos ditos e bons costumes. Pois, é sabido que, logo no início da epidemia, parte considerável da sociedade passou a atribuir um valor negativo à forma de transmissão da doença e, por isso, a morte era vista como um castigo ou uma condenação para essas pessoas.

Apresentamos, abaixo, o quadro 17 em que estão as ocorrências que instanciaram a MC MORTE É PROCESSO:

Quadro 18: MORTE É PROCESSO⁷⁰

Ocorrência	Autor(a)/Ano	Excerto textual/Página
09	ABREU (1994)	Acordou em estado de encantamento. Noutra cidade, ainda mais ao norte, para onde fugira depois daquele beijo. Só que quase não conseguia mais olhar para fora. Como antigamente, como quando fazia parte da roda, como quando estava realmente vivo – mas se porra ainda não morri caralho, quase gritava.[...] Nosferatu, desde agosto, aquela espada suspensa, pescoço na guilhotina , um homem bomba cujo lacre ninguém se atrevia a quebrar” (p. 230, 232).
17	LEGAY et al. (1999)	O mais trágico ainda é que isto ocorre no mesmo momento em que o acesso às drogas combinadas já permite sobrevida muito maior, o que divide os doentes de Aids em dois grupos: os da cura potencial, isto é, os que têm acesso aos serviços e medicamentos; e os que não têm, com grande chance de estarem condenados a morrer precocemente (p. 371).

Fonte: Elaboração nossa

No primeiro nível esquemático da referida MC, temos os seguintes EI: PROCESSO, CONTROLE. O EI PROCESSO foca a parte final de um processo, ou seja, a

⁷⁰ A referida metáfora aciona uma categoria, PROCESSO, que está relacionada ao domínio discursivo do Direito. Nessa categoria podemos listar os seguintes itens: condenação, sentença, julgamento moral etc. Assim, como preconiza a visão multinível, ao nomear a MC, usamos o termo que nomeia a categoria acionada enquanto Domínio Matriz.

ação de condenação das pessoas portadoras de HIV/AIDS. E o EI CONTROLE se relaciona à questão moral da sociedade que busca controlar os comportamentos sociais, como acionado na expressão linguística “*o que divide os doentes de Aids em dois grupos: os da cura potencial, isto é, os que têm acesso aos serviços e medicamentos; e os que não têm, com grande chance de estarem condenados a morrer precocemente*”. Pois, ao dividir quem tinha ou não acesso aos medicamentos para o tratamento de HIV/AIDS é, também, uma espécie de controle social.

Em relação ao segundo nível esquemático da MC, temos o DM PROCESSO. Esse DM pode ser considerado como uma junção de atos que visam a julgar uma determinada pessoa por algum ato cometido, isto é, um procedimento praticado quando há um litígio, uma ação judicial (AURÉLIO on-line, 2022). Ainda com base na nossa experiência como esse DM, podemos mapear um sujeito que é acusado, julgado e condenado, ou seja, o indivíduo com HIV/AIDS seria o réu; as pessoas que acusam podem ser consideradas um advogado de acusação e parte da sociedade, baseada numa visão moralista tradicional seria o juiz a julgar e condenar a pessoa soropositiva.

No terceiro nível esquemático, a MC em estudo apresenta o seguinte *Frame*: CONDENAÇÃO. Em 09, o FR da CONDENAÇÃO é acionado a partir da expressão linguística “*aquela espada suspensa, pescoço na guilhotina*”, pois tanto a espada quanto a guilhotina foram instrumentos usados para decapitar pessoas; este ato realizado com as pessoas condenadas à morte. Já em 17, o referido *frame* é acionado da seguinte forma: os portadores de HIV/AIDS, ao serem condenados moralmente e, também, não tendo acesso aos medicamentos para tratamento de HIV/AIDS, recebiam o período de espera da morte como uma condenação.

No que diz respeito ao quarto nível esquemático da MC, ou seja, o nível menos esquemático e mais específico, temos os EMs que são responsáveis pela elaboração do conteúdo conceptual. Assim, a ocorrência 09 foi extraída de um texto literário, publicado em 1994, cuja personagem principal é um sujeito homossexual que se descobre com HIV/AIDS, em um período em que não há tratamento para a doença. Dessa forma, ao fazer uma seleção léxica que retoma formas de condenação usadas no

século XVIII⁷¹, como o caso do uso da guilhotina, por exemplo, retrata o comportamento moral da nossa sociedade, nos anos mais duros da epidemia de HIV/AIDS, ao considerar a morte como uma punição justa e merecida para as pessoas que contraíam a o vírus, construindo um EM de JULGAMENTO MORAL

Ainda nesse viés, nossa sociedade, baseada nos princípios de uma moralidade judaico-cristã, buscavam maneiras de fazer com que portadores de HIV/AIDS fossem “[...] considerados pessoalmente culpados por seus [supostos] defeitos, isto é, devem ser pessoalmente responsabilizados pela situação em que se acham” (KELLEHEAR, 2016, p. 403). Os portadores de HIV/AIDS eram e, infelizmente, ainda hoje, em alguns casos, considerados impuros por manter comportamento considerado perigoso por alguns moralistas tradicionais defensores dos ditos bons costumes.

A ocorrência 17 foi extraída de um artigo científico, publicado em um período em que o coquetel de tratamento de HIV/AIDS já estava sendo utilizado. No entanto, a seleção léxica constrói um EM de DENÚNCIA, ao afirmar que os portadores de HIV/AIDS estão divididos em “*dois grupos: os da cura potencial, isto é, os que têm acesso aos serviços e medicamentos; e os que não têm*”. Ao trazer à baila essa discussão, o conceptualizador escrevente nos mostra que essas pessoas estavam sendo condenadas não só moralmente, mas também fisicamente ao sofrerem a ação do vírus e da doença em seus corpos por negligência de um tratamento já existente. Assim, as pessoas que tinham acesso ao tratamento conseguiam um tempo de sobrevida maior, enquanto as que não recebem o coquetel estariam condenadas à morte.

A título de ilustração, apresentamos o quadro que resume de maneira esquemática os níveis envolvidos na MC MORTE É PROCESSO presentes nas ocorrências 09 e 17.

⁷¹ "No século XVIII, as desigualdades sociais na França poderiam ser notadas nos mais diferentes meios e hábitos daquele povo. Até na hora de sofrer algum tipo de punição, os membros da nobreza desfrutavam de privilégios que não se estendiam às outras parcelas da população. Em geral, os nobres poderiam ser executados pela ação de uma espada ou de um machado. Em contrapartida, os populares morriam esquartejados, enforcados ou eram queimados vivos. [...]. Essa situação se transformou no ano de 1789, quando os membros do Terceiro Estado realizaram um protesto exigindo a elaboração de uma constituição para o país. Foi nesse momento que a guilhotina apareceu em terras francesas. Do ponto de vista moral, a utilização da guilhotina foi inicialmente defendida para que todos os condenados à morte tivessem uma mesma pena e que o executor da ordem não tivesse que sujar suas mãos de sangue. Com isso, podemos ver que a introdução legal da guilhotina visava justamente cumprir os anseios por igualdade que inspiravam os revolucionários franceses. No ano de 1792, com a aprovação do rei Luis XVI, a guilhotina foi oficializada como instrumento oficial no cumprimento da pena de morte" (SOUSA, 2022, s/p).

Quadro 19: Representação em níveis esquemáticos da MC MORTE É PROCESSO

	PROCESSO	MORTE
EI	PROCESSO CONTROLE	–
DM	CONDENAÇÃO SUJEITO CONDENADO MORAL	A morte é uma condenação Sujeito com HIV/AIDS é condenado à morte Indivíduo com HIV/AIDS é moralmente condenado
FR	PUNIÇÃO	Morrer de AIDS é ser punido
EM	EM do JULGAMENTO MORAL EM da DENÚNCIA	Homossexual com HIV/AIDS merece ser punido com a morte Pessoas com HIV/AIDS estão condenadas a morrer por não terem acesso ao tratamento com o coquetel
N5	Ocorrência 09: “mas se porra ainda não morri caralho, quase gritava.[...] Nosferatu, desde agosto, aquela espada suspensa, pescoço na guilhotina” Ocorrência 17: “e os que não têm, com grande chance de estarem condenados a morrer precocemente”	

Legenda: EI – Esquemas de Imagem; DM – Domínio Matriz; FR – Frames; EM – Espaços Mentais; N5 – Nível 5, nível no qual estão os enunciados usados na comunicação real.

Fonte: Elaboração nossa, adaptado de Kövecses (2017, 2020).

Além dos níveis esquemáticos antes apresentados, a MC MORTE É PROCESSO surge de um processo metonímico. Este pode ser visto sob duas perspectivas: metonímia enquanto efeito prototípico e elemento fractal. Ela tem efeito prototípico quando relacionamos o item CONDENAÇÃO à categoria PROCESSO. Os itens léxicos “espada” e “guilhotina” na ocorrência 09 fazem alusão a instrumentos usados na execução de pessoas condenadas à morte, para afirmar que portadores de HIV/AIDS, naquele contexto pandêmico, estavam condenadas a morrer. E, na ocorrência 17, o item léxico “condenação”, quando associado ao grupo de pessoas que não tinham acesso ao tratamento antirretroviral, ratifica a ideia de que essas pessoas estão condenadas a morrer.

Enquanto elemento fractal da linguagem, a metonímia se constituiu a partir da contiguidade PARTE/TODO, sendo que acessamos uma parte (CONDENAÇÃO) do todo (PROCESSO). Além disso, essa metonímia ainda tem uma função de compressão fractal, pois CONDENAÇÃO comprime uma gama de informações que, quando contextualizamos os excertos textuais, conseguimos mapear: há um sujeito acusado

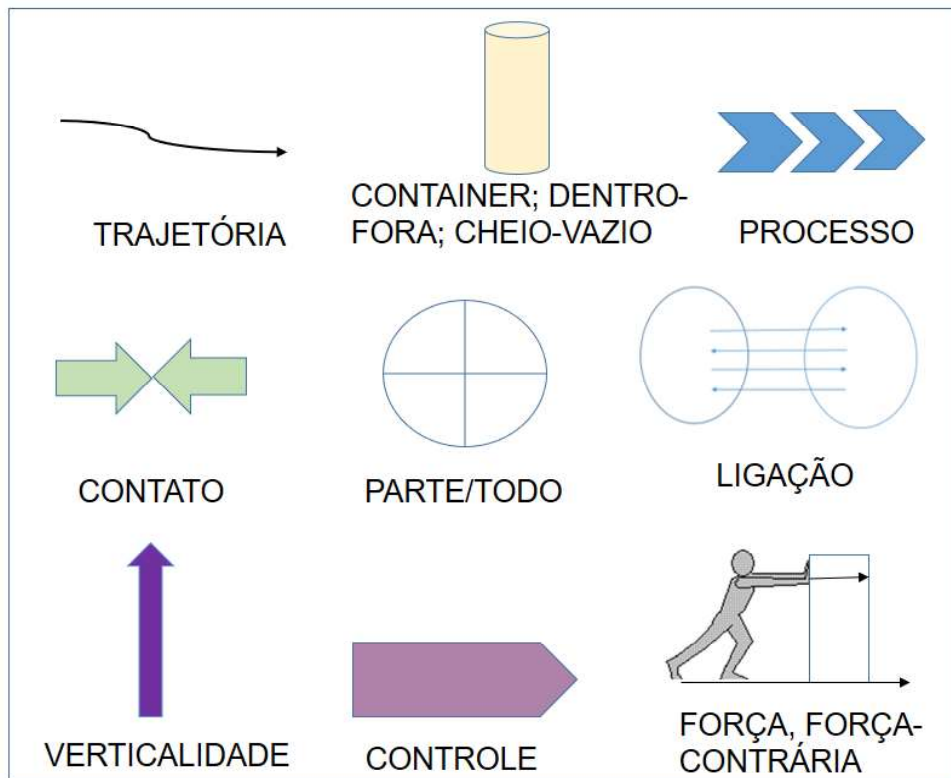
(com HIV/AIDS) e julgado por ter um comportamento considerado imoral pela sociedade moralista. Esse sujeito é condenado e, conseqüentemente, morrer é visto como uma condenação justa a essa pessoa.

4.2 Discussão dos resultados

Nosso estudo foi desenvolvido, como visto, a partir da identificação de expressões linguísticas que instanciaram Metáforas e Metonímias Conceptuais, em textos literários, mais especificamente, em contos e em artigos científicos oriundos da área de medicina. Nosso foco se deu nas Metáforas Conceptuais acessadas para a conceptualização da morte, sendo elas: MORTE É EVENTO, MORTE É ORGANISMO VIVO, MORTE É SENTIMENTO, MORTE É PERIGO, MORTE É GUERRA, MORTE É VIAGEM e MORTE É PROCESSO. Ao estudarmos essas MCs com base na visão multinível da Metáfora Conceptual preconizada por Kövecses (2020, 2017), foi possível identificar diversos DMs no processo de conceptualização da morte, foram eles: EVENTO, ORGANISMO VIVO, SENTIMENTO, PERIGO, GUERRA, VIAGEM e PROCESSO.

Com base nas expressões linguísticas encontradas, constatamos que diferentes modelos cognitivos metafóricos e metonímicos foram utilizados para a conceptualização da morte. Esses modelos são estruturados por EIs subjacentes ao conceito de morte. Os EIs mapeados no *corpus* comprovaram a visão experientialista de mente corporificada adotada na construção desta Tese. Esses EIs estabeleceram uma estreita relação entre o ser humano e suas experiências sensório-corporais. Apresentamos, na figura abaixo, os EIs mapeados nos processos metafóricos estudados na pesquisa empreendida.

Figura 12: Esquemas de Imagem estruturantes



Fonte: Elaboração nossa

Além dos EIs presentes, temos os Domínios Matrizes instanciados no processo de conceptualização da morte. Esses DMs, em nosso entendimento, constituíram, relacionando os textos ao contexto social, histórico e cultural em que estão datados e localizados, a categoria MORTE DO SER HUMANO POR HIV/AIDS, com base nas expressões identificadas nos contos e nos artigos científicos que compuseram a amostra da pesquisa empreendida, como podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 20: Domínios Matrizes por gênero textual

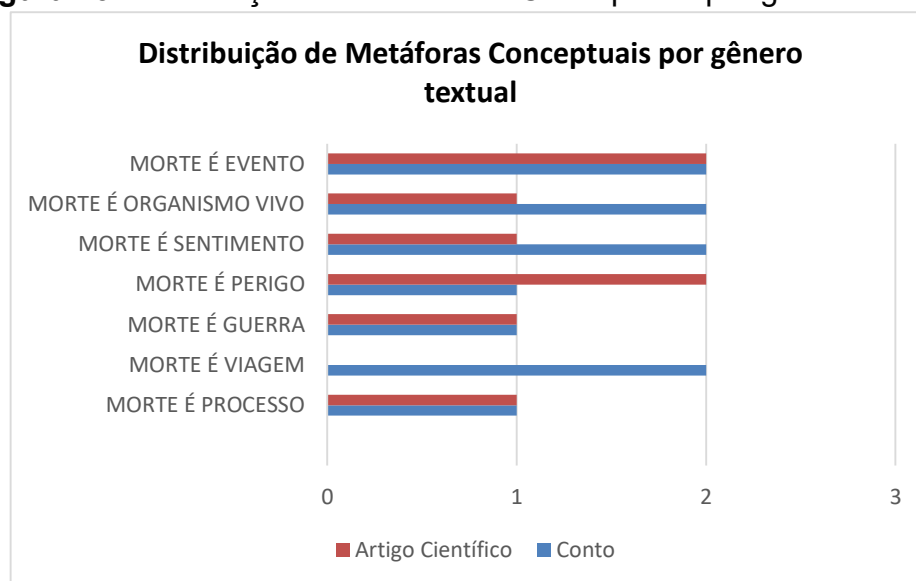
Domínio Matriz	Conto Literário	Artigo Científico
EVENTO	X	X
ORGANISMO VIVO	X	X
SENTIMENTO	X	X
PERIGO	X	X
GUERRA	X	X
VIAGEM	X	-
PROCESSO	X	X

Fonte: Elaboração nossa

Percebemos que essas estruturas organizam o pensamento humano. Essa organização está articulada à nossa capacidade de categorização; esta se dá pelo fato de termos uma mente corporificada, possibilitando-nos categorizar as diversas experiências que temos em nossas vidas e, também, as interações que mantemos com o mundo que nos cerca e, conseqüentemente, construímos (ALMEIDA, 2022).

Com base no quadro 21, podemos afirmar que a conceptualização da morte segue um certo padrão de organização. Ficou evidente que os DM são recorrentes tanto nos contos quanto nos artigos científicos. Apenas o DM VIAGEM não se repete, mas isso não significa que VIAGEM seja exclusivo do discurso literário.

A partir das expressões linguísticas identificadas no *corpus* de estudo, foi possível identificar as seguintes MCs:

Figura 13: Distribuição das Metáforas Conceptuais por gênero textual

Fonte: Elaboração nossa.

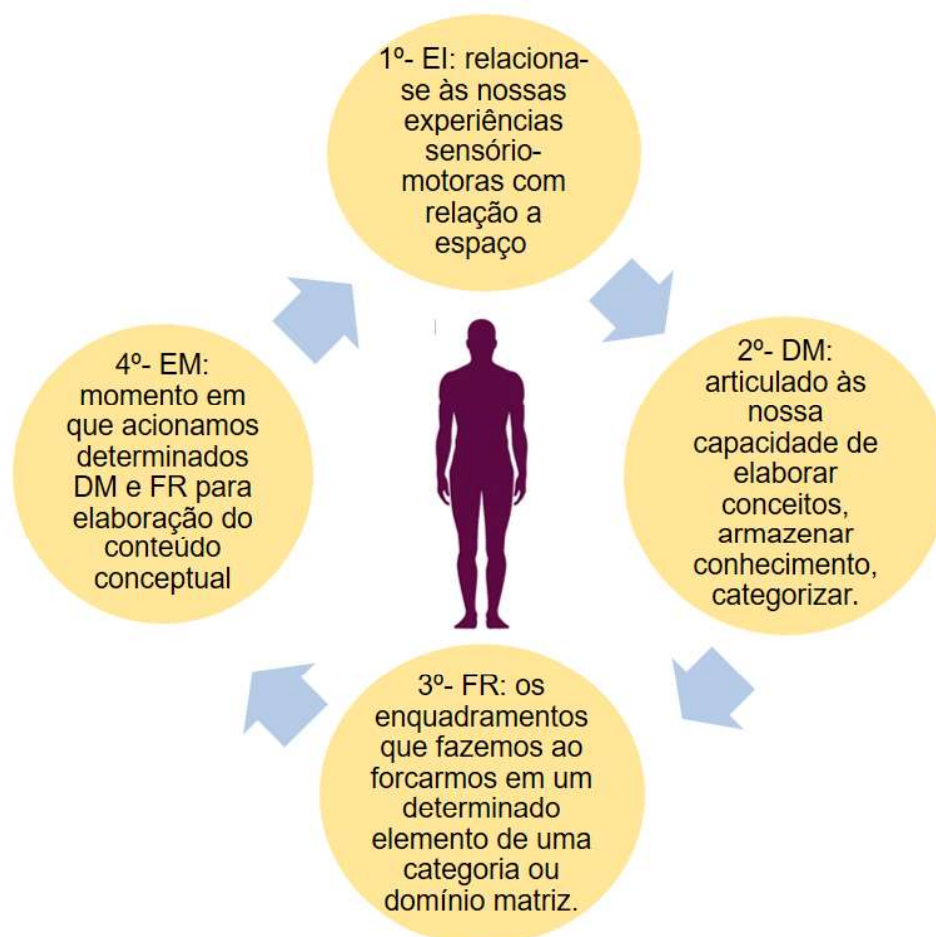
Embora a MC MORTE É VIAGEM tenha sido instanciada apenas nos textos da área de literatura, não podemos afirmar que ela seja predominante dessa área, pois, a limitação de acesso a textos do gênero artigo científico não nos permitiu afirmar que, no discurso médico, essa MC não seja encontrada. Possivelmente, se ampliássemos os gêneros textuais como, por exemplo, Teses, Dissertações, seria possível mapear ocorrências, na área da medicina, que instanciassem a referida MC.

O Quadro 21 e a Figura 13 sintetizam as informações necessárias para responder a nossa primeira questão de pesquisa, demonstrando que a conceptualização da morte, no contexto de epidemia de HIV/AIDS, no Brasil, ocorreu, no *corpus* estudado, basicamente, ao mesmo modo, apresentando, tanto no discurso médico, quanto no literário, o mesmo padrão semântico. Isso ficou evidente pelo fato de as ocorrências encontradas nos artigos científicos e nos contos instanciarem, em maior número, praticamente as mesmas MCs, sendo que elas acionaram, basicamente, os mesmos DMs para a conceptualização da morte.

Em relação aos aspectos cognitivos que estão articulados no processo de significação, podemos exemplificar com a estrutura dos níveis esquemáticos que envolvem as metáforas instanciadas nas ocorrências que compuseram o nosso *corpus* de pesquisa: Esquemas de Imagem; Domínio Matriz, *Frames* e Espaços Mentais. Essa estrutura comprova a visão experientialista e de mente corporificada adotada nesta Tese. Sendo que cada nível esquemático que envolve as MC instanciadas em nosso

corpus de pesquisa mantém uma relação entre o sujeito e o mundo que o cerca e constrói, como podemos observar na figura abaixo:

Figura 14: Aspectos cognitivos envolvidos no processo de conceptualização



Fonte: elaboração nossa

A Figura 14 nos mostra a relação existente entre a ideia de mente corporificada e a estruturação, em níveis esquemáticos, das Metáforas Conceptuais instanciadas para compreensão do domínio MORTE. Pois, o ser humano mantém uma relação com o mundo e suas diversas experiências são acionadas para a compreensão de diferentes conceitos, principalmente quando se trata do uso de MC para essa compreensão. No que concerne à conceptualização por MC, esse acionamento de conhecimentos e experiências é feito a partir de uma estrutura conceitual que envolve diferentes níveis estruturais, como visto ao longo desta Tese e, também, como demonstrado na Figura 14.

Em relação aos aspectos sociais históricos e culturais abordados de forma ampla nos resultados, podemos perceber que esses elementos são passíveis de serem identificados nos 3º e 4º níveis estruturais da MC, pois, esses níveis, conforme Kövecses (2020, 2017), são menos esquemáticos e mais específicos, principalmente os Espaços Mentais, sendo eles um espaço de construção de sentidos elaborados a partir de distintas estruturas linguísticas situadas em um determinado discurso (FAU-CONNIER, 1985). Dessa maneira, consideramos, a partir dos textos que compuseram nosso *corpus* de pesquisa, que a construção dos EMs também leva em consideração o conceptualizador escrevente, o gênero textual que se escreve e os objetivos comunicacionais do referido gênero textual.

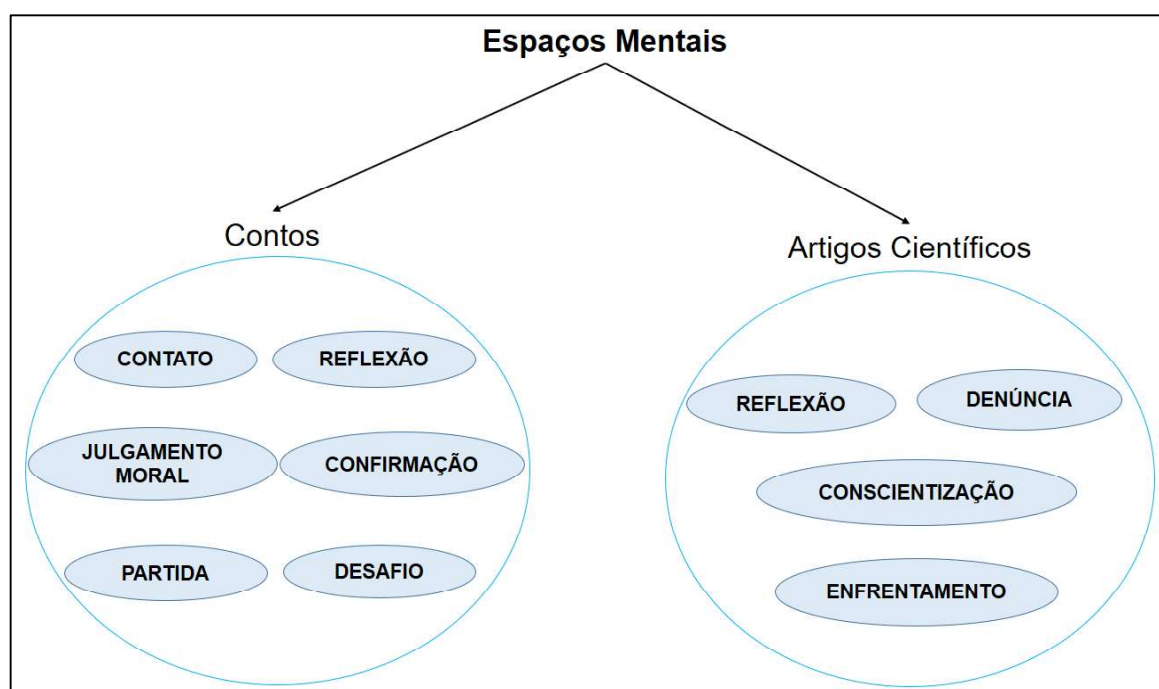
Para ilustrar e enriquecer a discussão desse ponto que consideramos um dos mais importantes dos achados desta Tese, apresentamos, abaixo, um quadro e uma figura que sintetizam os *Frames* e os Espaços Mentais evocados no processo de conceptualização da morte.

Quadro 21: *Frames* acionados em cada gênero textual

Domínio Matriz	Frames	Conto literário	Artigo Científico
EVENTO	ENCONTRO	X	X
ORGANISMO VIVO	ROSTO/CARA	X	X
	OLHOS	X	X
	SISTEMA LOCO-MOTOR	X	–
SENTIMENTO	SOLIDÃO	X	–
	AFLIÇÃO	–	X
PERIGO	RISCO	X	X
GUERRA	LUTA	X	–
	GOLPE FINAL	X	–
	CONFRONTO	–	X
	ESTRATÉGIA DE DEFESA	–	X
VIAGEM	PARTIDA	X	–
PROCESSO	CONDENAÇÃO	X	X

Fonte: elaboração nossa

Figura 15: Espaços Mentais acionados na elaboração do conteúdo conceitual



Fonte: Elaboração nossa.

Com base nas informações contidas no Quadro 21, percebemos uma variação no acionamento dos *frames* presentes nas metáforas conceituais encontradas. Há alguns que se fazem presentes tanto no gênero textual conto quanto no artigo científico, já outros foram acionados em apenas um dos gêneros. Em relação aos EMs, percebemos uma variação, quando comparamos os textos literários com os da área de medicina. Essa variação está atrelada à abertura dos distintos EMs presentes em cada gênero textual. Isso está relacionado à perspectivação da seleção léxica que compõe as expressões linguísticas que instanciaram as metáforas e metonímias encontradas no *corpus* de pesquisa. Esse achado nos possibilitou afirmar que as metáforas e metonímias conceituais, no que diz respeito à conceptualização da morte são iguais, no entanto, o que varia é a abertura dos EMs que é demonstrada a partir da seleção léxica, ou seja, a escolha dos vocábulos que compuseram as expressões linguísticas mapeadas nos gêneros literários estudados em nosso *corpus* de pesquisa.

Essa variação léxica se explica a partir dos EMs, pois, se como já discutido, eles são um espaço de construção, é nesse construir que o conceptualizador escre-

vente, ao acionar *frames* e domínios, deixa em evidência as marcas de sua subjetividade e perspectivação de sentido em relação ao tema sobre o qual está a escrever. Além disso é preciso considerar o gênero textual e seus objetivos comunicacionais.

No campo da escrita literária, é preciso discutir a relação do texto literário com o contexto social e histórico em que está inserido. Conforme Maingueneau (2012, p. 19), “cada obra constitui um universo fechado, incomensurável em relação ao outro, no qual se processa uma dupla reconciliação: entre a consciência do autor e o mundo, mas também entre a extrema subjetividade do autor e sua época, seu povo e sua civilização”. Assim, fica evidente que o texto literário reflete, em sua composição, aspectos que envolvem a subjetividade do autor e aspectos do contexto sócio-histórico-cultural em que ele esteja inserido. Dessa forma, ao evocar os EMs de CONTATO, REFLEXÃO, JULGAMENTO MORAL, CONFIRMAÇÃO, PARTIDA e DESAFIO, o conceptualizador escrevente dos contos traz a campo uma gama de informações que nos possibilita compreender a relação entre os indivíduos e a ideia de morte naquele contexto de epidemia de HIV/AIDS, no Brasil.

Convém lembrar que o conceptualizador escrevente dos contos foi uma pessoa que acompanhou, como já salientado anteriormente, os anos tensos da epidemia de HIV/AIDS, viu muitos de seus amigos morrerem em decorrência da AIDS e ele próprio foi vítima dela, em 1996, morrendo poucas semanas antes da chegada da medicação antirretroviral. Assim, o fato de ter convivido com o cenário epidêmico de HIV/AIDS reflete na escrita dos contos. Ademais, o texto literário não é apenas para deleite, ele é também um elemento que reflete os problemas sociais da época em que está inserido. Por exemplo, no momento em que o EM REFLEXÃO foi acionado, fica claro o objetivo do texto literário estabelecer uma discussão que visasse refletir sobre como a AIDS se mostrava uma doença fatal, vitimando várias pessoas.

O texto literário também pode ser visto como um instrumento de contestação e crítica social (COMPAGNON, 2009). Essa crítica social está presente na evocação do EM JULGAMENTO MORAL, por exemplo, quando o conceptualizador escrevente pauta, na construção do conto, elementos que remetem aos estereótipos e preconceitos sofridos pelas pessoas pertencentes aos grupos de risco, especialmente, os homossexuais.

Assim, podemos afirmar que o texto literário é resultado de uma estrutura cognitiva situada e experiencialista. Assim, o conto literário, um dos gêneros estudados nesta Tese, reflete sobre os aspectos sociais, históricos e culturais do período em que

foi produzido e publicado, trazendo elementos da subjetividade do conceptualizador escrevente, possibilitando compreender sobre a o processo de conceptualização da morte, no contexto da epidemia de HIV/AIDS, no Brasil.

No que diz respeito ao campo da medicina, os artigos científicos têm por finalidade apresentar à comunidade médica resultados de pesquisa sobre um determinado tema. Esses textos também imprimem, em sua composição, elementos sociais, históricos, culturais e, também, da subjetividade de seus autores e suas autoras, por mais que se digam que são textos de linguagem técnica. Os artigos científicos estudados na pesquisa, como já discutido anteriormente, têm como autoras e autores médicos e médicas envolvidos nas especialidades de infectologia e bioética que estiveram na linha de frente dos primeiros cuidados às pessoas portadoras de HIV/AIDS e, também, nas pesquisas iniciais, no Brasil, para compreender o comportamento do vírus (HIV) que estava a desenvolver uma doença (AIDS); esta estava a vitimar diversas pessoas em nosso país.

Assim, ao evocarem, na construção do sentido, o EM REFLEXÃO, esses profissionais de saúde chamavam toda a comunidade médica a se interessar e participar do debate em torno desse novo vírus e dessa nova doença que surpreendia a todos, principalmente a comunidade médica que acreditava ter um certo controle sobre as potenciais doenças que ameaçavam a vida humana. Ademais, essa reflexão abrangeu também a possibilidade de eutanásia, como uma forma de aliviar os sofrimentos dos portadores de HIV/AIDS em um contexto em que os infectados definhavam em decorrência da doença porque, naquele momento, não havia um tratamento adequado.

Ao evocar o EM de CONSCIENTIZAÇÃO, os conceptualizadores escreventes cumprem uma função fundamental da área médica que é conscientizar médicos e demais profissionais da área da saúde sobre uma determinada doença e como lidar com as pessoas doentes. Pois, o discurso médico tem uma contribuição importante no que diz respeito a como a sociedade encara determinadas doenças e trata os sujeitos adoecidos. No que diz respeito ao HIV e à AIDS, por exemplo, logo nos primeiros casos, alguns membros da comunidade científica associaram a doença às pessoas homossexuais, abrindo espaço para os conceitos de Câncer gay ou Peste gay (NASCIMENTO, 2005). Isso fez com que a sociedade julgasse e ainda julgue as pessoas portadoras de HIV/AIDS, fazendo-as se sentirem culpadas por se infectarem.

Nos artigos que analisamos, os conceptualizadores escreventes já fazem uma seleção léxica que busca mudar esse cenário de preconceito e estigma, pois usam, por exemplo, “pessoa contaminada”, “paciente de AIDS” e “portador de uma moléstia”, diferente do termo “aidético” que tem uma carga de estigma e preconceito e, infelizmente, foi muito difundido nos anos iniciais da epidemia de HIV/AIDS no Brasil. Essa mudança de postura já traz à baila, também, o EM de ENFRENTAMENTO, ou seja, enfrentar não só a doença, mas principalmente, os estigmas e estereótipos que são associados à doença, pois, conforme Sontag (1989), há determinadas metáforas que fazem o doente sofrer muito mais que a própria doença. Assim, naquele contexto epidêmico, os portadores de HIV/AIDS, além de lidarem com uma doença mortal, precisavam lidar também com os preconceitos, os estigmas sociais.

A perspectivização do significado adotada nos escritos da área médica também nos possibilitou encontrar o EM de DENÚNCIA. Nesse EM, o conceptualizador escrevente traz dados referentes a uma parcela dos portadores de HIV/AIDS que estão condenados a morrer por não ter acesso aos medicamentos antirretrovirais.

Ficou em evidência que a perspectivização do sentido nos textos da área médica cumpriu um importante papel no que diz respeito ao tema da morte em decorrência de HIV/AIDS, naquele contexto. Sendo que, naquele momento, o tema da morte não poderia ficar no interdito e, se não havia um tratamento eficaz no combate da doença, o profissional de saúde precisava dar a melhor assistência possível ao sujeito que, desde o diagnóstico positivo, passava a conviver com a ideia de morte. Por isso, os profissionais de saúde precisavam estar preparados para lidar com a ideia de morte de seus pacientes, oferecendo um tratamento humanizado ao sujeito convalescente (KOVÁCS, 2005).

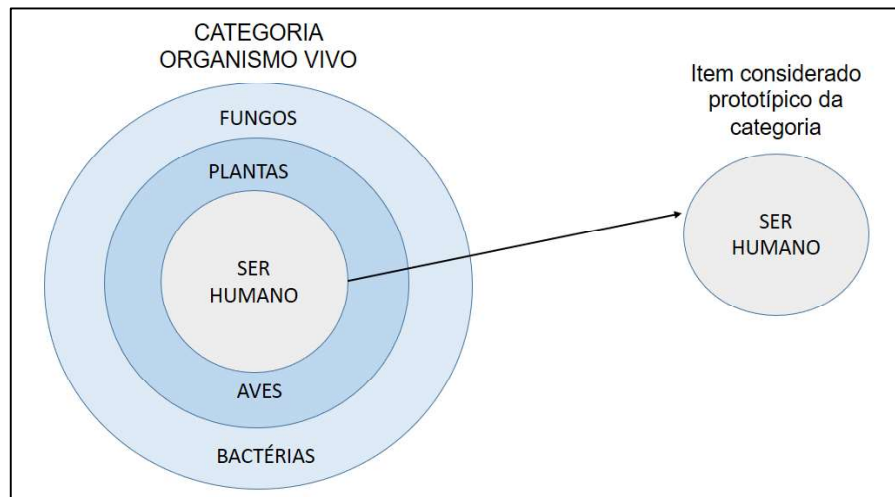
Assim, percebemos que, embora apareçam as mesmas MC nos contos e nos artigos científicos, o que variou foi a seleção da linguagem. Essa variação se deveu ao fato de a perspectivização sobre a morte em decorrência de HIV/AIDS ter se dado de maneira distinta na composição dos gêneros textuais analisados. Essa variação na linguagem estabeleceu uma relação sobre quem escreve, como escreve e para quem escreve, considerando as especificidades do gênero textual que está escrevendo. Dessa forma, ficou evidente que a construção do significado de morte por HIV/AIDS se deu de forma perspectivista e essa perspectivização envolveu as experiências indi-

viduais dos conceptualizadores escreventes, considerando as profissões que exercem/exerceram e o contexto histórico, social, cultural, político e ideológico em que estavam inseridos.

Em relação às metonímias conceptuais, foi possível mapear um padrão de organização, pois, todas as metáforas conceptuais encontradas em nosso *corpus* de pesquisa foram estruturadas a partir de uma metonímia conceptual; esta se apresentou a partir de dois processamentos: ITEM/CATEGORIA, PARTE/TODO.

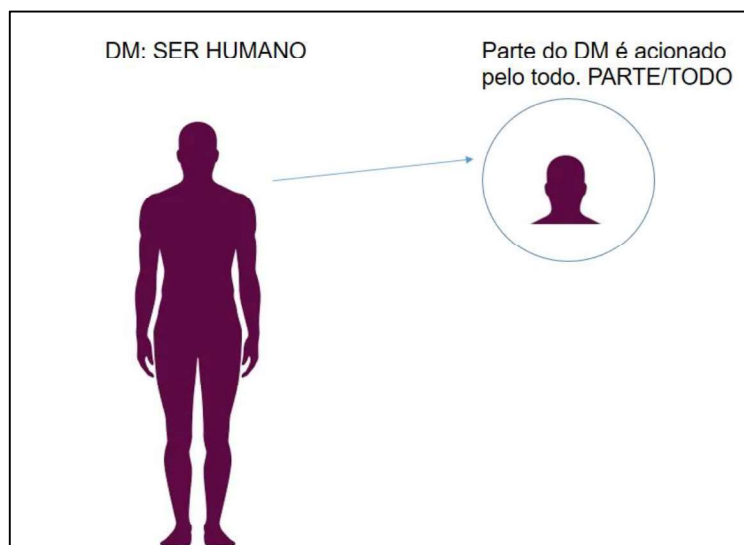
Apresentamos, abaixo, as figuras 16 e 17 que melhor ilustram esses processamentos metonímicos:

Figura 16: Processamento metonímico ITEM/CATEGORIA



Fonte: Elaboração nossa.

Figura 17: Processamento metonímico PARTE/TODO



Fonte: Adaptado de l1nq.com/LlyLn

Os processamentos metonímicos encontrados em nosso *corpus* de pesquisa nos permitiram classificar as metonímias conceptuais de duas formas: prototípica e fractal. Ela é prototípica quando o item léxico que aciona a metonímia pode ser considerado como o item mais prototípico de uma determinada categoria (LAKOFF, 1987; GODIM; PELOSI, 2013; RADEEN; KÖVECSES, 1999). Em nosso *corpus*, por exemplo, na MC MORTE É EVENTO, o item ENCONTRO foi o mais prototípico para acionar a referida categoria e instanciar a metonímia conceptual. Pois ele foi o que mais nos forneceu informações sobre a referida categoria no ato de compreender a morte em termos de evento. Convém lembrar que a ideia de efeito prototípico é, também, perspectivista, como discutido no capítulo 2, ou seja, a depender de quem fala, como fala e para quem fala a ideia de prototipicidade pode variar. Em nosso estudo, comparando o discurso médico com o literário, o efeito de prototipicidade, na maioria das ocorrências, foi o mesmo.

A metonímia enquanto um fractal da linguagem se deu não apenas na instância PARTE/TODO, mas, principalmente, quando o item léxico que instanciou a metonímia teve uma capacidade de compressão de informações (PAIVA, 2010; 2011; SPERANDIO, 2014). Em nosso estudo, por exemplo, na MC MORTE É ORGANISMO VIVO, as ocorrências instanciaram o elemento rosto; este, como já discutido anteriormente, carrega uma gama de informações culturais sobre nossa identidade, sendo nosso rosto, como antes já assinalado, usado como uma forma de representação da pessoa como um todo, nossos documentos trazem a foto no nosso rosto como um elemento

de identificação, ou seja, o rosto (PARTE) comprime informações relacionadas à pessoa (TODO) presente na foto.

Dessa maneira, ao concebermos a metonímia enquanto um fractal da linguagem, ficou evidente, a partir do estudo do *corpus*, seu potencial de compressão, pois essa capacidade de comprimir permite a nós, seres humanos, a aptidão de controlarmos cadeias difusas de raciocínio lógico, para compreender os mais diversos sentidos perspectivados a partir das expressões linguísticas ou imagens que instanciam o processo metonímico.

Embora não tenha sido objetivo da pesquisa que realizamos, no *corpus*, ainda foram mapeadas três expressões linguísticas, no gênero conto, que apresenta variação de sentido do léxico da morte, são elas: “*Morrendo de medo*”, “*Morrer de cagaço*” e “*E a cada nome estranho repetia e repetia, morto de saudade*”. Nessas expressões foi possível perceber a construção de um domínio semântico de gradação de intensidade. Esse achado pode servir para futuros estudos, por isso acreditamos ser válido esse registro na discussão sobre os resultados encontrados em nossa pesquisa.

Tecidas nossas discussões sobre os resultados encontrados na realização do estudo empreendido, passamos às considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do nosso estudo investigou como a morte é conceptualizada, em textos literários e da área médica, publicados no contexto da epidemia de HIV/AIDS, no Brasil. Para isso, adotamos uma postura teórico-metodológica que concebe a construção do significado como sendo perspectivista, abrangendo a relação mente e corpo, ou seja, mente corporificada, como preconizam as abordagens investigativas em SCSHC.

Ao retomar os nossos objetivos de pesquisa, percebemos, com o estudo do *corpus*, que a morte é conceptualizada a partir de diferentes mapeamentos metafóricos e metonímicos. Para o alcance dos objetivos propostos, a abordagem teórica da SCSHC, contemplando, por exemplo, a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987) e a Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 2004, 1980; LAKOFF; TURNER, 1989) e da Metonímia Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 2004; RADDEN; LITTLEMORE, 2015; KÖVECSES, 1999) tiveram importante colaboração no desenvolvimento e conclusão desta Tese. Salientamos, ainda, a adoção da visão multinível da Metáfora Conceptual (KÖVECSES, 2017, 2020). Essa abordagem nos permitiu compreender os níveis esquemáticos que envolvem a MC, investigando o processamento metafórico de forma mais ampla, para estabelecer as relações existentes entre Esquemas de Imagem, Domínios Matrizes, *Frames* e Espaços Mentais.

Consideramos a adoção da visão multinível da Metáfora Conceptual um aporte fundamental para a compreensão dos dados encontrados no *corpus* de pesquisa, pois, ao estudarmos as MC e refletirmos sobre como os 4 níveis esquemáticos se articulam no processamento metafórico, conseguimos estabelecer a relação entre os aspectos cognitivos, sociais, históricos e culturais envolvidos no processo de conceptualização da morte, no contexto da epidemia de HIV/AIDS, no Brasil, entre os anos de 1980 a 2000.

Outro ponto interessante para o alcance dos objetivos estabelecidos foi o diálogo estabelecido entre diferentes áreas do conhecimento. Pois, ao investigarmos a conceptualização da morte, no *corpus* estudado e, considerando o contexto em que está inserido, foi necessária, para análise e interpretação das ocorrências identificadas, uma articulação das abordagens em Semântica Cognitiva Sócio-Histórica-Cultural com a História, a Sociologia, a Filosofia, a Antropologia, e com a Cultura. Pois, para compreender as diversas perspetivações de sentidos atribuídas à morte, foi preciso

recorrer a dados históricos como, por exemplo, na MC MORTE É PROCESSO em que o *frame* da CONDENAÇÃO foi focado. Dessa maneira, ao evocar o referido *frame*, principalmente na ocorrência do texto literário, foi preciso recorrer à História, para compreensão da construção do sentido que estava presente na referida ocorrência. Nessa mesma MC, ao que compete à área médica, questões de Antropologia e Sociologia foram acessadas para pensar a questão de quem faz parte do grupo social de pessoas com HIV/AIDS que não tinha acesso aos medicamentos antirretrovirais e, por isso, estava condenado à morte.

Em relação à metodologia adotada, na elaboração desta Tese, a abordagem qualitativa pautada nas técnicas documental e bibliográfica nos deu suporte necessário, para coleta dos textos que compuseram nosso *corpus* de pesquisa, ou seja, os contos e os artigos científicos e, principalmente, as expressões linguísticas que instanciaram as metáforas e metonímias estudadas. O desenho metodológico da pesquisa que empreendemos nos permitiu elencar as dificuldades de composição do *corpus* de estudo, mas também, o potencial dele, ao usarmos a Técnica da Saturação Teórica (GLASER; STRAUSS, 1967; FLAQUETTO; FARIAS; HOFFMANN, 2018; SANTANA, 2019) e a Teoria dos Fractais (MANDELBROT, 1977; SANTANA, 2019) para composição da nossa amostra de pesquisa.

Assim, nosso *corpus* foi constituído a partir de 12 textos, 5 contos e 7 artigos científicos. Convém lembrar que esses gêneros textuais são de ampla circulação, validando a importância de se realizar pesquisas em SCSHC com práticas reais de linguagem. Nesses textos, foi possível identificar 17 ocorrências; estas instanciaram 7 metáforas conceptuais: MORTE É EVENTO, MORTE É ORGANISMO VIVO, MORTE É SENTIMENTO, MORTE É PERIGO, MORTE É GUERRA, MORTE É VIAGEM e MORTE É PROCESSO. Ressaltamos que todas essas metáforas se deram a partir de um processamento metonímico que ocorreu a partir das seguintes instanciações: ITEM/CATEGORIA e PARTE/TUDO.

O aparato teórico-metodológico adotado nesta Tese nos permitiu responder às questões propostas no início da nossa pesquisa. Primeiro: com o estudo das ocorrências, foi possível identificar que, a partir do *corpus* analisado, tanto no discurso médico quanto no literário as MCs encontradas foram as mesmas, mantendo um padrão de organização, ou seja, acionam os mesmos DMs; estes, em sua maioria, são mais concretos e acionados para a compreensão de um domínio mais abstrato e/ou desconhecido, isto é, a morte.

As MCs estão estruturadas a partir de diversos EIs, sendo que, no processo de mapeamento metafórico, os EIs LIGAÇÃO e PARTE/TODO estruturaram todas as MCs encontradas, pois, nesse processamento, ligamos elementos de um domínio para outro e usamos apenas parte de um domínio para compreensão do outro. A partir dos itens léxicos presentes nas ocorrências encontradas, outros EIs de imagem foram acionados como, por exemplo, CONTAINER; este associado às ideias de DENTRO-FORA e CHEIO-VAZIO; FORÇA associado à ideia de FORÇA CONTRÁRIA; TRAJETÓRIA; CONTROLE, PROCESSO, VERTICALIDADE, CONTATO etc.

Segundo, a adoção da visão multinível da MC possibilitou o mapeamento dos elementos cognitivos (Esquemas de Imagem, Domínio Matriz, *Frames* e Espaços Mentais) envolvidos no processo de significação da morte. Ao focarmos nosso olhar para os 3º e 4º níveis estruturais das MC, percebemos os elementos sociais, históricos e culturais presentes no processo de conceptualização, sendo que, ao identificarmos os FRAMES (ENCONTRO, ROSTO, SISTEMA LOCOMOTOR, SOLIDÃO, AFLIÇÃO, LUTA, GOLPE FINAL, CONFRONTO etc.) e Espaços Mentais evocados (REFLEXÃO, CONTATO, DENÚNCIA, CONSCIENTIZAÇÃO, JULAGAMENTO MORAL etc.) ficou perceptível que, embora as MC sejam as mesmas, nos contos e nos artigos científicos, a variação acontece no que diz respeito à seleção da linguagem que compõe as ocorrências encontradas nos textos que compuseram nosso *corpus* de pesquisa.

Essa variação acontece porque o significado é perspectivista, é flexível, ele muda e varia, sendo resultante de uma perspectivação conceptual, sendo assim “[...]as expressões linguísticas carregam perspectivas, isto porque falar e escrever requerem sempre que o conceptualizador faça uma opção em uma determinada situação” (ALMEIDA 2020, p. 370). Essa “opção” articula as subjetividades do conceptualizador escrevente e suas experiências que, no caso do nosso estudo, têm relação com as experiências do escritor e das médicas e dos médicos com a morte de pessoas em decorrência de HIV/AIDS, no contexto da epidemia e sem tratamento efetivo para a doença. Além dessas experiências, as especificidades do gênero textual e seus objetivos comunicacionais também foram levados em consideração na seleção lexical, pois um conto literário tem uma certa liberdade para usar um jogo de linguagem mais coloquial, com uso de gírias etc., ao contrário de um artigo científico que preza pelo uso de uma linguagem mais formal.

No entanto, nosso estudo conseguiu demonstrar que o texto literário não é apenas um elemento de fruição, mas, também, de denúncia e crítica social, por ser resultado da subjetividade do conceptualizador escrevente articulada aos aspectos sociais, históricos e culturais da sociedade em que ele está inserido. E os artigos científicos, ao propagar o discurso médico, cumprem um importante papel, na sociedade, pois colaboram no processo de formação de opiniões de outros médicos e demais profissionais da saúde e, também, da sociedade em geral, ou seja, como a população enxerga determinadas doenças e lida com os sujeitos acometidos por essas doenças. Pois, a maneira como a sociedade enxergava HIV/AIDS tem uma forte relação com a visão que tinha sobre a morte em decorrência dessa doença. Haja vista a questão dos preconceitos e estereótipos que foram disseminados, logo no início da epidemia de HIV/AIDS, em nosso país.

As MCs encontradas em nosso *corpus* de estudo estabelecem uma relação de intercambialidade com as metonímias conceptuais, ou seja, todas as MCs surgem de um processo metonímico. Esse processo metonímico mantém um padrão de organização, sendo essas metonímias conceptuais instanciadas a partir de duas formas predominantes: ITEM/CATEGORIA e PARTE/TODO. Essas instanciações metonímicas encontradas no *corpus*, para além de serem elemento de contiguidade, funcionam como efeito prototípico (LAKOFF, 1987; RADDEN; KÖVECSES, 1999), quando um item da categoria, considerando o contexto em que o *corpus* está datado e localizado, é acionado como elemento mais prototípico, lembrando que o efeito prototípico é, também, perspectivista, podendo variar.

A metonímia conceptual também foi conceituada enquanto um fractal da linguagem, uma forma de compressão, como postulado por Paiva (2010), Sperandio (2014) Almeida (2018, 2020), pois, como identificado, em algumas das ocorrências, a personificação da morte, MORTE É ORGANISMO VIVO, acionando o *Frame* SER HUMANO, deu-se a partir da metonímia conceptual PARTE/TODO, “*Já ficou cara a cara com a ela*”. Essa ocorrência é bem similar ao nosso comportamento cotidiano, quando queremos conhecer alguém que ainda não vimos, por exemplo, pois, como já observamos anteriormente, se pedirmos para ver o pai ou mãe de alguém, é bem provável que a pessoa nos mostre uma foto do rosto, ou seja, a parte pelo todo. Até nossos documentos de identificação, como RG, Passaporte, Carteira de Habilitação, Carteira de Trabalho, apresentam a foto do nosso busto.

Dessa maneira, com base no estudo realizado, a metonímia desempenha um importante papel no nosso processo de compreensão, pois ela ocorre tanto no nível conceitual (categorização e raciocínio linguístico) como também nos diferentes níveis da linguagem, abrangendo o léxico, a morfologia, a sintaxe e o discurso (RADDEN; KÖVECSSES, 1999). Isso evidencia que a metonímia não é apenas um processo de substituição, ela faz parte da nossa estrutura conceitual, possibilitando-nos uma melhor compreensão de um determinado conceito de diferentes formas: a parte pelo todo, uma forma por um conceito, um item prototípico pela categoria, a consequência pela causa, entre tantas outras.

Com a realização desse trabalho, pretendemos não só compreender como a morte foi conceptualizada, no período da epidemia de HIV/AIDS, no Brasil. Mas, também, contribuir com os estudos em Semântica Cognitiva, mais especificamente, na vertente da SCSHC, pois se adotamos uma vertente experientialista, precisamos, ao desenvolver nossos estudos, articular as questões sociais, históricas e culturais que estão atreladas ao processo de significação, ou seja, prezamos por não apenas descrever o fenômeno que estamos investigando, mas, principalmente, explicar o como e o porquê de ele acontecer.

A realização desta Tese não esgota as possibilidades de estudos que o tema da morte inspira. Outras vertentes de pesquisa podem ser realizadas com intuito de compreender como o ser humano conceptualiza sua finitude como, por exemplo, investigações comparativas de conceptualização de morte por causas diferentes: AIDS e COVID-19; estudos da conceptualização da morte em textos mono e multimodais sob a ótica dos modelos culturais, entre outros.

Pretendemos, a partir do que foi estudado e pesquisado para a realização desta Tese, continuar as investigações acerca da conceptualização da morte, em textos mono e multimodais, presentes em livros, revistas e nas redes sociais, por exemplo, da seguinte forma: 1. Criar um grupo de estudos, na instituição em que trabalho, sobre o fenômeno da conceptualização da morte e outros temas, proporcionando aos alunos da Educação Básica novos olhares sobre o estudo de Metáforas e Metonímias conceptuais; 2. Desenvolver oficinas e cursos, para a divulgação da SCSHC, na formação continuada de professores da Educação Básica; 3. Futuramente, desenvolver estudos, em um Pós-Doutorado, com novas perspectivas sobre o tema da morte.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando. *Os dragões não conhecem o paraíso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- ABREU, Caio Fernando. *Ovelhas negras*. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- ABREU, Caio Fernando. Um biógrafo da emoção. In: *Autores gaúchos*. Instituto Estadual do Livro. 2ª ed. Porto Alegre: IEL: ULBRA: AGE, 1995.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Puta é palavrão? Sim e não: um estudo sobre a variação categorial à luz da Sociolinguística Cognitiva. In: _____. A categorização em Linguística Cognitiva: organizando conhecimentos. Salvador: EDUFBA, 2022.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Estavam eles em busca da salvação: conceptualizações da morte no livro das aves. In: ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; LOPES, Mailson (orgs.). *Livro do livro das aves: estudos semânticos e morfológicos*. Salvador: EDUFBA, 2021, p. 55-106.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Estamos sempre em guerra? Estudo Cognitivo Sócio-Histórico de uma metáfora da Gripe Espanhola e da COVID-19. In: *Estudos Linguísticos e Literários*. Nº 69, 2020, Salvador: p. 366-395.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTANA, Neila Maria Oliveira. Semântica cognitiva sócio-histórica: estudos sobre o significado. Salvador: EDUNEB, 2020.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos. O estudo do significado léxico em semântica sócio-histórico-cognitiva. In: *Macabéa – Revista eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 2., 2019, p136-157.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTANA, Neila Maria Oliveira; A Semântica Cognitiva Sócio-Histórico-Cultural: Questões Epistemológicas", p. 113 -132. In: LOPES, Norma da Silva; SANTOS, Elisângela Santana dos; CARVALHO, Cristina dos Santos (orgs.). *Língua e Sociedade: Diferentes Perspectivas, Fim Comum*. São Paulo: Blucher, 2019.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Multimodalidade, cognição e complexidade: memes em foco. In: GABRIEL, Rosângela et al. (org.). *(Per)cursos (inter)disciplinares em Letras*. Vol. 1. Campinas: Pontes Editores, 2018.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. A categorização à luz da Sociolinguística cognitiva: diferentes organizações e mundos possíveis. In: ATAÍDE, Cleber; SOUSA, Valéria Viana (orgs.). *Língua, texto e ensino: descrições e aplicações*. Recife: Pipa comunicação, 2018, p. 271-286.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Para além de palavras, construções de sentidos no ato de ler: complexidade e cognição. In: SILVA, Simone Bueno; PEREIRA, Júlio Neves (orgs.). *Língua Portuguesa e Literatura no livro didático: desafios e perspectivas*. Campinas: Pontes Editores, 2018.
- AL-SHARAFI, Abdul Gabbar Mohammed. *Textual metonymy: a semiotic approach*. New York: Palgrave Macmillian, 2004.

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Ana Maria Valente. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

BANDEIRA, Luís Cláudio Cardoso. A morte e o culto aos ancestrais na religiões afro-brasileiras. In: *Último andar – Cadernos de Pesquisa em Ciência da Religião*. Nº 19, 2º semestre, 2010, p. 45-52.

BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARCELONA, A. The multilevel role of metonymy in grammar and discourse: a case study. In: KOSECEKI, K (eds.). *Perspectivies on metonymy*. Poland: Peter Lang, 2007, p. 313-352.

BESSA, Marcelo Secron. *Histórias positivas: a literatura (des)construindo a AIDS*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. Ivo Storniolo, Euclides Martins Balancin e José Luiz Gonzaga Prado. São Paulo: Paulus, 1991.

BRASIL. *Como que o HIV age na gente?*. Departamento de Doenças Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis, Ministério da Saúde, Brasil. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/tags/perguntas-frequentes/hiv-0>. Acesso em: 10/10/2022, às 15h00min.

BRÉAL, Michel. *Essai de sémantique: science des significations*. Disponível em: https://fr.wikisource.org/wiki/Essai_de_S%C3%A9mantique acesso em 20 de janeiro de 2020, às 21h00min.

BONFA, Marcelo Augusto; JUNIOR, Renato Manfredini; VILLA LOBOS, Eduardo Dutra. *Baader-Meinhof Blues*. Rio de Janeiro, Sony ATV Music Publishing Brasil, 1985, 3'26".

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia grega: histórias de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BRONCKART, Jean Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo, EDUC, 1999.

CAMERON, Lynne. Metaphors in the learning of Science: A discourse focus. *British Educational Research Journal*, vol. 28, n. 5, p.673-688, 2002.

CAMERON, Lynne. *Metaphor in Educational Discourse*. London, New York: Continuum, 2003.

CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9ª ed. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2009.

CAPRA, Fritjot; LUISI, Pier Luigi. *A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas*. Tradução Mayra Teruya Eichemberg e Newton Roberval Eichemberg. São Paulo: Cultrix, 2014.

CARVALHO, Marília Sá. A vigilância epidemiológica e a infecção por HIV. In: *CADERNOS DE SAÚDE PÚBLICA*. Vol. 5, Nº 2. Abr/jun, 1989, p. 160-168.

CELLARD, André. A análise documental. in: POUPART, Jean et al. (orgs). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Trad. Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2008.

COHEN, Cláudio; FAIMAN, Carla Júlia Segre. AIDS: ataque ao sistema de defesas psíquicas. In: *Revista Bioética*, Vol. 1, Nº 1, 1993, p. 01-05.

COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, Marcos de Souza. Morte: uma visão psicossocial. In: *Estudos de Psicologia*. Vol. 11, Nº. 2, Campinas, 2006, p. 209-216.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura pra quê?* Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: _____. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

COSERIU, Eugenio. Pour une sémantique diachronique structurale. In: *Travaux de Linguistique et Littérature*. Tomo II, Paris, Strasbourg, 1964, p. 139-186.

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia, história: o problema da mudança linguística*. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. — Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COSTA, Adriano Ribeiro da. O gênero textual artigo científico: estratégias de organização. 159 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Letras). Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, 2003.

CROFT, W.; CRUSE, D. Alan. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CROFT, W. The role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies. *Cognitive Linguistics*, 4(4), 1993, p. 335–370.

CUENCA, Maria; HILFERTY, Joseph. *Introducción a la lingüística cognitiva*. Barcelona: Ariel, 1999.

DAMÁSIO, António R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. Tradução Dora Vicente, Georgina Segurado. — 3a ed. — São Paul : Companhia das Letras, 2012.

DAMASIO, Antonio. *Ao Encontro de Espinosa: As emoções sociais e a Neurologia do Sentir*. Publicações Europa-America, 2003.

- DENZIN, Norman.K; LINCOLN, Yvonna S. *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa – Teorias e Abordagens*. Trad.de Sandra R. Netz. Porto Alegre: Artmed, Bookman, 2006.
- DING, Fangfang. Rethinking the cognitive study of metonymy. In: *Theory and Practice in Language Studies*, vol. 5, Nº. 9, September, 2015, p. 1836-1841.
- DOURADO, Maria Inês Costa; NORONHA, Ceci Vilar; BARBOSA, Andrea Maria; LAGO, Renata. Considerações sobre o quadro da AIDS na Bahia. In: *Informe Epidemiológico do SUS*, Brasília, 1997, p. 75-86.
- DUQUE, Paulo Henrique. A COVID-19 em charges: uma análise baseada em frames. In: *Revista de Estudos Linguísticos e Literários*. Nº 69, 2020, Salvador: p. 106-127.
- DUQUE, Paulo Henrique. Categorização: a perspectiva dos protótipos. In: SOUSA, Ada Lima Ferreira de; DUQUE, Paulo Henrique (orgs.). *Cognição e práticas discursivas*. Natal: EDUFRN, 2018, p. 42-67.
- DUQUE, P. H. & COSTA, M. A. *Linguística Cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências*. Natal: EDUFRN, 2011.
- ECO, Umberto. *Da árvore ao labirinto: estudos históricos sobre o signo e a interpretação*. Trad. Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- ESPÍRITO SANTO, Rosana Silva do. Morte: uma jornada por várias obras. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de, (Org.). *Metáforas do cotidiano*. – Belo Horizonte. Ed. Do autor, 1998.
- FAUCONNIER, Gilles. Semantics and cognition: an interview with Gilles Fauconnier. In: *Diadorim*, vol. 22, nº 2, Rio de Janeiro, 2020, p. 198-228.
- FAUCONNIER, Gilles. Mental spaces. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (editors). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007, p. 351-376.
- FAUCONNIER, Gilles. Methods and generalizations. In: JANSSEN, Theo; REDEKER, Gisela (Ed.). *Scope and foundations of cognitive linguistics*. Berlin: Mouton De Gruyter, 1999. p. 95-128.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto: 2011.
- FERRARI, Lilian Vieira. A linguística cognitiva e o realismo corporificado: implicações filosóficas e psicológicas. In: *Veredas*, vol. 5, nº 2, Juiz de Fora, p. 23-29, 2001.
- FERREIRA, Wasney de Almeida. *Metáforas do corpo humano nas ciências da saúde: os mapeamentos conceituais das estruturas, órgãos e vísceras*. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Letras- Programa

de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslin/defesas/1509M.pdf>. Acesso 16/08/2021, às 15h00min.

FILMORE, Charles J. Frame semantics. In: The Linguistic Society of Korea editors. *Linguistics in the morning calm*. Seul: Hanshim Publishing Company, 1982.

FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística*. Vol. 1 e 2. São Paulo: Contexto, 2003.

FLAQUETO, Junia Maria Zandonade; FARIAS, Josivania Silva; HOFFMAN, Valmir Emil. Saturação teórica em pesquisas qualitativas: relato de uma experiência de aplicação, um estudo na área de administração. In: *Revista de Ciências da Administração*. Vol. 20, nº 52, p. 40-53, dezembro, 2018.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.

FONTAELLA, Bruno José Barcellos et al. Amostragem em pesquisas qualitativas: propostas de procedimentos para constatar saturação teórica. In: *Cadernos de Saúde pública*. Vol. 27, Nº 2, Rio de Janeiro, p. 389-394, fevereiro, 2011.

FONTAELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. In: *Cadernos de Saúde pública*. Vol. 24, Nº 1, Rio de Janeiro, p. 17-27, janeiro, 2008.

GARCIA, Afrânio. Semântica histórica. In: *SOLETRAS*, Ano I, n. 02. São Gonçalo: UERJ, p. 66-75, jul./dez. 2001

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1ª ed, 13ª reimpr. – Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIBBS, R. W. *Embodiment and cognitive science*. New York: Cambridge University Press, 2006.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODIM, Meire Virginia Cabral; PELOSI, Ana Cristina. Interface metáfora e metonímia inscritas nas concepções de violência entre estudantes brasileiros e franceses. In: *Signo*. V. 38, n. 35, Santa Cruz do Sul, jul. dez., 2013, p. 22-37.

GOTLIB, Nádía Battella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1985.

GOOSSENS, L. Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf. *Metaphor and metonymy in comparison and contrast* – Berlim/New York: Mouton de Gruyter, 2003, p. 349-378..

HANNA, Vera L.H. & BASTOS, N.M História do Presente e Historiografia Linguística: implicações. Pp. 17-34. IN: BASTOS, Neusa Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro. *História Entrelaçada 5: Estudos sobre a linguagem em materiais didáticos - década de 1950*. São Paulo: EDUC – ISBN, 2012.

HERRMANN, J. Berenike. *Metaphor in academic discourse Linguistic forms, conceptual structures, communicative functions and cognitive representations*. Amsterdã: LOT, 2013.

IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide. La lingüística cognitiva y su lugar em la historia de la lingüística. In: Revista Española de Lingüística aplicada, v. 26, 2013, p. 245-266.

IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide. Significado y motivación: la importancia de la corporeización en la semántica. In: ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana (orgs.). *Linguística Cognitiva: redes de conhecimento d'áquem e d'além mar*. – Salvador: EDUFBA, 2018.

JAÉN, Jorge Fernández. Breve história de la semántica histórica. *Interlingüística*, n. 17, p. 345-354, 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2317212.pdf>. Acesso em 12 de setembro de 2019, às 15h00min.

JAÉN, Jorge Fernández. Principios fundamentales de semántica histórica. In: *CADERNOS DE LENGUA ESPAÑOLA*. Madrid: Arco/Libro, 2014. P. 49-87.

JOHNSON, Mark. *El cuerpo en la mente: fundamentos corporales del significado, la imaginación e la razón*. Trad. de Horácio González Trejo. Madrid: Editorial Debate, 1991.

KABATEK, Johannes. *Sobre a historicidade de textos*. Tradução de José da Silva Simões. In: *Linha d'água*. 17. São Paulo: Associação de Professores de Língua e Literatura / FFLCH / USP / DLCV, 2005: 159-172.

KABATEK, Johannes. ¿Es posible una lingüística histórica basada en un corpus representativo? *Iberoromania: Revista dedicada a las lenguas y literaturas iberorrománicas de Europa y América*, n. 77, p. 8-28, 2013. Disponível em: <https://www.rose.uzh.ch/dam/jcr:fffff-f143-b75e-0000-00003aee8b86/C87.pdf>. Acesso em: 05 de abril de 2019, às 20h00min.

KLEIBER, Georges. *La Semántica de los Prototipos: categoria y sentido léxico*. Madrid: Visor, 1995.

KOVÁCS, Maria Julia. Educação para a morte. In: *Psicologia, ciência e profissão*. Vol. 25, Nº 3, 2005, p. 484-497.

KÖVECSES, Zoltán. *Extendend conceptual metaphor theory*. Cambridge: Cambridge University press, 2020, p. 50-92.

KÖVECSES, Zoltán. Levels of metaphor. In: *Cognitive linguistics*. Nº. 28, Vol. 2. Amsterdam, 2017, p. 321-347.

KÖVECSES, Zoltán. Metaphor, language na culture. In: *Delta*, nº 26, ed. Especial, 2010, p. 739-757.

KÖVECSES, Zoltán. Metaphor and poetic creativity: a cognitive linguistic account. In: *Acta Universitatis Sapientiae, Philologica*, Nº 1, vol. 2, (2009) 181-196.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor and emotion: language, culture and body in human feeling*. New York: Cambridge University Press, 2004.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas de La vida cotidiana*. 2ª Ed. Disponível em: <https://www.textosenlinea.com.ar/academicos/Lakoff%20y%20Johnson%20-%20Metáforas%20de%20la%20vida%20cotidiana%20-%20Selección%20de%20Caps.pdf>> acesso em 20/10/2016, às 08h30min.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flash: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University Chicago Press, 1989.

LAKOFF, George. *Woman, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, R. W. *Grammar and conceptualization*. Berlim, New York: Mouton de Gruyter, 1999.

LEAL, Morgana de Abreu. *Metáforas do medo*. 241 fls. Tese (Doutorado em Letras), Centro de Educação e Humanidades – Instituto de Letras – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, 2020.

LEAL, Morgana de Abreu; ABREU, Robson Cavaca de. A teoria da Metáfora Conceptual em ação. In: *Revista Escrita*, Nº. 13, Rio de Janeiro, p. 1-14, 2011.

LEGAY, Letícia; BARBOSA, Regina Helena Simões; NOGUEIRA, Susie Andries. Mulheres com AIDS: desvendando histórias de risco. In: *Cadernos de Saúde Pública*. Vol. 15, Nº 2, abr-jun, 1999, p. 369-379.

LEITE, Jan Edson. ESPÍNDOLA, Lucienne. Apresentação. In: *Revista Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 39, n. 67, p. 01-02, jul./dez. 2014.

LITTLEMORE, J. *Metonymy: Hidden Shortcuts in Language, Thought and Communication*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

LUPER, Steven. *A filosofia da morte*. Trad. Cecilia Bonamine. São Paulo: Madras, 2010.

LIMA, Gercina Ângela Borém de Oliveira. Modelos de categorização: apresentando o modelo clássico e o modelo de protótipos. In: *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 15, nº. 2, maio./ago., 2010, p. 108-122.

LIMA, S. M. C. DE. As metáforas da morte na poesia brasileira: um estudo à luz da linguística cognitiva. *Revista de Letras*, v. 1, n. 31, 2012, p. 109-115.

MACEDO, Ana Cristina Pelosi de; FARIAS, Emília Maria Peixoto; LIMA, Paula Lenz Costa. Metáfora, cognição e cultura. In: *Gragoatá*, Niterói, n. 26, p. 43-60, 1. sem. 2009

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Trad. Adail Sobral. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MANDELBROT, Benoît. Fractais. In: FAUSTO, Rui et al. (org.). *Fronteiras da ciência: desenvolvimentos recentes Desafios futuros*. Coimbra: Gradiva, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos da metodologia científica*. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual: análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva et al. (org.). *Gêneros textuais e ensino*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Lucrecia, 2005.

MATURANA, H.; VARELA, F. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MEDEIROS, Ilana Souto de. Metáforas situadas em charge sobre economia: multimodalidade e argumentação. In: *Signo*. Santa Cruz do Sul, v.44, n. 78, p. 63-70, jan./abril, 2019.

MEGLHIORATTI, Fernanda Aparecida; EL-HANI, Charbel Niño; CALDEIRA, Ana Maria de Andrade. O conceito de organismo em uma abordagem hierárquica sistêmica da biologia. In: *Revista da Biologia*, vol. 9, Nº 2, 2012, p. 7-11.

MENDES, Thiago Barros. Metáforas conceptuais em reportagens com tema sobre a AIDS. 74 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística), Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. In: *Revista pesquisa qualitativa*. Vol. 5, Nº 7, São Paulo, p. 01-12, abril, 2017.

MIRANDA, Neusa Salim. Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao modelo dos espaços mentais. In: *Revista Veredas*. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo45.pdf>> acesso em 10/11/2018, às 21h00min.

- MORATO, Edwiges Maria; SIMAN, Josie Helen. Metáforas da doença de Alzheimer: entre o metadiscorso científico e a vida cotidiana. In: *Revista Investigações*, vol. 28, nº 2, julho/2015, p. 1-27.
- MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. 2ª Ed. – São Paulo: Biblioteca Universitária, 1976.
- MOURA, Heronides; ZANOTTO, Mara Sofia. Investigando teórica e empiricamente a indeterminação da metáfora. In: *Gragoatá*. Niterói, n. 26, p. 9-42. 1º sem. 2009.
- NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. *As pestes do século XX: tuberculose e AIDS no Brasil, uma história comparada*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.
- NOVAIS, Elisa Costa. Metáforas digitais do cotidiano. 201 p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, 2018.
- NOVAIS, Urandi Rosa. *Caio F. na rede: escrita autoficcional e as faces de Caio Fernando Abreu no Facebook*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2017.
- OLIVEIRA, Luciana Pissolato de. *Aspectos linguísticos, comunicativos e cognitivos das metáforas terminológicas: uma análise baseada em um corpus da Genética Molecular*. Tese (Doutorado)- Universidade de São Paulo – Faculdade de Filologia, Letras e Ciências Humanas - Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-03052012-165459/pt-br.php>. acesso em 16/08/2021, às 15h30min.
- OLIVEIRA, Mariangela Rios de; ARENA, Ana Beatriz. Padrões funcionais do elemento então em sequências tipológicas do português – Uma abordagem panocrônica. In: *Veredas on-line*, vol 1, 2010, p. 36-52.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Língua(gem) como sistema complexo e multimodalidade. In: *ReVEL*, v. 14, n. 27, p. 331-344, 2016.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. O processamento metonímico/metafórico à luz da teoria do caos/complexidade. In: *Revista Portuguesa de Humanidades | Estudos Linguísticos*, p. 51-66, 2011.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A metonímia como processo fractal multimodal. In: *Veredas on line – matemática – 2010*, P. 07-19 – ppg linguística/UFJF – Juiz de Fora.
- PALERMO, Luís Cláudio. Tempo e temporalidade: transformações semânticas modernas e alguns desdobramentos na produção do conhecimento histórico. In: *Temporalidades – Revista de História*. Edição 23, Belo Horizonte, vol.9, Nº 1 (Jan/Abril, 2017), p. 15-38.
- PASTERNAK, Jacyr; MARCHI, Maria Mathilde. AMATO, Valdir Sabuga; NETO, Vicente Amato. Implicações éticas da imagem sorológica para o vírus da Imunodeficiência Humana. In: *Revista Bioética*, Vol. 1, Nº 1, 1993, p. 01-18.
- PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. 3ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

- PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. In: _____. *Formas breves*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- POE, Edgar Allan. Review of Twice told tales (1842). In: MAY, Charles E., ed. *Short story theories*. Op. cit. p. 45-52.
- RADDEN, G; KÖVECSES, Z. Towards a theory of metonymy. In: PANTHER, K-U; RADDEN, G. (eds). *Metonymy in language and thought*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1999, 223-239.
- RICOUER, Paul. *Hermenêutica e ideologias*. Trad. Hilton Japiassu. 3ª ed. Petropolis: Vozes, 2013.
- ROJO LÓPEZ, A. M., & VALENZUELA, J. (1998). *Frame Semantics And Lexical Translation The Risk Frame And Its Translation*.in: *Babel*, 44(2), 128–138.
- ROSCH, Eleanor. Principles of categorization. In: ROSCH, Eleanor; LLOYD, Barbara L. *Cognition and Categorization*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1978. p. 27-48.
- ROSCH, Eleanor. Cognitive representations of semantic categories. In: *Journal of Experimental Psychology: general*, 1975, vol. 104, nº 3, p. 192-233.
- ROSCH, E.; MERVIS, C. B. Family resemblances: studies in the internal structure of categories. In: *Cognitive Psychology*, v. 7, p. 573-605, 1975.
- ROSCH, Eleanor. Natural categories. In: *Cognitive Psychology*, nº 4, 1973, p. 328-350.
- ROSENTHAL, Caio. Reflexões sobre a eutanásia nos tempos da AIDS. in: *Revista Bioética*, Vol. 1, Nº 1, 1993, p. 01-05.
- SANTANA, Neila Maria Oliveira. Estudo Sócio-Histórico-Cognitivo das conceptualizações e categorizações do amor em cartas dos séculos XIX e XX. 212 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura), Instituto de Letras – Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, 2019.
- SANTOS, André de Matos. A contracultura. In: *Revista Onis Ciência*, Braga, Vol. V, Ano V, Nº 15, janeiro/abril 2017 , p. 82-90.
- SANTOS, Ione Aires. Um estudo sobre a metonímia como um processo cognitivo. 98 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística), Departamento de Línguas e Letras – Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Vitória, 2011.
- SANTOS, José Alves dos. *Estrada da vida*. São Paulo: Warner Music, 2001, 2'10".
- SANTOS, Ricardo Yamashita; COSTA, Marcos Antônio. As metáforas de vida e morte em JCMN. Disponível em : <http://www.cchla.ufrn.br/shXVIII/artigos/GT13/HUMANIDADES%20GT%2013.pdf>> acesso em 21/09/2018, às 14h00min.
- SANTOS, Ricardo Yamashita; COSTA, Marcos Antônio. A Ligação como esquema básico na construção da metáfora. In: *LINGUASAGEM*. Vol.1, São Paulo, p. 1-10, 2012.

SARDINHA, Tony Berber. Metáforas de Lula e Alckmin nos debates de 2006 em uma perspectiva da Linguística de Corpus. In: *Rev. Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 7, n. 2, p. 139-164, 2007.

SCHMIDT, Lawrence K. *Hermenêutica*. Trad. Fábio Ribeiro. 3ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SCHRÖDER, Ulrike Agathe. Uma volta para as fundamentações filosóficas de uma teoria cognitiva da metáfora. In: *Domínios da Linguagem*. Vol 11, nº 1, Uberlândia, jan/mar 2017, p. 34-62.

SEIXAS, Raul; COELHO, Paulo. *Canto para a minha morte*. São Paulo: Universal, 3'50".

SEMINO, Elena; STEEN, Gerard. Metaphor in literature. In: GIBBS, Raymond W. (ed). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Santa Cruz: Cambridge University Press, 2008.

SERRANO, Francisco Perujo. *Pesquisar no labirinto: a tese de doutorado, um desafio possível*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SERGE, Marco. *Questões suscitadas pela AIDS em Saúde Ocupacional*. In: *Revista Bioética*, Vol. 1, Nº 1, 1993, p. 01-06.

SILVA, Karine Souza da. Visão multimodal do conceito de resiliência à luz da Linguística Cognitiva. 171f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, 2021.
SILVA, Augusto Soares da. Semântica histórica e cognição. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/323117159_Semantica_Historica_e_cognicao, acesso em 15 de dezembro de 2019, às 21h00min.

SILVA, Augusto Soares da. Metáfora conceptual e ideologia: o caso do discurso das políticas de austeridade na imprensa portuguesa. In: *Revista investigações*. Vol. 28, nº 2, julho/2015, p. 1-38.

SILVA, Augusto Soares da. O que sabemos sobre a crise económica, pela metáfora: conceptualizações metafóricas da crise na imprensa portuguesa. In: *Revista Media e Jornalismo*, vol. 22, nº 1, 2013, p. 11-34.

SILVA, Augusto Soares da. Palavras, significas e conceitos: o significado lexical na mente, na cultura e na sociedade. In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição*. n. 41, Rio de Janeiro, 2010, p. 27-53.

SILVA, Augusto Soares da. Integrando a variação social e métodos quantitativos na investigação sobre linguagem e cognição: para uma sociolinguística cognitiva do português europeu e brasileiro. In: *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 49-81, jan./jun. 2008.

SILVA, Augusto Soares da. Introdução: linguagem, cultura e cognição, ou a Linguística Cognitiva. In: Augusto Soares da Silva, Amadeu Torres & Miguel Gonçalves (orgs.), *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Coimbra: Almedina, 2004, p. 1-18.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

SIQUEIRA, Maity; PARENTE, Maria Alice Pimenta; GIL, Maitê. Metáfora e cultura: uma interface entre a linguística e a antropologia. In: *Antares: Letras e Humanidades*. Nº 2, jul-dez 2009, p. 99-111.

SONTAG, Susan. *Aids e suas metáforas*. Trad. Paulo Henrique de Brito. – São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SOUSA, Rainer Gonçalves. A guilhotina e a França Revolucionária. In: *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/a-quilhotina-franca-revolucionaria.htm> acesso em 20/10/2020, às 11h47min.

SPERANDIO, Natália Elvira. Quando a luta ocorre por meio das palavras: a construção conceitual do termo coronavírus através do domínio da guerra. In: *Estudos Linguísticos e Literários*. Nº 69, 2020, Salvador: p. 281-298.

SPERANDIO, Natália Elvira. Repensando a motivação metonímica da metáfora: uma análise pela perspectiva da integração conceitual. In: *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 41, n. 70, p. 15-28, jan./jun. 2016.

SPERANDIO, Natália Elvira. *Entre os domínios da metáfora e da metonímia na produção de sentido de charges animadas*. 155f. Tese de Doutorado, Programa de Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014.

STEEN, Gerard. *Metaphor in Literary Reception. Doctoral dissertation*. Vrije Universiteit, Amsterdam, 1992.

STEPHENS, Paulo Roberto Soares; OLIVEIRA, Maria Beatriz Siqueira Campos de; RIBEIRO, Flávia Coleho; CARNEIRO, Leila Abboud Dias. Virologia. In: MOLINARO, Etelcia Moraes et al. (orgs). *Conceitos e métodos para a formação de profissionais em laboratórios de saúde*. Vol. 4. Rio de Janeiro: EPSJV, IOC, 2009.

STRAUSS, Claude Lévi. The savage mind. Disponível em: <http://web.mit.edu/allanmc/www/levistrauss.pdf> acesso em 16 de abril de 2020, às 18h18min.

STRAUSS, Claudia. QUINN, Naomi. *A cognitivy theory of cultural meaning*. New York. Cambridge University Press, 1997.

TEIXEIRA, José. Metáforas da vida co(t)vidiana. In: *Estudos Linguísticos e literários*. Ed. Especial. Nº. 69, Salvador, 2020, p. 21-51.

TEVA, Antônio; FERNANDEZ, José Carlos Couto; SILVA, Valmir Laurentino. Imunologia. In: MOLINARO, Etelcia Moraes et al. (orgs). *Conceitos e métodos para a formação de profissionais em laboratórios de saúde*. Volume 4. Rio de Janeiro: EPSJV, IOC, 2009.

THULER, Luiz Claudio Santos; HATHERLY, André Luís; GÓES, Patrícia Nascimento. Infecção pelo HIV: descritores de mortalidade em pacientes hospitalizados. In: *Revista de Saúde Pública*. Vol. 36, Nº 6, 1998, p. 572-578.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

TUIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. In: *Revista Brasileira de Pesquisas em Marketing (PMKT)*, Vol. 2, p. 20-27, setembro, 2009.

TURNER, Mark. *The origin of ideas: blending, creativity and the human spark*. New York: Oxford University Press, 2014.

UNGERER, Friedrich; SCHMID, Hans-Jörg. *An introduction to Cognitive Linguistics*. Second Edition. Great Britain: Pearson Longman, 2006.

VANIN, Aline Aver. *À flor da pele: a emergência de significados de conceitos de emoção*. 287f. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Letras, Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS, 2012.

VARELLA, Drauzio. *Por um fio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VELOZO, Naira de Almeida. Metáforas, protótipos e esquemas imagéticos: como a linguagem revela os caminhos da mente. In: *Cadernos do CNLF*, Vol. XVII, Nº 03, Rio de Janeiro: CIFEFil, 2013, p. 75-88.

VEREZA, Solange Coelho. A metáfora na linha de frente: mapeamentos de guerra na conceptualização da pandemia de Covid-19. In: *Estudos Linguísticos e Literários*. Nº 69, 2020, Salvador: p. 52-89.

VEREZA, Solange Coelho. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê Letras e Cognição*, nº. 41, p. 199-212, 2010.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ZANOTTO, Mara S. T. Contexto, conhecimento enciclopédico e a construção de inferências metonímicas e metafóricas. In: *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 41, n. 70, p. 3-17, jan./jun. 2016.

ZANOTTO, Mara S. T. As múltiplas leituras da 'metáfora': desenhando uma metodologia de investigação. In: *Signo*. Santa Cruz do Sul, v.39,n. 67,p. 3-17, jul./dez. 2014.

ZANOTTO, Mara S. T. Modelos culturais e indeterminação metafórica. In: *Organon*, Porto Alegre, Nº 43, julho-dezembro, 2007, p. 97-118.

ZANOTTO, Mara S. T. Metáfora e indeterminação: abrindo a caixa de Pandora. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de, (Org.). *Metáforas do cotidiano*. – Belo Horizonte. Ed. Do autor, 1998.

ZANOTTO, Mara S. T. Metáfora, cognição e ensino de leitura. In: *Revista Delta*, Vol. 11, Nº 2, p. 241-254, 1995.

Sites:

<https://www.ioc.fiocruz.br/aids20anos/linhadotempo.html> acesso em 10 de março de 2022, às 13h00min.

<http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/09/brasil-e-doente-em-estado-terminal-diz-financial-times.html> acesso em 22/09/21 às 15h00min.

<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/biologia/sistemas-do-corpo-humano>
acesso em 16/09/21 às 16h00min.

<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=morte> acesso em 04 de dezembro de 2019, às 12h33min.

http://www.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_pmeta-busca&mn=70&smn=78&sfx=buscaRapida&type=p&Itemid=125 acesso em 07 de julho de 2020, às 16h15min.

<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/> acesso em 12 de maio de 2020, às 15h00min.

<https://brasilecola.uol.com.br/matematica/area-superficie-um-corpo-humano.htm>
acesso em 16 de novembro de 2022, às 16h00min.

APÊNDICES

A: Expressões linguísticas e metáforas conceptuais encontradas nos contos e artigos científicos

Título do conto	Ano de Publicação	Ocorrência/Excerto Textual	Metáfora Conceptual
<i>Dama da noite</i>	1988	(01) Já viu gente morta, boy? É feio, boy. A morte é muito feia, muito suja, muito triste. Queria eu tanto ser assim delicada e poderosa, pra te conceder a vida eterna. Queria ser uma dama nobre e rica para te encerrar na torre do meu castelo e poupar você do encontro inevitável com a morte. Cara a cara com ela, você já esteve? Eu, sim, tantas vezes. Eu sou curtida, meu bem (p. 114-115).	MORTE É EVENTO MORTE É ORGANISMO VIVO
<i>Linda uma história Horrível</i>	1988	(02) Só sabe dormir, comer e cagar, esperando a morte (p. 10).	MORTE É EVENTO
		(03) Eu podia morrer aqui dentro. Sozinha. Deus me livre. Ela nem ia ficar sabendo, só se fosse pelo jornal. Se desse no jornal. Quem se importa com um caco velho. (p. 13)	MORTE É SENTIMENTO
		(04)- É sina – disse. – Tua avó morreu só. Teu avô morreu só. Teu pai morreu só, lembra? Naquele fim de semana que eu fui pra praia (p. 13).	
<i>Anotações sobre um amor urubano</i>	1994	(05) Mas a cidade está louca, você sabe. Sim, a cidade está doente, você sabe. E o vírus caminha em nossas veias, companheiro[...]. Eu quero o risco, não digo. Nem que seja a morte (p. 189)	MORTE É PERIGO

		(06) [...] e agora vejo apenas um rapaz dentro do qual a morte ca-minha inexorável , só não sabemos quando o golpe final , mas virá [...]. (p. 191).	MORTE É ORGANISMO VIVO MORTE É GUERRA
		(07) Tantas mortes, não existem mais dedos nas mãos e nos pés para contar os que já foram . Viver agora, tarefa dura. De cada dia arrancar das coisas, com as unhas uma modéstia alegria; em cada noite descobrir um motivo razoável para acordar amanhã (p. 191).	MORTE É VIAGEM
A hora do aço	1994	(08) [...] Depois, sem pedir nada e sem nenhuma revolta, sem nada parecido a um espinho dentro de mim, no meio do sangue, aquilo que ainda era eu mesmo sem saber de onde vinha nem para onde ia, disse que estava morrendo [...] não, não: em nenhum momento, nenhuma dor, eu ia embora de mim ” (p. 196).	MORTE É VIAGEM
Depois de agosto	1994	(09) Acordou em estado de encantamento. Noutra cidade, ainda mais ao norte, para onde fugira depois daquele beijo. Só que quase não conseguia mais olhar para fora. Como antigamente, como quando fazia parte da roda, como quando estava realmente vivo – mas se porra ainda não morri caralho, quase gritava.[...] Nosferatu, desde agosto, aquela espada suspensa, pescoço na guilhotina , um homem bomba cujo lacre ninguém se atrevia a quebrar” (p. 230, 232).	MORTE É PROCESSO

Título do artigo	Autor(a)	Ano de publicação	Ocorrência/Excerto Textual	Metáfora Conceptual
AIDS: ataque ao sistema de defesas psíquicas	Claúdio Cohen et al.	1993	(10) Pode não ser diferente com a pessoa contaminada pelo HIV, ou mesmo com quem já sofre as manifestações da AIDS. Ocorre que o diagnóstico, com efeito de uma bomba, põe em xeque as defesas psíquicas anteriores, uma vez que denuncia toda a vulnerabilidade humana, antes impossível de ser percebida. Desse confronto com a morte a melhor saída é a de quem estima a própria vida e nela acredita, mesmo levando em conta a sua contingência, inclusive porque o abatimento emocional debilita o corpo, tornando-o ainda mais vulnerável. P. 02	MORTE É GUERRA
Reflexões sobre a Eutanásia nos Tempos da AIDS	Caio Rosenthal	1993	(11) [...] ao tomar conhecimento de ser portador de uma moléstia fatal, o ser humano passa por cinco diferentes estágios com relação à sua atitude diante da morte .	MORTE É EVENTO
Reflexões sobre a Eutanásia nos Tempos da AIDS	Caio Rosenthal	1993	(12) Nossa sociedade e a legislação vigente têm que abordar definitivamente a negação da morte e encará-la realisticamente. (p. 4)	MORTE É ORGANISMO VIVO
Questões suscitadas pela AIDS em Saúde Ocupacional	Marco Serge	1993	(13) Em síntese, a AIDS despertou dramaticamente as aflições humanas mais íntimas com relação à	MORTE É SENTIMENTO

				<p>morte, trazendo à tona tabus e moralismos que se consideravam em parte superados, potencializando-os de forma dramática (p. 02).</p>	
<p><i>Considerações Sobre O Quadro da Aids Na Bahia</i></p>	<p>Maria Inês Costa Dou-rado et al.</p>	<p>1997</p>	<p>(14) Esse aspecto distingue os pacientes de AIDS dos demais, uma vez que o diagnóstico representa uma modificação significativa ou limitações para toda a vida, passando, inclusive, a conviver com os preconceitos sociais e uma expectativa de morte próxima (p. 83)</p>	<p>MORTE É EVENTO</p>	
<p><i>Infecção Por HIV: descritores de mortalidade em pacientes hospitalizados</i></p>	<p>Luiz Cláudio Santos Thuler et al.</p>	<p>1998</p>	<p>(15) Outros estudos norte-americanos têm mostrado que mulheres com AIDS são menos frequentemente hospitalizadas e apresentam maior risco de morrer que pacientes do sexo masculino (p. 574)</p> <p>(16) No presente estudo, pacientes que não fizeram acompanhamento ambulatorial na unidade tiveram três vezes mais risco de evoluir para o óbito (OR= 3,29), sugerindo que os esforços devam ser concentrados na acessibilidade universal a serviços de qualidade, o que poderá contribuir de maneira significativa para um melhor prognóstico dos pacientes. (p. 577)</p>	<p>MORTE É PERIGO</p>	

<p>Mulheres com Aids: dando histórias de risco</p>	<p>Letícia Fortes Legay et al.</p>	<p>1999</p>	<p>(17) O mais trágico ainda é que isto ocorre no mesmo momento em que o acesso às drogas combinadas já permite sobre vida muito maior, o que divide os doentes de Aids em dois grupos: os da cura potencial, isto é, os que tem acesso aos serviços e medicamentos; e os que não têm, com grande chance de estarem condenados a morrer precocemente (p. 371).</p>	<p>MORTE É PROCESSO</p>
--	------------------------------------	-------------	---	-------------------------

B: Domínios identificados nos contos e artigos científicos e ponto de saturação

Contos	1	2	3	4	5
	Domínios Matrizes				
EVENTO	X	x			
ORGANISMO VIVO	X		x		
SENTIMENTO		X			
PERIGO			X		
GUERRA			X		
VIAGEM			X	x	
PROCESSO					X

Legenda: X Novo Domínio Matriz; x Recorrência do Domínio Matriz

Fonte: Elaboração nossa

Artigos Científicos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
	Domínios Matrizes										
PERIGO						X					
GUERRA	X										
EVENTO	X				x						
ORGANISMO VIVO		X									
SENTIMENTO			X								
PROCESSO							X				

Legenda: X Novo Domínio Matriz; x Recorrência do Domínio Matriz

Fonte: Elaboração nossa

C – Link de acesso aos demais perfis autorais dos artigos da área de medicina⁷²

- 1- Carla Júlia Segre Faiman: <http://lattes.cnpq.br/3058338854629305>;
- 2 - Valdir Sabbaga Amato: <http://lattes.cnpq.br/9125944161512570>
3. Vicente Amato Neto: <http://lattes.cnpq.br/9627527574273752>
4. Ceci Vilar Noronha: <http://lattes.cnpq.br/8567073687831416>
5. Andréa Maria Barbosa e Silva: <http://lattes.cnpq.br/7846383734761571>;
6. André Luís Hatherly: <http://lattes.cnpq.br/3455690524053827>;
7. Patrícia Nascimento Góes: <http://lattes.cnpq.br/2766018036989865>;
8. Regina Helena Simões Barbosa: <http://lattes.cnpq.br/0707962248097319>;
9. Susie Andries Nogueira: <http://lattes.cnpq.br/0874990102548395>

⁷² Dentre as(os) autoras(es) que colaboram com a escrita dos artigos científicos, três não apresentam registros na plataforma do currículo lattes, no entanto, consideramos ser importante registrar seus nomes aqui: Maria Matilde Marchi, Renata Lago e Jorge Roberto de Almeida Silva.